

DOIS PERDIDOS
NUMA NOITE SUJA

QUANDO AS MÁQUINAS
PARAM

JORNADA DE UM INBECIL
ATE O ESTABELECIMENTO

HOUMENS DE PAZ

Plínio
Marcos
obras teatrais

volume 2

Noites
sujas

Plínio
Marcos
obras teatrais

volume 2

Noites
sujas

Presidente da República

Michel Temer

Ministro da Cultura

Roberto Freire

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES — FUNARTE

Presidente

Stepan Nercessian

Diretor Executivo

Reinaldo da Silva Verissimo

Diretora do Centro de Programas Integrados

Maristela Rangel

Gerente de Edições

Filomena Chiaradia

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES
funarte



**Plínio
Marcos**
obras teatrais

volume 2

Noites
sujas

Coleção Obras Teatrais Plínio Marcos

Organização e aparato crítico

Alcir Pécora

Estabelecimento de textos

Walderez de Barros

Iconografia

Ricardo de Barros

Imagens

Acervo Família Plínio Marcos

www.pliniomarcos.com

Edição

Filomena Chiaradia

Produção Editorial

Jaqueline Lavor Ronca

Produção Gráfica

Julio Fado

Produção Executiva

Gilmar Cardoso Mirandola

Capa e Projeto Gráfico

Tikinet | Rodrigo Martins

Diagramação

Tikinet | Rodrigo Martins

Preparação de Originais

Tikinet | Luan Maitan

| Tatiana Custódio

Revisão

Tikinet | Pedro Barros

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

FUNARTE / Coordenação de Documentação e Pesquisa

Marcos, Plínio.

Plínio Marcos : obras teatrais : noites sujas / Plínio Marcos ;
organização, Alcir Pécora . – Rio de Janeiro : FUNARTE, 2016.
396 p. ; v. 2 ; 23 cm . – (Obras teatrais ; v. 2)

Conteúdo: 1. Dois perdidos numa noite suja . – 2. Quando as máquinas pa-
ram . – 3. Jornada de um imbecil até o entendimento . – 4. Homens de papel.
ISBN 978-85-7507-184-7

1. Teatro brasileiro. 2. Marcos, Plínio, 1935-1999. 3. Dramaturgos
brasileiros. I. Pécora, Alcir. II. Título. III. Série.

CDD B869.2

Copyright © Funarte

Todos os direitos reservados.

Fundação Nacional de Artes — Funarte

Rua da Imprensa, 16 — Centro — Cep: 20030-120 | Rio de Janeiro — RJ

Tel. (21) 2279-8071 | livraria@funarte.com.br — funarte.gov.br

Conheci o Plínio em 1972, quando gravamos juntos a novela *Bandeira 2*, de Dias Gomes. Isso pessoalmente, pois o Plínio Marcos dramaturgo, esse o país conhecia ou queria muito conhecer. Um fenômeno. Ele havia rompido definitivamente as cortinas aveludadas dos teatros para instalar ali a face verdadeira de um Brasil esquecido, marginalizado. Texto coloquial, do dia a dia, verdadeiro, sem necessidade de tradução.

Ele era único. O autor, o ator e ele próprio expressavam uma ideia, uma maneira de ser e de agir. Querido por todos os artistas, Plínio nos representava. Tinha coragem de dizer no palco e na vida o que muitos preferiam calar.

Ficamos amigos. Depois fiz *Barra pesada*, filme de Reginaldo Farias com argumento do Plínio. Fui Querô, um herói recorrente em sua obra. “Querô” era abreviação de querosene. A mãe de Querô havia se matado jogando querosene e ateando fogo ao corpo.

Depois jogando tarô, vendendo sua obra como camelô da cultura, ele foi um artista marcante, um intelectual dos mais importantes do nosso país.

A prova de sua genialidade está expressa na quantidade de novas montagens de seus textos, na paixão que desperta nos jovens artistas brasileiros.

É uma honra para todos nós entregarmos este trabalho para o deleite dos brasileiros.

Parabéns a todos da Funarte que se empenharam na concretização deste projeto e parabéns a você, que vai conhecer mais de perto esse herói urbano chamado Plínio Marcos.

Stepan Nercessian
Presidente da Funarte

SUMÁRIO

09	Apresentação	11	Noites sujas, <i>Alcir Pécora</i>		
43	Dois perdidos numa noite suja	125	Quando as máquinas param		
185	Iconografia	209	Jornada de um imbecil até o entendimento		
281	Homens de Papel	359	Cronologia	373	Bibliografia

Apresentação

A edição das *Obras teatrais* de Plínio Marcos cumpre importante negociação que se iniciou em 1997 nesta fundação. Os seis volumes que trazem a público 29 textos teatrais de Plínio Marcos foram integralmente organizados pelo crítico e professor de Teoria Literária Alcir Pécora. O projeto de organização nos foi apresentado pela própria família de Plínio Marcos, na negociação dos direitos de publicação dos textos, o que sem dúvida nenhuma trouxe para esta edição uma qualidade única e de inestimável valor para os estudos de dramaturgia no Brasil. O organizador não só estabeleceu o conteúdo de cada volume dentro de critérios muito bem urdidos e explicitados em seu texto “Sobre a organização”, como desenvolveu estudo crítico e teórico sobre as peças publicadas, em prefácios específicos para cada número da coleção.

Além dessa primorosa organização realizada por Alcir Pécora, agrega-se importante diferencial nesta coleção: o cuidadoso e rigoroso estabelecimento de texto realizado por Walderez de Barros, atriz e ex-esposa de Plínio Marcos, de maneira que as peças do dramaturgo, agora oferecidas ao leitor, sejam as versões originais com a última intervenção em vida do autor. Também contamos nesta edição com iconografia oriunda do espólio da família de Plínio Marcos, com imagens em grande parte inéditas. A organização ainda acrescenta cronologia da vida e da obra de Plínio e extensa bibliografia de e sobre sua dramaturgia.

Particpei dos acertos iniciais deste trabalho diretamente com Plínio Marcos, oportunidade que me permitiu encontros e conversas inesquecíveis com uma figura humana excepcional, além de artista extraordinário. Agora e quase vinte anos depois, participo da conclusão dos trabalhos de edição desta coleção que se constitui, sem dúvida, um marco na preservação e difusão da obra desse grande dramaturgo brasileiro.

Humberto Braga

Ex-Presidente da Funarte

Noites sujas

Alcir Pécora

O segundo volume das Obras Teatrais de Plínio Marcos (1935-1999) traz peças cujo núcleo conflituoso reside em personagens e situações características do grupo social usualmente chamado de lumpesinato ou de subproletariado, que reúne as pessoas sem ocupação ou com ocupação precária, que lidam, no limite da sobrevivência, com o dia a dia das grandes cidades, e que são destituídas tanto de recursos materiais como de consciência de classe, para usar o jargão marxista. No caso do teatro de Plínio Marcos, esse grupo é especialmente importante e variado, incluindo estivadores, chapas do mercado, mendigos, catadores de papel, pequenos golpistas, bêbados, drogados etc. E, justamente sobre conflitos situados no âmbito do lumpesinato, Plínio compôs essa obra máxima do teatro brasileiro, *Dois perdidos numa noite suja*, de 1966. Integram ainda este volume *Jornada de um imbecil até o entendimento e Homens de papel*, ambas de 1968.

A noção de lumpen inclui os desempregados sem qualificação de ofício, isto é, não aqueles que apenas ocasionalmente perderam o emprego, mas os que já não conseguem encontrar função numa nova situação do mercado de trabalho e arriscam receber a pecha de irresponsáveis ou vagabundos pela falta de atividade rentável. É justamente o caso do Zé de *Quando as máquinas param* (1967), que não tem o nível de especialização requerido nas novas fábricas, cujo funcionamento, a partir do processo de modernização da indústria paulista, é doravante setorizado e mecanizado. Por essa razão, a peça também foi incluída neste volume.

Ainda é preciso fazer duas advertências, que valem para todos os volumes desta coleção. Primeiro, as peças vão dispostas em ordem cronológica, de acordo com o critério discutido no texto “Sobre a organização”, presente no volume 1, que busca favorecer a leitura levando em conta uma dupla articulação semântica: de um lado, a caracterização particular de cada núcleo de conflito explorado por Plínio e, de outro, as mudanças que se podem perceber no tratamento desse núcleo ao longo do tempo. Segundo, os comentários tomam como base exclusivamente a letra dos textos estabelecidos para a coleção, explorando possibilidades semânticas deixadas no papel por Plínio Marcos. Não pretendem, portanto, fazer críticas de espetáculos efetivamente montados, seja pelo próprio Plínio ou por qualquer outro dos muitos realizadores que se lançaram, com maior ou menor êxito, à consecução teatral de sua obra. No melhor dos casos, os comentários examinam passos ambíguos, alternativas de composição, momentos decisivos que demonstram a potencialidade complexa da escritura teatral de Plínio Marcos.

Dois perdidos numa noite suja (1966)

Os terrores de Roma e de Santos

Como é sabido, *Dois perdidos numa noite suja* foi uma criação livremente inspirada na leitura que Plínio Marcos fez do conto “Il terrore di Roma” [O terror de Roma], do romano Alberto Moravia (1907-1990), o qual originariamente fez parte da coletânea *Racconti romani* (1954),

que reunia setenta contos narrados em primeira pessoa por personagens populares que se movimentavam nos labirintos das ruas de uma Roma recém-saída da Segunda Guerra Mundial. O núcleo do relato é o assalto atrapalhado a um casal que namorava nos célebres jardins da Villa Borghese, realizado pela personagem que narra, um sujeito aparentemente de bom coração, mas que estava obcecado pela ideia de conseguir um belo par de sapatos, e por um cúmplice, Lorusso, um tanto idiota e amalucado.

O assalto, como era de se prever, sai todo errado, em particular devido a um equívoco na interpretação de um sinal combinado entre os dois larápios, o que fornece a Lorusso a chance que ele buscava para golpear estupidamente o rapaz assaltado. Por conta disso, os dois assaltantes acabam brigando entre si, sendo capturados e levados para a prisão, com a qual afinal se conformam bem: Lorusso, reincidente nela, conforta-se com a lembrança da *minestra di fagioli* servida aos presos nas sextas-feiras; o narrador, não menos, fica satisfeito ao constatar que, ao fim e ao cabo, deixaram-no ficar com o par de sapatos que tomara de Lorusso e que fora o móvel original de seu desejo.

Convém notar ainda que a expressão “terror de Roma”, por sua vez, tal como empregada por Moravia, refere o título da adaptação italiana de um conhecido filme hollywoodiano de gângster, “O terror de Chicago”, que Lorusso tinha visto ou ouvido falar e, enfim, tolamente emulava, pois imaginava que aqueles assaltos pífiros poderiam torná-lo um grande bandido, digno de que seu busto formasse fileira com as estátuas de homens ilustres e figuras históricas que decoravam os jardins da Villa Borghese.

Esse breve resumo deve deixar claro o tom humorístico e benevolente do relato de Moravia, bem como o núcleo de sua ação, que é precisamente o que fica fora da peça de Plínio Marcos: o assalto. Pois, justamente, em *Dois perdidos numa noite suja*, o assalto não ocorre em cena, sendo apenas referido *a posteriori* por Paco e Tonho — dois desempregados que vivem de biscate ao redor do mercado municipal — quando, depois do assalto, retornam ao quarto de hotel de última categoria onde moravam.

Não se pode dizer, entretanto, que o humor fica de fora de *Dois perdidos*, pois a peça tem no diálogo cortante e mutuamente ofensivo que travam Paco e Tonho alguns momentos verdadeiramente hilariantes, por mais que rir do que dizem traga consigo um efeito incômodo e perverso de gozo com a miséria, algo comum nas peças de Plínio Marcos. Mas o tom geral de *Dois perdidos* nada tem de engraçado, e muito menos de benevolente: pelo contrário, não fosse pela falta de qualidades dos protagonistas — isto é, seres que aristotelicamente estariam abaixo da maioria e que, por isso, são mais propícios a encenação cômica —, teríamos de considerar a peça muito mais como tragédia, entendida como encadeamento de ações que terminam mal e na qual as saídas são progressivamente destroçadas em situações de erro, fatalidade, miséria e crueldade.

Se os pequenos bandidos de Moravia são recobertos da visada tolerante e até pitoresca de uma cidade empobrecida, porém magnífica, que se reerguia mais uma vez dos escombros no âmbito de uma perspectiva histórica de longa duração, em Plínio Marcos assiste-se à progressiva perda de qualquer esperança, até um ponto de desespero e loucura, em que a miséria surge como uma condenação implacável a se abater sobre as pessoas, sem que nada ou ninguém possa alterar seu curso, e sem que elas possam sequer atinar com aquilo que determina ou executa a sentença fatal. A vista que têm é curta, assim como são parcos os recursos diante da mão pesada do destino.

Em *Dois perdidos*, tudo o que se dá a ver é uma engrenagem em movimento, a esmagar implacavelmente os corpos e os afetos dos que são abalroados por ela — e só esses seres destroçados estão em cena, tudo o mais é apenas relato de miragens. A presença dessa engrenagem que opera como instância de condenação, tão abscondita como fatal, empresta um tom qualquer kafkiano à peça de Plínio, mas não é a ideia metafísica de poder que predomina nela, e sim o efeito de aniquilamento que ela produz, do que resulta um niilismo seco como seu horizonte final. Entre o terror de Roma e o de Santos há, portanto, a mesma diferença irreconciliável que existe entre o pequeno recomeço, ainda que tateante, risível e tacanho, e o destino miserável do condenado, cumprido entre safanões, humilhações, ofensas e autoenganos.

A vida torturada dos objetos

Um aspecto extraordinário de *Dois perdidos numa noite suja* está na intensidade com que os objetos participam da economia enxuta da peça. É possível mesmo contar toda a história apenas narrando a vida e o destino dos objetos, estejam eles diretamente em cena ou sejam apenas mencionados na conversa entre Paco e Tonho. De todos eles, certamente o objeto mais central da peça são os sapatos desejados por Tonho, os quais ele interpreta como sendo a senha de acesso ao mundo da pequena classe média a que aspira, e ao qual se julga mesmo no direito de pertencer, graças a suas supostas qualificações de origem (de onde outro objeto, a máquina de escrever, é o símbolo principal).

Desde o início, entretanto, fica claro que a pressuposição de Tonho de que a posse de bons sapatos o levaria a uma existência bem-sucedida é apenas ilusão, autoengano e mesmo um núcleo de absurdo instilado no cerne da situação encenada. Os sapatos funcionam em sua cabeça como imagem do instrumento que lhe falta para alcançar uma vida decente e também, cada vez mais ao longo da peça, como metonímia dessa mesma vida, sempre adiada e nunca ajustada ao tamanho de seus pés ou ao passo que gostaria de dar. Assim, no decorrer da peça, os sapatos vão sendo autonomizados como fetiche, isto é, como fantasia vicária do bem que Tonho não possui; mais ainda, tendem à naturalização do absurdo que está na sua base, qual seja, a convicção de que a posse deles equivaleria a uma espécie de poder mágico, capaz de lhe abrir as portas de um tesouro que jamais entreviu e que obviamente em nada se parece com um simples par de sapatos.

Essa situação de progressiva autonomização do sapato como fantasia ou alucinação do bem inalcançado efetua-se exemplarmente nos vários momentos em que Tonho pede os sapatos emprestados a Paco e este o recusa de forma agressiva e debochada. Os pedidos sucessivos de empréstimos e suas imediatas negativas produzem tanto efeito de repetição das ações como de gestos obsessivos, amplificados, destituídos de propósito, automatismos cada vez mais exasperados de uma disputa imaginária. De certa maneira, o conjunto articulado de pedido-e-recusa (como o coro de “enraba” em *Barrela*, ou o gesto repetido de vasculhar garrafas vazias em *Oração para um pé de chinelo*) funciona como

um bordão, um diálogo conceitual agudo a concentrar em si o sentido exasperadamente circular e viciado da ação da peça.

O segundo objeto importante em cena é a gaita de Paco, que motiva a primeira briga entre eles, já que Paco teima em praticar o instrumento que domina mal e que amplifica a perturbação mental e material em que se encontra Tonho. A gaita insistentemente mal tocada é outra demonstração ostensiva do incômodo generalizado, que não é apenas de Tonho. Mesmo Paco, ao soprar a gaita, reconhece nela a falta de um outro objeto, supostamente perdido, e que ainda sonhava recuperar: a flauta, alegadamente roubada numa noite em que teria perdido a consciência (“chapado paca”), que, esta sim, bem tocada por ele, garantia-lhe, no passado, o sustento fácil nos bares (“o come-e-dorme”).

Há vários aspectos a considerar na relação entre a gaita irritante (presente) e a flauta agradável (ausente): o primeiro é que a flauta existe apenas como narrativa alegada, isto é, absolutamente nada garante que ela tenha realmente existido, pois nem a palavra de Paco é garantia de mínima fidedignidade, nem um instrumento efetivamente mal tocado é prova convincente de outro, bem tocado, porém perdido e que jamais se dá à vista. Toda a fala de Paco assume o implícito de que o mal presente deveria ser um argumento verossímil de que um bem lhe fora roubado, quando é muito mais crível a suposição de uma inépcia permanente, patente em relação à gaita e própria de Paco em relação a qualquer instrumento.

Outro aspecto a considerar é que a flauta de Paco refere uma alternativa de vida externa à miséria presente, mas, diferentemente dos sapatos de Tonho, não postula uma existência entrevista dentro do universo do pequeno funcionalismo, e sim no circuito de uma vida boêmia, fora do universo do trabalho e até mesmo contra ele. Tal circuito, no entanto, a julgar pela evidência da gaita mal tocada, também agora se fechava como alternativa para Paco. Quer dizer, a narrativa do universo prazeroso da boemia, dos sambas nos bares, da vida fácil e desencanada, é objetivamente contraditada pelos sons inarticulados e confinados ao quarto da gaita que lhe restou. Portanto, também a narrativa boêmia e hedonista, na peça, tem caráter de fantasia delirada, que, enquanto tal,

apenas adia o reconhecimento da miséria presente: é um instrumento de alienação, e não um recurso para a sonhada melhora de vida.

Um terceiro aspecto da relação gaita-flauta configura-se a partir do tipo de enunciado que Paco faz de seus tempos pseudodourados de flautista, quando conta, como sinal de seus grandes dias, que, graças ao som de sua flauta, “[s]entava na mesa dos bacanas” e ainda “[b]ebia, bebia, bebia, tocava um pouquinho só e metia o olho na coxa da mulherada”. Quer dizer, o que de fato pretende ostentar como vantagem da flauta era beber muito, tocar pouco, ter sempre companhia e estar com mulheres. Mas acontece que em cada item desse rol de vantagens exibidas expõem-se mais faltas que ganhos: o alcoolismo, o desinteresse da música, o fato de ser tolerado por gente que se julgava (ou que ele mesmo admitia) como superior e, por fim, o voyeurismo impotente, pois o que Paco “metia” — o verbo empregado é ostensivamente sexual — eram apenas os olhos, faltando o sexo propriamente. Ou seja, não apenas a flauta parecia um instrumento de fantasia e delírio de fraqueza, como sua própria narrativa evocativa e exuberante é um verossímil do fracasso.

Outro objeto-chave no desenvolvimento das ações da peça, que será decisivo em seu desfecho, é obviamente o revólver que Tonho recebeu para vender. Por meio dos três objetos, tudo é dito: o sapato (condição burguesa interdita do trabalho), a flauta (apologia da vida boêmia e da malandragem) e o revólver (a alternativa do crime, da ação fora da lei, sustentada por um instrumento de violência). Quer dizer, numa versão crescente da escalada dos objetos, quando não há trabalho, nem diversão, resta apenas o crime como possibilidade de confrontar o destino na miséria. Falsa possibilidade, porém; mais do que falsa, uma armadilha, pois, pelo emprego do revólver e da violência, ocorre objetivamente a efetivação da fatalidade entrevista antes: um terceiro degrau em direção ao castigo e à miséria, sem julgamento e sem apelação.

Outros objetos surgem na cena, em meio àqueles três fundamentais: o porrete de Paco, o sapato obtido no assalto e as bugigangas, as quais, por sua vez, geram nova disputa na divisão do roubo, exemplarmente aludida pela oposição entre o brinco (que de adorno feminino se torna

acusação de homossexualismo) e a caneta (referência desencantada da instrução inútil de Tonho, na mesma chave ilusória das esperanças de formação, sintetizadas na lembrança de saber escrever à máquina).

Será preciso ainda notar, antes de fechar este tópico sobre os objetos, que, ao menos uma vez, eles aparecem não como objetos isolados, mas como um composto ou uma sequência de objetos, como ocorre quando Paco diz que, em sua futura carreira de bandido, precisa apenas de faca, revólver e alicate (“Eu vou ter uma faca, um revólver e meu alicate”). Esta é a tríade objetiva em que Paco assenta o êxito do seu “negócio legal”, em que a escolha possível será entre “[u]m tiro, uma facada ou um beliscão”, bem entendido que, neste último, “pego o alicate e aperto o saco do bruto até ele arrear”.

O delírio de Paco leva-o a conceber o poder não apenas como atividade símile de roubar e matar, numa perspectiva de negação e destruição da vida, mas sobretudo como capacidade de produzir terror pela tortura e obter um gozo perverso por meio dela. A ser assim, o mais boçal no jogo animado dos objetos encenados por Plínio Marcos é que todos eles acabam apontando para a tortura, a última face de toda a miséria vivida e fantasiada, sendo que a má vida atual é ainda menos terrível que a vida perversa que se fantasia como escapismo dela.

O Negrão como narrativa

Se os objetos, como foi visto, têm participação decisiva no estabelecimento do conflito e no desenrolar das ações de *Dois perdidos*, o mesmo se pode dizer das histórias contadas dentro da peça. Assim como em *Barrela* — quando a narrativa alegada do Morcego altera a situação dentro da cela, fazendo que o alvo do estupro passasse de Portuga para Tirica —, a história contada por Paco sobre o Negrão do Mercado altera decididamente sua situação em relação a Tonho. E é curioso notar como num teatro tratado usualmente como brutalista — em boa parte com razão, seguramente — as histórias contadas tenham papel tão importante no andamento das ações. De fato, na economia minimalista de Plínio Marcos, as histórias agem tanto quanto os objetos e as personagens em cena.

Após Tonho ter espancado Paco e deixado claro quem era o mais forte dos dois, o aparentemente vencido Paco conta a história do Negrão — que supostamente seria um dos tantos chapas sem contrato de trabalho a disputar a descarga dos caminhões no mercado —, o qual teria jurado bater em Tonho por este ter trabalhado no caminhão de peixe, sobre o qual considerava ter exclusividade. A narrativa é verossímil na situação em que é contada, tanto pelas brigas dos chapas no mercado — sobre as quais Plínio escreveu mais de uma vez (talvez projetando a própria peça, como em “Nas quebradas da vida”, famosa reportagem que escreveu para a revista *Realidade*, em janeiro de 1969) — como porque Tonho imediatamente acredita nela e passa a agir como se fosse verdadeira.

No entanto, convém ter claro que, no texto da peça, a narrativa permanece uma alegação de Paco, não um fato. Nada que ocorre em cena pode provar que se refere a algo verdadeiramente acontecido, embora sua suposta verdade tenha efeitos concretos na ação. Até dado o desejo de vingança de Paco, considerando apenas o que se passa em cena, a chance mais imediatamente verossímil é que a narrativa alegada tenha sido inventada por ele, ou, ao menos, que ele próprio, Paco, tenha tido papel relevante na ocorrência dos fatos narrados — por exemplo, inventando outra história maliciosa, dessa vez para o Negrão, induzindo-o a crer que o fato de Tonho ter descarregado o caminhão de peixe em sua ausência devia ser interpretado como um modo de desautorizá-lo ou desmoralizá-lo intencionalmente diante dos demais chapas, e isso de maneira suficientemente insistente e pública para que Negrão, sob risco de desmoralização, se visse obrigado a vingar-se de Tonho. Nesse caso, uma hipótese plausível seria que Paco estaria operando não uma, mas duas histórias, de modo a produzir uma intriga que resultasse em alteração das forças em cena: Tonho não apenas perderia a vantagem que havia demonstrado antes, como passaria a ser personagem de uma história cujos fios, agora, eram movidos por Paco, seu autor rancoroso.

Seja como for, relato imediatamente verdadeiro ou não, o certo é que, na história de Paco, Tonho e Negrão passam a ocupar lugares mutuamente excludentes, e, no interior de sua lógica, o próximo

movimento de Tonho deveria ser o de matar Negrão, para não ser morto por ele. Esse desenvolvimento da narrativa alegada — cujo propósito básico, como se viu, seria a vingança, ou uma maneira de produzir, pela manipulação intrigante de histórias, o enfrentamento da maior força demonstrada por Tonho — não chega a funcionar a contento num primeiro momento, porque Tonho se dispõe, em vez de brigar, como fez com Paco, a acertar as diferenças com Negrão por meio de conversa. Ou seja, em vez de aceitar a lei da força ou de uma espécie de estado natural anterior à lei (subentendido igualmente no apelido “Negrão”, como estereótipo do homem primitivo, forte, violento, sexual etc.), no qual as diferenças se resolvem com matar ou morrer, Tonho, nesse momento, pensa em dirimi-las pelo esforço de entendimento, no qual os argumentos e, enfim, a razão ainda tivessem algum papel.

Diante da disposição de conversar manifesta por Tonho, Paco o chama de “fresco” e passa a tratá-lo pelo epíteto difamatório de “Boneca do Negrão”. Tal labéu, que repete o tempo todo, provocativamente, condensa a ofensa da falta de hombridade (e, portanto, a denúncia de homossexualismo) com a acusação de covardia, vale dizer, de homem incapaz de agir com dignidade masculina, a qual, segundo a doxa da brutalidade natural do macho, está em atacar e eliminar quem o ofende. Evidencia-se aqui, portanto, que a finalidade da história de Paco é justamente precipitar a ação violenta, e não permanecer como história: ela existe (como invenção pura ou como aplicação casuística) com o propósito pragmático de gerar um fato, e não apenas de dar má notícia, como simula fazer. E é assim mesmo que se resolvem as histórias contadas na peça: são todas histórias interessadas e performáticas, narradas para gerar um encadeamento de ações que conduza ao desfecho desejado por quem as conta. Nesse sentido, funcionam um pouco como conto do vigário: quem as ouve cai numa armadilha.

O crime como falsa saída

Se o assalto — portanto, o crime —, em determinado momento, surge como hipótese de saída da situação em que se encontram Tonho e Paco, ambos enlacrados na miséria, é certo que, em *Dois perdidos numa noite suja*, ele não representa uma alternativa eficaz, e tampouco

heroica, como resistência diante do processo destrutivo encenado. Assim, quando Tonho tem a ideia do assalto face à ausência obsessiva do sapato e ao ganho inesperado da arma, cujo poder parece bastar para tornar presente o bem que lhe falta, são tantas as contradições que se acumulam sobre a ideia, muitas delas ridículas, que imediatamente se evidencia também a armadilha que ela embute: o crime, em vez de representar um atalho viável para uma finalidade planejada, capaz ainda de torná-lo episódico e circunscrito a um objetivo particular, acaba enredando-se no espontaneísmo aleatório da ação predatória, com consequências desastrosas, previsíveis e, pior, definitivas.

Mesmo a hipótese aparentemente mais racional de assaltar um casal de namorados, uma vez que tenderiam a oferecer menos resistência, logo se desvia para a discussão de estuprar a mulher ou não, e para as acusações de “tarado” contra as de “bicha”, e posteriormente para a de “cabaço”. Nesse tipo de discussão, a instauração da chefia de Tonho, como tentativa ainda de ordenação do ato, que excluiria estupro ou violência de qualquer ordem, parece demasiado precária desde o início e totalmente incapaz de trocar a direção do desfecho desastroso que se anunciava.

E a questão não está em perceber que o crime não é uma saída real para a miséria em que as personagens se encontram, mas em caracterizar o crime como instrumento de perpetuação da própria miséria. A falsa saída é, de fato, o encerramento de um ciclo perpétuo de danação, representado não somente pela ignorância do jogo viciado que está à volta, ou pelos erros de ocasião que levam a acontecimentos infaustos, mas sobretudo pela loucura, entendida como cumprimento de um destino infernal. É isso que se evidencia quando, após assassinar Paco, a personagem de Tonho, doravante transfigurado, rebatiza-se com o mesmo epíteto que Paco, em delírio de grande criminoso, criara para si próprio — é então que “Paco Maluco, o perigoso” torna-se “Tonho Maluco, o perigoso”. Ou mais genericamente, é então que se esclarece que Tonho não passava de um próximo Paco, e que tudo o que se passara com Paco dizia respeito não apenas ao passado de Paco, mas ao único futuro possível de Tonho: o que era de Paco é de Tonho. O crime, de fato, funciona como uma

dissolução da identidade de Tonho, enquanto personagem que ainda pretende resistir à miséria, na identidade comum de todos os miseráveis definitivos.

O ponto de vista especular que se revela ao final da peça equivale, de alguma maneira, a um reconhecimento trágico, apenas que ele não se dá como centelha de consciência, mas como mergulho na loucura, selada na adoção do epíteto fantasioso: os malucos são perigosos apenas para si mesmos, tão perdidos de si e de sua consciência, que se acham autores da miséria que os destroçou. As verdadeiras causas dessa destruição sistemática dos homens restam intocadas e intangíveis.

Quando as máquinas param (1ª versão, 1963; 2ª, 1967)

Nos cinco quadros em que a peça se divide há um núcleo estrutural que é mantido praticamente inalterado: Nina, dona de casa e costureira, dá uma série de broncas no marido, Zé, operário desempregado, o qual se defende por meio de histórias que denunciam uma crise conjuntural cada vez mais grave e sem saída. O desenvolvimento dialético das ações inclui ainda consolações mútuas e conciliações provisórias ao fim de cada quadro, com exceção do quinto e último, quando as contradições terminam numa tragédia doméstica, mas também social e até arquetípica.

As broncas de Nina

No primeiro dos cinco quadros previstos na peça, as broncas de Nina começam pela censura ao jogo de futebol do marido, Zé, com os meninos da rua em frente, o que interpreta como índice de infantilismo e falta de responsabilidade incompatível com a vida adulta, suposta prototipicamente pela sua condição de homem casado. Ocupando quase a mesma área semântica do futebol, à maneira de Nelson Rodrigues, estão os palavrões ditos por Zé, que Nina censura como impróprios ao decoro de um homem de família. Na mesma chave, Nina vê no futebol e nos palavrões ocasião para a murmuração da vizinhança, que tende a interpretá-los como sinal da vagabundagem de Zé, ainda mais estando ele desempregado.

Quer dizer, na lógica que sistematiza as crenças correntes admitidas por Nina, a situação de desemprego não se reduz às condições materiais da falta de trabalho naquele momento histórico, mas tem potencialmente consequências na situação moral do desempregado. A bronca seguinte de Nina reforça essa articulação entre a moral e o emprego, ao revelar o incômodo cada vez maior que sente por não conseguir quitar as dívidas do casal, traduzido exemplarmente pela vergonha de não poder pagar aos cobradores que batem à porta.

Não é preciso ir adiante, portanto, para perceber que a fala de Nina funciona na peça como correlato da doxa pequeno-burguesa, tão banal quanto ingênua, a tomar como verdade superior, transcendente ou ética um conjunto de valores morais que ignora tanto sua construção histórico-ideológica como sua base material, econômica, cujo funcionamento sistêmico está além do âmbito das vontades pessoais. Desse ponto de vista, pode-se admitir que é dela, da mulher e esposa, a posição mais conservadora no processo dialético colocado em cena por Plínio Marcos, sem que isso implique uma caricatura risível ou malévola: Nina lá está, com toda a carga histórica da dona de casa, incluindo o que nela existe de responsabilidade e ternura pela família.

Vagas notícias de um mundo maior

Para defender-se das broncas de Nina, Zé tem um leque de respostas e saídas mais ou menos circunstanciais, algumas malandras, outras baseadas em notícias de uma conjuntura nacional de crise, manifesta também nos acontecimentos do bairro, uma vez que é ele quem sai de casa, nos termos de um núcleo familiar tradicional brasileiro dos anos 1960, em oposição à mulher, fundamentalmente encerrada nas próprias atribuições da casa e da família.

Assim, sem recusar a questão moral que Nina considera envolvida na dívida, Zé fala numa “desgraça” específica das classes sociais mais pobres, que é a afobação em pagar as dívidas, quando os ricos “[n]ão querem nem saber”. Não é o caso de ser otimista com a consciência de classe de Zé: nele, existe apenas certa moral revoltada, reativa, em que a honestidade ou o comprometimento com as dívidas são interpretados como determinação que penaliza os mais pobres e socialmente

inferiorizados. Provocativamente em relação ao providencialismo conformado de Nina, Zé fala então de um Deus “que esqueceu da gente”, cuja providência falha cuida apenas dos ricos.

Fora dessa rebeldia de ocasião, os argumentos de Zé para se defender das broncas de Nina arrumam-se de duas maneiras. A primeira é em torno de uma ideia vaga de conjuntura de crise em que há grande carestia, o desemprego é geral, ocorre demissão em massa nas fábricas, o governo é ruim, os sindicatos estão impossibilitados de agir fora de um assistencialismo inócuo, e as greves comuns no período anterior ao que se encontram já não poderiam acontecer, pois “[a]gora o papo é outro”, numa evidente alusão à situação do golpe militar e à vigência de atos de exceção. Em particular, é interessante notar, no contexto da história do trabalho dos anos 1960, que o lamento de Zé centra-se em não ter podido aprender ofício algum, referindo-se a uma nova elite dos trabalhadores contratados pelas montadoras e pelas fábricas mais modernas da região do ABC, a do “operário especializado”.

A segunda maneira pela qual Zé se defende das broncas de Nina assenta-se sobre as notícias locais que traz do boteco — a mais escandalosa é a prisão do menino Toninho, filho da vizinha Baiana, por roubo de equipamentos de um carro —, das quais extrai certo pessimismo fatalista, em que a desgraça é a verdadeira lei do pobre: “[t]á todo mundo bombardeado”, sobrevivendo “na merda”, numa “bosta de vida”.

As duas situações, a conjuntural e a pessoal, unem-se quando Zé narra a Nina o que ele próprio passou ao buscar uma vaga oferecida numa fábrica de Osasco e verificar que tudo se revelara como um “jogo sujo”, um “negócio de dar nojo”, pois os candidatos eram achacados ainda na fila por um sujeito da fábrica que tentava de fato vender essa vaga, explorando ainda mais a situação de desespero dos pretendentes. Para Zé, essa situação, que amarra as duas pontas de seu desencanto com a vida, contradiz diretamente a costumeira interpretação providencial de Nina de que um Deus justo castiga o autor do malfeito (“conversa fiada”). O mundo é regido pela lei do “salve-se quem puder”, na qual prevalece o individualismo mais feroz, e a vida é basicamente uma questão de sobrevivência em meio hostil.

As cenas conciliatórias

As broncas de Nina contrapostas às explicações de Zé sobre a conjuntura desfavorável, as decepções na vizinhança e a corrupção nas ofertas de trabalho... tudo isso compõe um núcleo estrutural de conversa e réplica que permanece constante ao longo da peça, criando um tipo de expectativa de repetição, que inclui a atenuação das brigas ao fim de cada quadro. Explico-me melhor: as constantes discussões entre Zé e Nina acabam sendo amenizadas, no final de cada quadro — a não ser no último, obviamente, cuja brutalidade é acentuada justamente pela produção da ruptura do esquema —, pelos gestos de carinho trocados entre eles e por uma renovada disposição de ambos em crer num futuro benigno, ainda que nenhum indício concreto de melhora sustente essa confiança e que esses momentos de calma e ternura sejam, na maior parte deles, preenchidos por atividades de diversão escapista: as novelas de televisão e o concurso de misses, no caso dela; e, no caso dele, os jogos de futebol, assistidos ao vivo no campo ou em videoteipe na TV do boteco.

Esse desfecho conciliatório, que adia sem resolver o drama central do desemprego e da falta de perspectiva, sustenta-se precariamente numa crença comum na Providência divina e, ao mesmo tempo, na confiança no imprevisto para viver um dia depois do outro, interpretada pela sabedoria banal de provérbios como “Deus é grande”, “escreve certo por linhas tortas”, “em tudo se dá um jeito” etc., nos quais se afirma a graça permanente da Providência ainda na ocorrência mais escancarada da desgraça.

O análogo mais direto dessa Providência que contradiz o real está dado, ironicamente, pelos anúncios irresistíveis do “plano de crediário” para compras, nos quais, paradoxalmente, o endividamento aparece como solução da dívida; o consumo como negação da realidade do emprego instável, precário ou inexistente; e esse conjunto de contradições e impasses reaparece milagrosamente como caução da esperança de melhores dias, o que também empresta a todas essas cenas um ar de patetismo ingênuo, crédulo e conformista.

A selar esse processo de conciliação estão também as cenas de desfecho amoroso e sexual, apenas quebradas no último deles — e, claro,

como ficou dito, uma quebra mais surpreendente em decorrência da expectativa contrária criada no desfecho ameno de todos os quadros anteriores. São cenas conciliatórias que, por vezes, são cômicas, como quando Zé declara seu ciúme do galã da novela; outras vezes, são de lamentação genérica, como quando se queixa da injustiça de um mundo que não distingue os bons dos maus e, por isso, não premia adequadamente os que o merecem. De maneira mais contundente, porém, as cenas conciliatórias são efetuadas pelas juras de amor e de dedicação mútua sintetizadas na declaração de Nina, “Sou tua mulher, Zé”, e na de Zé, apenas em viés cômico, “Nina, nessa vida só torço pra você e pro Corinthians” — as quais, em conjunto, renovam os votos trocados no casamento.

Os gatilhos trágicos

Se é razoável dizer que *Quando as máquinas param* desenvolve uma estrutura de repetição que poderia permanecer indefinidamente no âmbito das mesmas contradições, como tendência análoga à vida da maioria das pessoas pobres e sem oportunidades, isso muda de figura quando a peça lança mão de uma sobreposição de dois acontecimentos de ordem diversa, mas que, de maneira muito habilidosa, são extraídos menos dos lugares tratados como problemáticos do que daqueles que pareciam trazer a solução para os problemas. Ou seja, são circunstâncias em princípio favoráveis à sorte do casal — como a proposta para Zé trabalhar com o cunhado taxista, o empréstimo da mãe e a notícia da gravidez de Nina — que acabam gerando uma espécie de erro trágico a operar o desfecho da peça.

Em relação às ofertas de trabalho e de empréstimo, ambas oriundas da família de Nina, o erro é acionado pelo orgulho ferido de Zé e pela vergonha do favor, pois os novos compromissos assumidos acabavam ferindo a doxa patriarcal e machista partilhada por ele, a qual, de um lado, dificultava adotar a solução trazida pela mulher e, de outro, obrigava-o a reconhecer a impossibilidade de resolver sozinho os problemas profissionais e, especialmente, a sua incapacidade de tomar conta da mulher declarada como sua. Adotar a solução encontrada por Nina equivaleria, na perspectiva tacanha dessa doxa, não à venda da força

de trabalho num mercado comercial neutro, mas à rendição da força patriarcal, publicamente exposta como fraqueza moral.

Ou seja, para Zé, não se trata mais de ser apenas malsucedido profissionalmente, mas de fracassar pessoalmente, no âmbito da própria família e diante de si mesmo. Enquanto deve para a venda, Zé sente que ainda pode atribuir a culpa à conjuntura ou ao azar, mas, quando se trata de dever favores para a família de sua mulher, a dívida é imaginariamente tratada como desonra e fracasso como homem, e não apenas como trabalhador. Nesse ponto, a miséria que estava fora — isto é, na Providência, no país, na vida comum dos pobres — agora está dentro de si. Trocados esses sinais, o que devia ser solução é interpretado como destruição — conquanto apenas destruição da crença ingênua, naturalizada como verdade, da autossuficiência do macho provedor.

É o mesmo que se passa, agora de forma agravada, com a notícia da gravidez de Nina: o amor de Zé pelas crianças, visível até nos jogos de futebol no bairro, é contaminado pela ideia de que sequer esse canto último do desejo próprio está imune ao reconhecimento de sua incompetência para sustentá-lo. É isso que o leva à exaltação grosseira do “saco roxo” e à ameaça de se tornar um “sujeito ruim”, “lobisomem”, que prefere apelar ao crime a sucumbir à vergonha de perder a hombridade.

E quando Zé mergulha nesse “conflito interior” — como o chama Plínio Marcos na rubrica da cena em que Nina lhe pede para se lembrar de que vai ser pai — os primeiros efeitos são a consciência da impossibilidade de ter o filho (“Filho é luxo. É para quem pode”) e a consequente ordem para aborto. Curiosamente, a cena expande para a vida pessoal e, mais particularmente, para a geração do filho, a mesma divisão radical que já havia estabelecido entre ricos e pobres em relação às dívidas e, depois, à Providência. Ou seja, num mundo em que a Providência não se aplica aos pobres e a exclusão social penetra tudo, não há como isolar os afetos mais profundos, como o de ser pai. A conclusão a que Zé chega, ao fim de sua ruminância, é a da necessidade de sustar a geração do filho, cujo destino, repetindo o seu, apenas poderia ser “viver na merda”, ter “uma vida de bosta”.

A opor-se à conclusão niilista de Zé há, entretanto, a resistência algo surpreendente de Nina, usualmente menos contundente em suas afirmações. Em parte, a resistência resulta ainda da mentalidade pequeno-burguesa e cristã, quando afirma que “[s]e Deus manda”, é obrigação “receber” e, conseqüentemente, “pecado” fazer o aborto, pois, dentro dela, o filho “já tem vida”. No entanto, em larga medida, a resistência não é uma determinação da doxa — mas de algo que parece anteceder-la, dado seu caráter muito mais primitivo e telúrico — quando Nina passa a se identificar não apenas com “qualquer mulher”, mas com qualquer “bicho” que protege a cria.

Configura-se então um confronto vibrante, vital, que eletriza a cena até então modorrenta de conversas de dimensões humanas e intelectuais modestas, nas quais nada falava mais alto que a banalidade. Neste momento de confronto final, os dois já estão aquém ou além dela, num registro excessivo e destemperado: Zé, surtado pela iluminação niilista, não vê saída senão na eliminação da descendência; Nina, sentindo crescer a ameaça contra sua “cria”, defende-a como um animal, antes de pensar em qualquer outra conveniência material ou moral.

Se a consciência da “vida de bosta” surge para Zé como um ajuste à dureza dos fatos e à determinação de já não ter o filho, para Nina a defesa do filho revela-se como uma luta superior a todas as outras, em que as razões alegadas por Zé são apenas as de um “frouxo”, epíteto no qual se equivocam habilmente o desempenho sexual e a covardia. Nesse instante, Nina rompe os votos de amor assegurados várias vezes durante a peça, recusando doravante a identidade de mulher dele — “Não sou mais sua mulher” — e trocando as juras por xingamentos (“porco”, “nojento”, “bruto”, “covarde”), a que Zé responde com a violência do mais forte fisicamente.

Neste ponto da peça, Plínio anota que Nina, ao ser agredida, “vai caindo com espanto e dor na expressão”; ou seja, a rubrica evidencia, antes de tudo, a aporia a que chegaram os esposos, o espanto diante do reconhecimento da catástrofe que sempre os esteve cercando e, enfim, abatia-se com fúria sobre eles. A rigor, nesse desfecho violento, além das questões da vida da baixa classe média explicitamente tratadas ali, revela-se em ambas as personagens a permanência de uma espécie de

estado de natureza latente, no qual os valores sociais, bons ou maus, são sobrepujados por forças instintivas de geração e destruição. Quer dizer, o excesso brutalista do desfecho insinua qualquer coisa de arquetípico e primitivo naquela cena banal que ocupou o palco repetidamente desde o início da peça. Ao cabo de contradições características da vida social moderna, de que o desemprego é o drama mais evidente, restam apenas as pulsões mais básicas e antigas dos homens, e nestes, como certa vez lembrou Freud a Einstein, não convém esquecer o que há de animal.

O homem é parente do bicho, sem deixar de ser inteiramente homem: é o que se revela de maneira chocante no desfecho da peça. A meu ver, contrariamente ao que se disse muitas vezes, as condições terrivelmente difíceis e injustas de vida não atuam de modo a desumanizar o Zé, que agride quem mais ama, ou a Nina, quando se deixa penetrar pelo animal que defende a cria contra quaisquer razões — é aí, nesse ponto de absoluto desamparo e enfrentamento de vida e morte, que ambos dão um salto no escuro incontornável do homem.

Jornada de um imbecil até o entendimento (1968)

Jornada de um imbecil até o entendimento, finalizada em 1968, é a terceira versão de uma peça que Plínio Marcos demorou uma década para considerar finalizada; a primeira escritura, de 1958, recebera o título de *Os fantoches*, e a segunda, de 1965, fora intitulada *Chapéu sobre o paralelepípedo para alguém chutar*. A situação de base da peça, que configura disputas político-econômico-teológicas no interior de um grupo de mendigos, tem potencial alegórico e cômico evidente, uma vez que, entre mendigos, questões de poder soam absurdas. De fato, enquanto trata dos mendigos, a peça fala ironicamente dos mecanismos de poder e exploração econômica no âmbito de uma situação política autoritária, que justamente se aplicava ao caso brasileiro, num período em que recrudescia a ditadura militar e o poder deliberativo precário se dividia entre uma bancada governista inteiramente manipulada e uma oposição tímida, apenas tolerada pelos que detinham o poder ditatorial.

Uma alegoria cômica

A peça inicia pelas providências que Mandrião, uma espécie de empresário dos mendigos, cobra de seu lugar-tenente e ideólogo Teco, a fim de que aumentasse o rendimento nas ruas, que estava em queda acentuada. Segundo o diagnóstico de Teco, a queda nas rendas advindas da mendicância e a conseqüente diminuição na arrecadação das taxas devidas ao Deus inventado por ele eram causadas pela concorrência de Pilico, pequeno empresário que andava a oferecer “vantagens” e até “estabilidade” aos mendigos, o que, por sua vez, levava à aspiração de “melhores condições de vida” e a um “falatório” que os distraía do trabalho.

Nesta síntese da intriga da peça, devem ficar claros três aspectos que vão conduzi-la: o efeito cômico do vocabulário econômico enviesado — o “economês” — para explicar a situação de exploração vivida pelos mendigos; a dimensão alegórica da peça, que fala dos mendigos, mas se aplica ao país empobrecido e subjugado politicamente; o uso da religião como instrumento de dominação e exploração venal, sendo Teco pago especificamente para “criar mitos e superstições”, numa linha esquemática de religião e Igreja como “ópio do povo”.

No mesmo diapasão esquemático, o contra-ataque de Mandrião e Teco às tentativas da “oposição” de cooptar Manduca, uma espécie de líder político dos mendigos, é uma hilariante coleção de provérbios, lugares-comuns, diálogos vazios, *nonsense* e anacronismos (“Viva o tratado de Tordesilhas”), que confunde deliberadamente conversas políticas com gags e réplicas de palhaços de circo atuando em duplas, um fazendo o papel de “escada” do outro, e tendo como efeito de sentido mais geral a ridicularização escarrada de um núcleo de poder composto basicamente por idiotas.

Exemplar desse processo em que a idiotia dá o tom do governo é o plano de Mandrião e Teco para fazer frente à crise dos rendimentos, nomeado de “tática do laço húngaro”, que se resume a diminuir a renda, aumentar o tempo de trabalho e ofuscar o raciocínio pela fome — sendo que o efeito cômico decorre principalmente de que os propósitos e métodos intrinsecamente reacionários são apresentados como

se fossem um modelo econômico-científico sofisticado. Ou seja, na peça, a economia é ironicamente apresentada como discurso acadêmico autonomizado e aleatório, criado como farsa autoritária que nada tem a ver com ciência.

Ainda no âmbito do programa autoritário de Mandrião e Teco, é interessante observar que há certa oscilação no peso atribuído à causa ideológica da resistência dos mendigos: Mandrião tende a acusar a “doutrina dissolvente”, sobrevalorizando a atuação política “subversiva” da “oposição”, enquanto Teco tende a desdenhar a suposta doutrina, já que não há entre os mendigos nenhum “movimento organizado”, mas apenas “insatisfação”, rebeldia individual e circunstancial. O diagnóstico diverso, um mais duro e abstrato, outro mais flexível e pragmático, não chega a propor qualquer fissura substancial no núcleo do poder; todo ele está voltado contra o escândalo de “anda[r] tendo ideias”, pois não pode haver maior virtude cívica que a estupidez.

Naturalização do absurdo

Toda a situação dos mendigos agindo como estadistas da ditadura cria o que chamei de base alegórico-cômica da peça; entretanto há outra situação rigorosamente absurda que embasa a alegoria em questão e que jamais é problematizada em seu andamento, como se se tratasse de pressuposto perfeitamente lógico ou natural — o de que a condição de esmolar é ter um chapéu no qual seja depositada a esmola. É esse pressuposto, ilógico e inverossímil em si, que preside todo o conflito das ações na peça, sendo ainda expandido por argumentos igualmente ilógicos, inventados de maneira casuísta por Teco — por exemplo, o de que é “anti-higiênico” pedir esmolas sem chapéu.

O fundamento absurdo da alegoria deixa claro que seu aspecto aleatório não implica neutralidade, pois é inventada com o propósito deliberado de servir aos proprietários de chapéu, como Mandrião, que possuía quatro, e secundariamente Pilico, com apenas um, enquanto os demais não tinham nenhum. Ou seja, a condição aleatória destina-se fundamentalmente a sustentar uma situação de desigualdade e, ainda, a ampliá-la indefinidamente, pois os mendigos-operários, que usam chapéus alheios, também estão obrigados a comprar seus

mantimentos exclusivamente do proprietário, que detém o monopólio da alimentação.

Alegoricamente, é fácil interpretar a exploração dos sem-chapéus pelos que têm chapéus como análoga à exploração dos operários pelos que possuem o controle dos meios de produção — ou seja, na fórmula marxista clássica, como alegoria da exploração do trabalho pelo capital. A novidade cômica da fórmula na peça de Plínio Marcos é que, transferida para o lumpesinato e a atividade infame de esmolar para os donos dos chapéus, além de reconhecer um fundamento injusto no lucro, postula que toda aquela atividade é uma invenção rasteira de trapaceiros ordinários para fraudar a boa-fé de gente imbecilizada.

Vale dizer, o pressuposto absurdo tem consequências para a interpretação da alegoria, rebaixando-a a um ponto de simplificação radical em que o propósito do lucro é fundamentalmente o efeito de uma partida de idiotas. Nesse jogo de enganação em que o mais esperto não é menos estúpido, papel importante está reservado à doutrina, ou ideologia, cujo blefe mais bem sucedido, como ficou dito, é a invenção de um Deus que dá lucro e pune duramente os desobedientes. Quer dizer, à trapaça material alia-se necessariamente uma trapaça espiritual, de caráter punitivo e casuísta, de modo que o castigo sempre se aplique segundo a conveniência dos que controlam a invenção.

Outro aspecto curioso da alegoria é que, na versão mais bruta de Mandrião, a concorrência capitalista, representada por Pilico — um pequeno proprietário, que ele trata como “oposição” radical —, é já uma ameaça, pois “cria ambiente propício para desordem” ao romper o monopólio do poder. Em seu autoritarismo totalitário, portanto, qualquer “concorrência” no interior do núcleo do poder ameaça o progresso e a felicidade comuns, assim como são ameaçadoras, por si mesmas, a vontade alheia à do poder (ainda que seja a vontade de “progredir”) ou a corrupção que possibilita a venda a outros (não aos que falam pelo núcleo duro e monolítico do poder).

Por definição, portanto, caracteriza-se como crime de “subversão” tudo o que não emane do poder e a ele reverta. Assim, o poder é caracterizado na peça como repressivo e injusto, e também como autocrático e

hostil a toda existência fora de si, do que decorre também que é fundamentalmente irracional, já que tende a destruir mesmo aquilo de cuja exploração seu poder depende. Ou seja, a idiotia não apenas penetra, mas reside, desde sempre, no cerne da lógica — por isso, absurda — instituída pelo poder.

A revolução falhada

A certa altura da peça, a liderança de Manduca parece conseguir alguma união dos mendigos em torno de uma campanha comum pela melhora da comida. Essa solidariedade embrionária, juntamente com a concorrência de Pilico, que oferece diminuição das taxas de uso dos chapéus, tende a produzir melhores condições de trabalho e a estimular certa consciência de classe entre os explorados, de modo a fazê-los lutar juntos por direitos e condições mais justas no “emprego”. No entanto, nada parecido com um destino feliz do proletariado consciente ocorre na peça; antes que ele sequer chegue a agir como tal, os patrões fazem um “conchavo político” para a defesa mútua de seus privilégios, o que se traduz num plano tosco de recrudescimento da repressão: aumento da exigência de trabalho, sacrifício das folgas dos empregados e punição a Manduca, tratado como “subversivo” — o que obviamente remete, sem qualquer dificuldade de entendimento, ao aparato repressivo e ao vocabulário policial posto em circulação pela ditadura militar brasileira.

O plano dos patrões supõe ainda a cooptação dos mendigos, os quais logo se deixam seduzir e traem os companheiros, mediante falsos elogios, ameaças de demissão, reiteração da fantasia punitiva divina. Além disso, predominam entre os mendigos a credulidade diante de promessas de evidente má-fé e o temor das ameaças da falsa religião, manipulada em favor dos interesses dos patrões. É assim que, em vez de prosseguir em sua reivindicação organizada, os mendigos rompem com o líder Manduca, repudiando-o como egoísta e endemoniado, e ele mesmo, por sua vez, tem uma reação um tanto estereotipada. Num monólogo em que provérbios e clichês esquerdistas se confundem — “perdi essa batalha, porém a luta continua” —, não parece convincente a convicção de Manduca em seus princípios libertários. A despeito (ou por causa) da grandeza épica de seus propósitos, sua recitação

grandiloquente soa como uma lição escolar de lugares-comuns *mezzo-marxistas*: “amadurecimento das condições objetivas”, “classe operária triunfará”, “decadente burguesia”, “imperialismo norte-americano”, “dialética irreversível da História” etc. Os termos alinhavados em sequência e arrematados com um “Amém” evidenciam convicções menos revolucionárias do que igualmente religiosas e esvaziadas de qualquer propósito realista.

Ou seja, prevalece nessa sequência de ações — que se inicia com a reivindicação comum, mal iniciada e já fracassada — um ceticismo que não poupa nada nem ninguém: é falso o capitalismo dos donos de chapéus, cujo grande investimento se dá no obscurantismo religioso e na repressão, que, paradoxalmente, teme e pune a concorrência; é superficial a consciência de classe que não resiste a qualquer cooptação patronal ou vantagem imediatista e frívola; é fantasia de leitor de cartilhas utópicas a pregação revolucionária do líder carismático.

Desse conjunto deceptivo resulta não um sentimento melancólico ou de perda grave, mas uma euforia farsesca, manifestada por meio de canções interpretadas alternadamente por eles, nas quais sobrepõem infantilismos, estudantadas, vontade de punir, religiosidade conformada e obscurantista, vaidades várias, tudo resumido na canção — esta sim, cantada entusiasticamente por todos juntos — “Quero que vá tudo pro inferno”, de Roberto Carlos, o grande sucesso jovem promovido pela indústria cultural naquele momento. Na peça de Plínio, a música funciona como clímax de uma ópera bufa e escapista, cuja celebração constata a incapacidade de mudar e prenuncia a malhação do ex-líder dos mendigos.

A plateia como cúmplice

Após o monólogo de Manduca — o qual, simbolicamente, tem o estatuto de uma vanguarda que dispensa o apelo popular — e seu linchamento em seguida, pode-se imaginar o fim da peça na mesma vibração farsesca da cantoria. Entretanto, algo bem diverso e surpreendente é cuidadosamente previsto por Plínio Marcos para o desfecho: após fazer a “pose clássica de pensador”, Popô, a personagem mais tola e manipulável da peça, recolhe os chapéus do palco e os atira para a plateia,

que se vê, assim, subitamente incluída na cena — e ainda no papel mais antipático que poderia haver: justamente o de proprietários de chapéus. É como se aqueles objetos que pautaram toda a exploração vista no palco, de repente, revelassem acusatoriamente os patrões na vida real.

Nesse momento, Plínio anota, como rubrica da cena, que todas as personagens devem estar não apenas rindo, mas “gargalhando, contorcendo-se de riso”, até “o pano cair”. A plateia que apenas testemunhava o que se passava em cena torna-se, assim, alvo direto da galhofa das personagens, o que sugere acusação, como ficou dito acima, mas também, progressivamente, a consciência da plateia de ter caído numa armadilha, como se o propósito da encenação fosse exatamente mostrar as personagens representando no palco ações próprias da plateia na vida real.

Desse ponto de vista, sem que haja representação de um palco dentro do palco, mas expandindo o palco para a plateia, algo similar a um metateatro ocorre no desfecho. A interpretação passa a funcionar como uma espécie de espelho da plateia, e a função primordial da representação torna-se a elucidação da verdade sobre um crime (como ocorre, por exemplo, em *Hamlet* e em tantas outras peças clássicas): não apenas o crime da cumplicidade na execução do líder, mas, mais amplamente, o da posse dos chapéus que conduzem a iniquidades e absurdos em série. Assim, o gesto de Popô atirando os chapéus para a plateia, como que revelando seus donos, demonstra que ela também não tem as mãos limpas em relação ao caso encenado.

A considerar a sério esse movimento de desfecho metateatral, o “entendimento” previsto no título não é o do lumpesinato, pois, longe de se rebelar, vende-se barato aos patrões e volta-se contra quem o queria sublevar em relação às injustiças. Insinua-se, sim, que seja o da própria plateia, finalmente obrigada a constatar sua leniência, não apenas em relação ao assassinato do líder — ele próprio um pouco farsante —, mas à farsa do poder ali representada. Essa virada de jogo não é pequena: numa peça praticamente restrita a personagens idiotas e salafários, coloca-se a plateia nesse mesmo rés do chão, a cometer a mesma série de equívocos que se viu ali representada. Doravante, portanto, o que

a peça diz é que seus acontecimentos não podem ser olhados de cima: estamos todos enredados na imbecilidade do jogo.

Diante dessa peripécia de último instante, a questão mais imediata é saber qual é, afinal, segundo a peça, a verdadeira mudança trazida ao imbecil pelo entendimento. A julgar pelo desfecho ao mesmo tempo debochado e aporético, a resposta não é animadora. A mais provável mudança talvez seja a quebra momentânea da pose de espectador inocente diante dos crimes sistêmicos da sociedade, da ditadura militar e do sistema de exploração capitalista: equivale a um rebatimento crítico sobre o observador e, portanto, a um rebaixamento de sua posição, não à plenificação racional de sua consciência.

Homens de papel (1968)

Se *Jornada* falava de mendigos, *Homens de papel* trata de catadores de lixo, sendo que, em ambas as peças, a exploração do lumpesinato cria as condições básicas do conflito que movimenta as ações. No caso desta, o peso dos sacos de papel que trazem é flagrantemente diminuído na balança adulterada, além de arredondado para baixo, pelo comprador truculento e armado. Chamado de Berrão, apelido derivado da gíria de rua para revólver (“berro”), o comprador ocupa o lugar de intermediário entre a fábrica de papel e os catadores, que não podem fazer a venda direta graças a um arranjo fraudulento (a propina, o “come-quieto”) entre Berrão e o comprador oficial da fábrica. Assim, desde o início, caracteriza-se uma situação de roubo e exploração do trabalho de pessoas no limite da sobrevivência, sem qualquer contrato ou garantia de trabalho.

Todos os movimentos iniciais da peça amplificam essa exploração de miseráveis: os sacos são muito pesados e arrastados por longas distâncias; na venda, eles são costumeiramente ameaçados pela arma de Berrão, trazida acintosamente na cintura; são chantageados com a ameaça de retirá-los da lista de catadores autorizados a vender; ocorrem aumentos aleatórios das taxas cobradas, que, por vezes, ficam acima da metade do valor pesado; Berrão exerce um poder autoritário, cruel e arbitrário, no qual os catadores são desqualificados como bêbados e

vadios, e punidos por qualquer “gracinha” em relação a ele, enquanto, de sua parte, permite-se toda sorte de comportamento abusivo, incluindo o assédio sexual às mulheres dos catadores.

A impossível união na miséria

Da mesma forma que em *Jornada*, ou em qualquer outra peça de Plínio dos anos 1960, não há solidariedade entre os explorados (“negócio dos outros, não quero nem saber”). A proposta de um dos catadores de organizar um boicote contra Berrão, deixando de catar papel por um tempo a fim de complicar o compromisso dele com a fábrica, é de difícil aceitação e execução, ainda mais que todos temem sua reação violenta. As conversas de preparo do plano, desse modo, tendem a se diluir em brigas e acusações mútuas entre os próprios catadores.

De fato, o que se dá é o seguinte: na perspectiva de várias peças de Plínio, más condições de vida não conduzem a uma aliança entre os explorados, mas a uma situação de proliferação de explorações mútuas. No caso de *Homens de papel*, o catalisador dessa proliferação é a chegada de uma nova família de catadores — Frido e Nhanha, junto com a filha epilética, Gá. Desde o início, as brigas entre eles se acirram, pelo temor do aumento da concorrência no trabalho duro e de poucos ganhos, sem que se comovam particularmente com a situação da criança, necessitada de cuidados médicos.

Uma nova faceta dos confrontos apresenta-se quando Nhanha recusa participar do boicote a Berrão e suspender a coleta, colocando acima de qualquer acordo de grupo as necessidades da filha e demonstrando ainda, em sua decisão solitária, força de resistência superior à coletiva. Nesta versão lúmpen da recusa de participação de um membro no acordo dos trabalhadores explorados contra o explorador há qualquer coisa de comentário invertido em relação ao célebre conflito tratado, dez anos antes, por Gianfrancesco Guarnieri, em *Eles não usam black-tie* — em que, quando um dos operários não aceita a greve por uma razão pessoal, a posição do pai é de solidariedade com o movimento operário e de repúdio ao que entende como uma deserção do filho —; aqui, contrariamente, a luta pessoal pela saúde da filha põe-se para a

mãe acima de qualquer reivindicação ou acordo coletivo na luta contra o opressor comum.

Quer dizer, em Plínio Marcos, a união das vontades dos catadores está comprometida, desde o início, pelo estado de degradação generalizada em que se encontram, muito aquém de qualquer ideia de proletariado organizado; em segundo lugar, nessas condições extremas, nada parece falar mais alto que o parentesco de sangue, ou, mais especificamente, o vínculo da maternidade. A luta pela saúde da filha equivale à defesa visceral da cria, entendida como impulso bruto, fora de qualquer determinação racional, e que permanece mesmo nas condições mais extremas, materiais ou morais. Trata-se de uma pulsão vital, um movimento instintivo, básico, primitivo, que repõe, em condições ainda piores, a força surpreendente com que Nina, em *Quando as máquinas param*, decide levar adiante sua gravidez, sob qualquer circunstância, e mesmo sob o preço de ter de romper com o marido.

Tal força primitiva, acima dos interesses comuns, é finalmente reconhecida por todos, que acabam desistindo do boicote e até reconhecendo a fraqueza individual e coletiva, fora dessa pulsão de sangue (“A gente é frouxo mesmo. Sempre fomos”). A própria “sorte do Berrão” ao explorá-los estaria vinculada à frouxidão comum: fossem mais firmes na disposição do boicote, ele, mesmo com o poder de suas armas, não poderia vencê-los. A hipótese não pode ser comprovada nem desmentida, uma vez que a suposta vitória nunca chega a acontecer, mas é importante notar que, de alguma maneira, ocorre aos catadores associar a permanência da situação de opressão a uma servidão que não é exatamente voluntária, mas que tem raízes na própria fraqueza.

Essa fraqueza, como se viu, é superada não pela consciência do poder da união entre eles, mas pelos vínculos de sangue, isto é, por relações primitivas contraídas mais num estado de natureza que no convívio social. Nesses termos, a peça de Plínio Marcos é tributária de certo naturalismo, tanto exacerbado (com as várias degenerações em cena — físicas, mentais, materiais) como reduzido ao essencial (com a restrição do conflito a uma situação de sobrevivência). Diante dele, o papel da razão e da consciência na determinação do quadro social é pequeno,

sendo mais um índice de reconhecimento de impotência ou fracasso que de força transformadora real.

O deslocamento da ação periférica para o núcleo da cena

O que ficou dito acima confirma-se por uma constatação simples: nada é mais terrível em *Homens de papel* que as ações, quase sem palavras, que — quando existem — são tartamudas, desenvolvidas entre Coco, um dos catadores de papel, o qual exhibe evidente atraso mental, e Gá, a menina debilitada e epilética, os dois situados na periferia das discussões que ocupam o centro da cena.

Desde que aparece em cena, Gá, praticamente invisível para os demais catadores, é o grande objeto da atenção de Coco: demonstrando desejo obsessivo e lúbrico pela menina, ele tenta seduzi-la com uma boneca, a troco de “agrado” quando “ficarem sozinhos” — e são essas ações periféricas que vão amplificando a situação miserável do conjunto até a sordidez. Assim, enquanto se dão no primeiro plano as tentativas falhas de união dos explorados contra o explorador, num ambiente penetrado de violência, nesse segundo plano silencioso, a ameaça inclui essa estranha ternura, pervertida e pedófila, articulada ao atraso mental de Coco — uma ameaça que passa quase despercebida das outras personagens, o que obviamente fornece uma aflição a mais para a plateia, testemunha das primeiras tentativas de ataque à menina.

A aflição atinge seu ponto máximo quando Coco começa a bolinar Gá e a carrega para “atrás dos caixotes”, o que gera grande tensão: não se trata apenas de retirar da vista dos espectadores a imagem obscena da bolinação da criança, mas também, e sobretudo, de aumentar o terror do espectador, que fica sem saber exatamente o que Coco está fazendo com a menina, enquanto se esconde com ela da vista de todos. Estar fora de cena, no caso, não protege o decoro da cena ou o pudor dos espectadores, e sim exacerba a imaginação do crime, cuja consumação, até então conduzida nas margens do conflito principal, toma agora o centro do palco.

Quando isso ocorre, exatamente a mesma hesitação ou covardia revelada diante de Berrão reaparece diante da faca empunhada por Coco.

Não é o único movimento repetido em cena: assim como a única resistência anterior ao boicote vinha da mãe, agora também é a mãe que desdenha a ameaça da faca e incita os demais contra Coco, chamando-o de “peste”, demonizando-o como “coisa ruim” e, enfim, decretando seu linchamento (“Mata! Mata! Mata!”). Sem perder sua energia de força irracional e arquetípica, o gesto solitário da mãe, contudo, inverte-se: o que era antes movimento de defesa da vida torna-se agora sentença de morte.

Contaminados por essa fúria materna, agora destrutiva, o grupo finalmente se une para punir o crime de Coco, e a reação coletiva, até então impensável, é forte o suficiente para se sustentar igualmente contra o explorador Berrão. O que o confronta aqui não são argumentos, mas a raiva nascida e curada no desejo de vingança. E o que serve de explicação para o linchamento de Coco serve igualmente de explicação para o enfrentamento de Berrão (“Se não tivesse todo mundo picado de raiva, ninguém ia ter peito de entrar nele”). Ou seja, na perspectiva da peça, não há ação reparadora possível antes da explosão afetiva, mesmo quando seja certa a injustiça ou o crime.

Será possível traduzir politicamente esse tipo de explosão afetiva que nasce na dor da perda da filha, contamina as demais personagens e leva sem qualquer nuance tanto ao linchamento do assassino como ao enfrentamento do opressor? A peça nos diz que não há ação política sem a vontade picada pela fúria? Deve-se entender que a sublevação tem como causa instrumental a revolta afetiva? A simples enunciação dessas questões deixa claro que, na peça, a ação de enfrentamento dos mais fortes está determinada por acontecimentos cujo núcleo reside em forças primitivas, pulsionais, e não em posições ideológicas.

É o que se evidencia exemplarmente nas falas ensandecidas de Nhanha diante do revólver de Berrão, quando se declara sem medo de morrer, por já se sentir morta (“morri um cacetão de vezes”); por serem tantas as misérias que se abateram sobre ela (fome, frio, medo e, enfim, a morte da “cria”, termo esclarecedor do registro pulsional em jogo); como porque é chegada a “hora de acertar as contas”, quando “[q]uem tiver se danado mais está com a razão”. Quer dizer, articulando os dois termos da equação em jogo — a saber, morte em vida e razão maior dos

danados —, o momento da vingança chega por saturação, por acúmulo de desgraças, e não por um sentimento categórico de justiça. Nessas condições, compreende-se que, estabelecido o crime, não se siga um julgamento, mas um justicamento brutal, análogo à violência recebida.

Nesse enfrentamento violento e atroz, não há possibilidade de concórdia ou rendição negociada. O que ocorre é explosão sanguínea por rebote de uma violência acumulada até o nervo. Neste ponto de revolta, nem argumentos nem a força bruta do revólver têm doravante poder para sustar o cumprimento fatal do arrebatamento destrutivo — um arrebatamento propriamente dito, pois não perdura como gesto. Tão logo Nhanha os deixa, e com ela se vai a liderança sustentada pela dor pessoal, os catadores deixam-se novamente dominar e retornam à situação subalterna de origem.

É curioso ainda perceber que, enquanto as coisas retornam a sua ordem miserável, Plínio anota na rubrica que a reza de Nhanha, ajoelhada ao lado da filha morta, “cresce, misturando-se com ruídos de grande cidade que vão entrando”. O lamento fúnebre que estava em Nhanha é o mesmo que está na cidade. Dessa mistura, pode-se depreender que os próprios ruídos existem como performance de uma oração alegórica que se levanta de dentro da própria degradação da cidade. Ou, para dizê-lo de outra forma, os ruídos urbanos são sons de súplicas, ainda sem resposta providencial, cuja acumulação dolorosa vale como um presságio de destruição.



**DOIS PERDIDOS
NUMA NOITE SUJA**

Escrita em 1966, estreou no mesmo ano em São Paulo, no Bar Ponto de Encontro, transferindo-se em seguida para o Teatro de Arena.

Personagens

PACO; TONHO

Cenário

Um quarto de hospedaria de última categoria, onde se veem duas camas bem velhas, caixotes improvisando cadeiras, roupas espalhadas etc.

Nas paredes estão colados recortes, fotografias de time de futebol e de mulheres nuas.

PRIMEIRO ATO

Primeiro quadro

Paco está deitado em uma das camas. Toca muito mal uma gaita. De vez em quando, para de tocar, olha para seus pés, que estão calçados com um lindo par de sapatos, completamente em desacordo com sua roupa. Com a manga do paletó, limpa os sapatos. Paco está tocando, entra Tonho, que não dá bola para Paco. Vai direto para sua cama, senta-se nela e, com as mãos, a examina.

TONHO Ei! Para de tocar essa droga!

Paco finge que não ouve.

(gritando) Não escutou o que eu disse? Para com essa zoeira!

Paco continua a tocar.

É surdo, desgraçado?

Tonho vai até Paco e o sacode pelos ombros.

Você não escuta a gente falar?

PACO *(calmo)* Oi, você está aí?

TONHO Estou aqui pra dormir.

PACO E daí? Quer que eu toque uma canção de ninar?

TONHO Quero que você não faça barulho.

PACO Puxa! Por quê?

TONHO Porque eu quero dormir.

PACO Ainda é cedo.

TONHO Mas eu já quero dormir.

PACO E eu, tocar.

TONHO Eu paguei pra dormir.

PACO Mas não vai conseguir.

TONHO Quem disse que não?

PACO As pulgas. Essa estrebaria está assim de pulgas.

TONHO Disso eu sei. Agora quero que você não me perturbe.

PACO Poxa! Mas o que você quer?

TONHO Só quero dormir.

PACO Então para de berrar e dorme.

TONHO Está bem. Mas não se meta a fazer barulho.

Tonho volta para a sua cama, Paco recomeça a tocar.

Para com essa música estúpida! Não entendeu que eu quero silêncio?

PACO E daí? Você não manda.

TONHO Quer encrenca? Vai ter! Se soprar mais uma vez essa droga, vou quebrar essa porcaria.

PACO Estou morrendo de medo.

TONHO Se duvida, toca esse troço.

Paco sopra a gaita. Tonho pula sobre Paco. Os dois lutam com violência. Tonho leva vantagem e tira a gaita de Paco.

PACO Filho da puta!

TONHO Avisei, não escutou, se deu mal.

PACO Dá essa gaita pra cá.

TONHO Vem pegar.

PACO Poxa! Deixa de onda e dá essa merda.

TONHO Se tem coragem, vem pegar.

PACO Pra que fazer força? Você vai ter que dormir mesmo.

TONHO Antes de dormir, jogo essa merda na privada e puxo a bomba.

PACO Se você fizer isso, eu te apago.

TONHO Experimenta.

PACO Se duvida, joga.

TONHO Jogo. E daí?

PACO Então joga.

TONHO Você só tem boca dura.

PACO É melhor você me dar essa merda.

TONHO Não enche o saco.

PACO Anda logo. Me dá isso.

TONHO Não vou dar.

Paco pula sobre Tonho. Esse, mais uma vez, leva vantagem. Joga Paco longe com um empurrão.

Tá vendo, palhaço? Comigo você só entra bem.

PACO Eu quero minha gaita.

TONHO Se você ficar bonzinho, amanhã de manhã eu devolvo.

PACO Quero a gaita já.

TONHO Não tem acordo.

Pausa. Tonho deita-se e Paco fica onde está, olhando Tonho.

Vai ficar aí me invocando?

PACO Já estou invocado há muito tempo.

TONHO Poxa! Vê se me esquece, Paco.

PACO Então me dá a gaita.

TONHO Você não toca?

PACO Não vou tocar.

TONHO Palavra?

PACO Juro.

TONHO Então toma. (*Tonho joga a gaita na cama de Paco.*) Se tocar, já sabe. Pego outra vez e quebro.

Paco limpa a gaita e a guarda. Olha o sapato, limpa-o com a manga do paletó.

- PACO Você arranhou meu sapato. (*Molha o dedo na boca e passa no sapato.*) Meu pisante é legal pra chuchu. (*Examina o sapato.*) Você não acha bacana?
- TONHO Onde você roubou?
- PACO Roubou o quê?
- TONHO O sapato.
- PACO Não roubei.
- TONHO Não mente.
- PACO Não sou ladrão.
- TONHO Você não me engana.
- PACO Nunca roubei nada.
- TONHO Pensa que sou bobo?
- PACO Você está enganado comigo.
- TONHO Deixa de onda e dá o serviço.
- PACO Que serviço?
- TONHO Está se fazendo de otário? Quero saber onde você roubou esses sapatos.
- PACO Esses?

TONHO É.

PACO Mas eu não roubei.

TONHO Passou a mão.

PACO Não sou disso.

TONHO Conta logo. Onde roubou?

PACO Juro que não roubei.

TONHO Canalha! Jurando falso.

PACO Não enche o saco, poxa!

TONHO Então se abre logo.

PACO Que você quer? Não roubei e fim.

TONHO Mentiroso! Ladrão! Ladrão de sapato!

PACO Cala essa boca!

TONHO Ladrão sujo!

PACO Eu não roubei.

TONHO Ladrão mentiroso!

PACO Não roubei! Não roubei!

TONHO Confessa logo, canalha!

PACO (*bem nervoso*) Eu não roubei! Eu não roubei! Eu não roubei!
(*Começa a chorar.*) Não roubei! Poxa, nunca fui ladrão! Nunca roubei nada! Juro! Juro! Juro que não roubei! Juro!

TONHO *(gritando)* Para com isso!

PACO Eu não roubei!

TONHO Está bem! Está bem! Mas fecha esse berreiro.

Paco para de chorar e começa a rir.

PACO Você sabe que eu não afanei nada.

TONHO Sei lá.

PACO O pisante é bacana, mas não é roubado.

TONHO Onde achou?

PACO Não achei.

TONHO Onde conseguiu, então?

PACO Trabalhando.

TONHO Pensa que sou trouxa?

PACO Parece. *(Ri)*

TONHO Idiota!

Paco ri.

Nós dois trabalhamos no mesmo serviço. Vivemos de biscate no mercado. Eu sou muito mais esperto e trabalho muito mais do que você. E nunca consegui mais do que o suficiente pra comer mal e dormir nesta espelunca. Como então você conseguiu comprar esse sapato?

PACO Eu não comprei.

TONHO Então roubou.

PACO Ganhei.

TONHO De quem?

PACO De um cara.

TONHO Que cara?

PACO Você não manja.

TONHO Nem você.

PACO Não manjo, mas ele me deu o sapato.

TONHO Por que alguém ia dar um sapato bonito desses pra uma besta como você?

PACO Ah, você também acha o meu sapato legal?

TONHO Acho. E daí?

PACO Já morei.

TONHO O quê?

PACO Toda a sua bronca.

TONHO Que bronca, seu?

PACO Você bota olho gordo no meu pisante.

TONHO Você é louco.

- PACO Louco nada. Agora eu sei por que você sempre invoca comigo.
- TONHO Você é uma besta.
- PACO Você tem um sapato velho, todo jogado fora e inveja o meu, bacana paca.
- TONHO Eu, não!
- PACO Invejoso!
- TONHO Cala essa boca!
- PACO De manhã, quando saio rápido com meu sapato novo e você demora aí forrando sua droga com jornal velho, deve ficar cheio de bronca.
- TONHO Palhaço!
- PACO (*Gargalha.*) Por isso é que você é azedo. Coitadinho! Deve ficar uma vara quando pisa num cigarro aceso. (*Paco representa uma pantomima.*) Lá vem o trouxão, todo cheio de panca. (*Anda com pose.*) Daí, um cara joga a bia de cigarro, o trouxão não vê e pisa em cima. O sapato do cavalão é furado, ele queima o pé e cai da panca. (*Paco pega seu pé e finge que assopra.*) Ai! ai! ai! (*Paco começa a rir e cai na cama gargalhando.*)
- TONHO (*bravo*) Chega!

Paco aponta a cara de Tonho e estoura de tanto rir.

Para com isso, Paco!

Paco continua a rir. Tonho pula sobre ele e, com fúria, dá violentos socos na cara de Paco. Este ainda ri. Depois, perde as forças e para; Tonho continua batendo. Por fim, para, cansado. Ofegante, volta pra sua cama. Deita-se. Depois de algum tempo, levanta a cabeça e,

vendo que Paco não se move, demonstra preocupação. Aproxima-se de Paco e o sacode.

TONHO Paco! Paco!

Paco não dá sinal de vida.

Desgraçado! Será que morreu?

Tonho enche um copo d'água de uma moringa e o despeja na cara de Paco.

PACO Ai! Ai!

TONHO Ainda bem que não morreu.

PACO Você me machucou.

TONHO Quando dou é pra valer.

PACO Você me paga.

TONHO Quer mais?

PACO Não sabe brincar, canalha?

TONHO Eu não estava brincando.

PACO Vai ter forra.

TONHO Você não é de nada.

PACO Você não perde por esperar.

TONHO Deixa isso pra lá. Não foi nada.

- PACO Não foi nada porque não foi na sua cara.
- Tonho ri.*
- PACO Mas isso não vai ficar assim, não.
- TONHO Não. Vai inchar pra chuchu. (Ri.)
- PACO Está muito alegre.
- TONHO Poxa, você não gosta de tirar um sarro?
- PACO Quem ri por último ri melhor.
- TONHO Agora cale a boca. Fiquei cansado de bater em você. Quero dormir.
- PACO Se tem coragem de dormir, dorme.
- TONHO Que quer dizer com isso?
- PACO Nada. Dorme...
- TONHO Vai querer me pegar dormindo?
- PACO Não falei nada.
- TONHO Nem pense em me atacar. Não esqueça a surra que te dei.
- PACO Não esqueço fácil.
- TONHO Acho bom. E fique sabendo que posso te dar outra a hora que eu quiser.
- PACO Duvido muito.

TONHO Fecha essa latrina de uma vez, paspalho.

PACO Falo quanto quiser.

TONHO Você só sabe resmungar.

PACO Você sabe muita coisa.

TONHO Mais do que você, eu sei.

PACO Muito sabido. Por que, em vez de carregar caixa no mercado, não vai ser presidente da república?

TONHO Quem pensa que eu sou? Um estúpido da sua laia? Eu estudei. Estou aqui por pouco tempo. Logo arranjo um serviço legal.

PACO Vai ser lixeiro?

TONHO Não, sua besta. Vou ser funcionário público, ou outra droga qualquer. Mas vou. Eu estudei.

PACO Bela merda. Estudar pra carregar caixa.

TONHO Só preciso é ganhar uma grana pra me ajeitar um pouco. Não posso me apresentar todo roto e com esse sapato.

PACO Se eu tivesse estudado, nunca ia ficar assim jogado fora.

TONHO Fiquei assim porque vim do interior. Não conhecia ninguém nessa terra, foi difícil me virar. Mas logo acerto tudo.

PACO Acho difícil. Você é muito trouxa.

TONHO Você é que pensa. Eu fiz até o ginásio. Sei escrever à máquina e tudo. Se eu tivesse boa roupa, você ia ver. Nem precisava tanto, bastava eu ter um sapato... assim como o seu. Sabe,

às vezes eu penso que, se o meu sapato fosse meu, eu já tinha me livrado dessa vida. E é verdade. Eu só dependo do sapato. Como eu posso chegar em algum lugar com um pisante desses? Todo mundo a primeira coisa que faz é ficar olhando para o pé da gente. Outro dia, me apresentei pra fazer um teste num banco que precisava de um funcionário. Tinha um monte de gente querendo o lugar. Nós entramos na sala pra fazer o exame. O sujeito que parecia ser o chefe bateu os olhos em mim, me mediu de cima a baixo. Quando viu o meu sapato, deu uma risadinha, me invocou. Eu fiquei nervoso paca. Se não fosse isso, claro que eu seria aprovado. Mas, poxa, daquele jeito, encabulei e errei tudo. E era tudo coisa fácil que caiu no exame. Eu sabia responder aqueles problemas. Só que, por causa do meu sapato, eu me afobei e entrei bem. (*pausa*) Que diz, Paco?

PACO Digo que, quando você começa a falar, você enche o saco.

TONHO Com você a gente não pode falar sério.

PACO Você só sabe chorar.

TONHO Estava me abrindo com você, como um amigo.

PACO Quem tem amigo é puta de zona.

TONHO É...

Pausa longa. Paco tira a gaita do bolso e fica brincando com ela.

Quer tocar, toque.

PACO Posso tocar?

TONHO Faça o que lhe der na telha.

PACO Não vou perturbar o seu sono?

TONHO Não. Pode tocar.

PACO Tocarei em sua honra.

Paco começa a tocar. Tonho acende um cigarro e dá uma longa tragada. A luz se apaga.

Segundo quadro

Paco está deitado. Entra Tonho. Paco para de tocar.

TONHO Pode continuar tocando.

PACO Eu toco quando quero.

TONHO Pensei que tinha parado por minha causa.

PACO Paro só quando eu quero, ninguém manda em mim.

TONHO Esqueceu de ontem?

PACO Eu não esqueço de nada.

TONHO Então deveria saber que, a hora que me encher, eu faço você parar na marra.

PACO Não pense que todo dia é dia santo. Ontem foi ontem.

TONHO E hoje é a mesma coisa.

PACO Se eu quiser, eu toco. Você não faz nada.

TONHO Você é muito valente. Mas por que parou quando eu cheguei? Ficou com medo?

- PACO Eu, ter medo de homem? No dia que eu tiver medo de homem, não uso mais calça com braguilha, nem saio mais na rua.
- TONHO Então por que parou quando eu cheguei?
- PACO Eu quero te dar um aviso.
- TONHO Dar um aviso pra mim?
- PACO Não. Pra sua avó.
- TONHO O que é que você quer me avisar?
- PACO O que o negrão mandou te avisar, poxa.
- TONHO Que negrão?
- PACO Que negrão! Aquele lá do mercado.
- TONHO Como vou saber quem é? Lá tem muitos negrões.
- PACO Esse você manja. É um que usa gorrinho de meia de mulher pra alisar o cabelo.
- TONHO O que ele quer comigo?
- PACO Ele mandou avisar que vai te dar tanta porrada, que é até capaz de te apagar.
- TONHO Mas o que eu fiz pra ele?
- PACO Sei lá! Só sei que ele disse que você é muito fresco e que ele vai acabar com essa frescura. Que você é um cara que não aguenta nem um peido e que ele vai te ensinar a não se atravessar na vida dos outros.

TONHO Quando ele falou isso?

PACO Hoje, no bar, me chamou e disse tudo. Falou que eu era um cara legal, mas que você era o fim da picada.

Pausa.

TONHO Acho que você fez alguma fofoca.

PACO Poxa, logo eu! Eu não sou disso.

TONHO Por que o negrão ia se invocar comigo? Não fiz nada pra ele.

PACO Se você não sabe, eu vou saber?

TONHO Alguém aprontou pra mim.

PACO Azar seu. O negrão é fogo numa briga.

TONHO Só queria saber por que ele ficou com bronca de mim.

PACO O que eu sei é que ele está uma vara com você. *(pausa)* Agora você não vai poder mais baixar no mercado.

TONHO Por que não?

PACO Vai me enganar que você vai encarar o negrão? Ele come a tua alma. O negrão é esperto. Você não conhece ele. Briga paca. Uma vez ele pegou um que dava uns dez de você, quase matou o desgraçado de tanta porrada que deu. *(pausa)* Você tem medo do negrão?

TONHO *(sem convicção)* Eu, não.

- PACO Boa, Tonho! Assim é que é. Homem macho não tem medo de homem. O negrão é grande, mas não é dois. *(pausa)* Você vai encarar ele?
- TONHO Sei lá! Ele não me fez nada. Nem eu pra ele.
- PACO Poxa, ele disse que você é fresco. Vai lá e briga. Ele é que quer.
- TONHO Você só pensa em briga.
- PACO Eu, não. Mas se um cara começar a dizer pra todo mundo que eu sou fresco, e os cambaus, eu ferro o miserável. Comigo é assim. Pode ser quem for; folgou, dou pau. *(pausa)* Como é? Vai fazer como eu, ou vai dar pra trás?
- TONHO Você podia quebrar meu galho com o negrão.
- PACO Eu, não. Em briga dos outros, eu não me meto.
- TONHO Bastava você saber o que eu fiz pra ele.
- PACO Poxa, em que caminhão você trabalhou hoje?
- TONHO No caminhão de peixe.
- PACO Era o caminhão do negrão. Ele sempre trabalha aí.
- TONHO Mas o negrão nem estava no mercado.
- PACO E daí? Só porque ele não estava, você foi pondo o bedelho?
- TONHO O chofer é que quis.
- PACO Deixa querer, quando é assim.
- TONHO Eles não iam ficar esperando a vida toda pra descarregar.

PACO Isso não é problema seu.

TONHO Se eu não pegasse, outro pegava.

PACO E pegava também a bronca do negrão.

Pausa.

O que você vai fazer?

TONHO Vou falar com ele.

PACO Olha que ele te capa. Ele não é de dar arreglo.

TONHO Que vou fazer, então?

PACO Sei lá. O negrão sacaneado é espeto.

Pausa.

TONHO O único jeito é falar com o negrão.

PACO Não vai dar pé.

TONHO Então não tem remédio.

PACO Quando você ver ele, antes de conversar, dá uma porrada.

TONHO Depois ele me mata.

PACO Mata ele primeiro. Você não é macho?

TONHO Mas não estou a fim de matar ninguém.

PACO Poxa, você é um cagão. O negrão não é bicho.

TONHO Disso eu sei.

PACO Então calça a moleira dele. (*pausa*) Quer que eu avise que você vai topar ele?

TONHO Pra que isso? Não precisa avisar nada.

PACO Limpa a tua barra. O negrão pode ficar pensando que você é de alguma coisa. Eu duvido, mas às vezes ele é até capaz de afinar.

TONHO A única saída é bater um papo com ele.

PACO Você não está a fim de briga, já vi tudo.

TONHO E não estou mesmo.

PACO Homem de merda que você é.

TONHO Só porque não quero me pegar com o negrão?

PACO Poxa, ele anda dizendo que você é fresco. Deixa barato, vai deixando. Um dia a turma começa a passar a mão no teu rabo, daí vai querer gritar, mas já é tarde, ninguém mais respeita.

Pausa.

TONHO Eu não posso brigar com o negrão! Será que você não se manca? O negrão é um cara sem eira nem beira, não tem onde cair morto. Para ele tanto faz como tanto fez. Não conta com o azar, entendeu?

PACO Você está é com o rabo na mão.

TONHO Não é medo. É que posso evitar encrenca. Falo com o negrão e acerto os ponteiros. Poxa, se eu faço uma besteira qualquer,

minha mãe é que sofre. Ela já chorou paca no dia que saí de casa.

PACO Vai me enganar que você tem casa?

TONHO Claro, como todo mundo.

PACO Então, o que veio fazer aqui? Só encher o saco dos outros? Poxa, fica lá na sua casa.

TONHO Eu bem que queria ficar. Mas minha cidade não tem emprego. Quem quer ser alguma coisa na vida tem que sair de lá. Foi o que fiz. Quando acabei o Exército, vim pra cá. Papai não pode me ajudar.

PACO Quem tem papai é bicha.

TONHO Você não tem pai, por acaso?

PACO Claro que eu tive um pai. Não sou filho de chocadeira. Só que não sei quem é. Pai pode ser qualquer um. Mãe é que a gente sabe quem é.

TONHO Eu sei quem é meu pai.

PACO Quem é teu pai?

TONHO Quem você queria que fosse? Meu pai é meu pai.

PACO Sei lá se é. Sua velha pode trepar com qualquer um.

TONHO Olha lá, miserável. Minha mãe é uma santa, e eu não admito que você fale mal dela.

PACO Guarda seus gritos pro negrão.

TONHO Não vou enfrentar negrão nenhum.

PACO Então volta pro rabo da saia da tua mãe.

TONHO Vou voltar, mas só quando me aprumar na vida.

PACO Então nunca mais vai ver sua coroa.

TONHO E por que não?

PACO Não força a paciência. Você nunca vai ser ninguém.

TONHO Eu só preciso de um sapato. Uma boa apresentação abre as portas. Se eu tivesse sorte de me ajeitar logo que cheguei, a essas horas estava longe daqui. Mas dei azar. O sapato estragou. Eu não tenho coragem de ir procurar emprego com essa droga nos pés. Tenho que desafogar aqui no mercado. Quando escrevo pra casa, digo que está tudo bem, pra sossegar o pessoal. Sei que eles não podem me ajudar. Vou me aguentando. Um dia me firmo.

PACO Vou te dar um alô. Volta pra tua casa. Aqui você só vai entrar bem.

TONHO Vontade de voltar não me falta.

PACO Então vai logo, que já vai tarde.

TONHO Não. Meu negócio é aqui.

PACO Poxa, não escutou eu te dizer que aqui não vai dar pé?

TONHO Não sei por que não vou me dar bem.

- PACO Você é muito escamoso. Tem medo de pedir emprego por causa do sapatão. Tem medo de encarar o negrão. Desse jeito, só pode tubular.
- TONHO Você podia me ajudar.
- PACO Ninguém me ajuda. Por que vou te ajudar?
- TONHO É só você me emprestar seu sapato. Eu arranjo um emprego, depois, se eu puder fazer alguma coisa por você, eu faço.
- PACO Eu, te emprestar meu sapato? Não tenho filho do seu tamanho.
- TONHO É só um dia.
- PACO Sai pra lá. Se vira de outro jeito.
- TONHO Poxa, Paco. Me quebra esse galho. Amanhã mesmo ia procurar emprego. Não precisava mais voltar nessa merda desse mercado.
- PACO Quem gosta de você é o negrão. Ele vai ficar muito triste se você não baixar mais no mercado.
- TONHO Você até parece que quer ver minha caveira.
- PACO Quero ver você se pegar com o negrão. Isso é o que eu quero ver. (*pausa*) Se o negrão te pega, não vai adiantar chamar pela mamãe. Ele vai te arrebentar.
- TONHO Amanhã a gente vê como vai ser.
- PACO Vou cagar de rir.
- TONHO Não vai acontecer nada.

- PACO Vai fugir?
- TONHO Eu, não.
- PACO Poxa, o cara é machão.
- TONHO Não sou mais valente que ninguém.
- PACO Se pensa que vai engrupir o negrão, está enganado. O negrão é vivo paca. Ele vai te enrabar.
- Os dois ficam quietos. A luz se apaga.*

Terceiro quadro

Tonho está deitado, Paco vai entrando. Senta-se na cama, fica olhando fixo para Tonho. Só depois de muito tempo é que fala.

- PACO Você é um trouxa.
- TONHO Você não tem nada que ver com a minha vida.
- PACO Afinou como uma bicha. Poxa, que papelão!
- TONHO Papelão, não. Bati um papo com o negrão, ficou tudo certo.
- PACO Você é que acha.
- TONHO O negrão está legal comigo. Até tomamos umas pinguinhas juntos.
- PACO Muito bonito pra sua cara. O sujeito te cafetina, você ainda paga bebida pra ele. Você é um otário. Deu a grana do peixe pro negrão. Quem trabalha pra homem é relógio de ponto ou bicha. Depois que você se arrancou, ele tirou um bom sarro às tuas custas. Todo mundo mijou de rir.

TONHO O negrão contou que eu dei dinheiro pra ele?

PACO Claro! Você é trouxa. E agora todo mundo sabe.

TONHO Só dei metade. Foi pra evitar briga. Eu estudei, não preciso me meter em encrenca.

PACO E acha que livrou sua cara?

TONHO Então? Agora tá tudo certo.

PACO Só que todo dia ele vai te dar uma prensa.

TONHO Não sei por quê.

PACO Porque você é um trouxa. Ele disse que não pega mais no pesado. É só ver você num caminhão, ele chega como quem não quer nada e diz que era carreto dele. Daí, te achaca. Se você achar ruim, te sapeca o braço e leva toda a grana. Se você ficar bonzinho, é tudo meio a meio. (*pausa*) O negrão é um sujeito de morte. Arranjou uma mina. O apelido dele ficou “Negrão Cafifa”. Bota as negas dele pra se virar, enquanto ele fica no bem-bom enchendo a cara de cachaça. (*pausa*) Você está frito e mal pago. Otário só entra bem.

Pausa.

TONHO O negrão está enganado comigo.

PACO Não sei por quê. Ele é vivo, conhece o gado dele.

TONHO Se ele pensa que vou trabalhar pra ele, está muito enganado.

PACO Você já trabalhou um dia.

TONHO Eu só quis evitar encrenca.

- PACO E se deu mal. Por isso eu falei que você tinha que encarar. Não me escutou, é metido a malandro, caiu do cavalo. Homem não corre do pau.
- TONHO Eu não quero nada disso. Eu estudei, Paco. Amanhã ou depois, compro um sapato, arrumo um emprego de gente e nunca mais quero saber do mercado.
- PACO Não vai ser mole. Se antes de você trabalhar pra homem não dava, agora então é que não dá mesmo.
- TONHO O negrão não pode fazer isso comigo. Não é direito.
- PACO Quem mandou você afinar? Agora é dureza fazer a moçada pensar que você é de alguma coisa. Seu apelido lá no mercado agora é “Boneca do Negrão”.
- TONHO Boneca do Negrão é a mãe!
- PACO (*avançando*) A mãe de quem?
- TONHO Sei lá! A mãe de quem falou.
- PACO Veja lá, Boneca do Negrão! Não folga comigo, não! Já tenho bronca sua porque inveja meu sapato. Se me enche o saco, te dou umas porradas. Depois, não adianta contar pro teu macho, que eu não tenho medo de negrão nenhum.
- TONHO Cala essa boca!
- PACO Está confiando na sorte, Boneca do Negrão!
- TONHO Não quero mais conversa com você.
- PACO Agora a Boneca só fala com o negrão. Mina certinha é assim. O negrão está bem servido.

TONHO Poxa, Paco, vê se me esquece.

Pausa. Tonho deita-se de costas para Paco.

PACO Volta pra casa do papai, Boneca. Lá o negrão não pega você. (*pausa*) Lá no mercado você está de barra suja. Se eu fosse você, não ia mais lá. (*pausa*) Amanhã vai ser fogo pra você. Todo mundo vai te tomar o pelo.

TONHO Amanhã não vou no mercado.

PACO Vai procurar emprego com esse sapatão jogado fora?

TONHO Não. Tenho um troço pra vender. Vou andar por aí. Se passar pra frente, pego um bom dinheiro.

PACO O que é?

TONHO Um troço que o chofer deu pra vender pra ele.

PACO Mas que troço é?

TONHO Não é da sua conta.

PACO Mas você pode falar, poxa!

TONHO Pra que falar? Pra você dar azar?

PACO Não sou que nem você que seca o sapato dos outros.

TONHO Eu não seco nada.

PACO Vive invejando o meu pisante.

TONHO Não é nada disso. Só queria emprestado seu sapato por um ou dois dias. Isso não é secar.

- PACO Não, não é! Você se invoca comigo todo dia por quê? Inveja!
- TONHO Me invoco porque você só sabe encher o saco.
- PACO Tentar te abrir o olho é encher o saco? Tá bom, daqui pra frente não aviso mais nada.
- TONHO Você, pra avisar, faz uma onda do cacete.
- PACO Onda, não. Você é que custa pra se mancar das coisas.
- TONHO Você que estica tudo. Um trocinho assim você deixa desse tamanho.
- PACO Tá bom, eu que estico. Aparece amanhã no mercado pra você ver. Todo mundo vai chamar você de Boneca do Negrão.
- TONHO Deixa chamar.
- PACO Você vai gostar?
- TONHO Claro que não.
- PACO Então o que você vai fazer?
- TONHO Finjo que não é comigo.
- PACO Bela coisa! Não vai adiantar nada.
- TONHO Então o que você pensa que eu devo fazer?
- PACO Eu não penso nada.
- TONHO Mas você não acha nada?
- PACO Acho que você devia brigar com o negrão.

TONHO Já te disse que não posso.

PACO Só porque ele é grande? Quanto mais alto, maior o tombo.

TONHO Não é isso, poxa. Eu estudei. Uma briga com o negrão não acaba nunca. Se eu acerto ele hoje, ele me pega de faca amanhã. Se escapo amanhã, ele me pega depois. Só acaba com a morte.

PACO Mata ele.

TONHO Eu estudei, meu chapa. Não estou a fim de apodrecer na cadeia por causa de um desgraçado qualquer.

PACO Então volta pra casa do papai.

TONHO Também não posso. Preciso acertar minha vida aqui. Lá naquela cidade não tenho o que fazer. Os empregos já estão ocupados, ou pagam menos que aí no mercado. Preciso acertar logo pra ajudar minha família. Já fizeram um puta sacrifício pra eu estudar. Não sei como fui ficar nessa fossa.

PACO É. Você está perdido e mora longe.

TONHO Pra você ver. Minha situação não é mole. Por isso que às vezes perco a esportiva com você.

PACO Não me venha com essa. Seu negócio comigo você já falou outro dia. É a bronca do meu pisa, que você acha legal paca. Até começou a dizer que eu tinha roubado.

TONHO Não é nada disso.

PACO É inveja. Por isso que você se invoca quando toco gaita.

TONHO Deixa de bobagem, Paco.

- PACO Bobagem? Inveja é um troço que atrapalha a vida dos outros.
- TONHO Meu problema é outro. Eu fico pensando na minha casa, no meu pessoal.
- PACO Corta essa onda! Essas suas histórias me dão um puta sono. Só sabe falar papai, mamãe. Poxa, que papo furado esse seu! Depois não quer que a moçada te ache fresco.
- TONHO É, acho que você tem razão... *(pausa)* Eu acho que é isso mesmo. Implico com você por causa do sapato.
- PACO Confessou que tem inveja de mim. Eu já sabia desde outro dia.
- TONHO Não é inveja de você, que é um coitado. É por causa dos meus sapatos que são velhos. Eu tenho vergonha deles.
- PACO O meu pisante é novo e bonito.
- TONHO Um pouco grande pra você.
- PACO Boto um pouco de jornal e ele fica uma luva.
- TONHO Pra mim, que sou mais alto que você, ele deve servir direitinho.
- PACO Mas é meu.
- TONHO Eu sei... Eu sei...
- Pausa longa. Paco começa a tocar sua gaita. Tonho fuma. Depois, pega do seu paletó, que está debaixo do travesseiro, um revólver.*
- TONHO Sabe, Paco, às vezes eu até penso que você é um bom chapa.
- PACO Está afinando, paspalho?

Tonho aponta o revólver para Paco.

TONHO Estou pensando seriamente em conseguir um sapato igual ao seu.

PACO Pede pro negrão. (Ri.)

Paco vê o revólver na mão de Tonho, para de rir.

Que é?... Poxa, não vem com ideia de jerico pra cima de mim...
Que é?... Quer roubar meu pisante?

TONHO Não precisa ficar com medo. Não vou te roubar. O berro está sem bala.

PACO Pra que isso, então?

TONHO Foi o que o cara lá do mercado deu pra eu passar nos cobres.

PACO Poxa, pensei... Poxa, você é um bom cara. Fiquei encagaçado. Pensei que você ia afanar o meu sapato.

TONHO Não tinha pensado nisso, mas até que é boa ideia.

PACO O revólver está sem bala, lembra? Você mesmo que falou.

TONHO É, está sem bala.

PACO É bom não esquecer isso. Que, sem arma, ninguém bota a mão no meu sapato.

TONHO Pode ficar sossegado, não vou tentar.

PACO (*Pega um alicate.*) Agora fique sabendo de uma coisa: se vier com parte de besta, vai levar ferro.

TONHO Você é muito valente.

PACO Não tem negrão nenhum pra tirar dinheiro de mim.

TONHO Corta esse papo!

PACO Então não se mete comigo.

Pausa.

TONHO Só queria saber onde você conseguiu esse sapato.

PACO Já falei. Um cara me deu.

TONHO A troco de nada?

PACO Ele me viu tocar, gostou e me deu.

TONHO Poxa, não mente.

PACO Não estou mentindo.

TONHO Você vai querer que eu engula essa conversa?

PACO Se não quiser acreditar, se dane.

TONHO Poxa, você toca mal paca.

PACO Gaita, eu toco mal, paspalhão. Eu estou tentando aprender. Mas na flauta eu sou cobra.

TONHO Você toca flauta?

PACO Eu tiro tudo quanto é chorinho.

Pausa longa. Tonho pega o maço de cigarros, acende um.

TONHO Quer fumar?

PACO Vai me dar um?

TONHO Pega. (*Joga um cigarro.*)

PACO Puta milagre!

Os dois fumam em silêncio.

TONHO Onde você aprendeu a tocar flauta?

PACO No asilo. Lá eles ensinam pra gente!

TONHO Onde foi parar a sua flauta?

PACO Passaram a mão nela.

TONHO E o otário deixou. Onde estava o alicate?

PACO Eu estava chapado paca. Me apaguei na calçada mesmo. Quando acordei, cadê a flauta? Algum desgraçado tinha passado a mão nela. Daí, me estrepei do primeiro ao quinto.

TONHO Por que não compra outra?

PACO Como? Ganhava grana com a flauta, tocando aí pelos bares. Sem ela, tubulei. Me virando aí pelo mercado, estou perdido e mal pago.

TONHO É...

PACO Mas, quando aprender gaita, adeus, mercado. Dou pinote. Me largo na vida de novo. Não quero outra coisa. Só ali no come-dorme. Pelos bares, enchendo a caveira de cachaça, às custas dos trouxas. Você precisava ver, seu! Arrumava cada jogada!

Sentava na mesa dos bacanas. Bebia, bebia, bebia, tocava um pouquinho só e metia o olho na coxa da mulherada. Era de lascar. Poxa, vida legal eu levava!

TONHO Se quiser treinar nessa gaita, treina.

PACO O negócio é esse.

Paco começa a tocar.

TONHO Eu só queria um par de sapatos. Eu, às vezes, fico morto de vergonha quando na rua olho para os pés das pessoas que passam. Todas calçam um pisante legal. Só eu é que uso essa porcaria toda furada. Isso me deixa na fossa... Chego até a pensar em me matar.

Paco tira um som monstruoso na gaita. Paco para de tocar e fica olhando fixo para Tonho. Depois cai na gargalhada.

TONHO Qual é a graça?

PACO Poxa, você é cheio de piada.

TONHO Você é uma besta.

PACO Posso ser uma besta, mas tenho um puta sapato bacana.

TONHO Toca essa merda. Enquanto toca, você não fala besteira.

Paco ri e começa a tocar, balançando o pé provocadoramente.

Pare com essa pata!

PACO (*rindo*) Você manda, chefe.

Pausa.

TONHO *(como desculpa)* Eu ando bronqueado... É por causa desses sapatos.

Paco volta a tocar.

TONHO Se eu tivesse os sapatos, tudo seria fácil. Eu arranjava um bom emprego. *(pausa)* Sabe, Paco, eu estive pensando que você podia me emprestar o seu sapato.

PACO Ficou goiaba?

TONHO Só até eu arrumar emprego.

PACO Olha pra minha cara. Vê se eu tenho cara de trouxa.

TONHO É só pra me ajudar. Depois que eu estiver trabalhando, te ajudo a comprar a flauta.

PACO Olha pra você. *(Faz gesto.)*

TONHO Poxa, você não entende nada.

PACO Te manjo, vagabundo! Te empresto meu pisante, você se manda e eu fico ali no ora-veja.

TONHO Não é nada disso. Só pensei...

PACO Pensando morreu um burro.

TONHO Que devia ser teu pai.

PACO Que dormia com sua mãe.

TONHO Chega, pombas!

PACO Chega, uma ova!

TONHO É melhor calar a boca.

PACO Cala a tua primeiro.

TONHO Está bem.

PACO Pô, só sabe agourar meu sapato.

TONHO Chega, poxa!

PACO É isso mesmo. Toda noite é o mesmo papo furado. Ando até apavorado de tirar o pé do sapato. Tenho medo de dar sopa e você afanar.

TONHO Não sou ladrão.

PACO Sei lá!

TONHO É melhor mixar esse assunto.

PACO Você que começou.

TONHO Então acaba.

PACO Acaba.

Os dois ficam quietos.

TONHO Só preciso de um sapato. Eu estudei, poxa! Podia ser até alguém na vida. Sou inteligente, podia ter uma chance. Não precisava viver nessa bosta como um vagabundo qualquer. Tenho que aturar até desaforo.

PACO Você fala bonito.

TONHO Só preciso de um sapato.

PACO E daí? Eu só precisava da flauta.

Tonho acende um cigarro. Está nervoso.

TONHO Estou pensando...

PACO Você pensa muito, vai acabar queimando a mufa.

Pausa.

TONHO Já dormiu, Paco?

PACO Não.

TONHO Tá pensando em quê?

PACO Se eu tivesse a minha flauta, me mandava agora mesmo. Não ia te aturar nem mais um pouco. Você é chato paca.

TONHO Você pensa que eu te adoro? Se tivesse sapato, já tinha me mandado.

Paco começa a tocar.

TONHO Poxa, você precisa mesmo da flauta. Na gaita, você é uma desgraça.

PACO Sem sapatos, você não vai longe. Não vai fugir do negrão. Só vai entrar bem.

TONHO (*gritando*) Eu preciso de um sapato! Eu preciso de um sapato novo!

PACO Boa, durão. Gritar como uma múmia resolve paca.

TONHO É... Não sei o que fazer.

- PACO Você está bem estrepado. Não tem sapato. Não pode mais dar as caras no mercado. Não quer voltar pra casa do papai.
- TONHO Não quero voltar, não. Não posso aparecer desse jeito lá em casa.
- PACO Eu sei de uma saída pra você.
- TONHO Qual é?
- PACO Você não vai topar.
- TONHO Fala.
- PACO Compre uma bala e apaga o negrão.
- TONHO Você é louco. Não sou assassino. Eu estudei...
- PACO Eu sei, eu sei. Tem família e prefere ser a Boneca do Negrão.
- TONHO Prefiro nada.
- PACO Então mete um caroco na testa do bruto.
- Pausa.*
- TONHO O crime não resolve.
- PACO Pelo menos, o negrão não te torrava a paciência nunca mais.
- TONHO Eu não quero matar ninguém. Só queria me livrar dessa joça de vida.
- PACO Dá um tiro na orelha.
- TONHO Você só diz besteira.

PACO Poxa, as saídas que eu encontro você nunca quer.

TONHO Tem de haver um jeito direito de eu me aprumar na vida.

Pausa longa.

PACO Oi...

TONHO Que é?

Pausa.

PACO Sabe o que você podia fazer para se acertar?

TONHO Fala.

PACO Você tem um berro, os outros têm o sapato.

TONHO E daí?

PACO A razão pode estar do seu lado, poxa!

TONHO Não entendo. Fala claro.

PACO Você é um trouxa. Não manja nada. Vai morrer sendo a Boneca do Negrão. Tem a faca e o queijo na mão e não sabe cortar. Poxa, já vi muito cara louco, mas você é o rei. Quero que se dane!

Paco se vira pra dormir. Tonho fica pensativo. Acende um cigarro e fuma. A luz se apaga devagar.

Quarto quadro

Tonho está deitado, entra Paco.

- PACO Poxa, você fez bem em não baixar no mercado. Todo mundo procurou paca a Boneca do Negrão. *(Ri.)* O negrão ficou uma vara. Não pegou no batente contando com o achaque que ia dar em você, se estrepou. Não arrumou grana nem pra tomar uma pinga. A moçada gozou a cara dele às pampas. Todo mundo tirou sarro. Falavam: Poxa, negrão, cadê a Boneca? Secou? A mina te passou pra trás? O negrão não dizia nada, mas se via que ele estava uma vara. *(pausa)* Como é? Vendeu o revólver?
- TONHO Não. Eu não saí daqui o dia todo.
- PACO Nem pra comer?
- TONHO Não tenho fome.
- PACO Assim você vai tubular.
- TONHO Que se dane!
- PACO Poxa, mas você não ia sair pra vender a arma?
- TONHO Desisti.
- PACO Por quê?
- TONHO Com essa pinta aqui, com esse sapato de merda, sair oferecendo o revólver por aí, além de ninguém querer comprar, era capaz de acabar indo preso.
- PACO Preso?

- TONHO Eram capazes de pensar que eu era um ladrão que arrumei essa arma em algum assalto. Eles sempre pensam o pior de um cara mal vestido.
- PACO Tem disso.
- TONHO Pra você ver.
- PACO Quem tem que ver é você, que está fodido e mal pago. *(pausa)* Do jeito que vai a coisa, a única saída sua vai ser voltar pra casa do papai.
- TONHO Pensei bastante nisso hoje. Só não me mandei porque não tenho dinheiro nem para a passagem.
- PACO E não vai ser mole arrumar. O que você arranjar no mercado, o negrão vai te tomar. Ainda mais agora que a moçada só te chama de Boneca do Negrão, ele está cheio da razão.
- TONHO Não apareço mais na droga do mercado. Se for lá, sou capaz até de fazer uma besteira.
- PACO Devia ir e fazer. Homem macho por muito menos desgraça um. E tem que ser assim. Ou segura as pontas firme, ou então a canalhada monta. Se eu fosse você, ia lá hoje mesmo e botava pra jambrar. Começava no negrão. Chegava nele e dizia: Quero bater um papo com você, ninguém pode escutar. Enrolava, enrolava e, quando ele estivesse entrando na minha, eu mandava ele pro inferno. Se alguém ciscasse, dava uma igual. *(pausa)* Também tem um negócio. Eu entrava de sola, mas eu não sou boneca de nenhum negrão. Agora, você, não sei. Os caras lá me perguntaram o que eu achava de você. Eu disse que não sabia. Que comigo você nunca desmunhecou. Também disse que vai ver que você se enrustia comigo porque sabia que eu só vou de mulher.

- TONHO Você disse isso? Você é nojento!
- PACO Nojento é você, Boneca do Negrão.
- TONHO Como você pode dizer uma coisa dessa de mim?
- PACO Eu digo mesmo. Não ponho a mão no fogo por ninguém.
- TONHO Vida desgraçada! Tem que ser sempre assim. Cada um por si e se dane o resto. Ninguém ajuda ninguém. Se um sujeito está na merda, não encontra um camarada pra lhe dar uma colher de chá. E ainda aparece uns miseráveis pra pisar na cabeça da gente. Depois, quando um cara desses se torna um sujeito estrepado, todo mundo acha ruim. Desgraça de vida!
- PACO Poxa, mas é assim mesmo. Que é que você queria? Que alguém fosse se virar por você? Se quiser isso, está louco. Vai acabar batendo a cuca no poste. Poxa, você acha que eu é que vou andar dizendo por aí que você não é bicha? Quero que você se dane! Se não é Boneca do Negrão, vai lá e limpa sua barra.
- TONHO É assim mesmo. (*pausa*) Paco, uma vez na vida você podia fazer uma coisa decente. Podia ajudar um cara que está estrepado mesmo.
- PACO Não dou arreglo. Mesmo que possa, não dou bandeja pra sacana nenhum. Nunca ninguém me deu nada.
- TONHO Esse cara que te deu o sapato não te ajudou?
- PACO Ajudou nada. Ele deu o pisa porque queria que eu andasse soprando flauta. Se não fosse isso, estava descalço até hoje. Você acha que alguém dá alguma coisa de graça pra alguém? Só você mesmo, que foi dar grana pro negrão.

Pausa.

TONHO Você deve ter levado uma vida desgraçada pra não acreditar em ninguém.

PACO Poxa, que onda é essa? Vida desgraçada é a sua! A minha sempre foi legal. Nunca ninguém folgou com a minha cara. Vida azarada é a sua. Não tem pisante, não tem coragem de botar os peitos com o negrão, é bicha e tudo. Agora não enche o saco com a minha vida. Ela até que está legal. E ainda pode melhorar. É só eu aprender a tocar gaita.

Pausa.

TONHO Hoje eu pensei em muita coisa.

PACO E daí?

TONHO Eu sei como você pode conseguir uma flauta.

PACO Por que você não pensa pra você?

TONHO Pensei. E como eu posso conseguir o sapato, você pode conseguir uma flauta.

PACO Como?

TONHO Com dinheiro.

PACO Poxa, você é bidu paca, boneca!

TONHO Acontece que sei onde tem dinheiro.

PACO Eu também sei. No Banco do Brasil.

TONHO Dinheiro fácil de pegar.

PACO Então conta pro negrão.

TONHO Estou falando sério, paspalho.

Pausa.

PACO Se abre de uma vez. Onde está a grana?

TONHO No parque.

PACO Ele nasce nas árvores, né, Boneca?

TONHO Não, imbecil! No bolso dos trouxas.

PACO É só pedir que eles dão pra gente.

TONHO É só pedir e apontar isso.

Tonho mostra o revólver. Os dois ficam em silêncio.

PACO Um assalto?

TONHO É. Um assalto.

Pausa. Os dois se olham fixo nos olhos.

PACO Pode ser sua saída.

TONHO E sua também.

PACO Não estou no mato.

TONHO Não precisa da flauta?

PACO É... Isso é.

Pausa.

TONHO Como é?

PACO Como é o quê?

TONHO Você topa?

PACO Topo! (*pausa*) Você está me gozando, poxa?

TONHO Não. Falei sério.

PACO Pode ser boa pedida.

TONHO É minha saída.

PACO Devia ter pensado nisso antes.

TONHO Não gosto disso. Só vou entrar nessa porque não vejo outro jeito de me arrumar. Se não fosse aquele maldito negrão, eu acabava me ajeitando à custa de trabalho. Também, se der certo, não me meto em outra, pode crer.

PACO Chega de ficar aí chorando como uma múmia. Vamos apanhar logo o trouxa.

TONHO Devagar com o andar.

PACO Devagar, nada. Vamos firme, que não tem mosquito.

TONHO É preciso bolar o plano.

PACO Mas, poxa, pra que perder tempo com frescura? Do jeito que vier, a gente estraçalha e fim.

TONHO Espera aí, Paco. Não se afobe.

PACO Poxa, mas você é cheio de frescura.

TONHO Frescura, não. Só que não vou entrar a olho.

PACO Vá, então, desembucha logo sua bolação de uma vez.

TONHO Nós vamos assaltar um casal de namorados.

PACO Até aí é legal.

TONHO É o que tem de mais fácil. A gente fica em lugar escuro, os namorados vão ali pra bolinar, a gente ataca.

PACO Poxa, como você é biduzão! Juro que nunca ia pensar que um troço tão legal desse ia sair de sua cachola. Juro por Deus, poxa! Esse negócio que você bolou é bárbaro!

TONHO Entendeu a jogada?

PACO Estou inteirinho por dentro. A gente limpa o sujeito, espanta ele e passa a mulher na cara.

TONHO Ei! Nada disso!

PACO Não morei nessa.

TONHO Nada de fazer maldade com a moça.

PACO Mas que maldade, seu?

TONHO Essa de espantar o sujeito e maltratar a moça.

PACO Essa que é a tua?

TONHO Natural! Só estou a fim de arrumar dinheiro.

PACO E daí? Se podemos tirar um sarro, não vamos dispensar.

TONHO Assim mixa o assalto.

PACO Boneca é uma desgraça.

TONHO Boneca, não! Vê lá como fala. Já me encheu o saco essa história.

PACO Deixa de onda. É Boneca mesmo. Agora tive a prova. Não querer mulher é o fim da picada.

TONHO Não sou tarado.

PACO É bicha.

TONHO Eu nunca vou agarrar mulher à força.

PACO Não vai agarrar de jeito nenhum. É bicha.

TONHO Corta esse papo!

PACO Vai mijar pra trás?

TONHO Não faço acordo com tarado.

PACO Nem eu com Boneca de Negrão.

TONHO Então cala a boca e fim.

PACO Eu falo quanto quero. Não vai ser uma bichona que vai mandar em mim.

TONHO Então fala sozinho.

PACO Se me der na telha, falo mesmo.

Pausa.

Como é?

- TONHO Nada feito.
- PACO Poxa, mas é sua saída.
- TONHO Mas já vi que não vai dar certo.
- PACO Não seja afinado.
- TONHO Não adianta, já percebi.
- PACO Percebeu o quê?
- TONHO Que com você nada dá pé.
- PACO Comigo? Não sei por quê.
- TONHO Você é tarado. Eu só quero um sapato. Não vou desgraçar ninguém.
- PACO Não quer mulher?
- TONHO Na marra, não.
- PACO E você apanha de outro jeito?
- TONHO Claro. Sempre apanhei. Lá na minha terra eu tinha uma namorada que era um estouro.
- PACO Lá na sua cidade todo mundo é fresco como você. Aqui nunca te vi com mulher.
- TONHO Natural. Quem é que vai querer namorar com um sujeito assim? Com um sapato que é uma droga.
- PACO Isso é desculpa, mas em mim não gruda. Eu te manjo.
- TONHO Você fala muito, mas eu também nunca te vi com mulher.

- PACO Mas eu... (*Encabula, depois fica bravo.*) Eu pego mulher sempre. Quando eu tocava flauta, eu sempre me dava bem. Pergunte pra qualquer um.
- TONHO Mentira sua! Você é até cabaço.
- PACO Eu sempre tenho mulher! Estou te dizendo. Tenho a hora que quiser, está bem?
- TONHO Tem nada.
- PACO Não sou Boneca de Negrão.
- TONHO Não muda de assunto.
- PACO Eu quero saber do assalto. Isso é que eu quero saber.
- TONHO Não vai ter assalto nenhum, paspalho.
- PACO Então quem se dana é você.
- TONHO Problema meu. Agora, que você nunca teve mulher, eu sei bem.
- PACO Juro que tive.
- TONHO Teve coisa nenhuma.
- PACO Filho da puta!
- TONHO O pessoal lá no mercado precisa saber dessa história.
- PACO Vai ter coragem de aparecer lá? Vai, Boneca do Negrão?
- TONHO Vou lhe avisar uma coisa. Não me chame mais por apelido. Se chamar, vai ter.

PACO Então não faz onda comigo.

TONHO Se você me encher o saco, eu encho o seu.

Pausa.

PACO Esqueceu o assalto?

TONHO Vai assaltar sozinho, tarado!

PACO Você não quer um pisa?

TONHO Pode deixar que eu cuido de mim.

PACO Então cuida. Mas no mercado você não pode aparecer. *(Ri.)*

A luz se apaga devagar.

Quinto quadro

Paco está deitado tocando gaita. Entra Tonho.

PACO Poxa, onde você se meteu?

TONHO Não tenho que te dar satisfação.

PACO Você não apareceu no mercado. Eu vim aqui, não te achei. Eu precisava falar com você.

TONHO O que você quer?

PACO A gente precisa bater papo sobre o assalto.

TONHO Nada feito.

PACO Poxa, a gente pode acertar o pé.

TONHO Ou se estrear de uma vez.

PACO Mais embananado do que você já está, não vai poder ficar.

TONHO Quando se está de azar, tudo dá errado.

PACO Mas que nada! Tudo sai direito.

TONHO Não conte comigo.

PACO Poxa, mas você está cheio de minhoca na cabeça. Vai ser moleza.

TONHO Então vai sozinho.

PACO Mas é você que está a perigo. O negrão não te esquece. Hoje ele queria vir aqui te apertar. Eu é que tirei ele de onda. Disse pra ele que você era legal, falei do assalto e tudo. Ele achou boa pedida. Vai até fazer um igual.

TONHO Então vai com ele.

PACO Ele me sacaneou. Vai levar o Carocinho no meu lugar. Poxa, aquele negrão é cheio de xaveco. Me passou pra trás direto.

TONHO Poxa, ele não é seu amigo?

PACO Amigo, o cacete! Eu não sou amigo de homem.

TONHO Tomara que a polícia pegue ele.

PACO Pega nada! O negrão dá uma sorte bárbara. Sempre tem um cara dando moleza pra ele. Arrumou você pra cafetinar... E hoje o filho da puta me levou no bico. Dei toda a ficha do assalto pro desgraçado, e ele não me deixou ir junto. Vai levar aquela besta do Carocinho, um miserável que não é de coisa nenhuma.

TONHO Bem feito, pra você aprender. Mas por que não deixaram você ir junto?

PACO Foi o negrão. Disse que eu sou muito porra-louca.

TONHO Nisso ele tá certo.

PACO Tá certo o quê? Ele é uma besta e aquele Carocinho vai entrar bem comigo. Não tinha nada que botar o nariz nessa jogada.

TONHO Você é metido a malandro, mas todo mundo te leva.

PACO Deixa isso pra lá. Vamos fazer o assalto, poxa! Um troço legal pra gente fazer tá aí.

TONHO Vai sozinho.

PACO Sozinho não dá pé. Se o cara resolve encarar, é um contra um e engrossa tudo. Vamos nós dois. A gente fica mais perigoso que o negrão e a besta do Carocinho. Daí, o negrão tem que te respeitar.

TONHO Eu não quero nem ouvir falar nesse negrão.

PACO Poxa, mas como você vai se livrar dele? Só pegando nome de cara estrepado.

TONHO É. Sei lá... Esse negrão é a minha desgraça.

PACO Você podia apagar ele. Se você quiser, eu tomo conta do Carocinho.

TONHO Não, meu negócio não é esse.

PACO Então tem que ser o assalto.

TONHO Também não.

PACO Vai querer voltar pra casa do papai como uma bichona?

TONHO Que merda!

Tonho anda nervoso de um lado para outro.

PACO Sua saída tem que ser o assalto. Você pode conseguir o pisante que quiser. Pode até fazer o cara ficar nu e pegar a roupa dele pra você. É a sua chance, poxa!

TONHO Olha, Paco, meu terno, se eu mandar no tintureiro, ainda quebra um galho. Só preciso mesmo é de um sapato. Você podia emprestar o seu.

PACO Neca! Pode tirar isso da cachola.

TONHO Só por umas horas.

PACO Não. Sua saída é o assalto. Você limpa sua cara, ninguém vai te chamar de Boneca do Negrão, nem nada. *(pausa longa)* Poxa, quem bolou o negócio foi você mesmo. *(pausa)* Não precisa do pisante?

TONHO E você da flauta.

PACO Então vamos meter a cara.

TONHO Podia ir. Mas se tivesse certeza de que você não ia bancar o tarado.

PACO Logo eu? Mas que é isso? *(pausa)* Você está com bronca minha à toa. *(pausa)* A gente deixa a mulher pra lá. *(pausa)* Juro que não faço nada pra mulher.

TONHO Você jura?

- PACO Juro por Deus.
- TONHO Jura que só faz o que eu mandar?
- PACO Pela alma da minha mãe! Quero que ela se dane de verde e amarelo no inferno, se eu te sacanear. *(pausa)* Deixa de frescura e vamos logo!
- TONHO Ainda não sei se vou.
- PACO Então resolve logo.
- TONHO Pode dar azar.
- PACO Vamos firme. O negrão e o Carocinho já devem estar lá.
- TONHO Não tenho nada a ver com eles. Quero que eles se danem.
- PACO Eu também. E o Carocinho, que se dane mais, pra deixar de ser abelhudo.
- TONHO Está bom. Vamos meter a cara e seja o que Deus quiser.
- PACO Boa, Tonho! Vamos nós.
- TONHO Mas tem um porém...
- PACO Se abre.
- TONHO Eu que mando mesmo.
- PACO Já falei que topo, poxa!
- TONHO E, se você se fizer de besta, te apronto um xaveco.
- PACO Está bem, seu!

TONHO Assaltamos os namorados e é só. Eu aponto o revólver, eles se apavoram, limpamos o cara e damos no pé.

PACO Mas o revólver está sem bala. Você mesmo disse.

TONHO Quem vai saber? Só se a gente contar.

PACO E se o cara não puser o galho dentro? Pode ser um cara de briga e sair no pau. E a mulher pode gritar paca.

TONHO Não grita, não. Vai por mim.

PACO Se eles espernearem, dou uma paulada na cabeça do desgraçado.

TONHO Nada disso.

PACO Se complicar, dou.

TONHO Só faz o que eu mandar.

PACO Mas, poxa, se a mulher botar a boca no trombone? Quer que todo mundo flagre a gente com a boca na botija? Dou uma na cuca do cara e fim. Calam o bico na hora.

TONHO Não precisa nada disso.

PACO Se se assanharem, precisa.

TONHO Está bem. Se eu mandar, você dá.

PACO Se gritarem, levam pau.

TONHO Só se gritarem, então.

PACO Poxa, claro que é! Se ficarem bonzinhos, não precisa porrada.

TONHO Veja lá o que vai aprontar.

PACO Deixa de frescura e vamos logo. (*Paco vai sair, Tonho fica sentado.*) Poxa, você vai ficar aí parado? (*Tonho vacila.*)

TONHO Acho que não tem remédio. Vamos nós.

PACO Positivo! Vamos pras cabeças! (*Paco vai sair, Tonho o segura.*)

PACO Mas que é agora?

TONHO Eu que mando, entendeu? Você só faz o que eu mandar! Entendeu bem? Eu que mando.

PACO Claro, chefe. Você que manda. Mas vamos logo, chefe.

Os dois saem. O pano fecha. Fim do primeiro ato.

SEGUNDO ATO

O pano se abre, vão entrando Tonho e Paco. O primeiro traz um par de sapatos na mão e, nos bolsos, as bugigangas roubadas. Está bastante nervoso. Paco traz um porrete na mão e está alegre.

PACO Belo serviço!

TONHO Você é um miserável!

PACO Não começa a encher o saco.

TONHO Não precisava bater no cara.

PACO Bati e pronto.

TONHO Agora a polícia vai pegar no teu pé.

PACO Os tiras não sabem quem foi.

TONHO O sujeito que levou a porrada sabe.

PACO Ele está estarrado.

TONHO Vai sarar e te entrega.

PACO Que nada! Aquele se acabou de vez.

TONHO Deus queira que não.

PACO Poxa, meu! Naquele nem Deus dá jeito. Mandei o desgraçado direto pras picas.

TONHO E a mulher? Esqueceu da mulher?

- PACO Que tem ela?
- TONHO Ela também viu seu focinho.
- PACO E daí? Eu também vi o dela.
- TONHO Ela te entrega pros tiras.
- PACO Eu quero que ela se dane. Ela não sabe onde eu moro.
- TONHO Ela descreve o seu tipo e a polícia te acha.
- PACO Poxa, tira não é bidu. Não acham ninguém.
- TONHO Não, é? Quero ver quando eles te pegarem.
- PACO Não me aporrinha, seu! A mulher tinha cara de fuinha, deve ser uma burrona. De corpo ainda quebrava um galho. Mas de cara era um bofé. Não vai descrever ninguém.
- TONHO O único sabido é você.
- PACO Eu sou mesmo.
- TONHO Espera pra ver. Vai em cana direto.
- PACO Se eu for em cana, quem se estrepa é você.
- TONHO Quem derrubou o cara é que se dana.
- PACO E foi legal pra chuchu. Poff... E o cara caiu que nem um balão apagado.
- TONHO Podia ser muito fácil. Não precisava bancar o valente.

PACO Bancar o valente, o cacete! Dei pra valer. Sou mau paca. Pra mim, não tem bom. Você viu no parque. O cara se fez de besta, tomou o dele.

TONHO O cara não fez nada. Tomamos o que queríamos, era só vir embora. Não precisava bater.

PACO Bati. E daí? Vai se doer por ele?

TONHO Eu, não. Mas a polícia vai.

PACO Você me torra o saco com essa história de polícia.

TONHO Natural.

PACO Natural o quê? Você está é cagado de medo.

TONHO Claro. Eu não quero ser preso.

PACO Cadeia foi feita pra homem.

TONHO Não pra mim.

PACO Você é melhor que os outros?

TONHO Eu estudei.

PACO Bela merda! Pra levar a vida que você leva, tanto faz estar preso ou solto. *(pausa)* E tem um negócio: se um cara fresco como você vai em cana, está perdido e mal pago. A turma se serve às tuas custas. Logo vira a boneca de todos. Mas disso acho que você vai até gostar, porque é bicha mesmo.

TONHO Tomara que a polícia te pegue logo.

PACO Já te falei que se me pegarem o azar é seu.

TONHO O meu negócio é leve. Uns três meses. Agora você fica apodrecendo lá.

PACO Não sei por que eu vou ficar mais tempo que você.

TONHO Eu sei. Você usou violência. É perigoso. Fica guardado.

PACO Você é o chefe.

TONHO Quem tem chefe é índio.

PACO No assalto do parque você era o chefe.

TONHO Não era chefe de coisa nenhuma.

PACO Claro que era, poxa! Você ficou aí berrando um cacetão de tempo. (*imita Tonho*) Eu é que mando! Eu é que mando! Na minha terra quem manda é o chefe.

TONHO Canalha!

PACO É a mãe.

TONHO Nojento!

PACO Nojento é você, que quer tirar o ló da seringa.

Pausa.

TONHO Deus queira que você não tenha machucado muito o cara.

PACO Não fica secando. Aquele morreu e fim.

TONHO Você quer que o cara morra?

PACO Claro, poxa! A porrada que eu dei foi pra matar.

TONHO Você é um animal.

PACO Vá à merda!

TONHO Eu vou dar o fora. Agora que eu tenho o meu sapato, posso me arrumar. Posso, não. Vou. Arrumo um emprego de gente e ajeito a vida.

PACO E eu?

TONHO Quero que você se dane!

PACO Você se arranja, e eu fico jogado fora?

TONHO Problema seu.

PACO Poxa, você não vai se arrumar às minhas custas.

TONHO Deixa de onda. Eu nunca mais vou querer escutar falar de você. Não te aturo mais.

PACO Mas vai ter que engolir. Vai escutar muito falatório de mim.

TONHO Essa, não.

PACO Não? Você vai ver. Você não me conhece. Eu sou mais eu. Eu sou Paco. Cara estrepado. Ruim como a peste. Agora vou ser mais eu. Se o desgraçado do parque se danou, melhor. Minha fuça vai sair em tudo que é jornal. Todos vão se apavorar de saber que Paco, o perigoso, anda solto por aí.

TONHO Você é maluco.

PACO Boa! Paco Maluco, o Perigoso. Assim que eu quero que os jornais escrevam de mim. Vai ser fogo. Os namorados do parque não vão ter sossego. E a tiragem nunca me apanha.

Pode espalhar por aí que Paco Maluco, o Perigoso, disse que não nasceu polícia pra pegar ele. Daqui pra frente, vai ser broca. Como chefe você era uma droga. Cheio de grito, cheio de bafo, mas não era de nada. Mas tem um porém. Só pra você não dizer que eu sou sacanajeiro, vou te botar de segundo chefe. Você vai ajudar a manear a moçada.

TONHO Que moçada, paspalho?

PACO Dobra a língua, filho de uma vaca! Paspalho é a tua mãe. Com Paco Maluco, o Perigoso, você tem que ter cuidado ou cai do burro. Vou te dar uma colher de chá, mas abre o teu olho. Se folgar, leva ferro. Você vai ser o segundo chefe pra ajudar a tomar conta da moçada que eu vou botar no nosso gango. Paco Maluco, o Perigoso, quer ser chefe de muita gente.

TONHO Acabou?

PACO Não. Tem mais. Daqui pra frente, não vamos assaltar só por dinheiro. Eu quero a mulher também. Vai ser um negócio legal. Eu vou ter uma faca, um revólver e meu alicate. Limpo o cara, daí mando ele ficar nu na frente da mulher. Daí, digo pra ele: Que prefere, miserável? Um tiro, uma facada ou um beliscão? O cara, tremendo de medo, escolhe o beliscão. Daí eu pego o alicate e aperto o saco do bruto até ele se arrear. Paco Maluco, o Perigoso, fala macio pra mulher: Agora nós, belezinha. Começo a bolinar a piranha, beijo ela paca, deixo ela bem tarada e derrubo ela ali mesmo no parque. Legal!

TONHO Agora acabou?

PACO Quer mais?

TONHO Escuta bem, então, Paco Maluco de merda. Você é nojento. E não pensa que eu sou o cara do parque. Se você se fizer de besta comigo, eu te acerto. E pra seu governo, não estou disposto a

te aturar. E, antes que eu me esqueça, nunca mais entro noutra fria dessas.

PACO Vai mijar pra trás? Já sabia. Bicha é assim mesmo.

TONHO Já te avisei.

PACO Que é? Vai engrossar por quê? É bicha mesmo.

TONHO É melhor você deixar de frescura comigo.

PACO Quem tem frescura é você, que é bicha.

TONHO (*Avança para Paco.*) Canalha!

PACO (*Pega o porrete.*) Vem! Vem, veado!

Tonho para.

(Zomba.) Como é? Afinou?

TONHO (*contendo-se*) Vamos dividir a muamba. Quero ir embora.

PACO Vai cair fora?

TONHO Já vou tarde. Cansei de aturar você. (*Põe as bugigangas na cama de Paco.*) Está tudo aí. Vamos repartir de uma vez.

PACO Vira o bolso.

TONHO Está tudo aí. Vamos repartir e pronto.

PACO Vira o bolso e não estica o papo. Não adianta querer me engrupir. Tenho noventa anos de janela.

TONHO (*Vira os bolsos para fora.*) Está contente?

- PACO Não venha com truque.
- TONHO Vai ser tudo meio a meio.
- PACO Assim é que é.
- TONHO Metade da grana pra cada um. (*Conta o dinheiro e dá a parte do Paco.*) A carteira pra mim, o relógio pra você. (*Cada um pega o seu.*) O anel pra mim, o isqueiro pra você. (*Cada um pega o seu.*) O broche pra mim, a pulseira pra você. (*Cada um pega o seu.*) Os brincos pra você, a caneta pra mim. (*Tonho vai pegar, Paco segura a mão dele.*) Que é?
- PACO A caneta vale mais.
- TONHO E daí? O relógio que ficou pra você vale mais que a carteira.
- PACO É igual.
- TONHO Não é, não. O relógio vale mais.
- PACO A caneta é minha. O brinco é seu.
- TONHO Mas o que você vai fazer com a caneta, Paco? Você não sabe escrever.
- PACO Vou vender.
- TONHO Vende o brinco.
- PACO Pra quem?
- TONHO Sei lá!
- PACO Só se for pra alguma bicha.

TONHO E daí? Então vende.

PACO Como a única bicha que conheço é você, fica com o brinco, e eu, com a caneta.

TONHO Não faz onda, miserável.

PACO Não é onda e não tem arreglo.

TONHO Vou topar pra evitar encrenca.

PACO Melhor pra você.

TONHO Você fica com o cinto, e eu, com o sapato.

PACO E no teu rabo não vai nada?

TONHO Que é agora?

PACO Pensa que vai me levar no bico?

TONHO Não penso nada. Só quero o sapato.

PACO Fica querendo.

TONHO Mas só fiz o assalto por causa do sapato.

PACO E eu, pela flauta.

TONHO E você não ia querer que o cara estivesse namorando com a flauta na mão.

PACO De longe eu pensei que a mulher estivesse pegando a flauta do cara. *(Ri.)* Quando cheguei perto é que vi que não era flauta. *(Ri.)*

TONHO Muito engraçado.

- PACO E agora como vai ser?
- TONHO O sapato é meu.
- PACO E a minha flauta?
- TONHO Sei lá!
- PACO Você pensa que eu sou trouxa? Você arruma o seu pisante, e eu fico sem a minha flauta? Banana pra você.
- TONHO Poxa, vende tudo e compra a flauta.
- PACO Assim ainda vá lá.
- TONHO Tá vendo, falando a gente se entende.
- PACO Sempre digo isso, mas parece que eu falo gringo. Você custa pra morar no assunto.
- TONHO Bom, está tudo certinho. *(Paco começa a pegar todas as coisas.)*
Você está pegando as minhas coisas.
- PACO Que suas coisas?
- TONHO Pegou minha carteira e meu broche.
- PACO Seu, uma ova!
- TONHO Mas não ficou tudo acertado?
- PACO Claro que ficou.
- TONHO Então deixa as minhas coisas aí.
- PACO Só o sapato que é seu. O resto é meu.

TONHO Não se faz de besta.

PACO Foi você mesmo quem quis.

TONHO Eu, não.

PACO Como não? Você falou: Vende tudo e compra a flauta.

TONHO Tudo que é seu.

PACO Muito malandro, você. Mas comigo, não. Escutei bem. Não sou surdo.

TONHO Vamos, passa pra cá minhas coisas.

PACO Está brincando!

TONHO Não força a paciência!

PACO Vou dar arreglo só pra encurtar o assunto. Mas não vai ser como você está pensando. Vai ser tudo mano a mano mesmo.

TONHO Então anda logo.

PACO Metade da grana pra cada um. Relógio, isqueiro, caneta e carteira, pra mim. Pulseira, anel, broche e cinta pra você. Topa?

TONHO O brinco pra você, o sapato pra mim.

PACO Não! Um brinco pra você, outro pra mim. Um pé de sapato pra você, outro pra mim.

TONHO O sapato é meu.

PACO Um pé pra cada um.

TONHO Não seja burro. O que é que eu vou fazer com um pé de sapato?

PACO Não sei, nem quero saber.

TONHO O sapato é meu. Eu já falei mais de mil vezes. Eu só entrei nesse assalto por causa dele e vou ficar com ele.

PACO Então o resto é meu.

TONHO O resto meio a meio.

PACO Aqui pra você! (*Faz gesto.*) Ninguém me leva no tapa.

Pausa.

TONHO Está bem, Paco. Fique com tudo. Você me levou no bico, mas não faz mal.

PACO Tapeei nada. O sapato vale mais.

TONHO Vale uma ova!

PACO (*rindo*) Está bem! Te levei no bico. Mas não precisa chorar, não. Qualquer um é passado pra trás por Paco Maluco, o Perigoso.

Paco examina as coisas, e Tonho começa a se preparar pra ir embora. Pega um jornal debaixo da cama, estica e começa a embrulhar as suas coisas.

PACO Olha, pega os brincos pra você. (*Paco joga os brincos em cima da cama.*) Quando for sair de brinco, avisa. Quero ver a bichona toda enfeitada. Vou morrer de rir. (*pausa*) Está juntando suas drogas? (*Tonho não responde.*) Pensa que vai embora?

TONHO Penso, não. Vou.

PACO Você não pode ir.

TONHO Quem falou?

PACO Eu.

TONHO Bela merda!

PACO Pois é, mas você não vai se mandar.

TONHO E por que não?

PACO Porque nós temos que ficar juntos.

TONHO Você é besta. Não te aguento nem mais um minuto.

PACO Mas vai ter que aguentar. Aonde vai um, vai o outro.

TONHO Não me faça rir. Só de olhar pro teu focinho me dá vontade de vomitar.

PACO Poxa, você quer se largar pra me entregar pra polícia. Pensa que eu não sei?

TONHO Eu nunca faria isso.

PACO Não confio em bicha.

TONHO Bicha é você. E, se não confia em mim, vai ter que confiar. Vou me arrancar e não quero nem saber.

PACO Você está com pinta de entregador. Veja lá, vagabundo.

TONHO Pode ficar sossegado. Só vou mesmo porque não te aturo mais.

- PACO Nem eu aturo você.
- TONHO Melhor assim. Cada um vai pro seu lado.
- PACO E se você me caguetar?
- TONHO Você faz o mesmo comigo.
- PACO E faço mesmo.
- TONHO Então pronto.
- PACO Pronto. (*pausa*) Você vai se mandar já?
- TONHO Agora mesmo.
- PACO Dorme aí hoje. Já pagou o quarto mesmo.
- TONHO Não quero nem saber. Vou já.
- PACO Poxa, mas você não tem lugar pra ficar.
- TONHO Me viro.
- PACO Pra onde você está querendo ir?
- TONHO Não é da sua conta.
- PACO Eu sei que não é, mas você podia dizer.
- TONHO Pra quê?
- PACO Pra mim ir lá de vez em quando bater um papinho com você.
- TONHO Pra você me encher o saco? Nunca!

PACO Não é isso. É que alguém pode me dar algum recado pra mim te dar e eu vou lá te falar. Você não lembra daquele dia que aquele crioulo lá no mercado falou que ia te arrebentar de tanta porrada que ia te dar e que eu vim te avisar e você foi lá e limpou a tua cara com ele. Se não fosse isso, ele ia te apagar.

TONHO Aquilo era naquele tempo. Agora não quero saber nem de negrão, nem de mercado, nem de droga nenhuma.

PACO Sorte sua, então.

Paco senta-se na cama. Pausa.

TONHO Escuta, Paco. Eu vou cuidar da minha vida. Agora que tenho sapato, vou me acertar. Estou cansado de curtir a pior aqui na rampa. Vê se você também se ajeita, compra a tua flauta e se arranca daqui. Aqui não dá futuro.

PACO Eu vou comprar um revólver e uma faca, pra poder ser o perigoso dos namorados.

TONHO Sua cabeça é seu guia. Mas é melhor você comprar a sua flauta.

PACO Só se for pra atochar em você. Meu negócio é o revólver, que bota a razão do meu lado.

TONHO Você é que sabe.

PACO Sei de mim. Isso é que é.

Começa a tocar a gaita. Tonho acaba de fazer seu embrulho e começa a calçar seu sapato, que não entra no seu pé, porque é muito pequeno.

TONHO Poxa, é pequeno pra mim.

PACO Que é? Não quer entrar?

TONHO É pequeno.

PACO (*rindo*) Poxa! Molha o pé.

TONHO Pra quê?

PACO Talvez teu pé encolha. (*Ri.*)

TONHO Já chega essa droga! Vê se não me enche o saco!

PACO Poxa, quem manda ter a patola do tamanho de um bonde? (*Ri.*)

Tonho insiste, mas nada consegue.

TONHO Só comigo acontece uma coisa dessas.

PACO Você é pé-frio.

TONHO (*Bate na madeira.*) Pé-frio, o cacete!

PACO Usou tanto tempo a pata dentro daquele casco furado que esfriou o pé.

TONHO Pombas!

PACO Pior é que vai ter que continuar usando o pisante velho.

TONHO Que azar!

PACO No próximo assalto, pergunta o número que o desgraçado calça.

Tonho tenta mais uma vez, nada consegue. Paco, diante do novo fracasso, delira de alegria.

PACO Corta o bico do pisa. Vai de dedão de fora, mas vai. (*Ri.*)

TONHO Não enche, poxa!

PACO Está brava, bichona? Por causa do pezão?

Tonho fica em silêncio, olhando com tristeza para seu sapato

PACO Não vai se mandar?

TONHO Com essa droga não dá.

Paco estoura de rir. Começa a dançar e a cantar.

PACO A bichona tem pata grande. A patola da bicha é grande. Grande, grande, grande. A pata da bichona é grande. Ou o sapato é pequeno?

TONHO (*Contém-se.*) Escuta, Paco.

PACO Fala, patola.

TONHO Você vê que azar que eu dei?

PACO Agora você tem que fazer outro assalto.

TONHO Não quero mais saber desse negócio. Eu só entrei nessa jogada porque precisava do sapato.

PACO Poxa, chorar não adianta nada. Vamos sair pra outra.

TONHO Pra mim, não dá mais. Não tenho estômago pra essas coisas. Eu estudei, Paco. Só tive aquela infeliz ideia do assalto porque precisava mesmo do sapato. Eu quero ser como todo mundo, ter um emprego de gente, trabalhar.

PACO Poxa, se você quer ser otário como todo mundo, vai. Mas não começa a chorar, que isso me enche o saco.

- TONHO Mas como é que eu vou, se essa droga não me serve?
- PACO Só tem uma saída.
- TONHO Qual é?
- PACO Fazer outro assalto.
- TONHO Assalto não é saída. A gente faz um agora, sai bem. Amanhã faz outro, acaba se estrepando. Quando sai da cadeia, está ruim de vida novamente, tem que apelar novamente, mais uma vez. Assalto não resolve. Assalto é uma roda-viva que não para nunca.
- PACO Então, você está estrepado de verde e amarelo.
- TONHO Estou. Mas sei o remédio. Você pode me ajudar.
- PACO Já vou te avisando que não sou camelo.
- TONHO Eu sei. Nem quero que você pense que eu estou querendo te enrolar.
- PACO Então desembucha de uma vez.
- TONHO Está bem. Olha, esse sapato aqui é pequeno pra mim.
- PACO Já sei disso.
- TONHO Eu sou mais alto que você, tenho o pé um pouco maior que o seu.
- PACO Pouco maior, o cacete! Sua patola só entra numa lancha.
- TONHO O que interessa é que você é mais baixo. Esse sapato deve te servir.

PACO Quer vender? Mas eu já tenho pisa.

TONHO Eu sei. Mas o seu sapato é um pouco grande pra você. Pra mim, que sou mais alto, ele deve servir direitinho.

PACO E daí?

TONHO A gente podia trocar de sapato.

PACO Você é louco? Poxa, eu acho que ficou goiaba.

TONHO Mas o que tem? É uma troca legal. Você me ajuda, nós dois ficamos com sapato, e eu posso ir cuidar da minha vida.

PACO Eu quero que sua vida se dane!

TONHO Mas, Paco, esse sapato serve direitinho em você!

PACO E daí? Eu sou Paco Maluco, o Perigoso. Uso o sapato que eu quero.

TONHO Mas é só pra me dar uma colher de chá.

PACO Mas que colher de chá? Não sou igreja!

TONHO Poxa, não custa nada trocar de sapato.

PACO Você pensa que é muito malandro, mas na escola que você andou eu fui expulso. Quando você está indo, eu estou voltando. Sou vivo paca.

TONHO Ninguém quer te enganar.

PACO E, mesmo que quisesse, não ia conseguir, bichona. Você é malandro lá pros teus machos, mas comigo, não!

TONHO Em que você acha que eu quero te enganar?

PACO Está na cara, bichona. A gente troca o pisante, você se manda. Quando os tiras te pegam, você sai bem, não tem nada com o assalto. E eu vou andando pela rua com essa droga, a mulher com cara de fuinha vê o pisa, bota a boca no trombone e é o fim do Paco Maluco, o Perigoso. *(pausa)* Que diz, bichona? Queria me levar no bico, mas não deu, né? *(Tonho fica sentado na cama, olhando para o chão.)* Só tem uma saída. É fazer novo assalto. *(Paco enche bem o saco de Tonho.)* Agora, se a bichona não quiser, se tiver medo dos tiras, vai acabar andando descalço por aí. Poxa, vai ser gozado paca ver a bichona descalça, de brinco na orelha, rebolando o bundão. Quando ela passar no mercado então é que vai ser legal. Para tudo. A moçada vai se divertir. Eu, então, vou cagar de rir de ver a bichona. Todo mundo vai gritar: *(Fala com voz fina.)* Tonha! Tonha, bichona! Maria Tonha, bichona louca! *(Ri.)* Tonha Bichona, arruma um coronel velhusco, ele pode te dar um sapatinho de salto alto. *(Ri.)* Poxa, está aí uma saída pra você, Tonha Bichona. *(Paco sacode Tonho.)* Estou falando com você, bichona. Falei que você pode arrumar um coronel velhusco e ele te dá um sapatinho de salto alto. *(Ri.)* Não vai arrumar? Você vai ficar uma boneca de salto alto e brinco na orelha. Poxa, Maria Tonha Bichona Louca, você não agradece?

Tonho está contido, mas bem nervoso.

TONHO Pelo amor de Deus, Paco, me deixa em paz! Me deixa em paz!

PACO Ai, ai, como a bicha é nervosa!

TONHO *(nervoso)* Estou te pedindo, Paco. Pelo amor de Deus, me deixa em paz! *(chorando)* Minha vida é uma merda, eu já não aguento mais. Me esquece! Não quer trocar o sapato, não troca. Mas cala essa boca. Será que você não compreende? Eu estudei, posso ser alguma coisa na puta da vida. Estou cansado

de tudo isso. De comer mal, de dormir nessa joça, de trabalhar no mercado, de te aturar. Estou farto! Me deixa em paz! É só o que te peço. Pelo amor de Deus, me deixa em paz! *(Esconde a cabeça entre as mãos e chora nervosamente.)*

PACO Ai, ai, como a Tonha Bichona está nervosinha.

TONHO Por favor, Paco. Chega! Chega!

PACO Chega, uma ova! Não tenho que aturar sua choradeira! Para de chorar, anda!

Tonho se contém. Está lívido. Olha fixamente para Paco.

Assim. Bicha tem que obedecer. Não gosto de choradeira de bicha. Não gosta da sua droga de vida, se dane! Dá um tiro nos cornos e não enche mais o saco dos outros. Quer continuar respirando, continua, mas ninguém tem nada com a sua aporrinhão. Precisa de alguma droga? Desaperta de arma na mão. Para que serve esse revólver que você tem aí? Usa essa porcaria! Ou se mata, ou aponta pra cara de algum filho da puta desses que andam por aí e toma o que você quiser! Mas eu não quero mais escutar choradeira.

Pausa.

TONHO Você tem razão. *(Pega o revólver e fica olhando fixamente para a arma.)* Você nunca mais vai escutar eu chorar. Nem você, nem ninguém. Pra mim, não tem escolha. O que tem que ser é. *(Continua olhando a arma. Pausa.)*

PACO Esse revólver não tem bala.

TONHO Eu sei. Mas é fácil botar uma bala no tambor. *(Tira do bolso da calça uma bala e a olha fixamente, antes de colocá-la no tambor.)* Como vê, Paco, agora não falta nada.

Paco está sentado na cama, meio assustado. Pausa.

- PACO Que vai fazer?
- TONHO Estou pensando.
- PACO Você vai se matar? (*pausa*) Você vai se matar? (*pausa*) Vai acabar com você mesmo?
- TONHO (*bem pausado*) Vou acabar com você, Paco.
- PACO Comigo? Poxa, comigo? Mas eu não te fiz nada.
- TONHO Você disse que eu era bicha.
- PACO Estava brincando.
- TONHO Pois é. Mas seu brinquedo me enchia o saco.
- PACO Poxa, se você não gosta, mixa a brincadeira e pronto.
- TONHO Você é muito chato, Paco.
- PACO Eu juro. Juro por Deus que corto a onda. Juro!
- TONHO Também preciso de um par de sapatos. O que eu tenho não serve pra mim.
- PACO O meu lhe serve. A gente troca de sapato.
- TONHO Eu não preciso disso, Paco. Basta eu apontar o berro pra algum cara, e ele vira o rabo. É só eu querer.
- PACO Poxa, Tonho, nós sempre fomos parceiros. Você sempre foi um cara legal. Não vai fazer papelão comigo agora.

TONHO Paco, você é um monte de merda, você fede. Você é nojento.

PACO (*forçando o riso*) Você quer me gozar.

TONHO Vou acabar com a sua raça, vagabundo.

PACO Mas, poxa... poxa...

TONHO Vou te apagar, canalha.

PACO Escuta, Tonho... Eu... poxa... eu não te fiz nada.

TONHO Vai se acabar aqui, Paco.

PACO Tonho, você não pode me sacanear... Não pode...

Tonho vem avançando lentamente para junto de Paco.

Mas, poxa, Tonho... Nós sempre fomos amigos...

TONHO Quem tem amigo é puta de zona.

PACO Escuta, Tonho.

TONHO Cala a boca.

Pausa.

TONHO Assim. Agora acabou a sua boca-dura. Vamos ver como está a sua malandragem. Cadê o dinheiro, a caneta, o isqueiro, o cinto, o relógio, o anel, o broche, a pulseira? Anda, quero tudo! Não escutou?

Paco põe tudo sobre a cama.

Tira o sapato, vamos!

- PACO Meu... sapato...
- TONHO Passa pra cá. (*Paco tira o sapato.*) Agora vamos dividir tudo. Meio a meio.
- PACO Claro. Poxa... Assim que tem que ser.
- TONHO Tudo pra mim. O brinco pra você. (*Tonho joga o brinco em cima de Paco.*) Acabou sua malandragem. Bota essa droga na orelha!
- PACO Poxa, Tonho... Isso é sacanagem.
- Tonho encosta o revólver na testa de Paco.*
- TONHO Não conversa e faz o que eu mando.
- Paco põe o brinco.*
- Agora anda pra lá e pra cá. Anda! É surdo, desgraçado?
- Paco anda.*
- Rebola! Rebola, miserável, rebola!
- PACO Escuta, Tonho... Isso não!
- TONHO Rebola! Rebola, filho da puta! (*Paco anda rebolando. Está quase chorando.*) Bicha! Bicha sem-vergonha! Ria, bicha! Ria!
- Paco ri. A sua risada mais parece choro.*
- (*sem rir*) Estou cagando de rir de você, bicha louca!
- Paco começa a chorar.*

PACO Poxa, Tonho, não faz isso comigo. Poxa, Tonho! Pelo amor de Deus! Não faz isso comigo!

TONHO Cala a boca!

PACO Tonho... eu...

TONHO Fecha o bico. (*pausa*) Cadê o alicate? (*Paco treme.*) Dá o alicate! (*Paco entrega o alicate.*)

TONHO (*frio*) Vou acabar com você. Mas te dou uma chance. Prefere um tiro nos cornos ou um beliscão? Só que o beliscão vai ser no saco com o alicate. E, enquanto eu aperto, você vai ter que tocar gaita. (*pausa*) Anda, escolhe logo!

Paco cai de joelhos.

PACO Pelo amor de Deus, não faz isso comigo! Pelo amor de Deus... Juro... Eu juro... eu não te encho mais o saco... Nunca mais... Pelo amor de Deus, deixa eu me arrancar... Eu... eu juro.

TONHO Cala a boca! Você me dá nojo.

Tonho cospe na cara de Paco. Tonho encosta o revólver na cara de Paco e fuzila.

Se acabou, malandro. Se apagou. Foi pras picas. (*Paco vai caindo devagar. Tonho fica algum tempo em silêncio, depois começa a rir e vai pegando as coisas de Paco.*) Por que você não ri agora, paspalho? Por que não ri? Eu estou estourando de rir! (*Toca a gaita e dança.*) Até danço de alegria! Eu sou mau! Eu sou o Tonho Maluco, o Perigoso! Mau pacas!

Pega as bugigangas e sai dançando. O pano se fecha.

fim

QUANDO AS
MÁQUINAS PARAM

A primeira versão dessa peça chamava-se *Enquanto os navios atracam*. Foi escrita e encenada em 1963, no Teatro de Arena, aos sábados à tarde, no projeto Teatro Universitário. *Quando as máquinas param*, na sua versão definitiva, estreou em 14 de outubro de 1967, no Teatro de Arte, sala pequena do Teatro Brasileiro de Comédia (TBC), em São Paulo, com Miriam Mehler e Luis Gustavo e direção de Plínio Marcos. Em 1971, continuando a campanha de popularização do teatro, iniciada com a peça *Balbina de Iansã* (e retomada em 1980 com a criação de *O Bando*), foi realizada a montagem no Sindicato dos Têxteis, em São Paulo, para operários e estudantes de cursos de alfabetização do método Paulo Freire.

Personagens

NINA; ZÉ

Primeiro quadro

Ao abrir o pano, Nina está cozinhando. Fora de cena ouve-se o barulho da molecada jogando bola. De repente, todos gritam: "Goooooollll! Boa, Zé! Zé é o cobra!"

ZÉ *(fora de cena)* Comigo é assim. Bola no barbante. Um a zero pra nós. E vai ter mais.

Voltam a jogar como antes. Nina vai até a janela.

NINA Muito bonito, Zé! Eu te esperando com a janta, e você jogando bola com a molecada! Vem comer, homem!

ZÉ *(fora de cena)* Pra mim mixou. Meu técnico tirou meu time de campo.

A molecada fora de cena grita: "Fugiu de medo, cagou no dedo!"

NINA *(na janela)* Por que não vão falar palavrão na porta de suas casas?

A molecada vaia.

ZÉ *(entrando)* Qual é a bronca, Feola dos pobres?

NINA Essa molecada aí. Ficam falando palavrão aqui em frente. Por que não vão jogar noutro lugar?

ZÉ Bola murcha! Tá queimada porque tomou vaia. Que você queria? Tirou o Pelé de campo, leva vaia mesmo.

NINA Não tem vergonha? Homem casado brincando com moleque de rua.

ZÉ Vai me esculachar agora?

NINA Não está certo, tá?

ZÉ Papo furado esse seu.

NINA Devia tomar jeito.

ZÉ Deixa de onda. Que é que tem? Bater bola nunca fez mal a ninguém. Até ajuda a esquecer.

NINA Esquecer? Sei. Que adianta esquecer?

ZÉ Pelo menos não me arde o coco.

NINA Arde o meu.

ZÉ Quem manda ficar bronqueada à toa?

NINA À toa? Quem aguenta os cobradores aí na porta sou eu.

ZÉ Dispensa eles e fim. Que vou fazer?

NINA Eu sei o que devia fazer.

ZÉ Devia pagar?

NINA Claro!

ZÉ Mas, como não posso pagar, deixo pra lá. Conta nova deixo ficar velha, e conta velha eu não pago.

NINA Muito bonito pra nossa cara.

ZÉ Mas, pombas! Se não posso pagar, não é culpa minha!

NINA Seu Antônio da venda não quer saber. Já mandou receber umas vinte vezes.

ZÉ Que merda!

NINA Olha a boca, Zé!

ZÉ É isso mesmo!

NINA Mas não precisa falar palavrão.

ZÉ E merda é palavrão?

NINA É! E eu não gosto que fale.

ZÉ Eu falo. Falo quanto quiser. O que esse labrego está pensando? Que eu vou roubar pra pagar ele? Que se dane! Que a gente já se danou há muito tempo.

NINA Ele não fia mais pra nós.

ZÉ Azar!

NINA Azar nosso!

ZÉ E dele também. Porque agora, mesmo que possa, não pago o desgraçado.

NINA Isso é que não! Quando a gente puder, a gente paga até o último tostão. Compramos, agora temos que pagar. Não gosto de ficar devendo nada pra ninguém. Deus me livre de dar calote nos outros!

ZÉ E ele vai ficar na miséria só por causa desse cano que a gente vai dar?

NINA Não quero saber. Gastou, pagou.

ZÉ Essa conta sai na urina. Ele rouba no quilo mesmo.

- NINA Se ele é ladrão, nós devíamos era não comprar lá e pronto. Agora temos que aceitar tudo sem reclamar.
- ZÉ E não vamos comprar mais lá mesmo.
- NINA Agora que ele não quer vender, né?
- ZÉ Pobre é uma desgraça. Gente rica, que tem os tubos, não se afoba para pagar. Não querem nem saber.
- NINA Eles são eles! Nós somos nós!
- ZÉ Só que quem sempre se estrepa somos nós. Aquela coroa grã-fina já fez o acerto do vestido que você fez pra ela? *(pausa)* Pagou uma ova!
- NINA Não pagou, mas vai pagar.
- ZÉ No dia de São Nunca.
- NINA Ela sempre pagou.
- ZÉ Nessa altura do campeonato, aquele vestido já deve estar todo esbagaçado. A empregada dela deve estar agradando na gafeira com aquele pano. E nós aqui, no ora-veja.
- NINA Como você gosta de falar. Não faz ainda nem um mês que ela levou o vestido.
- ZÉ O cacete! Eu ainda estava firme no basquete quando ela veio aqui experimentar. Foi ou não foi? *(pausa)* Não responde, é que foi mesmo. Agora, quando o labrego vier aqui estrilar, manda ele receber na casa da piranha.
- NINA Era só o que faltava!

ZÉ Então quem quiser que espere. Não estou no desvio porque quero. E não vou me azucrinar para pagar conta nenhuma.

NINA Quem atura cobrador na porta sou eu.

ZÉ Vou arrumar um cachorro. Quero ver quem põe o nariz aí no portão.

Pausa.

NINA Zé, não é pra te encher. Mas você fica jogando bola aí com a molecada, a vizinhança pensa que você é vagabundo. Todo mundo sabe que você está desempregado.

ZÉ Ninguém tem nada com a nossa vida.

NINA Mas eles falam.

ZÉ Deixa falar. Não sou o único que está parado aqui nesse bairro. Só nessa rua tem uns vinte.

NINA Mas ninguém fica jogando bola com a molecada na rua.

ZÉ Eu fico! E daí? Gosto de brincar com moleque. Quem quiser se badalar na minha vida, que se badale. Pombas! Não tenho que dar satisfação a vizinho nenhum. Que zorra! É preferível ficar batendo bola aí na rua do que ficar nos botecos enchendo o caco.

NINA Natural que é. Mas você é homem casado.

ZÉ E daí?

NINA E daí é que não fica bem.

ZÉ Não fica bem é eu não ter onde trabalhar. Isso é que não fica bem. E me arranjar uma viração ninguém quer. (*pausa*) Escuta, Nina, a vida não está sopa. Se a gente não se espalha um pouco, acaba endoidando.

NINA Eu sei. Mas às vezes fico com medo que você machuque um moleque desses. Deus nos livre e guarde! Mas você joga aí como se fosse a Copa do Mundo.

ZÉ (*rindo*) Só vou na bola. Não machuco ninguém. Sei brincar, e depois essa molecada é legal paca. Gosto deles pra chuchu.

NINA Só que eles têm a boca suja.

ZÉ Moleque é assim mesmo.

NINA Não sei por que precisa falar palavrão.

ZÉ Falam por falar. Mas são boa gente. Todos eles. Tem uns aí que jogam direitinho. Podem até ir pra frente e pegar um time bom. O Carvãozinho é um. Como joga o diabo do crioulinho! Nanico daquele jeito e dribla paca. Vai longe.

NINA (*sorrindo*) Deus queira.

ZÉ Tomara.

Pausa grande.

NINA Está pensando em quê, Zé?

ZÉ Nessa molecada. Eles passam o dia na rua. Os que não derem sorte com bola estão lascados! Que nem eu.

NINA Deus é grande.

ZÉ Mas parece que esqueceu da gente.

NINA Não diz bobagem.

ZÉ Todo dia ando pra cima e pra baixo e não há meio de arrumar uma vaga.

NINA Não pode desanimar.

ZÉ Não pode mesmo. Mas às vezes o cara arreia. O pior é que tudo quanto é fábrica está mandando gente embora. Só a Fipam mandou mil ontem. E dizem que vão mandar mais na semana que vem.

NINA Que será que está havendo?

ZÉ O quê? Esse governo.

NINA Mas tem que melhorar um dia!

ZÉ Pior não pode ficar.

NINA E o sindicato?

ZÉ Que pode fazer? Eles indenizam a gente e fim.

NINA Mas não dá para fazer uma greve?

ZÉ Ficou louca? Onde já se viu greve de desempregado?

NINA Dos desempregados, não. Mas os que estão trabalhando paravam, até ter emprego pra todos.

ZÉ Você está sonhando.

NINA Não sei por quê.

ZÉ Pombas, Nina! Não diz besteira!

NINA Besteira, não! Antes, não tinha greve por qualquer coisinha? Até por bobagem faziam greve. Parecia até que ninguém gostava de trabalhar. Agora que a coisa é séria, ninguém fala em greve.

ZÉ Isso era antigamente. Agora o papo é outro.

NINA São todos uns moles.

ZÉ Moles, não! Só que é cada um para si e olha lá. Quem tem emprego não quer saber. O cara que se assanha um pouco cai do burro. E todo mundo sabe que não é canja arrumar outra vaga. Até eu, que sou mais bobo, se estivesse trabalhando, me fechava em copas. Quem dá sopa pro azar é trouxa.

Pausa.

NINA Mas o sindicato devia fazer alguma coisa.

ZÉ Fazer o quê?

NINA Sei lá! Mas fazer alguma coisa para os sócios.

ZÉ E não faz? Tem médico de graça. Tem dentista. Tem remédio com cinquenta por cento de desconto. Tem uma porção de coisas.

NINA Tem! Tem mesa de pingue-pongue e tudo!

ZÉ Pombas! Como você está azeda hoje!

NINA E não é pra estar?

ZÉ Você não é durona? Não fica aí dizendo que a gente não deve desanimar? Então segura as pontas agora. Deus não é grande e os cambaus? Então aguenta a mão. Chorar não adianta. Pombas! Será que você pensa que só você é que se aporrinha com essa joça? Eu também ando de saco cheio. Pensa que gosto de ficar devendo pra todo mundo? Gosto, o cacete! Por mim, não devia um putto de um tostão pra putto nenhum.

NINA Poxa, Zé! Desabafa, mas não fala nome feio.

ZÉ Está bom, Nina. Você ganhou. Um a zero pra você.

NINA (*pondo comida na mesa*) Vem comer, Zé! (*Zé senta-se à mesa.*)
Pra amanhã não tem mais feijão.

ZÉ Amanhã é outro dia.

NINA Seu Antônio da venda não fia mais pra gente.

ZÉ Já escutei isso mil vezes.

NINA E o dinheiro da indenização já acabou.

ZÉ E aquela porra daquela grã-fina de merda não te paga!

NINA Amanhã vou na casa da grã-fina.

ZÉ Isso! Aperta aquela vaca. Ela tem que pagar.

Pausa.

NINA Não fica chateado, Zé. Sempre se dá um jeito.

ZÉ Eu estou cansado de dar jeito, Nina. Precisava era acertar a nossa vida de uma vez.

NINA Nada como um dia atrás do outro. O que não pode é desanimar. Quem sabe amanhã a gente tem mais sorte? Se a dona Elvira pagar o vestido, a gente acerta com o seu Antônio.

ZÉ Daí ficamos sem grana e sem comida.

NINA Se a gente paga, ele volta a vender fiado.

ZÉ Será? Aquele portuga é unha de fome paca.

NINA Ele não é tão duro como parece. Agora vê se fica animado. Não ia ter jogo hoje à noite?

ZÉ Jogo mixo. Juventus e São Paulo.

NINA Escuta o jogo. Distrai.

ZÉ Não vou escutar. Não quero nem saber o resultado. Depois, se me der vontade, vou lá no boteco e vejo o videoteipe na televisão.

NINA Mas acaba tão tarde.

ZÉ Que tem? Estou no desvio mesmo. Não tenho que levantar cedo. *(pausa)* Você fica chateada se eu for?

NINA Não. É bom você se distrair.

ZÉ Mas você fica aí sozinha.

NINA Não tem importância. Vou ficar costurando o vestido da dona Helena.

ZÉ Então eu acho que vou mesmo. Só pra esfriar a mufa. Tomara que o Juventus ferre o São Paulo. Daí é que eu vou tirar um sarro da cara dos são-paulinos. Mas, se esse time perde, somem

todos os torcedores. São nojentos. Quando o Corinthians perde, eles aparecem pacas. Aí todo mundo é são-paulino. Oh, raça da peste!

NINA Vai torcer, mas não precisa arranjar briga.

ZÉ Eu, brigar por causa de futebol? Não sou trouxa! *(Pausa. Nina vai tirando os pratos da mesa.)* Você lembra? A gente estava pensando em comprar uma televisão com o décimo terceiro salário. Você lembra? Daí, caí do cavalo. Já estava até paquerando uma que vi na vitrine. Já tinha até visto o plano do crediário. Ia ser legal!

NINA Ainda acho que foi sorte não comprar. Você já pensou se nós comprássemos e depois você fosse despedido? Íamos ter que devolver e perdíamos o dinheiro da entrada e tudo.

ZÉ Mas ia ser legal ter uma, não ia?

NINA Claro que ia. Está passando cada novela bacana! A dona Helena, quando veio trazer o vestido, me contou uma tão bonita. Quase chorei!

ZÉ Você lembra daquele dia que a gente quase quebrou o pau porque você falou que queria ver um programa que é bem na hora do futebol?

NINA Lembro. *(Ri.)* Como a gente é boba, não?

ZÉ Você falou que eu era fominha, que queria a televisão só pra mim.

NINA E você logo começou a estrilar, estrilar, xingar...

ZÉ Porque você disse que eu estava com ciúme daquele fresco que era galã de novela!

NINA (rindo) Era só pra te encher.

ZÉ E eu também só falei palavrão pra te chatear. Sei que você fica bronqueada.

NINA Sei! Você ficou queimado. Ficou ou não ficou?

ZÉ Fiquei. E daí?

NINA Tá vendo?

ZÉ E não é pra ficar? Você enchia a boca quando falava o nome do perobo.

NINA Você é bobo, Zé. Você é muito mais bonito do que aquele galã.

ZÉ Se eu dou um traquejo em mim, até que fico pintoso mesmo.

NINA Convencido!

Os dois riem.

ZÉ Daí, no dia seguinte fui trabalhar. Cheguei lá e recebi o bilhete azul. Puta sacanagem!

NINA A gente nunca podia imaginar.

ZÉ Claro que eu ouvia falar que ia ter corte. Mas, pombas! Nunca pensei que ia embarcar nessa canoa furada. Pensei que só iam chutar os outros. Eu nunca perdia dia de serviço. Trabalhava direto. O mestre estava contente comigo. E tinha uma porrada de mau elemento lá. Mas não quiseram nem saber. Mandaram todos pras picas.

NINA Paciência.

ZÉ O pior é que mixou a televisão.

NINA Não vamos morrer por causa disso.

ZÉ Mas eu queria tanto te dar uma.

NINA Quando você puder, você dá.

ZÉ Amanhã vou me bater por aí. Tenho que dar uma sorte.

NINA Vai firme que Deus há de ajudar a gente.

ZÉ Eu só não me entrego porque você sempre acredita. Isso me joga pra frente paca. Poxa, Nina, como você é positiva. Você é bacana pra chuchu.

NINA Sou tua mulher, Zé.

Zé abraça Nina, e a luz apaga devagar.

Segundo quadro

Ainda no escuro, escuta-se uma radionovela.

GALÃ Dizes não?

MOCINHA É o destino que não quer nos fazer felizes.

GALÃ Devemos lutar contra o destino.

MOCINHA Não posso, não tenho forças. Papai tem muitos preconceitos e tudo faria para nos destruir. Jamais ele admitiria que sua única filha se casasse com... com...

GALÃ Um plebeu. *(acorde de música)*

Luz acende lentamente. Nina está colada ao rádio.

MOCINHA Não fales assim, Eduardo.

GALÃ É a verdade inexorável.

MOCINHA Sei que és pobre, mas tens a alma nobre.

GALÃ Teu pai só olha para a bolsa e nunca para a alma, que treme de emoção ao ver teus olhos, que são estrelas a iluminar como faróis a noite negra desse coração apaixonado, desse coração ferido pela incompreensão de tão grande amor.

MOCINHA (*Suspira.*) Eduardo!

GALÃ Helena!

MOCINHA Eduardo, que devemos fazer?

GALÃ Já que o destino não nos quer ver felizes, eu parto.

MOCINHA Para onde, Eduardo?

GALÃ Vou me alistar na Legião Estrangeira.

MOCINHA Não! Não! (*Chora. Acorde violento.*)

LOCUTOR Não percam amanhã, neste mesmo horário, a empolgante novela “Separados pelo Destino”, uma oferta de Leite de Violetas, o sabonete que seduz.

Acorde violento. Nina desliga o rádio e soluça.

ZÉ (*entrando, bem triste*) Oi, Nina.

NINA (*ainda chorosa*) Como você demorou, Zé!

ZÉ Estava lá no boteco. Teve um bochicho do cacete. Mas por que é que você está chorando?

NINA Não é nada, não.

ZÉ Alguém te aprontou alguma?

NINA Não, Zé. Não é nada, não.

ZÉ Foi o portuga da venda que veio aqui te encher? Ele te xingou? Eu quebro aquele portuga. Diz se foi ele.

NINA Imagina se ele ia ter coragem.

ZÉ Então foi a grã-fina. Ela não te pagou e ainda te deu bronca. Vaca sem calça! Amanhã quem vai cobrar ela sou eu.

NINA Ela já pagou.

ZÉ Então diz o que foi. Quero saber.

NINA Já disse que não é nada. Coisa à toa.

ZÉ Ninguém chora à toa.

NINA É por causa da novela.

ZÉ Por causa da novela?

NINA Está bonita, Zé. O pai da Helena não quer que ela case com o Eduardo, e ele vai entrar para a Legião Estrangeira.

ZÉ Legião Estrangeira! (*pausa*) Quando vier cobrador na porta, diz que eu fui para a Legião Estrangeira. Legião Estrangeira! O

governo devia pegar todos esses perobos de merda e botar pra abrir estrada no Amazonas. São todos uns vagabundos! E você ainda fica chorando como uma bezerra desmamada porque o Eduardo vai entrar para a Legião Estrangeira! Ai, ai...

NINA Você não briga por futebol?

ZÉ Futebol é outra coisa.

NINA Cada um se diverte como quer.

ZÉ Chorar não é divertimento.

NINA E brigar é?

ZÉ Briguei uma vez. E não foi por causa de futebol. Foi porque um italiano da peste, quando viu o Palmeiras tomando um couro, me atirou uma laranja na cabeça.

NINA Se não fosse no campo, não brigava.

ZÉ Vou no campo para me distrair.

NINA E toda vez que o Corinthians perde, você fica uma vara. Não se pode nem falar com você.

ZÉ O que é que você tem contra o Corinthians?

NINA E o que é que você tem contra a novela?

ZÉ É que na novela são todos uns bichas.

NINA Dor de cotovelo.

ZÉ Dor de cotovelo por quê?

NINA Sei lá.

ZÉ Eu sei. Quando chegar a hora de vender, vender para livrar a cara, a primeira coisa que vai é esse rádio.

Pausa grande.

NINA Não arrumou nada hoje?

ZÉ Se arrumasse, não estava assim.

NINA Continua ruim?

ZÉ Cada vez pior. Hoje teve uma fábrica que chutou quinhentos. E diz que não vai indenizar ninguém, senão estoura.

NINA E o sindicato?

ZÉ Vai na justiça.

NINA E adianta?

ZÉ Sei lá. Os caras têm direito.

NINA Mas se o patrão pagar, estoura.

ZÉ Aí que quero ver. (*pausa*) Está tudo uma merda, e ainda tem gente que fica chorando porque o Eduardo entrou para a Legião Estrangeira.

NINA Poxa, Zé, será que nem minha novela vou poder escutar mais?

ZÉ Pode. Mas não precisa chorar.

NINA Que vou fazer? Eles falam cada coisa bonita! Eu gostaria que você falasse assim pra mim.

- ZÉ Se eu fosse cabeça fresca, falava. Mas como eu vou pensar nessas bobagens todas se vivo azucrinado? E depois... eu nem tive estudo, nem nada.
- NINA Quando a gente namorava, você falava.
- ZÉ Você lembra, é?
- NINA Claro! Você sempre dizia: “Meu tesouro nessa vida são teus olhos de cetim. Se tu me dizes não, isso será o meu fim. Vou beber até morrer”...
- ZÉ Isso é um tango que eu escutei. Do que eu mesmo inventei, você não gostava.
- NINA O que era?
- ZÉ Não lembra que eu dizia: “Nina, nessa vida só torço pra você e pro Corinthians”?
- NINA Não gostava porque você só dizia isso no sábado, e no domingo se mandava pro campo.
- ZÉ Paixão que escravizava. Tan-tan-tan-tan tanmmm...
- NINA E a bobona que ficasse esperando.
- ZÉ E esperava. Era gamadona.
- NINA Mas agora aprendi. Demorou, já jantei. Teu prato tá aí em cima do fogão.
- ZÉ Poxa!
- NINA Ah, Zé. Tava com fome. Você demorou.

ZÉ Passei lá no boteco e tava todo mundo boquejando. Eu fiquei também. Sabe o que aconteceu?

NINA O quê?

ZÉ Prenderam o Toninho, filho da Baiana ali do 43.

NINA Aquele garotinho?

ZÉ É. Ele mesmo. Sempre jogava ali com a gente.

NINA Mas o que ele fez?

ZÉ Estava depenando um automóvel.

NINA Mas pequeno daquele jeito e já é ladrão?

ZÉ Coitado, Nina. É moleque. Não sabe o que faz.

NINA Não sabe o que faz? Falar palavrão ele sabe.

ZÉ Que tem uma coisa com outra? Palavrão eu falo. Todo mundo fala. Agora, roubar é que é espeto. Coitado! Seu Miguel Baiano está largando fogo. Pai é pai. Não quer acreditar que o filhote estivesse afanando as peças.

NINA A culpa é dos pais, que não tomam conta dos filhos. Essa molecada vive largada o dia inteiro na rua.

ZÉ Cada um faz o que pode. Vão prender dentro de casa? Moleque é moleque.

NINA Deviam botar ele numa escola.

ZÉ Fácil falar. E o tutu? Pensa que é só querer botar os filhos na escola? Custa dinheiro.

NINA Bota o filho de aprendiz de mecânico, ou qualquer outra coisa. Não é todo mundo que precisa ser doutor. Aprende um ofício. Tá aí uma grande coisa.

ZÉ Falar é moleza. Eu é que sei. Nem ofício pude aprender. Tive logo que me atirar no que pagava mais pra ajudar em casa. Fui ser ascensorista de elevador. Resultado está aí. Estou jogado fora. Operário especializado se defende. Quem tem ofício se defende. Agora, quem não sabe nada tubula. Quando cheguei na idade de gente, me meti na fábrica. Primeiro contravapor, quem levou o pé na bunda foi o trouxão aqui.

NINA Essa molecada é diferente. Eles não saem da rua.

ZÉ Conversa! O Toninho estava se virando de lavador de carro. Foi lá que se misturou com os maus elementos.

NINA Também isso lá é emprego que um pai arranje para um filho?

ZÉ Vai fazer o quê? Estão na merda. Quem pode tem que ajudar.

NINA Eles não estão tão ruins assim.

ZÉ Você é que pensa.

NINA Estão melhor do que a gente. Seu Miguel pelo menos tem emprego.

ZÉ Salário mínimo, mulher e quatro filhos. Já viu a bosta de vida que o coitado deve levar.

NINA Que mania você tem de falar nome feio!

ZÉ Porque você me enche o saco com essa onda de achar que todo mundo está melhor que nós.

NINA Sei! Nós vamos de vento em popa.

ZÉ Não, não vamos. Mas os outros também não vão. Tá todo mundo bombardeado. Até muito bacana por aí anda assombrado.

NINA O que eu sei é que o Seu Miguel podia esperar mais um pouco até arranjar um negócio melhor para o Toninho. Lavador de carro não dá futuro.

ZÉ Esperar de que jeito? Só de aluguel o cara paga cento e vinte jiripocas.

NINA Por falar em aluguel, nós estamos três meses atrasados. Seu Raul veio aí receber outra vez.

ZÉ Pombas! Quando não é um, é outro. Sempre tem que vir alguém encher o saco.

NINA Que se vai fazer? A gente deve.

ZÉ Mas o Seu Raul sabe que eu estou por baixo. Bati uma caixa com ele e tudo. Ele falou que ia segurar o apito. Que sabia que isso acontece com qualquer um. Agora vem aí dar arrocho na gente. Ele sabe que, quando eu puder, eu pago.

NINA Ele foi educado. Só queria saber se você está trabalhando.

ZÉ Você falou que eu estou me batendo por aí atrás de emprego? Falou que eu não tenho medo de trabalhar?

NINA Claro que falei, Zé. E nem precisava falar. Ele sabe quem você é. Até fez seu cartaz.

ZÉ O que ele falou de mim?

NINA Que você é um bom moço. Que foi uma pena acontecer isso com você, que é trabalhador, que sempre cumpriu com suas obrigações. Que ele sabia que você devia andar preocupado com o aluguel, porque você sempre pagou em dia. Mas que você não devia se preocupar, não. Que ele compreendia tudo.

ZÉ Pombas! Esse Seu Raul até que é bem bacana. Poxa, que cara legal! Hoje em dia, achar um que compreende o sujeito que está devendo não é sopa. Todo mundo acha que a gente não paga porque não quer. Esse papo dele me deixou contente. No duro. Que troço legal.

NINA Eu também fiquei bem alegre. A única coisa chata é que ele vai precisar da casa daqui a uns três meses.

ZÉ Vai precisar da casa?

NINA É. Vai casar a filha dele. Ele vai mudar para cá, pra deixar a casa em que ele está para ela.

ZÉ E nós?

NINA Ele falou pra gente não se preocupar. Que, em último caso, ele ajuda a gente. Dá um dinheiro pra mudança.

ZÉ Filho de uma puta! Nojento! Enganador!

NINA Que foi, Zé?

ZÉ Ele vai despejar a gente, Nina!

NINA Despejar?

ZÉ É. Ele pede a casa de fininho. Mas o que ele quer é botar a gente pra fora daqui. Canalha! Pra onde a gente vai, Nina? Pra onde?

Pausa.

NINA Mas ele falou que dá uma grana pra mudança.

ZÉ Mas pra onde a gente muda? Quem vai querer alugar casa pra desempregado? Quem?

Nina está abatida. Pausa. Zé, nervoso, tira um maço de cigarros do bolso, procura um cigarro, mas não há mais nenhum. Amassa-o, irritado, e atira o maço longe.

ZÉ Merda de vida!

Nina levanta-se, vai até a prateleira, pega um maço de cigarros e dá para o Zé.

NINA Olha aí.

ZÉ Você comprou?

NINA Claro.

ZÉ Com que dinheiro?

NINA Dona Elvira pagou o vestido. Paguei a venda, e com o troco comprei esse maço de cigarros pra você.

ZÉ Foi gastar em bobagem o seu dinheiro?

NINA Bobagem não, Zé. Você gosta.

ZÉ Poxa, Nina, como você é bacana. Se você não fosse tão positiva, eu tinha me entregado. Palavra que você me dá um puta embalo. (*Encabula.*) Desconta o palavrão.

NINA Não tem importância. Já estou acostumando.

ZÉ Você é uma firmeza. Eu gostaria de te dar uma boa vida. Você merece. Mas pegamos um mar de azar, que eu vou te contar! Se não fosse você ser quem você é, eu me entortava. Mas a gente se apruma um dia, pode botar fé.

NINA Eu acredito. Tudo tem que melhorar. Deus há de ajudar a gente. Nós nunca fizemos mal a ninguém.

ZÉ Isso é. E, quando melhorar, você vai ver que vida boa vou te dar. Logo de saída compro uma televisão.

NINA Espera firmar. Televisão é muito cara.

ZÉ Não quero nem saber o preço. Compro à prestação. Prestação é pra isso mesmo. Pra gente comprar. Aí, você vai se badalar de ver novela.

NINA E você de ver futebol!

ZÉ Mas a televisão é sua. Você é quem manda. Só vejo futebol quando não tiver programa que você goste.

Pausa.

NINA Zé...

ZÉ Ham?

NINA Você deixa sábado eu ir ver televisão na casa da Carminha?

ZÉ Que tem sábado?

NINA Desfile de misses.

ZÉ E você quer ver isso?

NINA Quero. É bonito. As moças desfilam com cada vestido bacana! Depois de maiô. Todas com cada penteado que eu vou te contar. Você deixa eu ir?

ZÉ Deixo. Mas, pra mim, você é mais bacana que todas as misses juntas.

NINA É que você não viu elas. Só que tem um negócio.

ZÉ O que é?

NINA Acaba tarde.

ZÉ Não faz mal, eu vou te buscar.

NINA Oba! Que bom!

ZÉ Agora vamos dormir. Amanhã quero sair batendo perna bem cedo. Vou em Osasco. O Otávio disse que tem uma fábrica que precisa de gente. Quem sabe dá certo?

NINA Deus ajuda. Zé, você não jantou?

ZÉ Estou sem fome.

NINA Isso é ruim. Precisa se cuidar.

ZÉ Vai por mim. Hoje não quero comer.

Pausa. Zé já está deitado, olhando Nina com malícia. Nina também vai para a cama.

NINA Você está preocupado por causa da casa?

ZÉ Nisso a gente dá um jeito.

NINA Tem que dar!

ZÉ Tem que dar!

Luz apaga. No escuro, ouve-se a voz de Nina.

NINA Zé, se eu brigasse com você, você entrava pra Legião Estrangeira?

Terceiro quadro

Nina está arrematando um vestido. Está bem contente. Entra Zé, desanimado.

ZÉ Oi, Nina!

NINA *(Pula da cadeira e dá um beijo no Zé.)* Alguma novidade?

ZÉ Tudo bola fora.

NINA Nem em Osasco?

ZÉ Lá então é que quebrou mesmo.

NINA Não tinha vaga?

ZÉ Tinha, sim. Só que o negócio lá é na base da sacanagem.

NINA Só querem oficial?

ZÉ Querem nada.

NINA Conte as coisas direito, Zé.

ZÉ É broca, Nina. Puta de um jogo sujo! Os homens só batem da barriga pra cima. Não querem nem saber. O negócio é de dar nojo.

NINA Fala claro. Explica com calma.

ZÉ Vou começar pelo começo, só pra você sentir o peso da batota.

NINA Então começa.

ZÉ Cheguei lá cedo paca e já tinha nego na fila. Mas eu fiquei um dos primeiros. Logo de saída, vi a maior tabuleta da paróquia pedindo gente. Jurava pra mim mesmo que ia tirar o pé da cova. Mas logo me toquei que ia ser na base do agrião. Quando a fila já estava dobrando a esquina, apareceu um cara dizendo que era do Departamento Pessoal. Parecia um porco, o desgraçado. Secou todo mundo. E a gente só espiando o lance. Foi um cacetão de vezes até o fim da fila e voltou. Daí, começou a tirar uns caras pro lado. Levava pro canto e blá-blá-blá, tudo cochichado. Quando os caras voltavam pra fila, vinham bem contentões. Os outros, ali, só querendo saber o mistério. Daí, o porcão chegou em mim e me levou pras encolhas.

NINA O que ele queria?

ZÉ O troço mais escamoso que já vi na puta da vida. Meteu uma papa de anjo pra cima de mim. Disse que sabia que eu estava a perigo, sabia que eu precisava do lugar e tal e coisa.

NINA Poxa, que adivinhão! Se você estava lá, é natural que queria um emprego!

ZÉ Pois é. Mas vai escutando só. Ele disse que a vida estava um osso duro de roer e que eu, que estava no desvio, devia estar dando pinotes. Que até ele, que tinha um emprego, estava

apertado. Eu, casado e tudo, sem viração, devia estar pior. E foi por aí. Maior conversador.

NINA E você deu trela?

ZÉ Só escutava.

NINA Mas você disse que era casado?

ZÉ Não disse nada.

NINA Como ele sabia?

ZÉ Sei lá. Acho que manjou a aliança.

NINA Homem também repara nessas coisas?

ZÉ Eu é que sei?

NINA Poxa, não precisa responder assim.

ZÉ Pombas! Quer ouvir o caso ou não?

NINA Então conta.

ZÉ Então não corta a história pra fazer pergunta besta.

NINA Pergunta besta, não. Eu só queria saber como ele descobriu que você era casado.

ZÉ Isso não interessa.

NINA Pra mim interessa.

ZÉ Nina! Não faz onda! Já venho da rua com os bagos cheios, chego aqui, você quer me encher mais.

NINA Desculpa, Zé. Eu só quis saber o que você dizia.

ZÉ Eu não dizia porra nenhuma. Só ouvia o porcão falar, pra ver o bicho que dava.

NINA E o que deu?

ZÉ Deu que o porco disse que, se eu queria a vaga, era com ele mesmo o ajuste. Que ele podia clarear a minha barra, mas eu tinha que adiantar o lado dele.

NINA Como? Você desculpe, mas não entendi.

ZÉ Ele queria uma grana! Queria tutu! Dinheiro! Dinheiro vivo. Não estava ali pra botar azeitona na empadinha dos outros. Queria o dele. Entendeu?

NINA Ele queria que você desse dinheiro pra ele? Que comprasse o lugar?

ZÉ Pois é. Falou que todo mundo tinha entrado na jogada. Só restava uma vaga, podia ser minha. Se eu tivesse cem jiripocas.

Pausa longa.

NINA Parece até mentira! Que coisa mais besta! Será que esse homem não sabia que quem estava lá precisava mesmo trabalhar? Que ninguém estava numa fila dessas pra brincar? Será que ele não sabe disso?

ZÉ Claro que sabe! Por isso mesmo é que achaca.

NINA Será que esse homem não sente vergonha na cara de querer roubar quem precisa? Será que ele não tem mulher? Filhos pra sustentar? E, se tem, ele não vê que é duro? Duro pra ele, que tem emprego, que dirá para os outros, que nem a gente, que

não tem onde cair morto? Será que ele não vê isso? Mas esse Deus há de castigar. O que se faz de ruim nessa terra é aqui mesmo que se paga.

ZÉ Ele sabe de tudo, Nina. Sabe bem. E sabe que esse papo de Deus castigar é conversa fiada. O negócio é ali, na mortadela. Por isso, mete a mão no bolso dos otários, que a lei é salve-se quem puder.

NINA E o sindicato?

ZÉ Que sindicato?

NINA Não vê isso?

ZÉ Ver o quê? Vou eu lá no sindicato reclamar? E daí? Fica a minha palavra contra a do porco. Porque os caras que entraram com a grana, na hora de provar, tiram o lolô da seringa. Já morreram com o dinheiro mesmo, pra que arriscar perder o emprego? Os outros que se danem! Quem não tem padrinho morre pagão mesmo. Isso é que é.

NINA Não, não pode ser assim em toda parte. Ainda existe gente boa. Não podemos perder a fé.

ZÉ Se não fosse por você, Nina, hoje eu largava mão de tudo. Ia ser o cara mais estrepado. Não queria nem saber. Começava pelo porcão. Mandava o sacana pra glória. Dava tanta porrada nele, que, quando largasse o filho da puta, nem a mãe dele ia reconhecer. Amassava o focinho dele. Desse o que desse. Palavra que hoje eu só queria ser solteiro. Fazia o azar.

NINA Você não gosta mais de mim?

ZÉ Não é isso. Eu sou gamado por você.

NINA Mas você não queria ser solteiro?

ZÉ Pra não ter responsabilidade e dar um castigo pra um cara nojento desses.

NINA Deixa que Deus castiga ele.

ZÉ Juro por tudo que é mais sagrado que eu quase que dei um murro na cara do bruto. Mas daí pensei em você e me aguentei. Pensei aí em você, chorando sozinha, se eu fosse em cana e tudo. Deixei pra lá. Me acalmei. Pensei na televisão que você quer... E aí tentei um arreglo, mas não deu. O sujeito era uma munheca. Falei até que ele podia descontar a grana do primeiro pagamento. Mas que nada! Ele queria na ficha. Nada de recibo, que podia dar truta e ele não ia pra grupo. Jogava com carta marcada. Os outros iam arrumar grana emprestada, eu que fizesse o mesmo. Quando levasse as fotografias pra acertar os papéis, tinha de bufar com o dinheiro. Desisti. Nem voltei mais pra fila. Me arranquei direto. A gente é tão jogado fora que não tem nem pra quem pedir.

Pausa longa.

NINA Por que você não contou pros outros que estavam na fila? Todo mundo podia estrilar.

ZÉ Pensei nisso. Mas eu estava tão jururu que nem tive coragem.

Pausa longa. Os dois estão bem tristes. Nina começou a alisar os cabelos de Zé.

NINA Não desanima, Zé. Tem coisa ruim que vem pra bem. Deus é grande e escreve certo por linhas tortas. Quem sabe se você não ia se dar bem por lá? E depois, Osasco é tão longe. É pra lá de onde Judas perdeu as botas. Só pra chegar naquele fim

de mundo é um tempão. Sem contar que você ia gastar meio ordenado de ônibus. O pior mesmo é que a gente quase nem ia se ver. Quando você chegasse aqui, estava na hora de voltar pra lá. Acho até que foi bom você não pegar esse emprego. E não precisa se preocupar muito com nada, não. (*quase chorando*) Eu sou sua mulher. Estou sempre com você. Venha o que vier, dê o que der. Se o Seu Raul pedir a casa e a gente não puder mais morar aqui, a gente mora em outro lugar qualquer. Na rua é que não vamos ficar. Pra comer sempre se dá jeito. Morrer de fome não vamos. A gente come na casa da minha mãe e vai se aguentando.

ZÉ Lá, não. É chato pedir favor pra sogra.

NINA É sua sogra, mas é minha mãe. Que é que tem? Ela é viúva e tudo. Melhor pra ela.

ZÉ Mas, se a gente começar a comer lá, sua irmã vai dizer por aí que eu estou cafetinando a viúva. Lá eu não quero. Prefiro passar fome.

NINA Está bem. Mas passar fome é que não vamos. Eu pego mais encomenda de costura e vamos vivendo. Tenho fé que logo você arruma emprego. Você é um homem de valor. Quer trabalhar. Eu te conheço. Sei que você nunca foi vagabundo. É só ter um pouco de paciência. Em tudo se dá um jeito.

ZÉ Eu estou começando a cansar de dar jeito pra cá, dar jeito pra lá. Eu queria era ter um negócio firme qualquer. A maior mancada que dei nessa vida foi não ter aprendido uma profissão. Já que eu não pude estudar, devia ter um ofício qualquer. Ser barbeiro, ou alfaiate, sei lá. Mas ter um ofício. Pelo menos, me especializar em alguma coisa. Torneiro mecânico trabalha, quem sabe alguma coisa se vira. Os caras que nem eu é que sempre estão na mão. Apertou, são os primeiros a irem pra rua.

NINA Não adianta lamentar. É tocar pra frente.

ZÉ Eu sei que não adianta. Só estou falando. Que posso fazer? Quando eu era pequeno tive que ir dar duro para ajudar em casa. Sempre tinha que escolher o que pagava mais. Aprendiz naquele tempo às vezes nem ganhava nada. Agora estou na mão das traças. Por isso que me dá pena ver essa molecada solta na rua. Deviam ir aprendendo um ofício.

NINA Deviam mesmo. Mas não querem saber de outra vida, só jogar bola é o que eles querem.

ZÉ Você pensa que é fácil se encaixar de aprendiz? Se fosse, não tinha tanto garoto na rua.

NINA Mas não se pode ficar pensando muito nos outros. Já temos tantos problemas.

ZÉ Eu sei. Mas é que eu gosto dessa molecada. São bons meninos. Só é pena serem largados por aí.

NINA Será que já soltaram o Toninho?

ZÉ Sei, não. Seu Miguel Baiano ia tentar soltar ele. Mas até esqueci de perguntar. Coitado do garoto.

NINA Coisas da vida.

Pausa.

ZÉ Hoje não é sábado?

NINA É.

ZÉ Não era hoje que você ia ver as misses?

NINA Mas não vou, não.

ZÉ Você queria ver. Vai. É bom, distrai.

NINA Eu, não. Você está chateado, não vou te deixar aí sozinho.

ZÉ Se é só por isso, vai. Já melhorei. Você me deu moral outra vez. Às vezes eu penso que, se eu casasse com uma bolha, eu já estava apagado. Ainda bem que eu casei com você, que é muito bacana. Quer ir ver a fofoca, vai. Você merece. Depois te pego lá.

NINA Só vou se você for no jogo.

ZÉ Com que roupa que eu vou?

NINA Hoje não joga o Corinthians?

ZÉ E daí? Entrada custa uma nota. E a gente está mais duro que pau de galinheiro.

NINA (*Tira uma nota do armário.*) Pega esse e vai.

ZÉ De onde apareceu?

NINA A dona Helena pagou a blusa dela.

ZÉ Mas vai fazer falta.

NINA Amanhã é outro dia. Vamos aproveitar hoje. Vai torcer pro teu Corinthians. E eu vou ver televisão na casa da Carminha.

ZÉ Será que devo ir?

NINA Claro que deve. Precisa se distrair. Ficar pensando é que não resolve. Só vai conseguir é ficar careca.

ZÉ Deus me livre! (*Tira um pente do bolso e penteia o cabelo.*) Se eu tenho uma coisa legal, é a juba. Bom, então tenho que picar a mula. Já estou atrasado. (*Zé pega uma bandeira do Corinthians e vai sair.*)

NINA Na volta, passa na casa da Carminha e me apanha.

ZÉ Tá. (*Dá um beijo rápido em Nina, vai sair, para na porta, volta até Nina.*) Nina.

NINA Que é?

ZÉ Nina, nessa vida só torço pra você e pro Corinthians!

Os dois riem e se abraçam. Luz apaga.

Quarto quadro

Zé está escutando um jogo pelo rádio.

LOCUTOR Clodoaldo pra Pelé, o Rei ajeita o esférico, olha a colocação dos seus, tem à sua frente um inimigo. Evita-o com majestade e lança pra Edu, que recebe livre, avança, vai chutar, chuta, e o bolão sai rente às balizas defendidas por Dimas. Placar em Vila Belmiro: Santos 4, Guarani de Campinas 0. Com esse resultado, o alvinegro praiano continua invicto e dá mais um passo rumo ao título. Vai ser cobrado o tiro de meta. Nada mais pode fazer o Guarani. Estamos no crepúsculo da partida. Beber Preá é beber vida. Preá, a cachaça dos sportistas.

*Zé desliga o rádio. Anda nervoso de um lado para outro. Entra Nina.
Traz uma sacola cheia na mão.*

NINA Oi, Zé.

ZÉ Tudo bem lá?

NINA Graças a Deus.

ZÉ A velha está positiva?

NINA Mamãe está toda contente porque vai receber uma bolada de dinheiro.

ZÉ Vai vender a casa?

NINA Ela não é louca! Vai receber o dinheiro da estrada. Lembra quando apareceu aquele advogado que descobriu que as viúvas dos ferroviários tinham direito a receber um atrasado? Aquele negócio de cargo maior? Você lembra, sim. Você até achou que o cara era vigarista.

ZÉ Achei, não. O cara cheirava a vivaldino.

NINA Pois é. Só que mamãe vai receber os atrasados. Ele que arrumou.

ZÉ Então é que vai querer ser vereador nas próximas eleições. Aquele cara não me engana.

NINA Você nunca viu ele.

ZÉ E daí? Pelo que você me falou, já me toquei.

NINA O que interessa é que minha mãe vai receber.

ZÉ Sorte dela.

NINA Você não fica contente?

ZÉ Muito! Estou morrendo de alegria.

NINA Poxa, Zé. Não é todo dia que se ganha dinheiro.

ZÉ Eu não ganhei nada.

NINA Mamãe ganhou.

ZÉ Que faça bom proveito.

NINA Mas não é porque ela se deu bem que você precisa ficar com essa cara.

ZÉ Não estou com essa cara por causa dela.

NINA Então por que está assim?

ZÉ Por causa do Guarani de merda, que só joga contra o Corinthians. Contra a gente, ficaram os onze embaixo da trave para conseguir empatar. Contra o Santos, foram lá pra frente como umas bestas. Bem feito, tomaram quatro e, se o jogo não acaba, levavam mais.

NINA Você não saiu?

ZÉ Bati uma bola com a molecada aí em frente. Depois vim escutar o jogo.

NINA Viu o jornal?

ZÉ Nada que preste.

NINA Nem hoje, que é domingo?

ZÉ Nem hoje. Só falam em guerra. Guerra no Vietnã, guerra no deserto, guerra na China, guerra na casa do cazzo. Emprego mesmo só tem mixuruca.

NINA O Zelito está indo muito bem com o táxi.

ZÉ Ele estava lá?

NINA Só foi levar a Aninha. Depois foi trabalhar. Não ia perder o domingo. Aninha disse que tem domingo que ele faz cinquenta contos livrinhos.

ZÉ Logo eles amarram o cavalo na sombra.

NINA Fim do ano acabam de pagar o táxi.

ZÉ Daí é que vai chover na horta deles.

NINA Eles estão com vontade de comprar um terreno em Suzano. Depois vão construindo devagar.

ZÉ Suzano é longe pacas.

NINA Mas vai ser deles.

ZÉ É! Depois, de carro é sopa.

NINA Eles estão bem. E merecem. O Zelito sempre trabalhou.

ZÉ (*triste*) Ele sabe guiar.

NINA Você podia aprender.

ZÉ De que jeito?

NINA O Zelito te ensina.

ZÉ Vou nessa. Ele ia querer que eu esbagaçasse o carro dele?

NINA Ele mesmo se ofereceu.

ZÉ Você foi lá chorar miséria?

NINA Eu, não. Ele que perguntou se você ainda estava parado. Daí, eu disse que estava.

ZÉ E ele morreu de pena.

NINA Só disse que você podia aprender a guiar com ele. Que, depois, ele trabalhava de dia e você de noite, com o carro. Podia dar pros dois.

ZÉ Tá aí uma saída.

NINA E bem legal!

ZÉ Já pensou eu por aí de carango?

NINA Com o tempo você compra um pra nós.

ZÉ E meto a maior decalcomania do escudo do Corinthians no vidro. O do Zelito tem aquele nojento do São Paulo.

NINA É o time dele.

ZÉ Paciência. Só vou aturar aquilo na minha frente por uns tempos. Porque a gente precisa. Senão, não pegava esse carro. O pessoal vai me tomar o pelo. Vão até dizer que eu virei casaca.

NINA Mas você não pode achar ruim.

ZÉ Eu, me bronquear por futebol? Só quero trabalhar.

NINA Vou te fazer uma camisa de chofer. daquelas que têm dois bolsos aqui e alça no ombro. Quer?

ZÉ Azul?

NINA Não, bege.

ZÉ Prefiro azul.

NINA Mas bege é mais legal.

ZÉ Eu gosto de azul.

NINA A do Zelito é bege.

ZÉ E daí? Ele usa a cor que ele quiser. Eu quero azul.

NINA Mas se os dois têm bege, parece até que é uniforme. Bacana pra chuchu.

ZÉ Não é ônibus, pra tudo quanto é chofer andar igual.

NINA Mas dá a impressão que é táxi bem organizado.

ZÉ Dá a impressão que eu sou um puxa-saco. Que anda vestido igual ao patrão. Já não chega a merda do escudo do São Paulo no vidro?

NINA Tá bom, eu faço azul. (*pausa*) Mas, se eu também fizer uma bege, você usa?

ZÉ Daí uso.

NINA Então vou fazer. Você vai ficar bacana pra chuchu com essa camisa. Só quero ver.

Pausa.

ZÉ Não vai dar pé, Nina.

NINA O quê?

ZÉ Essa jogada de eu ser motorista.

NINA Não sei por quê.

ZÉ Falta a grana.

NINA Ora, que grana? O Zelito vai te ensinar.

ZÉ Mas pra tirar a carta?

NINA Minha mãe falou que empresta.

ZÉ Não quero esmola. Ainda mais da sua velha.

NINA Esmola, não. Dinheiro emprestado. Não sei por que você implica tanto com a minha mãe!

ZÉ Porque ela sempre me agourou. Acho até que fiquei assim de tanto ela me secar.

NINA Você acha que minha mãe ia querer a nossa desgraça?

ZÉ Ela não queria nem que você se casasse comigo.

NINA Ela só queria que a gente esperasse um pouco mais. Até você se firmar na vida.

ZÉ A velha coroca queria era te fazer cansar de esperar. Se fosse esperar, até hoje a gente era noivo. Já íamos fazer bodas de prata de noivado. E nada de eu me acertar.

NINA Não xinga a minha mãe, Zé.

ZÉ Só estou falando a verdade. Ela que rogou praga na gente. Disse que eu não ia ser nada. Pimba, acertou na mosca. Praga de sogra seca até pimenteira.

NINA Mamãe sempre gostou muito de você.

ZÉ Claro! Porque eu dei fama de bidu pra ela. Me estrepei, ela está contente. Põe a boca no trombone pra anunciar: “Não disse? Não falei? Não quiseram escutar, entraram bem”.

NINA A gente não está assim por culpa dela.

ZÉ Estamos assim por minha culpa, então?

NINA Minha é que não é.

ZÉ Então é minha?

NINA Não sei. Da minha mãe não é.

Pausa.

ZÉ A culpa é da situação.

NINA E minha mãe não tem nada com a situação. (*Começa a chorar.*) Por ela a gente ia sempre bem. Você acha, Zé, que ela quer ver a nossa desgraça? Ela é minha mãe. Você casou comigo, é que nem filho dela. Ela gosta muito de você. Ela sempre reclama que você não visita ela, nem nada.

ZÉ Não chora, boboca! Pombas! Eu estava brincando, não precisa se queimar. Vai, Nininha, para de chorar. Que coisa mais invocada!

NINA Você falou sério.

ZÉ Falei brincando.

NINA Jura?

ZÉ Juro.

NINA Então não brinca mais assim, Zé. Você sabe que eu não gosto.

ZÉ Não... não brinco. (*pausa*) Só que é fogo ter que pedir grana emprestada pra aprender a dirigir, pra depois ir trabalhar, pra depois ir pagar.

NINA Que é que tem? Mãe é mãe.

ZÉ Eu nem sei se levo jeito pra coisa.

NINA Qualquer um aprende a dirigir.

ZÉ Só que eu não sou qualquer um.

NINA Você é igual aos outros. Igual aos outros, vírgula. Você é melhor.

ZÉ Um cara que precisa da grana da sogra pra aprender uma profissão é o fim da picada.

NINA Não põe minhoca na cabeça, Zé.

ZÉ Mas é isso mesmo. Já pensou minha cara se eu não aprendo a guiar? Se não tiro carta?

NINA Mas por que você não há de aprender?

ZÉ Por quê? Porque, sei lá. Estou aterrado.

NINA Bobagem, Zé. Tudo vai sair certo. (*pausa*) Você vai aprender?

ZÉ Que remédio, né? Vou!

NINA Posso falar pro Zelito que você topa?

ZÉ Pode.

NINA Sabe de outra coisa legal? Minha mãe falou que, se o Seu Raul quiser a casa mesmo, ela faz um quarto nos fundos da casa dela pra nós.

Zé está abatido. Nina nem percebe. Vai tirando mantimentos da sacola e pondo em cima da mesa.

NINA Olha quanta coisa mamãe deu pra gente.

ZÉ Comida?

NINA Poxa, Zé, ela parece que adivinhou. Nós estávamos bem ruins. Amanhã nem sabia o que ia fazer pro almoço. Não tínhamos nada.

ZÉ Nina, o que você pensa de mim?

NINA O quê?

ZÉ Você acha que eu vou comer esmola? Morar de esmola? Você acha que eu vou viver de esmola? Eu não sou aleijado, nem nada. Sou forte. Quero trabalhar. Eu não vou viver de esmola.

NINA Eu sei! Mas isso não é esmola. Foi minha mãe que deu. É só até a gente dar um jeito na vida.

ZÉ Você deve ter chorado as pitangas lá na casa da sua velha. Ela deve ter ficado com uma puta pena da filhinha dela. Coitada, casada com um vagabundo, que não quer bulhufas com o basquete. A velha ficou com tanta pena que até deu esmola.

NINA Mamãe só quer ajudar a gente. Ainda mais agora...

ZÉ Que tem agora?

NINA Agora...

ZÉ Que você foi contar miséria?

NINA Não, Zé. Não é nada disso.

ZÉ Então por que só agora é que a coroa se lembrou de dar uma colher de chá pra nós?

NINA Eu... estou grávida, Zé.

ZÉ Grávida?

NINA Vou ter um filho.

ZÉ E não dizia nada?

NINA Queria ter certeza.

ZÉ Vamos ter um filho?

NINA Se Deus quiser.

ZÉ Poxa, eu vou ser pai?

NINA Vai.

ZÉ Vou ser pai! Que legal!

NINA Quer homem ou mulher?

ZÉ Homem, claro! E você?

NINA O que Deus mandar está bom.

ZÉ (*Abraça Nina.*) Vem cá, Nininha. Vem cá.

NINA Tomara que nasça parecido com você.

ZÉ (*Bate na madeira.*) Isola! Isola! Já pensou uma criança com uma cara dessas?

Os dois riem. Luz apaga.

Quinto quadro

Nina arruma a mesa e canta alegre. Fora de cena, a molecada joga bola. Zé entra e senta-se sem dizer nada. Nina estranha, mas finge que não notou a cara de desânimo de Zé.

NINA Então, Zezinho? Vai hoje falar com o Zelito?

ZÉ Tenho que ir, né?

NINA Ânimo, homem! A vida vai melhorar.

ZÉ Vai.

NINA Vamos comer, Zé. Hoje fiz a comida que você gosta. Picadinho.

- ZÉ Vamos comer o pão que o Diabo amassou.
- NINA Não fale assim, Zé.
- ZÉ Por melhor que seja o tempero, essa comida vai ser dura de descer. Onde já se viu? Eu, um cara forte, tendo que viver de esmola.
- NINA Vai começar outra vez com essa história? Isso é uma ajuda que a minha mãe deu pra nós.
- ZÉ Esmola.
- NINA (*Põe o prato na frente de Zé.*) Come, Zé. E não cria caso.
- ZÉ (*Atira o prato longe.*) Não vou comer porra nenhuma! Nem que me dane todo. Nem que tenha que comer merda. Não vou engolir essa porcaria.
- NINA Você faz o que quiser. Morrer de fome é que não vou, só porque você é cheio de orgulho besta.
- ZÉ Orgulho besta querer trabalhar?
- NINA Mas se não tem emprego?
- ZÉ Se não tem emprego, estende a mão e pede esmola. E depois? Com que cara vou me olhar no espelho? Aqui, ó! Me lasco, mas não me dobro. Tenho vergonha na cara.
- NINA Sem comer, ninguém pode viver.
- ZÉ Me lembro que minha mãe sempre dizia, quando o almoço atrasava e a gente reclamava que queria comer: “Está com fome? Faz como o lobisomem. Vai na rua, mata um homem e come”.

NINA Claro que sua mãe falava brincando. Não existe lobisomem.

ZÉ Claro que era brincadeira. Mas, para um cara de saco roxo que nem eu, é preferível despertar em cima de um sacana qualquer do que aceitar esmola. Não ganhar nem pra comer é fogo, Nina. Deixa o sujeito ruim. Ou ele vira um cara de pau, nunca quer mais nada com nada e vai só no “me dá, me dá”, ou vira lobisomem e come os outros. Te juro por essa luz que me alumia que estou para embarcar numa dessas.

Pausa.

NINA Antes de fazer besteira... lembra que agora você vai ser pai.

Pausa longa. Zé parece ter um grande conflito interior. Depois de um tempo longo, vira-se de costas para Nina.

ZÉ Nina... Você vai tirar esse filho.

NINA Não entendi.

ZÉ Você vai tirar esse filho.

NINA Zé, você está falando sério?

ZÉ Com essas coisas não se brinca.

NINA Você está louco?

ZÉ Nunca estive tão ligado. Por isso mesmo é que não quero filho.

NINA Mas é meu filho. É seu filho.

ZÉ E de quem você queria que fosse?

NINA Só que eu não estou entendendo. Você gosta tanto de criança.

ZÉ Claro que gosto. Por isso mesmo não quero que esse aí nasça. Nascer pra quê? Pra viver na merda? Sempre por baixo? Sempre esparro? Sempre no arrocho? Aqui, ó! Eu sei bem como é essa vida. Uma putaria franciscana. Quem puder mais chora menos. E nós não podemos nada. Nem ter filhos.

Pausa.

NINA Eu estou te estranhando.

ZÉ Até eu estou me estranhando. De repente, eu abri os olhos e vi que pra gente não tem saída. Não dá pra ter filho.

NINA Mas é seu filho.

ZÉ E daí? Você quer que eu fique de boca aberta, como artista de cinema americano?

NINA Não! Só quero que você não diga besteira. Você está pensando que filho é o quê?

ZÉ Filho é luxo. É pra quem pode.

NINA Se Deus manda, a gente tem que receber.

ZÉ Que Deus manda! Se a gente seguisse a tabela direito, você não pegava.

NINA Pois é. Mas peguei.

ZÉ E vai tirar na marra.

NINA E a criança, Zé? Pensa na criança!

ZÉ Vira anjo. É melhor pra ela.

NINA Isso é pecado.

ZÉ Pecado é largar o filho a olho no mundo. Que nem esse Seu Miguel Baiano, que se encheu de filho e não pode cuidar deles. Depois, fica caindo pelas tabelas quando um se dana. Até agora não soltaram o Toninho. Bela merda ter filho pra isso. Eu não vou botar cria no mundo pra isso.

NINA Já botou, Zé! Já botou! Ele está aqui dentro de mim. Sou mãe. Já estou carregando a criança na barriga. Já sinto amor por ela. Rezo por ela. Peço a Deus que a proteja. Ela já tem vida. E eu, como qualquer mulher ou bicho, vou proteger essa vida que está nascendo.

ZÉ Eu também quero proteger, Nina. Eu quero livrar a cara dele dessa sacanagem de nascer pobre. Eu não quero que meu filho amanhã seja que nem eu, que só pego o pior.

NINA A gente não pode pensar assim, Zé. Hoje a gente está por baixo e amanhã pode estar por cima. Todo mundo melhora. A gente também tem que melhorar. E você já pensou que remorso que nós vamos ter se matamos essa criança?

ZÉ Se a gente melhorar, a gente faz outro.

NINA Isso nunca! Esse vai nascer. Se não queria filho, devia ter pensado antes.

ZÉ Cabeça quente não pensa.

NINA Nunca pensei que você fosse tão mau!

ZÉ E eu nunca pensei que você fosse tão burra.

NINA Também acho que fui burra de casar com você.

ZÉ Burra de querer botar um bacuri no mundo, sem saber o que vai ser dele. Que pão ele vai comer?

NINA Há de comer todos os dias. Onde come um, comem dois.

ZÉ Mas a gente não é só comer. Nós estamos nessa bosta por quê? Porque eu só comi. Não sei fazer outra coisa.

NINA E você não é feliz? Não casou comigo? Não temos um lar?

ZÉ Felizes... Não podemos nem ter filhos.

NINA Podemos! Isso podemos! Sou mulher igualzinha às outras.

ZÉ Não é isso! Para nós, falta grana.

NINA Sempre faltou. E a gente sempre quis criança. Lembra quantas vezes a gente combinava? Você falava: “Nina, vamos aproveitar uns dois, três anos pra passear, porque quando a gente namorava sua mãe não largava meu pé. Depois que a gente desferrar, então vamos ter um monte de filhos. Uns onze machinhos. Vai tudo jogar no Corinthians”. E eu te dizia: “Também quero uma menininha”. E você dizia: “A gente faz”. Você lembra disso tudo, Zé?

ZÉ Se eu soubesse das coisas que sei hoje, Nina, tinha te mandado dar um nó nas trompas.

Pausa.

NINA Como você mudou, Zé.

ZÉ É... Eu mudei.

NINA Você sempre foi de acreditar.

ZÉ Pra você ver. Me dobraram.

NINA Você se entregou, Zé.

ZÉ O jogo é bruto.

NINA Me dá vergonha de ver você.

ZÉ Porque você não sabe das coisas.

NINA Sei mais do que você pensa.

ZÉ Que é que você sabe?

NINA Que o futuro a Deus pertence.

ZÉ Deus é que nem Papai Noel! Só baixa em terreiro de rico.

NINA Você afinou, Zé.

ZÉ Só abri os olhos.

NINA Esqueceu que agora você vai ser chofer?

ZÉ Não vou longe com aquele táxi.

NINA Pelo menos é um emprego.

ZÉ Que não vai dar camisa a ninguém.

NINA O Zelito está muito bem.

ZÉ Ele é o dono. Os donos das coisas estão sempre bem instalados. Agora, quem não tem nada, não adianta se afobar, se bater pelas paredes. O cupim sempre alcança o pé da gente.

NINA Você só queria um emprego. Agora já quer ser rico.

ZÉ Só quero é ter sossego.

NINA Sombra e água fresca.

ZÉ Você me conhece. Sabe que não é isso. Eu queria é me sentir seguro. Saber que sempre ia ter trabalho, ter casa, ter comida, escola para os filhos da gente. Só isso que eu queria. E é o que todo mundo quer.

NINA Trabalhando com o Zelito, você vai ter tudo isso.

ZÉ Sei lá! A noite passada, eu me esqueci ligado. Quase queimei a mufa. Pensei, pensei, pensei. Só vi caca. Pensei em você, em mim, na vida de bosta que a gente leva. Pensei um cacetão de tempo. Pensei no porcão lá de Osasco, que se serviu da desgraça dos outros. Pensei nos caras que se arreglaram com ele, pensei nas contas que a gente tem pra pagar, no Seu Raul pedindo a casa, na comida que a sua mãe tem que dar pra gente, pra gente não morrer de fome. Pensei no favor que o Zelito vai me fazer, me ensinando a dirigir, pra depois eu ficar devendo favor para o patrão, que vai beber meu sangue. Pensei naquela puta fila de Osasco. Todos, todos, até eu, umas vaquinhas de presépio, engolindo enrolado. E por quê? Quantos caras de verdade estavam naquela canoa? E por que de repente todo mundo se rende e entra no jogo sujo? *(pausa)* Por quê, Nina?

NINA Sei lá.

ZÉ Porque eles têm mulher e filhos. E têm que aceitar. Aceitar com nojo, mas aceitar. E está aí a bosta toda. E é por isso que é melhor não ter filhos.

Pausa.

NINA Eu não sei mais nada, Zé. Sempre estive do seu lado. Topei todas as paradas com você. Desde que casamos, nunca fomos num cinema, nunca passeamos, nunca comprei um vestido novo e nunca me queixei. Aguentei cobrador na porta, aturei desaforo e nunca desanimei. Nunca. Porque você estava aí firme. Sempre pronto pra sair pra outra. Sempre, sempre reagindo. E assim a gente ia. Aos trancos e barrancos, mas ia! Íamos ter filhos, íamos ser como todo mundo. Eu era feliz, Zé. Agora não sei. Não sei mais nada. Só sei que estou grávida. *(pausa)* E vou ter meu filho. *(pausa)* Você sempre gostou de criança, Zé. *(pausa longa)* Se for homem, vai ter o nome de seu pai.

ZÉ Mané é nome feio.

NINA Então vai ser Zezinho.

ZÉ Zé já tem eu.

NINA Se for homem, você escolhe o nome. Se for mulher, eu escolho, tá? *(pausa)* Se for homem, que nome você vai escolher?

ZÉ Nenhum, Nina! Você não percebeu que eu não quero filho?

NINA Mas eu quero!

ZÉ Mas não vai ter!

NINA Vou ter, custe o que custar!

ZÉ Vai tirar!

NINA Nunca!

ZÉ Só que vai!

NINA Isso estraga a mulher.

ZÉ Quando a parteira é boa, não estraga.

NINA Isso é pecado.

ZÉ Pecado uma ova.

NINA Deus castiga a gente.

ZÉ Quero que se dane.

NINA Mas eu não. É meu filho. Gosto dele e vou ter.

ZÉ Vai ter uma pinoia.

NINA Eu vou ter esse filho, Zé!

ZÉ Não vai!

NINA Se você é um frouxo que tem medo de enfrentar as coisas, eu não tenho. Vou ter meu filho.

ZÉ Mulher minha faz o que eu mando.

NINA Já disse que vou ter a criança.

ZÉ Já disse que não vai, e fim.

NINA Você não manda em mim.

ZÉ Na minha mulher, eu mando.

NINA Não sou mais sua mulher, então. Não sou mulher de um covarde. Isso é crime e é pecado, antes de tudo.

ZÉ Se não é minha mulher, fora daqui.

NINA Vou agora mesmo.

ZÉ Para onde?

NINA Não é da sua conta!

ZÉ Para onde você vai?

NINA Pra casa de minha mãe. Lá eu posso ter meu filho!

ZÉ Daqui você não sai!

NINA Você mesmo me mandou embora!

ZÉ Deixa de besteira, Nina!

NINA Você é que está louco!

ZÉ Não fale assim comigo! Já estou cansado de te aturar.

NINA Já vou embora.

ZÉ (*Empurra Nina.*) Fica aí!

Pausa.

NINA Vamos ter o filho, Zé?

ZÉ Não! Não vamos ter porra nenhuma!

NINA Então eu vou embora!

ZÉ Por aqui você não sai.

Zé segura Nina, que força a passagem.

NINA Me deixa ir, Zé! Me deixa ir! Agora não sou mais sua mulher!

Zé empurra Nina, ela bate na mesa e fica fora de si.

Porco! Nojento! Bruto! Covarde! Sai da frente!

Nina vai sair, Zé impede. Nina insiste. Zé dá um soco na barriga de Nina, que se dobra lentamente e vai caindo com espanto e dor na expressão, sempre olhando para Zé. A luz vai saindo bem devagar.

fim



ICONOGRAFIA



(1)

"DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA."

autor: Plínio Marcos.

1ª cena

(Paco está deitado em uma das camas. Toca muito mal uma gaita. De vez em quando para de tocar, olha para seus pés que estão calçados com um lindo par de sapatos, completamente em desacô-
do com sua roupa. Com a manga do paletó limpa os sapatos. Paco
está tocando, contra Tonho, não dá bola para Paco. Vai direto
para sua cama, senta nela e com as mãos a examina.)

Tonho- Oi! para de tocar essa droga.

(Paco finge que não ouviu)

Tonho- (gritando) Não escutou o que eu disse? para com essa
zoeira!

(Paco continua a tocar)

Tonho- É surdo, é desgraçado?

(Tonho vai até Paco e o sacode pelos ombros)

Tonho- Você não escuta a gente falar?

Paco- (calmo) Oi! Você está aí?

Tonho- Estou aqui para dormir!

Paco- E daí, quer que eu toque uma canção de ninar?

Tonho- Quere que você não faça barulho.

Paco- Puxa, porque?

Tonho- Porque eu quero dormir.

Paco- Linda é cado.

Tonho- Mas eu já quero dormir.

Paco- E eu tocar.

Tonho- Eu paguei pra dormir.

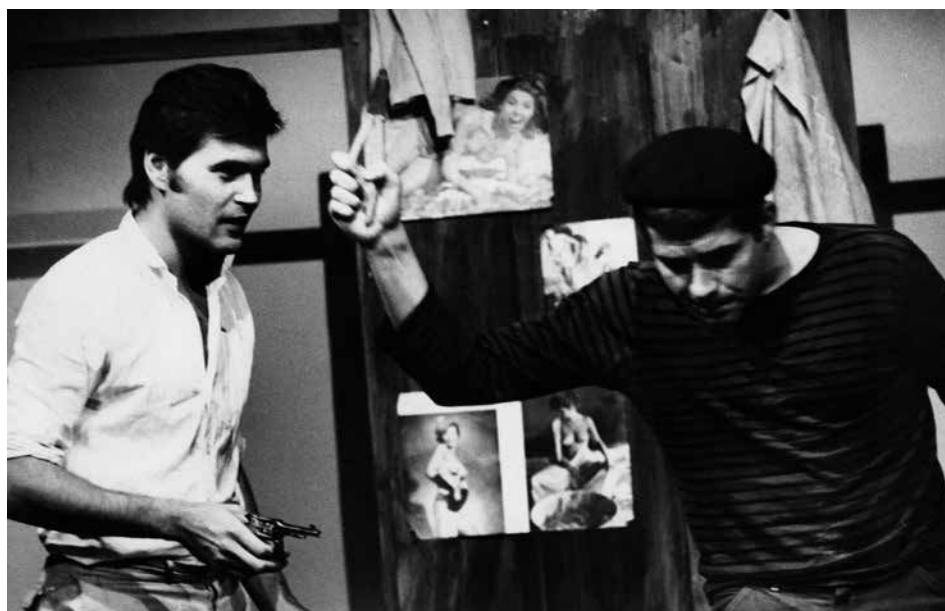


Foto: Derly Marques

Ademar Rocha e Plínio Marcos em Dois perdidos numa noite suja, 1966



Foto: Derly Marques

Plínio Marcos e Ademir Rocha em Dois perdidos numa noite suja, 1966

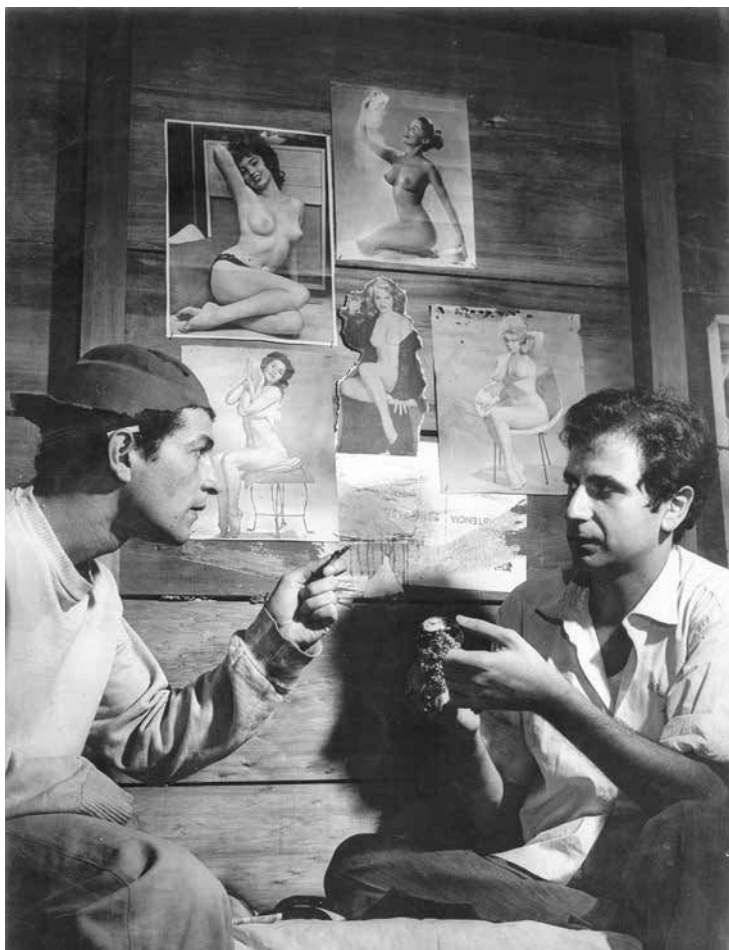
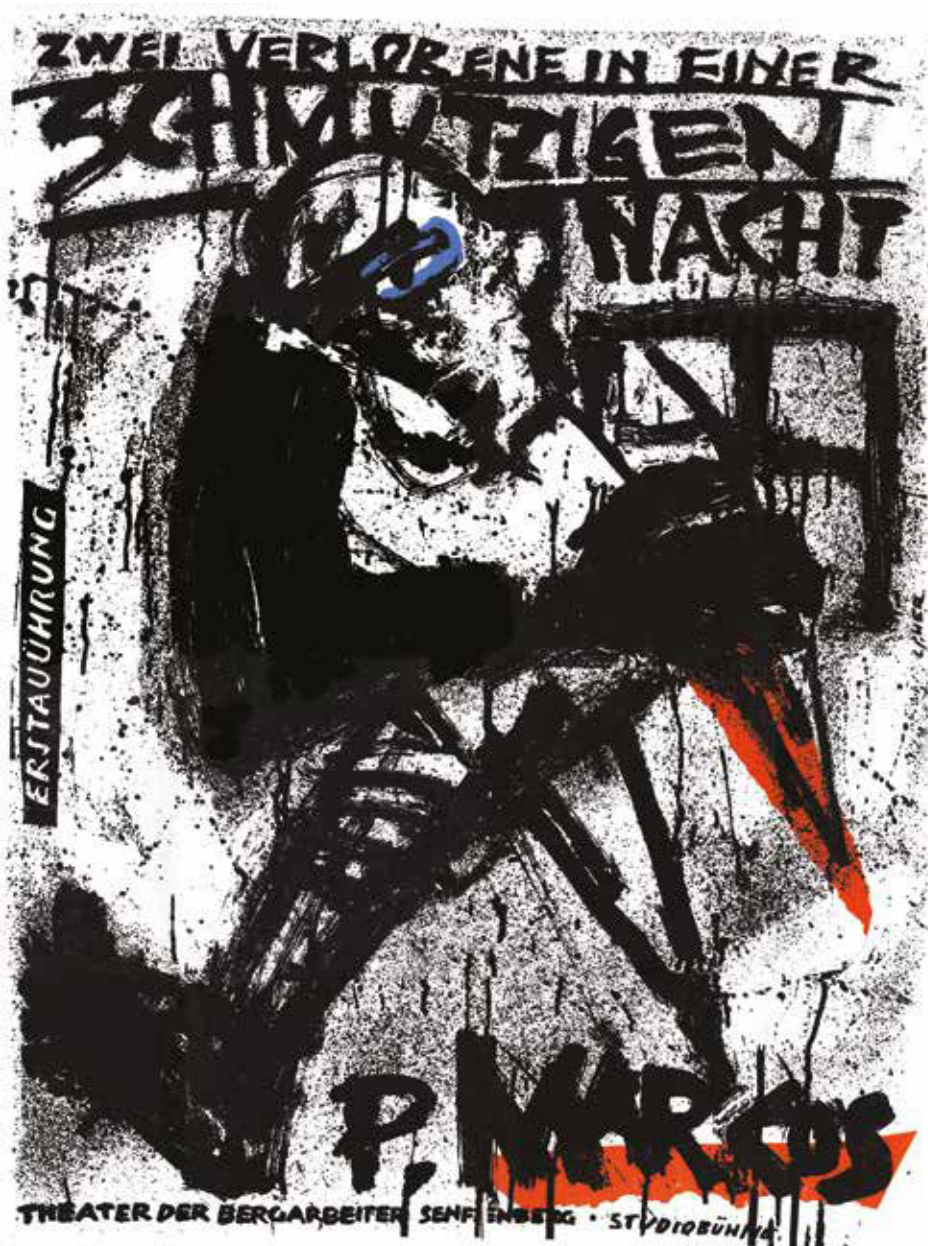


Foto: Fotógrafo desconhecido

Fauzi Arap e Nelson Xavier em Dois perdidos numa noite suja, 1967



Cartaz da montagem alemã de Dois perdidos numa noite suja

(2)

QUANDO AS MÁQUINAS PARAM

autor: PLÍNIO MARCOS

1º QUADRO

(AO ABRIR O PANO, NINA ESTÁ COZINHANDO. DE FORA DE CENA OUVEM-SE BARULHO DE MOLECADA JOGANDO BOLA. DE REPENTE, TODOS GRITAM: "Goooooooooooo!!! Boa, Zé! Zé é o cobra!")

ZÉ (FORA DE CENA - Comigo é assim. Bola no barbante. Um a zero pra nós. E vai ter mais.

(VOLTAM A JOGAR COMO ANTES. NINA VAI ATÉ A JANELA.)

NINA - Muito bonito, Zé! Eu te esperando com a janta e vo
cê jogando bola com a molecada! Vem comer, homem!

ZÉ - (FORA DE CENA) Prá mim michou. Meu técnico tirou -
meu time de campo.

(A MOLECADA FORA DE CENA GRITA: "Fugiu de medo, cagou no dedo")

NINA - (NA JANELA) Por que não vão falar palatrão na por-
ta de suas casas?

(A MOLECADA VAIA).

ZÉ - (ENTRANDO) Qual é a bronca, Feola do Pobras?

NINA - Essa molecada aí. Ficam falando palavrão aqui em
frente. Por que não vão jogar noutro lugar?

ZÉ - Bela murcha! Tá queimada porque tomou vaia. Que vo
cê queria? Tirou Pelé de campo, leva vaia mesmo.

NINA - Não tem vergonha? Homem casado brincando com mole-
que de rua.

ZÉ - Vai me esculacher agora?

NINA - Não está certo, tá?

ZÉ - Papo furado é esse seu.



Foto: Derly Marques

Luis Gustavo e Miriam Mehler em Quando as máquinas param, 1967



Foto: Derly Marques

Luis Gustavo e Miriam Mehler em Quando as máquinas param, 1967

TEATRO DO SINDICATO DOS TÊXTEIS
Rua Oiapoque, 80 - Brás



Quando as Máquinas Param
de PLÍNIO MARCOS

Campanha de Popularização de Teatro do Sindicato dos Trab. nas Indústrias de Fiação e Tecelagem de S. Paulo

Capa do programa de Quando as máquinas param, Sindicato dos Têxteis, 1971

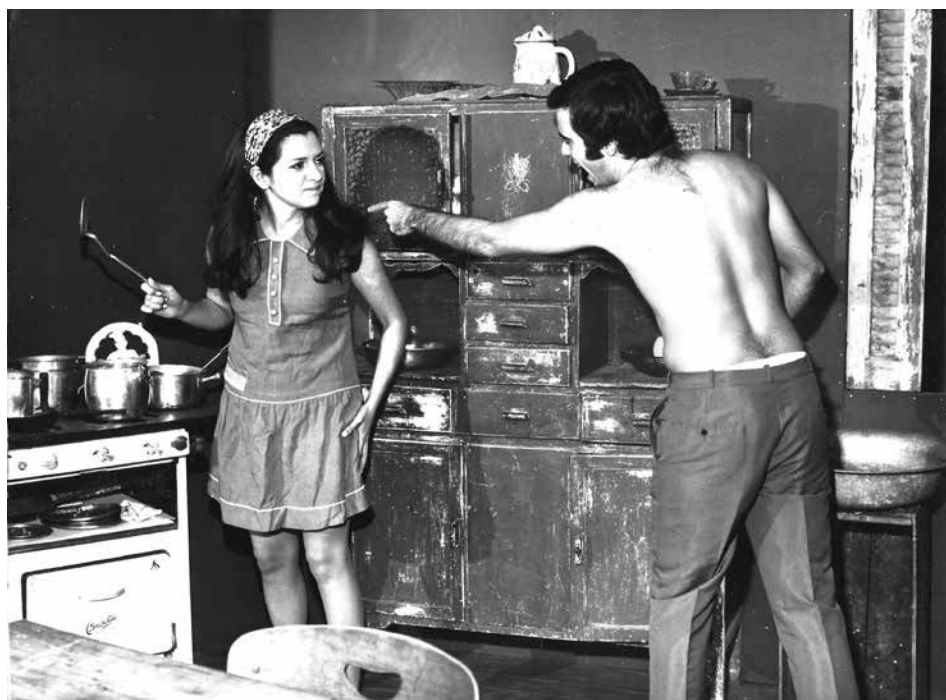


Foto: Vic Parisi

Walderez de Barros e Tony Ramos em *Quando as máquinas param*, 1971

Ivo Redrigues
mandrião 041OS FANTOCHES

Plínio Marcos de Barros

PERSONAGENS : MANDRIÃO
TECO
MANDUCA
POPÔ
PILICO

CENÁRIO : Uma clareira à beira de um abismo. Ao abrir-se o pano, vê-se uma fogueira apagada e um caldeirão pendurado a uma forquilha. Alguns panos e roupas velhas espalhados em volta da fogueira. Entram dois dos vagabundos: Mandrião e Tecó.

MANDRIÃO - Você tem que dar um jeito, não é que não pode ficar.
TECO - Eu faço o que posso
MANDRIÃO - Ontem o que eles trouxeram ? ... Nada .
TECO - A culpa é do Pilico. Ele é que nos faz concorrência. Fica expondo suas idéias durante o serviço.
MANDRIÃO - Isso eu sei. Mas eu quero saber o que você faz para impedir essa concorrência.
TECO - Eu rezo .
MANDRIÃO - Resa ?
TECO - Reso .
MANDRIÃO - Idiota. Você ganha para criar mitos e superstições e não para rezar.
TECO - Rezar faz parte dos mitos.
MANDRIÃO - Mas não é rezando que você vai impedir que o Pilico nos faça concorrência. Nem vai impedir que o Manduca e o Popô nos deixem.
TECO - Nesse caso é segurar o que já temos, impedindo que eles pensem. Isso quem tem que fazer é você.
MANDRIÃO - De que jeito ?
TECO - Diminuindo a comida e aumentando o tempo de trabalho.
MANDRIÃO - Isso é justamente o que o Pilico quer. Ele oferece mais comida e menos trabalho. Você até parece que trabalha para ele.
TECO - Mas então eu abro a campanha contra o ócio e abenço o jejum.
MANDRIÃO - Era só o que faltava. Eles assim já acham ruim, imagina sacrificados. Rouberiam até os meus chapéus e nos matariam no primeiro dia.
TECO - Você tem antes de tudo que proibir enérgicamente que eles falem com o Pilico.
MANDRIÃO - Eu não posso fazer uma coisa dessas. Eu não posso parecer totalitário. Eu sou bom, democrata, tolerante, cristão, liberal, generoso e quero o progresso de todos.
TECO - Eu sei... eu sei...

TEATRO UNIVERSITÁRIO

O ambiente estudantil sempre foi um terreno fecundo para uma renovação de valores, e o teatro não está excluído dessa possível renovação. Um teatro de estuantes é uma premissa valiosa ao movimento teatral, que como contribuição ideológica, no que a juventude estudantil tem de problemática própria, quer, simplesmente, como oportunidade de revelação de valores individuais.

Por acreditar na importância dessa contribuição, é que o Teatro de Arena resolveu organizar o seu Teatro Universitário, visando impulsionar uma atividade que muitas vezes não se realiza integralmente por falta de condições adequadas, ou que se dispersa em realizações isoladas, sem unidade.

O Teatro Universitário do Arena irá agregar em torno de si os elencos das várias faculdades, que apresentarão espetáculos todos os sábados à tarde, no próprio Teatro de Arena.

A supervisão geral do Teatro Universitário está a cargo de Fauzi

Arap e Plínio Marcos, que, com os melhores elementos dos elencos das faculdades, formarão um elenco permanente universitário do Teatro de Arena.

Sempre com o interesse de divulgação de valores novos para o Teatro, para a estréia do Teatro Universitário foram escolhidas duas peças de um autor novo, cujas atividades teatrais estiveram sempre ligadas ao movimento teatral universitário.

OS FANTOCHES é uma apresentação do Teatro da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, sendo os atores, todos alunos dessa faculdade.

A outra peça ENQUANTO OS NAVIOS ATRACAM, é montada por atores que compõem já, o elenco permanente do Teatro Universitário.

Dessa forma, inicia-se um teatro que se propõe a ser, não só um teatro de estudantes, mas também de estudos, de experiências.

Folheto universitário sobre Os Fantoques (Jornada de um imbecil até o entendimento) e Enquanto os navios atracam (Quando as máquinas param), 1963

OS FANTOCHES

peça em um ato de **PLÍNIO MARCOS**

PERSONAGENS

manduca nelson popini vaz
teco fábio eduardo serrano
mandrião josé de seixas
popô edson eloy de souza
pilico romeu simi júnior

Direção: **FÁBIO EDUARDO SERRANO**

ENQUANTO OS NAVIOS ATRACAM

peça em um ato de **PLÍNIO MARCOS**

PERSONAGENS

nina walderez de mathias
zé plínio marcos
seu mané renato correa de castro

Direção: **PLÍNIO MARCOS**

*Ficha técnica de Os Fantoques (Jornada de um imbecil até o entendimento)
e Enquanto os navios atracam (Quando as máquinas param), 1963*

TICO - Melhor faz parte dos sites.

MANDUÃO - Mas não é rosando que você vai impedir que o Filice nos faça con-
corrência. Não vai impedir que nunca gente se rebelo.

TICO - Crie nos meus métodos.

MANDUÃO - Pois eu lhe digo que os seus métodos estão superados.

TICO - A prática após minha teoria.

MANDUÃO - Então o que significa émo povo descontente?

TICO - Uma pequena minoria.

MANDUÃO - Que cre-se dia a dia.

TICO - Não seja alarmista. As coisas não são tão graves assim. Ainda temos o
controle da situação.

MANDUÃO - Da situação, talvez. Porém, não temos o controle da oposição, o é
essa justamente que nos tira o sono.

TICO - Acho que você anda vendo fantasmas.

MANDUÃO - Você também veria, se rosasse melhor o vigiasso mais.

TICO - Mas é só isso que faço. Orar e vigiar.

MANDUÃO - Devo estar orando de olhos fechados e vigiando negligente, pu
ra não ver os fatos.

TICO - Fatos? Haverá algum fato que eu desconheça?

MANDUÃO - Há vários.

TICO - Então me conta. Eu adoro fofocas.

MANDUÃO - Outra noite, após o jantar, você saiu para respirar. Todos te segui-
ram, menos o Manduca. Ele ficou conversando com o Filice. Conversaram em tom
confidencial. Não aumentando mais de curiosidade, fingi que ia... fazer ni-
nhas... como diria... fazer minhas necessidades. E, dissimuladamente, fui pa-
ra trás de uma árvore próxima. E pude escutar o que diziam.

TICO - E o que diziam? Conta, conta!

MANDUÃO - Coisas de arropiari!

TICO - Cruz, cruz! Conta, conta!

MANDUÃO - O Filice convidava o Manduca para ir trabalhar com ele. Como com-
pra, oferecia vantagens enormes. E a tôlar, o Manduca recusou.

TICO - Então Manduca é mesmo estúpido.

MANDUÃO - Por que?

"JORNADA DE UM IMBECIL ATÉ O ENTENDIMENTO" ou
 "CHAPEU SOBRE PARALELEPIPEDO PARA ALGUÉM CHUTAR"
 de Plínio Marcos

PRIMEIRO ATO

ENTRAM MANDRIÃO E TECO. O PRIMEIRO NABÇA SEU CHARUTO NERVOSAMENTE E O SEGUNDO TEM UMA EXPRESSÃO DE BEATA.

MANDRIÃO- Você tem que dar um jeito. Minha é que não pode ficar.

TECO - Eu faço o que posso.

MANDRIÃO- O que é muito pouco.

TECO - Mas que tem sido suficiente.

MANDRIÃO- Foi o suficiente. Agora é preciso mais. Muito mais.
 Antes o que eles trouxeram? Nada.

TECO - A culpa é do Pillico, ele é que faz a concorrência.
 Fica aí oferecendo vantagens aos nossos homens justamente durante o serviço. Essas vantagens além de impossíveis de serem cumpridas, fazem com que nossos homens ambicionem melhores condições de vida. Isso nos leva fatalmente a uma crise econômica. Esse procedimento por parte do Pillico é condenável. O sucesso que ele vem fazendo é anti-~~est~~-ético. Esse simples fato já merece a atenção de nossa parte. Porém o pior mesmo é que com seu falatório ele distrai o pessoal, que não consegue mais concentrar-se no serviço. E, em consequência, a produção diminui e as rendas caem vertiginosamente. E com eles, naturalmente, as taxas do Deus Orogua.

MANDRIÃO- Você tem o dom de me explicar o óbvio.

TECO - Você acha?

MANDRIÃO- Acho. Tudo o que você já disse eu já sabia. O que eu quero saber é o que você faz para impedir a evolução dessa situação de coisas.

TECO - (CÍNICO) Resol.



Foto: Fotógrafo desconhecido

*Miton Gonçalves, Ary Fontoura e Denoy de Oliveira em
Jornada de um imbecil até o entendimento, 1969*

- 2 -

HOMENS DE PAPEL

autor:- PLINIO MERCOS

PRIMEIRO ATTO

(Ao abrir o pano, Giló, Tião, Maria-Vai, Chicão, cêco, Palado e Noca estão diante de Berrão, que traz um revólver na cinta e uma balança de gancho na mão. Cada um dos catadores de papel arrastam sacos cheios de papel.)

- BERRÃO - Avança o primeiro.
(Giló aproxima-se.)
- GILÓ - Lpanhei três sacos.
- BERRÃO - E daí ? O pôso é que interessa.
- GILÓ - Estão bem cheinhos.
- BERRÃO - .. balança é que vai dizer.
- GILÓ - Nos três sacos, um pelo outro, deve dar uns trinta quilos.
- BERRÃO - Vamos ver. (Pesa o primeiro saco) Três quilos.
- GILÓ - Só?!
- BERRÃO - Só por que ?
- GILÓ - Não foi mole arrastar os sacos até aqui.
- BERRÃO - É que tú tá pedro. Pensa que cachapa sustenta ? Tem que ceder às vezes.
- GILÓ - Não bebo.
- BERRÃO - Come com farinha. (Pesa o segundo saco) Dois e meio.
- GILÓ - Tá marcando mais.



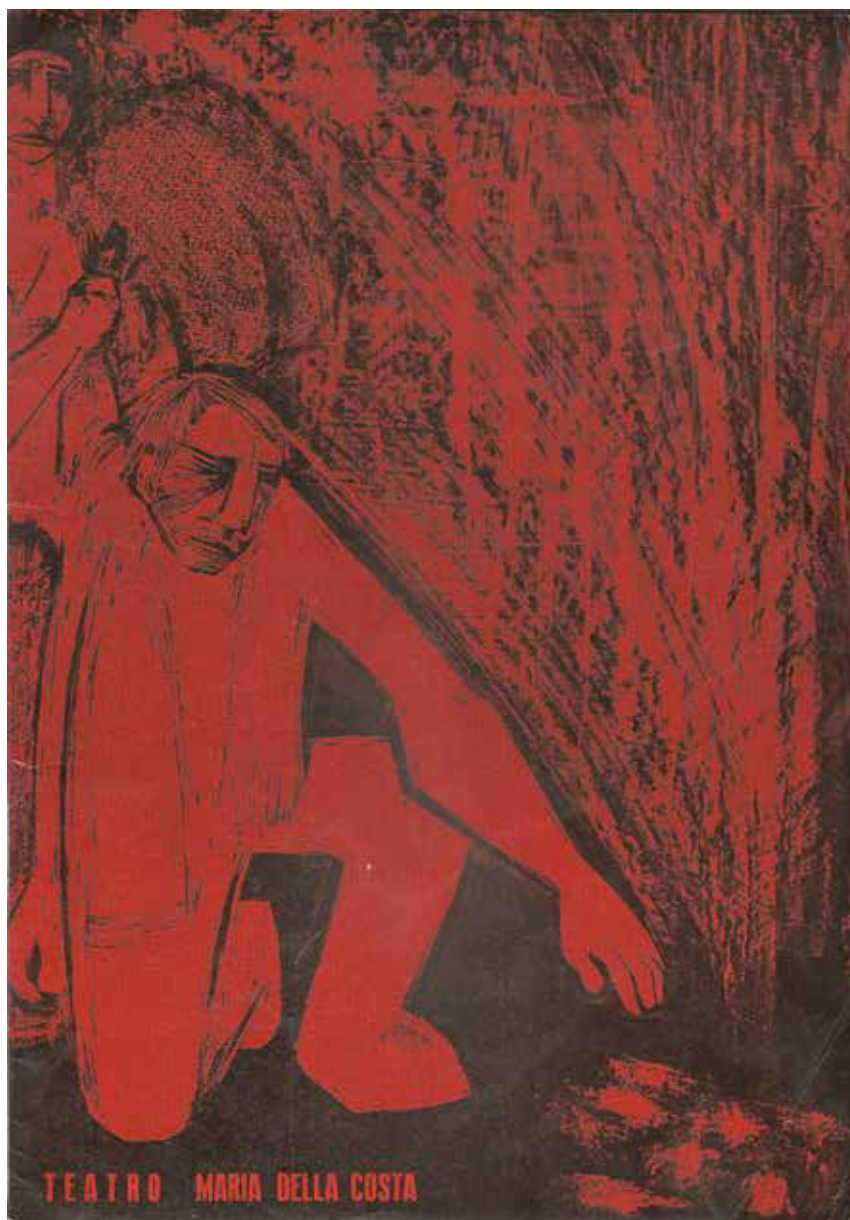
Foto: Deryly Marques

Oswaldo Louzada, Maria Della Costa e Walderez de Barros
em *Homens de papel*, 1967



Foto: Derly Marques

*Oswaldo Louzada, Maria Della Costa e Walderez de Barros
em Homens de papel, 1967*



Capa do programa de Homens de papel, 1967

SANDRO
apresenta

MARIA DELLA COSTA
em

**HOMENS
DE PAPEL**

de PINHO MARCOS
Direção: João Arco e Fissa
cenário: Clevis Bueno
musical: Gilberto Mendes

EDUARDO ABAS
ELIAS GLEZER
FERNANDO BALEONI
EYETE BONFÁ
OSVALDO LOUZADA
RAUL MARTINS
RAYMUNDO DUPRAT
RIZMINEA MORAES
SILVIO ROCHA
TEREZA ALMEIDA
VICENTE ACEDO
WALDIREZ BARROS

Teatro Maria Della Costa
Todos os dias - as 21hs. Rua Palm, 72 - Fone, 36-0777

HOJE - ESTREIA AS 21 HORAS - HOJE - DOMINGO AS 18 E 21 HORAS
DIA 10/10/1967

Cartaz de Homens de papel, 1967



**JORNADA DE UM
IMBECIL ATÉ O
ENTENDIMENTO**

Esta peça possui duas versões anteriores. A primeira é *Os fantoches* (1960), e a segunda é *Chapéu sobre paralelepípedo para alguém chutar* (1965). A versão definitiva, *Jornada de um imbecil até o entendimento*, foi escrita em 1968.

Personagens

MANDRIÃO; TECO; MANDUCA;
PILICO; POPÔ; TOTUCA

PRIMEIRO ATO

Entram Mandrião e Teco. O primeiro masca seu charuto nervosamente, e o segundo tem uma expressão de beato.

MANDRIÃO Você tem que dar um jeito. Nisso é que não pode ficar.

TECO Eu faço o que posso.

MANDRIÃO O que é muito pouco.

TECO Mas que tem sido suficiente.

MANDRIÃO Foi suficiente. Agora é preciso mais. Muito mais. Ontem, o que eles trouxeram? Nada!

TECO A culpa é do Pilico, ele é que nos faz concorrência. Fica aí oferecendo vantagens aos nossos homens justamente durante o serviço. Essas vantagens, além de impossíveis de serem cumpridas, fazem com que nossos homens ambicionem melhores condições de vida. Isso nos leva fatalmente a uma crise econômica. Esse procedimento da parte do Pilico é condenável. O aliciamento que ele vem fazendo é antiético. Esse simples fato já merece a atenção da nossa parte. Porém o pior mesmo é que, com seu falatório, ele distrai o pessoal, que não consegue mais concentrar-se no serviço. E, em consequência, a produção diminuiu e as rendas caíram vertiginosamente. E com elas, naturalmente, as taxas para o deus Orongon.

MANDRIÃO Você tem o dom de me explicar o óbvio.

TECO Você acha?

MANDRIÃO Acho. Tudo o que você disse eu já sabia. O que eu quero saber é o que você faz para impedir a evolução desse estado de coisas.

TECO (*cínico*) Rezo!

MANDRIÃO Reza?

TECO Rezo.

MANDRIÃO Reza?!

TECO Rezo.

MANDRIÃO Idiota! Você é pago para criar mitos e superstições, não para rezar.

TECO Rezar faz parte dos mitos.

MANDRIÃO Mas não é rezando que você vai impedir que o Pilico me faça concorrência, nem vai impedir que a nossa gente se rebele.

TECO Creio nos meus métodos. A alta dos preços dos ovos é episódica.

MANDRIÃO Pois eu lhe digo que os seus métodos estão superados.

TECO A prática apoia a minha teoria, pois há uma relativa diminuição da parte variável do capital, simultaneamente com o progresso da acumulação e da concentração que acompanha isso.

MANDRIÃO Então o que significa esse povo descontente?

TECO Uma pequena minoria.

MANDRIÃO Que cresce dia a dia.

- TECO Não seja alarmista. As coisas não são tão graves assim. Ainda temos o controle da situação.
- MANDRIÃO Sim, da situação temos, porém não temos o controle da oposição, e é essa justamente que me tira o sono.
- TECO Tome Nembutal.
- MANDRIÃO Não enche o saco! Você devia rezar menos e vigiar mais.
- TECO Mas é só isso que eu faço, orar e vigiar.
- MANDRIÃO Deve estar orando de olhos fechados e vigiando negligente-mente para não ver os fatos.
- TECO Haverá algum fato que não esteja na minha paisagem imediata?
- MANDRIÃO Há vários.
- TECO Então conte... Eu adoro fofocas.
- MANDRIÃO Outra noite, após o jantar, você saiu para rezar. Todos o seguiram, menos o Manduca. Ele ficou conversando com o Pilico, conversando em tom confidencial. Não aguentando mais de... curiosidade, fingi que ia... fazer... bem, necessidades... e dissimuladamente fui para trás de uma árvore próxima, para escutar o que diziam.
- TECO Como você sabe que foi atrás da árvore? Poderia estar na frente.
- MANDRIÃO E onde é a frente da árvore?
- TECO Do lado oposto ao montinho de cocô.
- MANDRIÃO Como você sabe?

TECO Elementar, meu caro Watson, todo mundo caga atrás da árvore.

MANDRIÃO O que interessa é que eu escutei o que diziam.

TECO O que diziam?

MANDRIÃO Coisas de arrepiar.

TECO Conta, conta.

MANDRIÃO O Pilico convidava o Manduca para ir trabalhar com ele e, como sempre, oferecia vantagens enormes. Chegou até a falar em estabilidade!

TECO E o Manduca?

MANDRIÃO Recusou.

TECO Que estúpido!

MANDRIÃO Por quê?

TECO Porque... porque fica falando com o Pilico.

MANDRIÃO Ah, bom...

TECO E o caso acabou aí? Isso prova que o Manduca está bem doutrinado.

MANDRIÃO Acontece que o caso não acabou aí.

TECO Bem... então conte.

MANDRIÃO O Manduca pediu auxílio ao Pilico para poder acabar conosco.

- TECO Cruz credo!
- MANDRIÃO Ele garantiu que, com a ajuda do Pilico, o plano dele não falharia e que eu e você iríamos para a cucuia direto.
- TECO E o Pilico resolveu ajudar?
- MANDRIÃO Ficou de estudar o caso.
- TECO Canalha! Porém ele nada conseguirá contra nós. Você se inteirou do esquema dele?
- MANDRIÃO Não, o Manduca não abriu o jogo.
- TECO Então o que o Pilico ficou de estudar?
- MANDRIÃO Se vale a pena acabar conosco ou não.
- TECO Cruz credo!
- MANDRIÃO Como você vê, nesta altura do campeonato não adianta mais rezar...
- TECO Precisamos agir.
- MANDRIÃO Ótimo! Assim é que se fala.
- TECO Toda araruta tem seu dia de mingau.
- MANDRIÃO A alta do preço dos ovos é episódica.
- TECO É mais nobre dar um balde de sangue para um anêmico do que fazer a barba todos os dias.
- MANDRIÃO Não podemos falhar.

TECO O caso requer ação.

MANDRIÃO Pronta e rápida!

TECO Então agiremos! De nossa atuação depende o nosso futuro.

MANDRIÃO O preço da liberdade é a eterna vigilância!

TECO O futuro da pátria repousa na juventude!

MANDRIÃO É de pequeno que se torce o pepino!

TECO Deus, Pátria e Família!

MANDRIÃO A sobrevivência da cultura ocidental é um imperativo!

TECO Precisamos incentivar o plantio do agrião!

MANDRIÃO Só Isso dá a seu carro o máximo!

TECO Sem dúvida! Não estamos aqui para botar azeitona na empadinha dos outros. Viva o Tratado de Tordesilhas!

MANDRIÃO Atacaremos o inimigo!

TECO Já!

MANDRIÃO Agora!

Os dois ficam parados. Depois de certo tempo, Mandrião fala.

MANDRIÃO Bom, e daí?

TECO É melhor dar tempo ao tempo.

MANDRIÃO Quero ação pronta e rápida.

- TECO Tem toda razão.
- MANDRIÃO Vamos à ação.
- TECO Agiremos.
- MANDRIÃO Isso você já falou.
- TECO Tem razão.
- MANDRIÃO Então vamos à prática.
- TECO Bem lembrado.
- MANDRIÃO Por onde começamos?
- TECO Pelo começo.
- MANDRIÃO Quero saber o que fazer.
- TECO Atacaremos o inimigo.
- MANDRIÃO Isso você também já falou.
- TECO Destruiremos o mal pela raiz.
- MANDRIÃO Ah, isso parece bom.
- TECO Então é ponto pacífico.
- MANDRIÃO Vamos adiante.
- TECO Vamos.
- MANDRIÃO Desembucha o plano de uma vez.

TECO Que plano?

MANDRIÃO De ataque ao inimigo.

TECO Claro! Atacaremos pelos flancos. Direito e esquerdo. Pela retaguarda e pela frente. Por mais bravo que seja o inimigo não escapará ao cerco.

Pausa. Mandrião fica pensativo.

Que acha?

MANDRIÃO Para ser franco, não entendi.

TECO Mas é tão evidente! Usaremos a tática do laço húngaro.

MANDRIÃO Bem... Isso é bom. E depois?

TECO Depois de estrangular, é só enterrar.

MANDRIÃO Continuo sem entender.

TECO Puxa, é tão simples!

MANDRIÃO Quero saber os detalhes.

TECO Eles ficam no meio e nós em volta.

MANDRIÃO Quero saber de que jeito isso é possível.

TECO Aí é que complica um pouco.

MANDRIÃO Pois trate de não complicar.

TECO Bem... Já sei!

- MANDRIÃO Então fale.
- TECO Nosso caso é segurar o que já temos.
- MANDRIÃO Brilhante!
- TECO Obrigado. Temos que diminuir a comida e aumentar o tempo de trabalho. Aliás, um colega, eminente planejador, já dizia que, para não haver uma reversão de expectativas, o fluxo da espiral do desenvolvimento em áreas em vias de recuperação exige que surja uma interdependência e que o raciocínio seja ofuscado pela fome, que o trabalho faz esquecer.
- MANDRIÃO Pois é, pois é... Porém é justamente isso que o Pilico quer.
- TECO Atente para o detalhe: é irreversível.
- MANDRIÃO Até parece que você trabalha para ele. Ele ofereceu mais comida e menos trabalho.
- TECO Eu adoto uma campanha contra o ócio e abenço o jejum.
- MANDRIÃO Era só o que faltava. Se eles assim já acham ruim, imagine sacrificados. Nos matariam no primeiro dia.
- TECO Não, se agirmos com energia. Cerceando certas liberdades. Todos sabem que um povo com fome e liberdade rebela-se. Porém, se esse povo só tem fome, não se rebela. A História é testemunha das minhas palavras. Por exemplo, vamos impedir que eles falem com o Pilico.
- MANDRIÃO Não posso. Não tenho forças. Até a Totoca está fora da área das minhas influências.
- TECO Não creio! A Totoca sempre foi fiel ao nosso culto.

- MANDRIÃO Pra você ver como nosso culto está bagunçado.
- TECO Cruz credo! Porém não creio que a Totoca seja contra nós.
- MANDRIÃO Ela não é contra nem a favor, muito pelo contrário.
- TECO Lamentável.
- MANDRIÃO Hoje ela pegou um chapéu e saiu por aí. (*Suspira.*) Foi trabalhar com os outros.
- TECO Com que alegação ela cometeu tal desatino?
- MANDRIÃO Disse que quer ganhar o seu próprio sustento.
- TECO Isso é louvável. São sempre uns lucrinhos a mais.
- MANDRIÃO Só você não percebe que essa tomada de posição por parte dela tem origem nessa doutrina dissolvente que ultimamente se espalhou por aí.
- TECO Absurdo! Não existe doutrina alguma.
- MANDRIÃO É verdade o que te digo. Falo com base.
- TECO Maior absurdo nunca escutei. Você confunde insatisfação dessa gentalha com movimento organizado.
- MANDRIÃO O Manduca anda com coisa na cabeça. E eu posso garantir que não é chapéu. (*Teco ri com malícia.*) Também não é isso, sua besta! Ele nem casado é. Ele anda tendo ideias.
- TECO Cruz credo! Isso é grave.
- MANDRIÃO Gravíssimo!

- TECO Lamentável!
- MANDRIÃO Terrível!
- TECO Gravíssimo!
- MANDRIÃO Lamentável!
- TECO Terrível!
- MANDRIÃO Gravíssimo!
- TECO Lamentável!
- MANDRIÃO Terrível!
- TECO Gravíssimo!
- MANDRIÃO Chega!
- TECO Mas como a Totoca foi se perder?
- MANDRIÃO Foi culpa minha de certa forma. Naquela noite, depois que o Manduca conversou com o Pilico, eu percebi que ele estava muito excitado e achei que não era bom. Para aliviar a tensão, mandei a Totoca... ter com ele. Golpe tático.
- TECO Hável. Muito hábil.
- MANDRIÃO Mas falhou.
- TECO Não diga!
- MANDRIÃO Agora já disse. Ele passou a noite toda a falar de seus fantásticos sonhos.

TECO (grave) E ela?

MANDRIÃO Escutou.

TECO E nada?

MANDRIÃO E nada. (pausa) Que me diz?

TECO Cruz credo!

MANDRIÃO Diga alguma coisa inteligente!

TECO Dada a existência, tal como é exposta nos recentes trabalhos públicos de Poisson e Wattman, de um Deus pessoal quá-quá-quá de barbas brancas quá-quá-quá, fora do tempo sem extensão, que do alto da sua divina apatia, sua divina atambia, sua divina fantasia, nos ama entranhadamente, salvo algumas raras exceções. Por motivos ignorados, mas que o futuro revelará...

MANDRIÃO Mas isso é outra peça! Você esqueceu o texto?

TECO Esqueci o cacete! O autor da peça é o Plínio, e a única forma que ele tem de dizer uma coisa inteligente é plagiando, o que por sinal está muito na moda.

MANDRIÃO Isso é verdade. Mas o que me preocupa é que a Totoca começou a mudar e hoje culminou com a ridícula decisão de voltar ao trabalho.

TECO Bom, eu acho que a Totoca pode ser recuperada. Mande-a passar a noite comigo.

MANDRIÃO Para quê?

TECO Talvez consiga convencê-la de que está procedendo mal.

- MANDRIÃO Não adianta. Ela já ouviu tudo o que você tinha pra dizer.
- TECO Não custa repetir. Você sabe, as mulheres são tão volúveis...
Conversa vai, conversa vem... ela volta para o nosso lado.
- MANDRIÃO Não insista.
- TECO Mas pela causa...
- MANDRIÃO Deixa essa parte comigo.
- TECO Bem... melhor assim, menos trabalho pra mim.
- MANDRIÃO O que eu quero de você é uma forma eficiente de manter a harmonia.
- TECO Use a energia. A violência.
- MANDRIÃO Eu não posso fazer uma coisa dessas. E afinal, eu sou bom, generoso e quero o progresso de todos.
- TECO Eu sei, eu sei...
- MANDRIÃO Então trate de criar uma regra que mantenha as distâncias. Alguma coisa que faça com que eles achem justo não terem nada e eu ter tudo. (*para o público*) Afinal de contas, eu tenho quatro chapéus e eles, nenhum. Se eu não emprestar os meus chapéus, eles não podem pedir esmolas.
- TECO E fui eu que criei a convenção de que é anti-higiênico pedir esmolas sem chapéu.
- MANDRIÃO E como sou bom negociante, vi que era ótimo negócio eu mesmo vender a comida, forçando-os a comprarem de mim, sob pena de dispensá-los do meu serviço, caso fossem comprar mais barato em outro lugar.

- TECO E eu criei a imagem do deus Orongon, que impõe castigos terríveis, horripilantes, e que faz arder para sempre as almas desobedientes e, principalmente, os ladrões de chapéus.
- MANDRIÃO E todos nós progredimos.
- TECO Todos.
- MANDRIÃO Eu, por ser mais rico, conquistei a Totoca.
- TECO Muito justo. As melhores coisas para os de mais posses. E ela depois deu esmolas para os pobres. Totoca é muito dada.
- MANDRIÃO E eu, se não sou querido, sou temido.
- TECO E eu, se não sou amado, sou respeitado.
- MANDRIÃO O que vem a dar no mesmo.
- TECO E somos todos felizes!
- MANDRIÃO Éramos felizes! Até que apareceu o Pilico e começou a fazer concorrência.
- TECO E o Manduca se pôs a pensar.
- MANDRIÃO Isso é um horror.
- TECO Eles são uma ameaça para nós.
- MANDRIÃO Eles são a minha dor de cabeça.
- TECO São possuídos pelo demônio.
- MANDRIÃO São corruptos.

- TECO Não creem em Orongon. São subversivos.
- MANDRIÃO Não existe mais paz.
- TECO É o sinal dos tempos.
- MANDRIÃO Imaginem, o Pilico quer se igualar a mim! Não se contenta com o seu chapeuzinho.
- TECO Pecador!
- MANDRIÃO Ambicioso!
- TECO Mas o caso do Manduca é mais grave. Ele não tem nem um chapeuzinho e quer progredir.
- MANDRIÃO É um malnascido.
- TECO Bola preta pra ele.
- MANDRIÃO A situação é grave. O Pilico, com sua concorrência, é que cria ambiente propício para a desordem.
- TECO Precisamos eliminá-lo.
- MANDRIÃO Vamos expulsá-lo do nosso bando. Porém sem comprometer os alicerces da nossa ideologia. Por certo, eles aproveitariam a ocasião para ganhar terreno.
- TECO Agiremos de acordo com as circunstâncias. Pesaremos as consequências, analisaremos nossas possibilidades, anteveremos os resultados. E aí nossa política terá êxito.
- MANDRIÃO Assim espero.

Ouvm-se cantos fora de cena.

MANDRIÃO Aí vêm eles.

TECO Vamos nos esconder para ouvir o que dizem.

Eles se escondem. Entram Manduca, Pilico, Popô e Totoca. Vão cantando. Cada um tem um disfarce de mendigo. Manduca faz o aleijado, usa muletas (precisa de apoio). Pilico faz o homem de um braço só (quer estender o outro). Totoca faz a possuída da moléstia de São Guido (dança sempre). Popô faz o cego (não vê nada). Chegando no palco, tiram os disfarces e voltam a ser pessoas normais.

TOTOCA Finalmente chegamos.

MANDUCA Eles não estão.

POPÔ É mesmo.

TOTOCA Aonde será que eles foram?

MANDUCA Provavelmente estão pescando na beira do rio, ou batendo papo à sombra de uma árvore.

TOTOCA Vida boa.

MANDUCA Enquanto a gente se mata de trabalhar.

TOTOCA Essa doença de São Guido me cansa bastante.

MANDUCA E eu então com meu aleijão.

POPÔ Pior sou eu, de cego. Não vejo nada. Não tenho distração alguma. E não me queixo. O Teco falou que vou ter minha recompensa no reino de Orongon.

MANDUCA Não é justo a gente trabalhar para eles se divertirem. Não é justo.

- POPÔ Está certo, os chapéus são deles.
- MANDUCA Está certo nada, seu idiota!
- PILICO Se vocês trabalhassem comigo, também sobraria tempo para vocês pescarem.
- MANDUCA Vocês são sempre iguais. No princípio dão vantagens, depois nos exploram.
- POPÔ Manduca, não fala mais a palavra explora. O Teco disse que quem fala essa palavra perde a graça de Orongon.
- MANDUCA Mas que Orongon, animal?
- POPÔ Orongon, o deus de que o Teco fala.
- MANDUCA Você é mesmo um imbecil! Acredita em tudo quanto é bobagem.
- TOTOCA Coitadinho do Popô!
- TECO (*fora de cena*) O Popô está bem doutrinado.
- MANDRIÃO (*idem*) Mas o Manduca já é problema.
- MANDUCA Escute, Popô. Esse negócio de Orongon é pura besteira.
- TOTOCA E os demônios são os exploradores.
- MANDUCA No nosso caso, são o Mandrião e o Teco.
- POPÔ Cruz credo!
- TOTOCA Ah, eles não! Eles são tão bonzinhos.

- MANDUCA Bonzinhos na aparência. No íntimo são maus. E precisam ser eliminados.
- POPÔ Cruz credo!
- TOTOCA Não concordo. Você é um extremista. Por isso comete enganos. Mandrião é muito bom. Ele que nos permite trabalhar.
- POPÔ Com a graça de Orongon!
- TOTOCA E é esse trabalho que nos dá a independência econômica.
- MANDUCA Esse trabalho a faz cada vez mais dependente. Escrava. É preciso conquistar a liberdade a qualquer preço. Sem sentimentalismo.
- TOTOCA Eu não quero te ouvir mais.
- MANDRIÃO (*fora de cena*) Puxa, o Manduca é um perigo.
- TECO (*idem*) Mas não tem apoio de ninguém.
- PILICO Escute, Totoca, o Manduca é um sectário. Agora, eu acho ótimo que você queira ser independente economicamente. E num ponto temos que dar razão ao Manduca. Ele está certo quando diz que você, trabalhando com o Mandrião, não atingirá seu objetivo.
- TOTOCA Não?
- PILICO Claro que não. As condições de trabalho que ele oferece são péssimas. Venha trabalhar comigo. Logo você vai progredir.
- TOTOCA Qual a sua proposta?
- MANDRIÃO (*fora de cena*) Vamos intervir.

- TECO (idem) Espere! Vamos ouvir a proposta.
- MANDRIÃO Para quê?
- TECO Para cobri-la, caso seja preciso.
- PILICO As vantagens que ofereço...
- MANDUCA Um momento, Totoca.
- TOTOCA O que foi?
- PILICO Não se meta.
- MANDUCA E por que não?
- PILICO Esse assunto não lhe interessa.
- MANDUCA Naturalmente que interessa.
- PILICO Esse é um assunto particular.
- MANDUCA A Totoca é que decide se quer falar em particular com você.
- TOTOCA Eu...
- MANDUCA Lembre-se de sua reputação, Totoca. Ela pode ser abalada com essa entrevista particular.
- TOTOCA Eu...
- POPÔ Deixa o Manduca escutar. Ele também é filho de Orongon.
- TOTOCA Claro. E depois vivemos numa democracia.

- MANDUCA E o Pilico nada pode fazer para impedir que eu escute e fale. Nada.
- PILICO Afinal, somos aliados, Manduca. Sabe aquele auxílio que você me pediu? Pois estou disposto a conceder. Depois falaremos dos detalhes. Agora deixa eu fazer a minha proposta ao Popô, tão simpático...
- POPÔ (*Ri feliz.*) Obrigado.
- PILICO E à Totoca, tão bonita.
- TOTOCA (*com dengo*) Obrigada.
- MANDUCA Creio que a hora não é de propostas comerciais. A hora é de criar condições para que cada um tenha o seu próprio chapéu.
- PILICO Mas isso é utópico.
- MANDUCA Não é, não. Você não conseguiu o seu?
- PILICO Bem, mas no meu caso...
- MANDUCA Você é melhor do que os outros?
- POPÔ O Teco disse que perante Orongon todos os homens são iguais.
- TOTOCA Seria ótimo que cada um tivesse o seu chapéu.
- PILICO Teoricamente isso é lindo. Mas a prática nos aconselha a deixarmos isso para outra etapa.
- MANDUCA Depois que eu explicar o meu plano, você verá que já existem as condições objetivas.

- PILICO Mais vale um pássaro na mão do que dois voando.
- MANDRIÃO *(fora de cena)* Vamos intervir.
- TECO *(idem)* Com muito tato.
- MANDRIÃO *(entrando)* Olá, meus ilustres trabalhadores!
- TECO Cansados, hoje?
- MANDRIÃO Vamos à féria. Popô, quanto rendeu?
- POPÔ Só isso.
- MANDRIÃO Só isso?
- TECO Só isso?
- POPÔ Só.
- TECO Absurdo.
- MANDRIÃO Por que só isso?
- POPÔ Porque o Pilico e o Manduca ficaram conversando comigo e não me deixaram trabalhar.
- MANDRIÃO Você ouviu, Teco?
- TECO Popô, você sabe que quem não trabalha será castigado por Orongon?
- POPÔ Sei.
- MANDRIÃO E daí?

TECO Por que não trabalhou?

POPÔ Porque eles conversaram comigo.

TECO Ah, é? O demônio te pegará. Não tem jeito.

POPÔ Eu não quero.

TECO Então tem que fazer penitência.

POPÔ Eu faço. Qual é?

TECO Vá fazer as suas obrigações para o encantado.

POPÔ Está bem.

MANDRIÃO *(para o Teco)* Idiota! Isso está fora de moda. Manda ele dar as horas de descanso em trabalho para Orongon.

TECO Depois. Agora vamos ao outro.

MANDRIÃO Manduca, onde está a fêria?

MANDUCA Pega.

MANDRIÃO Só isso?

TECO Só isso?

MANDUCA E olhe lá!

MANDRIÃO E por que só isso?

MANDUCA Dia ruim.

TECO É mentira. Olha, Manduca, quem mente se estrepa.

MANDUCA E daí?

TECO Bem, e daí... É que... se você mentir...

MANDUCA Vou perder as graças de Orongon.

TECO Isso mesmo.

MANDUCA Já não engulo essa história.

TECO Mas isso é um sacrilégio.

MANDRIÃO Quero saber por que rendeu pouco.

MANDUCA Já disse, dia ruim.

MANDRIÃO Nós sabemos que é mentira.

TECO Sabemos.

MANDUCA Como? Vocês estavam lá?

MANDRIÃO Popô disse que você conversou o dia todo com ele. Não trabalhou, nem deixou ele trabalhar.

MANDUCA E dedo-duro não perde a graça de Orongon?

TECO Zelar pelos interesses do patrão não é delação.

MANDRIÃO Agora explique-se.

MANDUCA Conversei porque não tinha para quem pedir.

TECO Não minta.

MANDUCA Não estou mentindo. Você não estava lá. Portanto não enche.

TECO Vamos à penitência.

MANDUCA Quero avisar vocês de uma coisa.

TECO Fale.

MANDUCA De hoje em diante, não descontem mais a taxa de Orongon das minhas comissões.

TECO O que você disse?

MANDUCA O que você ouviu.

TECO Faça alguma coisa, Mandrião! Urgente!

MANDRIÃO Manduca, sabe que isso pode lhe fazer perder o emprego?

PILICO (*com uma tabuleta*) Precisa-se de empregados! Precisa-se de empregados!

TECO Que sujeira!

MANDRIÃO Falta de ética!

PILICO Precisa-se de empregados!

MANDUCA Então?

MANDRIÃO Então o quê?

MANDUCA Vou ou não ser despedido?

MANDRIÃO Dessa vez passa. Porém você precisa produzir mais.

TECO Muito mais.

MANDUCA Produzo de acordo com as circunstâncias.

TECO Vamos atender a Totoca.

MANDRIÃO Totoca, venha cá.

TECO Espero que tenha sido um dia rendoso, com a graça de Orongon.

TOTOCA Só rendeu isso. (*Entrega um cruzeiro pregado numa tábuca.*)

MANDRIÃO Mas está ótimo! Isso é um cruzeiro forte!

TECO Para o primeiro dia de trabalho não está mal.

MANDRIÃO Claro que para o futuro há de melhorar. Tenho certeza. Confio na capacidade da Totoca.

TOTOCA Obrigada.

TECO Como é, Manduca, vamos à penitência?

MANDUCA Eu vou jantar.

MANDRIÃO Quem não trabalha não come.

MANDUCA E quem não come não trabalha.

PILICO Precisa-se de empregados!

MANDUCA E eu trabalhei.

MANDRIÃO Porém rendeu pouco.

TECO Confesse-se arrependido e faça jejum.

MANDUCA Quero saber quando se come aqui.

MANDRIÃO Depois do trabalho.

PILICO Precisa-se de empregados!

MANDUCA Quando se come?

MANDRIÃO Agora. E espero que todos vocês saibam compreender a nossa generosidade e produzam mais amanhã.

MANDUCA Venha comer, Popô.

POPÔ Oba!

TECO Você, não.

TOTOCA E por que não?

TECO Ele vai fazer jejum para se penitenciar por ter andado em más companhias e trabalhado com negligência.

POPÔ Mas eu estou com fome!

MANDRIÃO Assim o Popô aprende a obedecer.

TOTOCA Coitadinho!

MANDUCA Não admitiremos injustiças. Se o Popô não jantar, eu e a Totoca também não jantaremos em solidariedade.

TECO Melhor, sobra mais.

MANDRIÃO É.

TOTOCA Façam bom proveito.

MANDUCA Só que amanhã não iremos trabalhar.

MANDRIÃO Você ouviu, Teco?

MANDUCA Nem depois, nem depois. Ou vocês nos dão jantar, conforme o combinado, ou não voltaremos ao trabalho nunca mais.

MANDRIÃO *(ao Teco)* E agora, seu idiota?

TECO A situação requer calma.

MANDRIÃO Estou calmo.

TECO Eles estão ganhando.

PILICO Precisa-se de empregados!

Popô e Totoca dão alguns passos em direção ao Pilico.

MANDRIÃO Esperem!

MANDUCA O quê?

MANDRIÃO Vamos jantar.

POPÔ Viva! Viva!

TOTOCA Eu estou com uma fome!

MANDUCA Camaradas! Amanhã vamos iniciar uma campanha para melhora da comida.

TOTOCA Ótimo!

POPÔ Viva! Viva!

Mandrião e Teco servem a comida.

MANDUCA Camaradas! Depois de amanhã iniciaremos a campanha para o pagamento de taxas menores para o chapéu.

TOTOCA Ótimo!

POPÔ Viva! Viva!

MANDRIÃO Você não come, Teco?

TECO Perdi o apetite.

MANDRIÃO Eu também.

TECO A situação é grave.

MANDRIÃO Gravíssima!

TECO A culpa é do Pilico.

MANDRIÃO Ele está ganhando terreno.

TECO Na aparência.

MANDRIÃO A turma está disposta a passar para o lado dele.

TECO Isso é xaveco. Porém isso não lhe dará vantagens. A chantagem que estão fazendo conosco, farão com ele depois.

MANDRIÃO E o idiota não percebe.

TECO Precisamos esclarecê-lo.

MANDRIÃO Vamos visitá-lo esta noite.

- POPÔ A comida estava gostosa, graças a Orongon.
- MANDUCA Agora podemos conseguir o que quisermos deles. Eles precisam de nós.
- TOTOCA É. Juntos levamos vantagens. Se eles nos despedem, têm eles próprios que trabalhar.
- POPÔ Eu comi bem. Com a graça de Orongon.
- MANDUCA Bem, vamos dormir. Amanhã será outro dia.
- TOTOCA Eu estou gostando bastante da minha nova vida. Está sendo divertida.
- POPÔ Vou rezar e depois dormir.
- Popô reza e depois dorme. Manduca e Totoca dormem. Teco e Mandrião aproximam-se de Pilico.*
- PILICO Que querem?
- TECO Fale baixo.
- MANDRIÃO Queremos lhe falar.
- PILICO Sejam breves. Estou com sono.
- TECO Seremos rápidos.
- PILICO Então falem.
- TECO Você acha que procedeu corretamente fazendo a propaganda que fez, justamente numa hora difícil para nós?
- PILICO Mas era uma ótima hora para mim.

- MANDRIÃO Foi falta de ética de sua parte.
- PILICO Se é sobre ética que vão falar, voltem amanhã. O assunto é muito complexo e eu estou com sono.
- TECO Você acha que está ganhando popularidade?
- PILICO Ninguém pode negar que me tornei simpático.
- TECO É verdade. E eles podem passar a trabalhar do seu lado talvez amanhã mesmo.
- PILICO Amanhã ou depois. Uma questão de tempo.
- TECO Naturalmente.
- PILICO Naturalmente.
- TECO E podem vir a fazer exigências descabidas.
- MANDRIÃO E eu, a fazer propaganda que preciso de empregados.
- TECO Como vê, ética não é um assunto tão complexo.
- MANDRIÃO E precisa existir.
- TECO Convênio entre os da mesma categoria.
- MANDRIÃO Ou nos defendemos mutuamente, ou eles assumem o controle das coisas.
- PILICO Acho que vocês têm razão.
- TECO Melhor assim.
- MANDRIÃO Coopera conosco?

PILICO Que pretendem fazer?

MANDRIÃO Punir o Manduca.

TECO Destruí-lo para sempre.

Pausa. Música.

MANDRIÃO Que responde?

TECO Ou está conosco, ou está contra você mesmo.

PILICO Qual a vantagem material que levo nisso tudo?

Pausa.

MANDRIÃO Não vejo o que lhe possa dar.

PILICO Quero o Popô pelo menos.

MANDRIÃO De jeito nenhum!

PILICO Nada feito, então.

TECO Esperem um pouco. Podemos fazer um outro acordo.

PILICO Desembuche.

TECO Um dia da semana pelo menos cedemos a Totoca e o Popô para você.

MANDRIÃO Nada feito.

PILICO Nessa base eu topo.

MANDRIÃO Mas quem não topa sou eu! Minha renda já vai cair com a eliminação do Manduca. Se fico sem os outros um dia que seja, me será pesado.

PILICO Como será então?

Teco pega Mandrião pelo braço e o leva para um canto.

TECO Escuta aqui, Mandrião, o que fede mais: o excremento de um bode ou o de uma girafa angolana?

MANDRIÃO Não sei.

TECO Se você não entende de merda, como quer dar palpite em conchavo político? Deixa tudo por minha conta.

Teco volta para junto de Pilico.

Ele empresta os dois no dia de folga deles.

MANDRIÃO Aí, ainda vá lá.

PILICO Também aceito.

TECO E você, Pilico, nesse dia, desconta a taxa de Orongon e me dá.

PILICO Claro.

TECO Está feito o acordo?

MANDRIÃO Feito.

PILICO Feito.

TECO É ótimo lidar com gente inteligente.

PILICO Bondade sua.

MANDRIÃO O mesmo digo eu.

TECO Sou sincero. Todos saímos ganhando. A subversão está sufocada. E se me permitirem uma sugestão... As taxas de Orongon serão aumentadas.

PILICO Naturalmente.

MANDRIÃO Naturalmente.

TECO As taxas de Orongon serão reaumentadas.

PILICO Manda brasa!

Mandrião também concorda.

TECO As taxas de Orongon serão re-reaumentadas.

PILICO Com correção monetária e tudo!

Mandrião concorda.

TECO Com as graças de Orongon! Louvado seja Orongon.

SEGUNDO ATO

Todos dormem, menos Teco e Mandrião.

- MANDRIÃO O acordo com o Pilico não me agradou.
- TECO Era a única forma de voltarmos a controlar a situação.
- MANDRIÃO Acho que no futuro ele voltará a nos criar problemas.
- TECO Primeiro cuidaremos do Manduca. Depois liquidaremos o Pilico. Cada coisa tem seu tempo.
- MANDRIÃO O Manduca já está liquidado.
- TECO Ainda não. Temos que cortar os laços que ele criou com o Popô e a Totoca. Não podemos deixar nenhuma possibilidade para ele escapar.
- MANDRIÃO Bem lembrado.
- TECO Com o Popô será fácil, ele é estúpido. Porém com a Totoca será mais complicado.
- MANDRIÃO Que pretende fazer?
- TECO Nomeá-la uma espécie de assistente nossa. Um elemento da direção.
- MANDRIÃO Não gosto da ideia. Quanto maior o número de dirigentes, mais fraca fica a direção.
- TECO A gente tem que jogar conforme o jogo.
- MANDRIÃO Mas quem dá as cartas sou eu.

- TECO Isso mais tarde. Agora o jogo requer uns blefes. Trouxemos o Pilico para o nosso lado. Trazemos o Popô e a Totoca. Liquidamos o Manduca. Depois provocamos um atrito com o Pilico e o destruiremos. E aí os outros terão que fazer o nosso jogo, ou...
- MANDRIÃO Ou?...
- TECO Serão todos destruídos.
- MANDRIÃO Destruídos todos, e quem vai trabalhar para mim, seu animal?
- Pausa.*
- TECO Bem... eu acho... que tudo sairá bem...
- MANDRIÃO Troque isso em miúdos.
- TECO Eu acho... que, sem o Pilico e o Manduca por perto, Popô e Totoca voltam a ser o que sempre foram. Obedientes à lei de Orongon.
- MANDRIÃO Isso eu também acho.
- TECO Então vamos entrar em ação.
- MANDRIÃO Antes quero te avisar que, se seu plano falhar, você me pagará caro.
- TECO Se meu plano falhar, você não terá condições de cobrar nada.
- MANDRIÃO (*engolindo em seco*) Bem... Espero que tudo saia bem.
- TECO Com a graça de Orongon há de sair. E por falar em Orongon, é preciso aumentar com urgência a taxa dele.

MANDRIÃO Maquiavel perto de você era pinto.

TECO Obrigado. Quanto à taxa para Orongon...

MANDRIÃO Será aumentada.

TECO Saravá!

MANDRIÃO Vamos agir.

TECO Começamos pela Totoca.

Os dois aproximam-se da Totoca e a acordam.

TECO Acorda, Totoca.

TOTOCA (*acordando*) Ah, hoje não, estou cansada.

MANDRIÃO Precisamos lhe falar.

TOTOCA Audácia do bofe! Acordar a gente para falar. Não podiam esperar até amanhã?

MANDRIÃO Não.

TOTOCA Aconteceu algo grave?

TECO Não, nada de grave, mas eu e o Mandrião estivemos conversando sobre você.

TOTOCA Falavam mal, já sei.

TECO Pelo contrário.

MANDRIÃO Falávamos sobre o seu procedimento na hora do jantar. Sua participação naquela coisa toda.

- TOTOCA Bem, e daí? Não gostaram?
- TECO Achamos muito nobre o seu gesto. Nos comoveu ver você preocupada com a sorte do Popô. Isso agrada a Orongon.
- TOTOCA Bem, o mérito cabe ao Manduca.
- MANDRIÃO Esse não me agrada.
- TECO Nem a Orongon.
- TOTOCA Mas a iniciativa partiu dele.
- MANDRIÃO Por isso mesmo não me agrada.
- TOTOCA Não entendo.
- TECO Ele é mau. É um possuído do demônio. Serve-se da sua bondade e da estupidez do Popô para atingir seus torpes propósitos.
- MANDRIÃO Vocês são inocentes úteis dele.
- TOTOCA Espero que vocês não tenham vindo me acordar só para me dizerem essas coisas.
- TECO Não. Ele... isto é, nós queríamos lhe dizer...
- TOTOCA Falem logo o que querem falar e me deixem dormir. Estou cansada. E amanhã precisamos iniciar a campanha de “melhor e mais comida”.
- Teco e Mandrião se assustam. Pausa.*
- TOTOCA Vamos, falem.
- Mandrião cutuca Teco.*

- TECO Nós queríamos lhe dizer que... você fica muito bem de papalotes.
- TOTOCA (*faceira*) Bondade de vocês.
- TECO Não é bondade. É o que achamos. Ela não está linda, Mandrião?
- MANDRIÃO Demais.
- TOTOCA Obrigada. Não querem sentar?
- MANDRIÃO Estamos bem de pé.
- TECO Precisamos ser breves. Amanhã você tem muito o que fazer. Tem a tal campanha.
- TOTOCA É verdade. Mas sentem um pouquinho.
- TECO Já que insiste.
- TOTOCA Foi muita gentileza da parte de vocês virem me acordar para dizer que eu fico linda de papalotes.
- TECO É que sua beleza nos preocupa.
- MANDRIÃO Muito.
- TOTOCA Verdade?
- TECO Verdade. E a maior prova disso é que, pensando que esse trabalho que você faz pode vir a prejudicar a sua beleza, resolvemos promovê-la.
- TOTOCA E que trabalho farei?

- TECO Um que condiga com seu coração generoso e não desgaste a sua beleza.
- MANDRIÃO E logicamente lhe dará maiores rendimentos.
- TOTOCA Isso não me preocupa muito. Trabalho apenas por gosto. Mas que terei que fazer?
- MANDRIÃO O que eu mandar.
- TOTOCA Em específico?
- TECO Como você pode constatar, vivemos numa época de crise. Ninguém dá esmolas e, muito a contragosto, nos vemos forçados a elevar certas taxas, criar outras novas e diminuir o tempo de lazer. Tudo, é claro, para o bem da comunidade. O Popô, porém, talvez não compreenda a necessidade de tais medidas. Talvez ele não possa comer todos os dias. Esse simples fato pode dar a ele uma sensação de miséria. E pessoas com essa sensação precisam de certa assistência, senão se revoltam.
- TOTOCA E vou ter que ajudá-lo a se conformar?
- MANDRIÃO Isso mesmo.
- TECO É para o bem dele. Se ele se revolta, não ganhará as graças de Orongon e nós vamos lamentar muito.
- MANDRIÃO E ter que usar violência.
- TECO O que é contra todos os nossos princípios.
- TOTOCA E quanto ao Manduca?
- MANDRIÃO Será despedido. Não nos serve mais.

TECO Ele irá trabalhar com o Pilico. Ele ofereceu emprego a vocês, não foi?

TOTOCA Foi.

TECO Então o Manduca não ficará desamparado nessa hora. Graças a Orongon. Fico tranquilo. Me preocupava com a sorte desse moço. Só se o Pilico for muito sem caráter é que não lhe dará emprego.

MANDRIÃO Aceita, Totoca?

TECO Orongon inspire sua decisão.

MANDRIÃO Você vai ganhar mais.

TECO E trabalhar menos.

MANDRIÃO Terá tempo para se divertir.

TECO Para rezar... para cuidar da sua beleza...

Pausa.

TOTOCA Aceito.

TECO Orongon seja louvado!

MANDRIÃO Está empregada.

TECO Quanto à campanha que você iniciava amanhã para tratar da comida...

TOTOCA Agora já compreendi a realidade da situação. Não vejo mais razão para essa campanha.

MANDRIÃO Ótimo!

TECO Orongon seja louvado!

Totoca deita-se e dorme. Os dois aproximam-se de Popô. Mandrião vai lhe dando pontapés.

Acorda, Popô!

MANDRIÃO (*dando pontapés*) Acorda, vagabundo!

TECO Viemos lhe falar em nome de Orongon.

POPÔ Orongon seja louvado!

TECO Estamos muito zangados com você.

POPÔ Mas eu não fiz nada.

MANDRIÃO Você escutou, Teco? Não fez nada.

TECO Popô, você está cheio de pecado.

POPÔ Cruz credo!

MANDRIÃO E eu não quero que pecadores trabalhem para mim.

POPÔ Mas o que eu fiz?

MANDRIÃO Não sabe?

POPÔ Não.

MANDRIÃO É o cúmulo! Não sabe!

TECO Maldita ignorância!

- MANDRIÃO Seu trabalho rendeu pouco.
- POPÔ Não foi culpa minha.
- TECO Não fez o jejum que eu recomendei.
- POPÔ Eu estava com fome.
- MANDRIÃO Negligenciou no serviço.
- TECO Ofendeu Orongon.
- POPÔ Orongon me perdoe!
- MANDRIÃO Acompanhou o Manduca em sua revolta.
- TECO Seguiu os demônios.
- POPÔ Orongon meu!
- MANDRIÃO Agora pagará pelos seus erros.
- TECO Quem semeia ventos colhe tempestade.
- MANDRIÃO Mais vale dois marimbondos voando do que um na mão.
- POPÔ Que vai me acontecer?
- MANDRIÃO Será despedido.
- TECO Orongon o abandonará.
- POPÔ (*Começa a rezar.*) Orongon lulubabaluba...
- MANDRIÃO Não vai mais ter o que comer. (*Ri sarcástico.*)

TECO Orongon não o ouvirá.

MANDRIÃO Está feita a justiça.

TECO O pecador será castigado.

POPÔ Que vou fazer?

TECO Sei lá!

MANDRIÃO Dane-se!

Pausa.

POPÔ (*Reza desesperado.*) Orongon lulubabaluba...

MANDRIÃO Anda logo com isso! Esse imbecil já me encheu a paciência.

TECO Silêncio, ó pecador! (*Popô assusta-se.*) Orongon, em sua infinita bondade, escutou suas preces. Dê graças a Orongon.

POPÔ Graças a Orongon!

TECO Orongon ordena saber de você, ó pecador, se seu arrependimento é sincero.

POPÔ Pode dizer a Orongon que é, sim. Eu estou arrependido de verdade.

TECO Jura?

POPÔ Juro.

TECO Você jura que nunca mais se revolta contra minhas ordens?

POPÔ Juro.

TECO Jura que nunca mais escuta o Manduca?

POPÔ Juro! Juro! Juro!

MANDRIÃO Nem o Pilico?

POPÔ Juro! Juro! Juro!

TECO E que só obedece a mim?

MANDRIÃO E a mim!

POPÔ Juro! Juro! Juro! Juro!

MANDRIÃO Ótimo.

TECO Está perdoado em nome de Orongon.

POPÔ Eu vou ganhar as graças de Orongon?

TECO Se não quebrar o juramento, vai.

POPÔ E se o Manduca falar comigo?

MANDRIÃO Você não escuta, e pronto!

POPÔ E se eu escutar?

MANDRIÃO Eu não deixo você trabalhar com o meu chapéu.

TECO E eu não rezo pela sua alma.

POPÔ Se ele falar comigo, eu não escuto, e pronto!

MANDRIÃO Assim você vai bem.

TECO Com a graça de Orongon.

POPÔ Com a graça de Orongon!

Teco e Mandrião afastam-se. Popô benze-se e começa a rezar. No meio da oração, dorme.

TECO Está tudo indo bem.

MANDRIÃO Acho bom que vá assim até o fim.

TECO Com a graça de Orongon, irá.

MANDRIÃO Vamos ao Manduca.

Teco e Mandrião aproximam-se de Manduca, que dorme.

TECO Acorda, Manduca!

MANDUCA (*acordando, assustado*) Que é?

MANDRIÃO Boa noite.

MANDUCA São vocês?

TECO Como vê.

MANDUCA Pensei que fosse pesadelo.

MANDRIÃO Precisamos falar-lhe.

MANDUCA Por que não esperaram eu acordar?

MANDRIÃO Porque eu não quis. E daí?

MANDUCA Bem, falem logo o que querem e caiam fora.

MANDRIÃO Viemos te avisar que você não trabalha mais com o meu chapéu.

TECO Que Orongon se apiede de ti.

MANDUCA E o diabo te carregue!

TECO Cruz credo!

MANDUCA Já falaram o que tinham para falar?

MANDRIÃO Que pensa fazer?

MANDUCA Não é da sua conta.

TECO Claro que ficamos preocupados com sua sorte.

MANDUCA Não perca o sono com essa preocupação.

MANDRIÃO Não vai trabalhar com o Pilico? (Ri.)

TECO Ele convidou, não foi? (Ri.)

MANDUCA Vocês verão o que farei.

MANDRIÃO Vai ser divertido.

MANDUCA Agora sumam.

Teco e Mandrião vão saindo.

MANDUCA Teco! Teco!

TECO Que você quer?

MANDUCA Antes que me esqueça...

TECO Que é?

MANDUCA Você sabe remar?

TECO Sei. Por quê?

MANDUCA Então vá à merda de barquinho!

TECO Cruz credo!

Manduca ri. Teco e Mandrião afastam-se.

Tomaremos as 36 pastilhas de Nembutal e dormiremos sem lembrar os esgotos de Varsóvia.

MANDRIÃO Teco, depois que conheci Freud, mamãe ficou ótima.

TECO E por falar em bomba atômica, bum pra você!

MANDRIÃO James Bond não é mais aquele. Palmadinhas nos zerinhos dele.

TECO É uma brasa, mora!

Teco e Mandrião vão dormir. Manduca observa para ver se todos dormem e, pé ante pé, aproxima-se de Popô e Totoca. Manduca acorda-os.

POPÔ Puxa, outra vez! (*Vê Manduca, fica assustado.*)

MANDUCA Preciso lhe falar.

POPÔ Louvado seja Orongon!

MANDUCA Fique quieto, seu imbecil!

POPÔ Não posso te escutar. Eu jurei. (*Tapa os ouvidos.*)

MANDUCA Isso não é hora de brincar.

POPÔ Não estou brincando.

MANDUCA Presta atenção, seu cretino.

POPÔ Não escuto nada do que você diz.

MANDUCA Você ficou louco? Tire a mão da orelha e presta atenção.

Manduca tira a mão de Popô da orelha.

POPÔ Não faça isso! Orongon lulubabaluba...

MANDUCA Escuta, Popô. Para com essas malditas orações!

POPÔ Cruz credo! Eu escutei. (*Tapa os ouvidos de novo.*)

MANDUCA Popô, por que você não quer me ouvir?

POPÔ (*destapando um pouco a orelha para escutar*) Porque você é um possuído pelos demônios.

MANDUCA Quem falou essa besteira?

POPÔ O Teco e o Mandrião. Se eu escutar, perco as graças de Orongon e não como nunca mais.

MANDUCA Isso é mentira, seu bobo.

TOTUCA (*acordando*) O que é isso? Popô, acordado a essa hora, meu rapaz? Se você não dorme direito de noite, como poderá produzir amanhã no trabalho?

POPÔ Foi o Manduca que me acordou. Eu não tive culpa.

TOTOCA Que coisa lastimável, Manduca! Seu procedimento me choca. Por favor, não perturbe o Popô.

MANDUCA Que há com vocês? Ficaram loucos? Eu os acordei porque aconteceu uma coisa muito séria. Deixem de brincadeira e prestem atenção.

TOTOCA Que foi que aconteceu?

MANDUCA O Mandrião me despediu.

TOTOCA E por isso você acordou o Popô?

MANDUCA Claro! A situação é grave.

TOTOCA Não acho. E isso não é motivo para você acordar o Popô. Lembre-se de que ele precisa descansar bem, para poder trabalhar bem e não ser despedido também.

POPÔ É isso mesmo.

MANDUCA Eu fui despedido. Você não acha isso grave?

TOTOCA Eu, não.

MANDUCA Pois saiba que a nossa situação é gravíssima. Eles podem também despedir vocês. Precisamos agir imediatamente. Vocês dois recusem-se a trabalhar até que o Mandrião volte a me admitir no serviço.

TOTOCA Quem não trabalha não come.

POPÔ Tem razão. É isso mesmo.

MANDUCA Compensa uns dias de jejum por uma bela vitória. Nós, unidos, os venceremos com facilidade.

- TOTOCA Manduca, não seja tão egoísta. Você não há de querer que todos fiquem sem comer por sua causa, não é? Veja, seu egoísmo já está roubando horas de sono do Popô.
- POPÔ É isso mesmo.
- MANDUCA Egoísmo, uma ova! Se vocês me deixam sozinho, nós todos nos estrepamos do primeiro ao quinto.
- TOTOCA Você está muito nervoso, Manduca. Precisa tomar um calmante. Vá dormir e amanhã você estará melhor, e verá que tudo isso que você quer é besteira. Não é justo você querer arrastar o Popô e eu junto com você. Vá dormir. Nada é tão grave como parece.
- MANDUCA Eu perco o emprego, e isso não é grave?
- TOTOCA Não é.
- POPÔ Não é?
- TOTOCA Ele pode ir trabalhar com o Pilico.
- POPÔ Ah, é! Você não vai passar fome.
- MANDUCA Isso é o nosso fim. Continuaremos escravos.
- TOTOCA Durma, Popô. Amanhã você tem que trabalhar. Você não quer ter a mesma sorte que o Manduca, quer?
- POPÔ Coitadinho do Manduca.
- TOTOCA É. Ele vai para o inferno.
- MANDUCA Pintado de verde e amarelo.

POPÔ Coitado de você.

MANDUCA Coitado de você, Popô.

Manduca vai se afastando. Totoca e Popô voltam a dormir. Manduca se dirige ao público.

Perdi essa batalha, porém a luta continua. O amadurecimento das condições objetivas fatalmente chegará. A classe operária triunfará e assumirá o poder, quer queira, quer não a decadente burguesia. O imperialismo norte-americano e seus títeres internos serão esmagados pela dialética irreversível da História. Amém. (*pausa*) Bem, mas agora não há outro jeito. Vou falar com o Pilico.

Manduca aproxima-se do Pilico e o acorda.

Desculpe acordá-lo a essa hora.

PILICO Realmente é uma hora imprópria. Eu estava no melhor do sono.

MANDUCA Mais uma vez desculpe.

PILICO Agora que eu já acordei, não adianta mais se desculpar.

MANDUCA É verdade. Mas, se procedi assim, é porque tenho urgência de tratar um negócio com você.

PILICO Que negócio podemos ter a tratar?

MANDUCA Sobre aquele anúncio que você fez ontem sobre emprego.

PILICO É. Aquilo foi ontem. Hoje mudei de ideia.

MANDUCA Não entendo.

- PILICO Muito simples. Eu estava pensando em ampliar meu negócio. Porém, analisei a situação e concluí que não era hora para isso. Talvez no futuro. Já, não. (*Boceja.*)
- MANDUCA Quer dizer...
- PILICO Que aquele anúncio está sem efeito.
- MANDUCA Mas eu estou sem emprego.
- PILICO Problema seu. Aliás, muito grave. Será difícil conseguir colocação nessa época de crise.
- MANDUCA Eu aceito qualquer condição de trabalho.
- PILICO Lamento, mas não posso atendê-lo.
- MANDUCA Trabalho a troco de comida.
- PILICO Talvez no futuro isso venha a me interessar.
- MANDUCA Mas eu preciso já.
- PILICO Já, não posso. Já lhe expliquei. Porém prometo-lhe que a primeira oportunidade que tiver, me lembrarei de você.
- MANDUCA Que será de mim?
- PILICO Não faço a menor ideia. E agora, se me dá licença, preciso dormir. Boa noite. (*Deita-se.*)
- MANDUCA Espere, Pilico. Eu ainda tenho uma proposta a lhe fazer. É realmente vantajosa...

Pilico ronca na cara do Manduca. Pausa. Manduca fica pensativo por um momento. Depois, sorratamente, aproxima-se do chapéu de Mandrião. Certifica-se de que todos dormem. Pega um chapéu e vai se afastando cuidadosamente. Pilico fica de pé e fecha a saída.

PILICO Pega ladrão!

Manduca quer fugir, mas está cercado por todos os lados. Mandrião aproxima-se de Manduca, e esse entrega o chapéu. Mandrião amarra as mãos de Manduca e o joga no chão.

MANDRIÃO Maldito ladrão!

TECO Graças a Orongon foi preso.

PILICO Fiz bem em não confiar nele.

POPÔ Xi... Ele vai perder as graças de Orongon.

TOTOCA Pobre homem, a sua revolta o perdeu.

MANDRIÃO Quando soube do roubo, quase tive um enfarte.

TECO Fiquei cansado.

POPÔ E eu, com fome.

TOTOCA Tudo por culpa do ladrão.

PILICO Precisamos fazer justiça.

MANDRIÃO Será feita.

Mandrião canta "Atirei o pau no gato"; Teco canta "Aleluia"; Popô canta "Hino do estudante"; Totoca canta "Chuvas e bênçãos"; Pilico canta "A Marselhesa"; todos cantam juntos "Quero que vá tudo pro inferno".

Ele será morto para sempre.

- PILICO Acho que basta amarrá-lo por algum tempo.
- MANDRIÃO Não, não basta. No dia em que ele for desamarrado, volta a ser uma ameaça.
- TECO Sendo assim, despacha logo o criminoso para o inferno. Lá ele receberá seu castigo. Os pecadores devem ser punidos com energia para servirem de exemplo.
- PILICO Acho que basta amarrá-lo, já disse. Uns tempos sem comer farão com que ele crie juízo. Depois pode voltar a ser aproveitado. Eu mesmo posso lhe dar uma chance no futuro.
- MANDRIÃO Como dizia o grande filósofo Al Capone, os fantasmas não enchem o saco.
- TECO Bem lembrado.
- MANDRIÃO Partindo desse princípio, quero a pena máxima.
- TECO Temos homens que zelam pela sociedade, graças a Orongon!
- PILICO O crime dele não foi tão grave assim.
- POPÔ É, não foi.
- TODOS Não foi?
- POPÔ Foi ele quem disse.
- PILICO Ele só roubou um chapéu.
- TECO E isso não é grave?
- MANDRIÃO Porque não foi o chapéu dele que esse cão roubou.

- POPÔ Para quem tem muitos chapéus, não é tão grave perder um.
- TOTOCA Popô, não se mete a ter ideias!
- MANDRIÃO *(para Popô)* Cretino! Ingrato!
- TECO Popô, se você falar mais, vai para o inferno!
- PILICO O Popô tem razão.
- TECO Orongon o perdoe pela blasfêmia.
- MANDRIÃO Espero que o Pilico não crie caso.
- PILICO Jamais tive essa ideia.
- MANDRIÃO Ótimo!
- TECO Graças a Orongon!
- MANDRIÃO Daremos a pena máxima.
- PILICO Não, daremos a mínima.
- MANDRIÃO Você está procurando encrenca.
- TECO Restrinja-se aos seus problemas. Você nada tinha a ver com o chapéu roubado.
- PILICO Não quero ver esse homem morto. Não permito.
- POPÔ Muito bem!
- TOTOCA Não se meta, Popô. Olha que pode acontecer com você a mesma coisa que vai acontecer com o Manduca.

- TECO Orongon é terrível! Uuuuuu.
- PILICO Você está certo, Popô.
- MANDRIÃO Você está errado, Popô.
- TOTOCA Seja bom, Popô.
- MANDRIÃO Se não for, eu tomo o seu chapéu.
- TECO E eu não rezo por você.
- MANDRIÃO E você vai passar fome.
- TECO E ficar nas profundezas.
- PILICO Tudo besteira, Popô.
- TOTOCA Não escute!
- TECO Olha Orongon...
- MANDRIÃO Olha a fome!
- TECO O demônio tem mil formas.
- MANDRIÃO A fome tem mil caretas.
- PILICO Venha trabalhar comigo.
- MANDRIÃO Ele só tem um chapéu.
- PILICO Trabalharei de manhã, você de tarde.
- TECO Ele te perde!

MANDRIÃO Ele mente!

PILICO Eles te escravizam!

TECO Ele te arrasta para a perdição!

MANDRIÃO Reflita, Popô!

TECO Orongon te inspire!

PILICO Resolva como quiser.

Os três afastam-se de Popô para que ele pense.

MANDRIÃO Não falei que o Pilico ia ser problema?

TECO Precisamos acabar com ele.

MANDRIÃO Invente alguma coisa infalível.

TECO Cassetete!

MANDRIÃO Mais forte.

TECO Metralhadora!

MANDRIÃO Mais forte.

TECO Canhão!

MANDRIÃO Mais forte.

TECO Bomba atômica!

MANDRIÃO Mais forte.

TECO Mulheres marchadeiras!

MANDRIÃO Bravo! Muito bem!

Totoca aparece com tambor.

TOTOCA Plam, rataplam, plam, plam, plam, rataplam, plam! Silêncio! Escutem todos! O demônio está nas ruas. Para destruí-lo, precisamos escutar a palavra de Orongon.

Todos, menos Pilico, aplaudem, gritam "Bravo!"

TOTOCA Fale o porta-voz de Orongon.

TECO Orongon, que está nas alturas, ordena-me a falar aos homens de boa vontade. E também aos pecadores.

Pilico vaia. Todos aplaudem.

O diabo está solto. Ele anda por aí fazendo promessas absurdas. É fácil reconhecê-lo. Esse demônio, disfarçado de homem, faz a ganância crescer no coração de fracas criaturas e, através dessas artimanhas, as destrói. Foi assim com o Manduca. Fez com que esse infeliz se revoltasse contra o bom Mandrião. E, depois de oferecer auxílio, negou-se a ajudá-lo, levando-o ao desespero e ao roubo. Agora a perdição espera nosso ex-irmão Manduca. Por culpa de quem? Quem o perdeu?

PILICO É tudo mentira, Popô.

POPÔ Sai pra lá, demo!

MANDRIÃO Boa, Popô!

PILICO Peço a palavra.

TECO Fala.

Mandrião, Totoca e Popô iniciam uma vaia e a tocar tambor, impedindo Pilico de falar. Teco retoma a palavra. Silêncio absoluto.

Democraticamente demos a palavra ao demo, porém ele nada tinha a dizer. Ninguém o escudou. Viva Orongon!

TODOS Viva! Viva!

MANDRIÃO Ficou provado que você é tão culpado quanto o ladrão. Por isso você o defende. Só por isso.

TECO Pena que não existe uma lei que possa punir essa gente que lança a discórdia.

MANDRIÃO Podíamos confiscar-lhe os bens.

PILICO Que lei protegeria esse crime?

MANDRIÃO A lei, ora, a lei! (Ri.)

PILICO E o nosso acordo?

MANDRIÃO Desfeito.

TECO Só fazemos acordo com Orongon.

PILICO Isso é traição!

MANDRIÃO Traição é o que você fez com o Manduca.

TECO Apunhalou o infeliz pelas costas. Calabar!

PILICO Quero julgamento para o ladrão.

MANDRIÃO Ele o terá. Julgamento justo.

TECO Com a graça de Orongon.

PILICO Quando será?

MANDRIÃO Quando for.

TECO Agora vamos repousar.

PILICO Canalha!

MANDRIÃO É a mãe!

TECO Com licença.

MANDRIÃO Popô, você fica de guarda ao ladrão. Se ele fugir, sua cabeça vai rolar.

Todos dormem. Popô monta guarda ao Manduca.

MANDUCA Oi, Popô.

POPÔ Que é?

MANDUCA Me solta.

POPÔ Você está louco?

MANDUCA Eles querem me matar.

POPÔ É. Foi o que o Mandrião falou.

MANDUCA Então me solta.

POPÔ Não posso.

MANDUCA Você quer que eu morra?

POPÔ Eu, não! Mas, se eu te soltar, você vai fugir.

MANDUCA Claro!

POPÔ Pois é. Daí eles me cortam a cabeça.

MANDUCA Olhe, se você me soltar, nós matamos o Teco e o Mandrião e ficamos com os chapéus.

POPÔ Não, não! Matar é crime. Quem mata vai para o inferno.

MANDUCA Mas eles querem me matar.

POPÔ Porque você roubou.

MANDUCA Eles também roubaram nossa liberdade.

POPÔ A minha, não!

MANDUCA Claro que a sua também. Você é escravo deles.

POPÔ Eu, não!

MANDUCA É, sim. Com que chapéu você pede esmola?

POPÔ Com o do Mandrião, é claro.

MANDUCA E o que você ganha? Nada. Você trabalha de graça.

POPÔ De graça, não. Ele me dá 10% do lucro.

MANDUCA Que lucro, animal? Tudo é lucro na profissão de pedir.

POPÔ E o emprego de capital?

MANDUCA Que capital?

POPÔ O chapéu. Por isso ele tira a taxa de conservação do chapéu todos os dias. O que sobra é o lucro.

MANDUCA E o que você faz com a sua parte?

POPÔ O Mandrião desconta a taxa para Orongon, que é para o Teco rezar por mim. E com o resto eu compro comida. Mas dá para comprar tão pouquinho...

MANDUCA E quem vende a comida?

POPÔ O Mandrião.

MANDUCA Daí, todo o dinheiro fica com ele.

POPÔ É mesmo.

MANDUCA Ele fica cada vez mais rico, e você fica cada vez mais pobre.

POPÔ É mesmo. Mas o que ele faz com o dinheiro?

MANDUCA Bem, ele compra comida, roupa, sapato, charuto...

POPÔ Gente...

MANDUCA Popô, não se meta a ter ideias. Você precisa só dizer o que está no texto.

POPÔ Tá bom. O que você quer que eu faça?

MANDUCA Me solta.

POPÔ Não posso. Vou trabalhar com o Pilico.

- MANDUCA Que lucro você vai ter lá? Nenhum.
- POPÔ Como nenhum? Eu vou trabalhar com o chapéu dele sem pagar nada. Ele falou.
- MANDUCA Ele não disse isso. Ele disse que você trabalhava de manhã e ele, de tarde.
- POPÔ Pois então. Ele não falou em taxa.
- MANDUCA Oh, idiota! Ele entra com o chapéu, você, com o trabalho, e vão ganhar igual?
- POPÔ Vamos.
- MANDUCA Não, não, não! Ele vai te fazer sócio nessa base: o que você ganhar com o seu trabalho, vai dar pra ele até pagar a metade do chapéu. Ele vai te vender comida a prazo, porque você não vai poder comprar à vista. Logo, você vai passar a vida toda com dívida para com ele. E quem deve é escravo.
- POPÔ Mas um dia eu serei proprietário do meu chapéu.
- MANDUCA Nunca. Você não conseguirá pagá-lo nunca. Se você trabalhar mais, ele aumentará as taxas.
- POPÔ Será?
- MANDUCA É. Que ganho mentindo?
- POPÔ Acho que nada.
- MANDUCA Então me solta.
- POPÔ Não sei se devo.

MANDUCA Claro que deve. É a única forma de deixar de ser escravo deles.

POPÔ Eu não sou escravo.

MANDUCA É, sim, Popô! Você não trabalha com o chapéu deles?

POPÔ Trabalho, sim.

MANDUCA Você não acredita no Deus deles?

POPÔ Acredito, sim.

MANDUCA Então você é escravo deles.

POPÔ Eu não sou escravo!

MANDUCA É, sim, Popô! Você tem fome?

POPÔ Se eu tenho fome?

MANDUCA É, Popô. Você tem fome?

POPÔ Tenho.

MANDUCA E você come sempre que você tem fome?

POPÔ Não, só às vezes.

MANDUCA E é só às vezes que você tem fome?

POPÔ Não, toda hora.

MANDUCA E por que você não come toda hora?

POPÔ Porque eles não deixam.

MANDUCA Então você é escravo deles.

POPÔ Eu não sou escravo!

MANDUCA É, Popô... Me solta!

POPÔ Bem... eu...

MANDRIÃO Popô!

POPÔ Que foi?

MANDRIÃO O ladrão fugiu?

POPÔ Não! Não!

MANDRIÃO Ótimo! Acorde o Teco e a Totoca. Vamos julgar e matar o ladrão.

POPÔ Acorde, Teco! Acorde! O Mandrião quer julgar e matar o ladrão.

TECO Ah, sim. Mas precisamos rezar primeiro.

MANDRIÃO Para quê?

TECO Para que Orongon nos inspire no julgamento do ladrão.

MANDRIÃO Eu acho bobagem, porque ele vai ser morto de qualquer jeito. Mas, se você quer rezar, reze.

TECO Obrigado. Ajoelhem-se. *(Todos ajoelham-se. Teco faz gestos com a mão.)* Fiquem de pé. *(Todos obedecem. Teco faz gestos de padre.)* Ajoelhem-se de novo. *(Obedecem. Teco faz novos gestos.)* Pronto. Podemos julgá-lo em nome de Orongon.

PILICO Ou matá-lo em nome de Orongon!

TECO Pronto, o desmancha-prazeres acordou.

MANDRIÃO Vê se não dá palpite!

TOTOCA O ladrão está dormindo!

MANDRIÃO Então não precisa de julgamento. Vamos matá-lo.

TECO Deixa eu benzê-lo.

MANDRIÃO Ele está dormindo. Não vai saber se foi benzido ou não.

TECO É mesmo.

PILICO (*acordando Manduca*) Ei, acorda!

MANDUCA Que querem?

TOTOCA O ladrão acordou.

PILICO Agora terão que fazer julgamento.

MANDRIÃO Aumentou nosso serviço.

TECO Ele sempre complica tudo.

MANDRIÃO Bem, vamos ao julgamento. Eu serei o promotor, o Teco, o juiz, Popô, o advogado de defesa e a Totoca, o júri.

PILICO E eu?

MANDRIÃO Você não pode nem assistir.

PILICO Por que não?

MANDRIÃO Você não tinha nada com o chapéu roubado.

PILICO Vou ser o advogado de defesa.

MANDRIÃO Já é o Popô.

PILICO Quem escolhe é o réu. Manduca, quer que eu te defenda? Eu te solto. Você vem ser meu sócio. Trabalharemos com o mesmo chapéu. Diz que sim, anda!

MANDUCA Nunca!

PILICO Eles te matam!

MANDUCA Dane-se!

PILICO A morte é o fim!

MANDUCA Vá à merda!

PILICO Eu te liberto, te livro deles para sempre!

MANDUCA (*dando uma banana para Pilico*) Ó pra você!

MANDRIÃO Chega! Audiência encerrada.

PILICO Tem muita bolinha na cuca.

MANDRIÃO O Popô será o advogado de defesa. O réu deixou correr o caso à revelia. Quem nomeia o advogado dele sou eu. Só para ele não dizer que não teve quem o defendesse.

TECO Tem início a sessão. Fale o promotor.

MANDRIÃO Antes de começar, quero avisar que, se você, Popô, apresentar algum argumento em favor do ladrão, eu lhe tomo o chapéu.

TECO E eu não rezo por você.

MANDRIÃO Você, Totoca, terá que considerá-lo culpado. E você, Teco, já sabe que tem que dar a pena máxima. Estão de acordo?

TODOS De acordo.

MANDRIÃO Este ladrão trabalhava na profissão de pedir com um chapéu de minha propriedade. E abusou da minha confiança, tentando roubar o chapéu. Felizmente foi preso e agora, de acordo com a lei, vai ser morto, porque eu não confio mais nele. E quando eu não confio mais numa pessoa, ela não mais tem serventia, e é justo que morra.

TECO Justo porque não tem fé em Orongon. Tem a palavra o advogado de defesa.

Popô vai falar.

MANDRIÃO Se falar, tomo o seu chapéu!

Popô recua.

MANDUCA Fale, Popô, você sabe que sou inocente.

Popô vai falar.

TECO Se falar, não rezo por você.

Popô recua.

MANDUCA Vamos, Popô! Se você se omite, serei morto.

Popô vai falar.

TOTOCA Popô, não arrume encrenca para você.

Popô recua.

MANDRIÃO Vamos adiante.

TECO Júri, fale!

TOTOCA Culpado.

TECO Atenção para a sentença. (*pausa*) Quem rouba é ladrão e não merece confiança. E quem não merece confiança deve morrer para sossego do próximo. Em nome de Orongon, eu o condeno à morte.

Silêncio.

MANDRIÃO Meus parabéns! Foi uma sentença inspirada por Orongon!

TECO Ora, ora... Com tal promotor, todos os réus são condenados.

PILICO Não devemos esquecer que o Popô esteve brilhante na defesa.

Mandrião e Teco pigarreiam.

MANDRIÃO Bem, agora é preciso matá-lo.

TECO Então vamos!

Todos começam a malhar Manduca. Nuvens de serragem.

MANDUCA (*antes de cair*) Está bem. Vocês ganharam esta batalha. Podem me matar. Mas a ideia de que cada um deve ter seu chapéu vocês não conseguirão sufocar nunca. (*Acaba de falar e morre.*)

Popô fica em pose clássica de pensador por alguns instantes. Depois, levanta-se, recolhe os chapéus e atira-os para o público. Todos o cercam ameaçadoramente.

POPÔ (para Teco) E agora?

Teco olha ameaçadoramente. Popô começa a rir, até gargalhar, e todos, rindo e gargalhando, contorcendo-se de riso, esperam o pano cair.

fim

**HOMENS
DE PAPEL**

Escrita em 1967, foi montada
pela primeira vez nesse mesmo
ano, no Teatro Maria Della
Costa, em São Paulo.

Personagens

BERRÃO; JILÓ; TIÃO; MARIA-VAI;
CHICÃO; COCO; PELADO; NOCA;
BICHADO; POQUINHA; FRIDO; GÁ;
NHANHA

PRIMEIRO ATO

Ao abrir o pano, Jiló, Tião, Maria-Vai, Chicão, Coco, Pelado e Noca estão diante de Berrão, que traz um revólver na cinta e uma balança de gancho na mão. Cada um dos catadores de papel arrasta sacos cheios de papel.

BERRÃO Avança o primeiro.

Jiló aproxima-se.

JILÓ Apanhei três sacos.

BERRÃO E daí? O peso é que interessa.

JILÓ Estão bem cheinhos.

BERRÃO A balança é que vai dizer.

JILÓ Nos três sacos, um pelo outro, deve ter uns trinta quilos.

BERRÃO Vamos ver. *(Pesa o primeiro saco.)* Três quilos.

JILÓ Só?!

BERRÃO Só por quê?

JILÓ Não foi mole arrastar os sacos até aqui.

BERRÃO É que tu tá podre. Pensa que cachaça sustenta? Tem que comer às vezes.

JILÓ Não bebo.

BERRÃO Come com farinha. *(Pesa o segundo saco.)* Dois e meio.

JILÓ Tá marcando mais.

BERRÃO Estou vendo. Não sou cego.

JILÓ Então não é dois e meio.

BERRÃO Aqui a gente sempre arredonda.

JILÓ Pra menos.

BERRÃO É!

JILÓ Mas tá dando quase três.

BERRÃO Dois e meio, e fim. Se não estiver contente, vai vender em outra parte. (*Pesa o terceiro saco.*) Também dois e meio.

JILÓ Poxa, Seu Berrão. Olha aí. Falta só um pouco pra três quilos.

BERRÃO Será que toda a mão vou ter que explicar o negócio do arredonda?

JILÓ Não... é...

BERRÃO Então não torra as minhas ideias. Se começar a me aporrinhar, te risco da lista.

JILÓ Me desculpe, falei por falar.

BERRÃO Veja lá. Em boca fechada não entra mosquito. Deu oito quilos bem pesados. Duzentos mangos por quilo, dá um conto e seiscentos. Desconta a gasolina do caminhão, a minha parte e os institutos, tenho que te dar seiscentos mil reis.

JILÓ Sempre foi meio a meio.

- BERRÃO Até ontem. Agora a gasolina subiu. Se não quiser fazer acerto comigo, leva direto pra fábrica. Mas já vou avisando, e é bom que todo mundo escute. Tenho um arreglo com os caras lá da fábrica. Dou sempre um come-quieto pro sujeito que compra o papel. Se falar pra ele não comprar de alguém, ele não compra mesmo. Assim, me cubro das sacanagens. Agora, sua cabeça é seu guia. Quer ir lá vender, vai.
- JILÓ Não. Sempre fiz acerto com o senhor.
- BERRÃO Então pega o tutu e cai fora. Já enjoiei da tua fuça.
- Jiló pega o dinheiro e três sacos vazios e se afasta.*
- BERRÃO Vem outro!
- Aproxima-se Chicão.*
- CHICÃO Só dois.
- BERRÃO Porra! Ninguém quer mais nada?
- CHICÃO Foi noite ruim.
- BERRÃO Sei! Tu ficou em algum boteco enchendo a caveira de pinga. Isso que foi.
- CHICÃO Foi noite ruim pra todo mundo. Pode perguntar pro povo.
- MARIA-VAI Foi ruim mesmo, Seu Berrão.
- PELADO Parece até que alguém catou antes da gente.
- NOCA Nós, que é de catar cinco, catou só dois.

TIÃO Acho até que deu uma dor de barriga de lascar e a gentarada usou todo o papel.

Todos riem.

BERRÃO (*bravo*) Ei, que folga é essa? (*silêncio imediato*) Quero respeito aqui. Não sou nenhum moleque pra escutar gracinha. Quem se fizer de besta comigo, já viu! Sou muito legal. Agora, quando me esquento, viro bicho.

CHICÃO É que não deu mesmo pra catar mais. Se desse, a gente catava. No duro que parece que alguém catou antes de nós.

BERRÃO Catou uma pinoia! Tu e essa gente são tudo uns vadios.

CHICÃO Vadio, não!

BERRÃO Vadio, sim! E tu é o pior! Mas estou de olho em ti. Dá uma sopa pro azar, e tu vê. Acerto teu passo. (*pausa*) Quero ver amanhã, se tu me aparece só com dois sacos. (*Pesa os sacos de Chicão.*) O primeiro tem quilo e meio, e o segundo tem dois.

CHICÃO Mas eu passei na venda do Seu Quim, antes de vir pra cá. Deu cinco quilos.

BERRÃO (*Atira os sacos na cara de Chicão.*) Tá aí! Vai vender pro Seu Quim.

CHICÃO Ele não compra.

BERRÃO Então se dane. (*Chicão fica parado, olhando Berrão.*) Cai fora, anda!

CHICÃO Compra aí, Seu Berrão. Estou duro.

BERRÃO Aqui é três quilos.

- CHICÃO Três e meio, o senhor falou.
- BERRÃO Falei três.
- CHICÃO Escutei bem. O senhor disse três e meio.
- BERRÃO Falei três, e não vou pesar de novo só pra tirar a sua cisma.
- CHICÃO Todo mundo ouviu o senhor falar três e meio.
- MARIA-VAI Eu não escutei nada.
- TIÃO Eu estou por fora.
- PELADO Negócio dos outros, não quero nem saber.
- NOCA É melhor, se a gente mete a butuca vão dizer que a gente tá secando.
- BERRÃO Mas tu ouviu eu falar três, não ouviu, Noca?
- CHICÃO Foi três e meio que ele falou, não foi?
- NOCA Disse três. Só falei o que escutei e porque fui perguntada.
- BERRÃO É três mesmo. Pega a grana e te arranca. (*Chicão pega o dinheiro e os dois sacos vazios e se afasta.*) Anda tu, baiano Coco da peste!
- COCO Taí. (*Apresenta meio saco.*)
- BERRÃO Eta raça ruim, meio saco! (*Arranca o saco da mão de Coco e joga junto com os outros.*) Isso não vale a pena nem pesar. Cai fora! Não vou pagar nada por isso, não!
- COCO Tem coisa minha aí. (*Vai pegar o saco.*)

- BERRÃO Ei, que tu quer aí? Tira a pata desse saco.
- COCO Só vou apanhar uma coisa.
- BERRÃO Pega logo e se afasta dos sacos. Não quero ver ninguém aí.
Coco retira uma boneca quebrada de dentro do saco.
- BERRÃO Que porcaria é essa?
- COCO Uma bonequinha.
Todos riem.
- BERRÃO Pra que tu quer essa droga?
- COCO Pra mim.
- BERRÃO Vai brincar com boneca agora? (*Todos riem.*) Por isso que esse país não vai pra frente. Ninguém quer saber de nada com o pesado. Esse puta marmanjo deu agora pra brincar com boneca. É o fim da picada.
Todos riem.
- BERRÃO Vem outro!
- Aproximam-se Maria-Vai e Tião.*
- BERRÃO Pra que vêm dois? Tu sai de lado. Deixa tua mulher cuidar das coisas. Ela entende melhor do que tu.
- TIÃO Fica os dois. Os dois que catou.
- MARIA-VAI Te arranca, Tião. Seu Berrão já falou.

- TIÃO Cala a boca, mulher. Sei o que faço.
- BERRÃO (*Empurra Tião pra longe.*) Deixa só ela aqui! Tem medo que eu cante tua mulher?
- MARIA-VAI Onda dele, Seu Berrão. Ele não é de nada.
- Tião afasta-se triste.*
- BERRÃO (*pesando os sacos*) Tudo junto dá seis quilos.
- MARIA-VAI Pouco.
- BERRÃO Quer ir na fábrica conferir, como no outro dia?
- MARIA-VAI (*sem jeito*) Vou.
- BERRÃO Então tu vai. Tião, tua mulher não confia na balança. Diz que estou roubando. Pra tirar a cisma dela, vou levar ela comigo lá na fábrica.
- TIÃO Eu vou junto.
- BERRÃO Tu não vai a parte nenhuma.
- TIÃO Então a Maria também não vai.
- MARIA-VAI Vou! Quero saber o certo.
- TIÃO Não vai.
- MARIA-VAI Vou! Tu não me manda.
- TIÃO Não vai!

- BERRÃO Ela vai! Se ela não for, te tiro o ponto. Não vou querer lidar com gente que acha que eu estou metendo a mão. Pombas! Hoje que eu estou de boa lua, que vou dar uma colher de chá para ela ir saber lá na fábrica como é o macete, tu vai se invocar? Ela vai. Se tu espernear, te tomo o ponto e dou pra outro.
- MARIA-VAI Deixa de ser chato, Tião.
Tião afasta-se triste.
- BERRÃO Tu fica lá junto dos sacos.
Maria-Vai fica perto da pilha de sacos.
- BERRÃO Anda, gente. Vamos logo com essa zorra!
Noca aproxima-se, e Pelado vai para junto dos outros.

Dois sacos. (*Pesa.*) Cinco quilos.
- NOCA Vai levar a perebenta pra conferir?
- BERRÃO Tu vai amanhã.
- NOCA Deus me livre! Tu quer passar doença dessa vaca pra mim?
- BERRÃO Dor de corno, bichinha?
Noca pega o dinheiro e vai para junto de Pelado.

Quem está faltando?
- MARIA-VAI O Bichado e a Poquinha.

BERRÃO Que merda! Sempre se espera pelos mais jogados fora. Será que aqueles dois não sabem que eu não estou aqui pra perder tempo? Têm a noite inteira pra se virar, mas ficam dormindo. Daí se atrasam. Também, tem um negócio. Se me chegarem aqui com as mãos vazias, vão entrar bem. Não compro nada.

Pausa. Berrão anda nervosamente de um lado para o outro. O pessoal está agachado. Todos em silêncio. Chicão, sem que Berrão perceba, aproxima-se de Tião.

CHICÃO Tu vai deixar ele levar outra vez tua mulher?

TIÃO É só pra conferir.

CHICÃO Tu vai engolir isso?

TIÃO É bom alguém daqui ir conferir.

CHICÃO Então por que ele não te leva? Porque tu é feio que nem a peste. Leva a Maria, que é fêmea.

TIÃO Que tu quer dizer com isso?

CHICÃO Que ele vai se servir às custas da tua mulher. Teu chifre vai crescer um pouco mais.

TIÃO Filho da puta!

CHICÃO Banca o homem pra cima do Berrão.

TIÃO Tu me dá nojo.

CHICÃO E tua mulher? Essa vaca sem-vergonha que te passa pra trás na tua cara?

TIÃO Ela também me paga.

CHICÃO Papo furado.

TIÃO Ninguém vai perder por esperar.

CHICÃO Tu não é de nada. Quem tem que fazer o azar faz na hora. Esse negócio de ficar nas encolhas é negócio de trouxa.

TIÃO O bom cabrito não berra.

CHICÃO O chifre tu já tem. Só que em vez de cabrito parece um bode.

TIÃO Te arranca daqui! Vai dar palpite na vida da peste que te pariu!

CHICÃO Não precisa azedar. Só estou querendo te dar uma mão.

TIÃO Que mão! Tu só sabe me azucrinar.

CHICÃO Quem azucrina sua vida não sou eu, não. É tua mulher mais esse Berrão. Ele que te desgraça. É ele. E não é só contigo que o merda se invoca. É com todo o mundo. Vive sacaneando a gente.

TIÃO Se não é só comigo, tá aí. Por que ninguém estrila?

Pausa. Chicão sente a aproximação de Berrão, disfarça. Quando Berrão se afasta, Chicão volta a falar.

CHICÃO Esse cara há de morrer leproso.

TIÃO Gente ruim não morre.

CHICÃO Tu podia acabar com ele.

TIÃO Tu não viu a razão pendurada na barriga dele?

CHICÃO É... Ele é a lei. Pau mais forte.

- TIÃO Não adianta a gente apitar. Temos que esperar a volta.
- CHICÃO Nós devíamos armar um xaveco pra ele.
- TIÃO Não dá.
- CHICÃO Podemos forçar a barra.
- TIÃO É bobagem. O Berrão é uma parada federal.
- CHICÃO Como tá, não tá direito.
- BERRÃO E esses desgraçados não chegam! Quero ser mico de circo se não pegar de pau esse Bichado.
- MARIA-VAI Deixa eles no ora-veja. Vamos nós.
- BERRÃO Se tu mais essa corja não fossem uns vagabundos, podia ir. Mas como vou aparecer lá na fábrica com esse pingo de papel? Os caras vão cair no meu pelo. Essa porcaria não paga nem a gasolina. Mas esses dois vão ter um acerto comigo. Pode botar fé.
- Berrão continua a andar nervosamente de um lado para outro.*
- CHICÃO Tu escutou?
- TIÃO A Maria tá assanhada, né? Mas, quando ela voltar, tu vai ver. Arrebento essa vaca.
- CHICÃO Psiu! (*pausa*) Não falei da Maria, não. Tu não escutou o Berrão se queixar que é pouco papel?
- TIÃO E daí? O miserável sempre quer mais.
- CHICÃO E é aí que ele pode cair do burro.

TIÃO Não sei por quê.

CHICÃO Sei eu. É só a gente encostar o corpo que ele entra em pua. Se ninguém catar papel pra ele, quero ver o que o sacana vai dizer na fábrica.

TIÃO Precisava ser todo mundo junto nessa jogada.

CHICÃO Claro!

Pausa. Os dois pensam.

TIÃO Tu já falou com os outros?

CHICÃO Ainda não. Mas, se a gente fala, eles embarcam nessa canoa. Pode crer. Todo mundo tem bronca desse Berrão.

TIÃO Isso é mesmo. Fala com o pessoal, se eles entrarem no arrocho, eu também entro.

CHICÃO Não. Tem que ser tu o cara a levantar a lebre.

TIÃO É ideia tua.

CHICÃO Poxa, mas tu tem mais papo que eu.

TIÃO Te manjo. Tu sabe enrolar. Fala com os outros. Daí me avisa.

CHICÃO Tem que ter a tua força.

TIÃO Vai ter. Mas só depois que estiverem todos bem papeados.

CHICÃO Tu tá com medo.

TIÃO Claro. E tu também.

CHICÃO Eu estou firme.

TIÃO E quer tirar o loló da seringa?

CHICÃO Eu, não! Eu não falei com tu?

TIÃO Falou! Agora vai lá e fala com os outros.

CHICÃO Mas que é isso? Se abre com eles. Tu sempre estive na boa com esse povo. Já eu, tem cara que estranha.

TIÃO O lance é teu. Te vira.

CHICÃO Meu, não. De todo mundo.

TIÃO Mas tu é o pai da criança.

CHICÃO Mas tu tem mais motivo que eu de querer ferrar o Berrão.

TIÃO Não sei por quê. Ele mete a mão no teu bolso como no meu.

CHICÃO Mas ele passa a tua mulher nas armas.

TIÃO Corta esse papo.

CHICÃO Mas não é?

TIÃO Isso é comigo. Tu não te mete.

CHICÃO Então vai lá e dá uma chifrada nele.

TIÃO Filho da puta! Eu te arrebento!

Tião pula em Chicão.

NOCA Briga!

PELADO Deixa brigar!

COCO Dá-lhe! Dá-lhe!

JILÓ Quem puder mais chora menos.

BERRÃO É só os dois. Ninguém se mete.

Entre vaias e risos, os dois homens rolam pelo chão.

MARIA-VAI Dá-lhe, Tião! Dá nele, Tião!

Chicão leva a melhor e vai estrangulando Tião.

TIÃO *(sufocando)* Ai... Ai...

CHICÃO Geme, corno manso! Geme!

TIÃO Me larga... Me larga... Ele me... mata... Me... ajuda...

PELADO Ninguém se mete.

MARIA-VAI Ele vai matar o Tião! Não deixa, Seu Berrão! Não deixa!

CHICÃO Esse sacana vai se acabar aqui.

BERRÃO *(Dá um pé no peito de Chicão e o joga longe.)* Mixou!

CHICÃO Ele quis. Deixa comigo!

BERRÃO Mixou, já disse! Se quiser encrenca, é pra mim agora. *(Puxa o revólver.)* Vai querer?

TIÃO *(levantando-se, gemendo)* Vai ter forra, pode contar!

CHICÃO A hora que tu quiser.

MARIA-VAI Por que tu não apertou os bagos dele? Ele se entregava.

TIÃO Deixa ele. Eu ferro esse miserável.

CHICÃO Estou aqui mesmo.

BERRÃO Já mandei acabar esse assunto. Já estou de ovo virado porque aqueles dois não aparecem. Se me torram o saco, acerto um.

Pausa.

MARIA-VAI Por que tu se grudou com ele?

TIÃO Ainda pergunta? Sua vaca!

MARIA-VAI Eu que pago o pato?

TIÃO Foi por tua causa. Se tu não fosse tão galinha, eu não tinha que escutar desaforo.

MARIA-VAI Mas que é isso? Que é que eu fiz?

TIÃO Não tem nada que ir na fábrica.

MARIA-VAI Só vou lá conferir o peso.

TIÃO Mas todo mundo fica falando que o Berrão te passa na cara.

MARIA-VAI O Chicão falou isso?

TIÃO Foi.

MARIA-VAI Filho da puta! Nojento! Vai provar! (*para Chicão*) Que tu tem que se meter na minha vida, seu lazarento?

CHICÃO Me deixa, mulher!

MARIA-VAI Cavalos! Não sabe arrumar mulher no papo, fica costurando a vida delas.

CHICÃO Cala a boca!

MARIA-VAI Tu vai provar o que disse de mim.

CHICÃO Que foi?

MARIA-VAI Que o Berrão se trata comigo.

CHICÃO Vai à merda! Todo mundo sabe disso.

MARIA-VAI O senhor escutou isso, Seu Berrão?

BERRÃO *(que está um pouco afastado)* Mas, pombas, o que é agora?

MARIA-VAI Esse desgraçado falou que o senhor me leva no caminhão pra dormir comigo.

BERRÃO Tu disse isso?

CHICÃO Eu, não!

MARIA-VAI Disse sim! Agora não dá pra trás, não!

CHICÃO Falei nada, não.

MARIA-VAI Então por que o Tião se pegou com tu?

BERRÃO Foi por isso, Tião?

TIÃO Foi.

BERRÃO *(puxando o revólver)* Canalha, o que tu quer me aprontar? O quê? Te meto uma bala na testa, seu sacana de merda! Que tu

quer comigo? Diz! (*pausa*) Tu não é bravo? Então, diz! O que quer comigo?

CHICÃO Nada, não.

MARIA-VAI Nojento! Na hora de provar, afina.

BERRÃO Vou te dar um castigo! (*Dá vários tapas na cara de Chicão, joga-o no chão e lhe dá pontapés.*) Quer mais? Diz! Quer mais?

CHICÃO Não! Por favor, chega!

MARIA-VAI Eu sei por que ele se mete na minha vida. Quis chamego comigo, e eu não me arreglei com ele. É isso. Só pode ser isso.

CHICÃO Eu, não! Eu nunca te cantei.

BERRÃO Porco sem-vergonha! Dando em cima de mulher que já tem homem.

Dá mais uns pontapés em Chicão.

TIÃO Essa eu não sabia. Mas fica na conta, vai ter acerto.

BERRÃO Eu devia te tomar o ponto.

CHICÃO A rua é livre. Eu cato papel onde quiser.

BERRÃO E limpa o rabo com ele. Eu não compro de você. Vai vender pra quem?

NOCA Dá pra nós o ponto dele, Seu Berrão. Eu cato numa rua, o Pelado na outra.

MARIA-VAI Ela mais o Pelado não dão conta nem do ponto que têm. Dá pra gente, Seu Berrão.

NOCA Puta invejosa!

MARIA-VAI Não se mete comigo!

NOCA Então não se atravessa no meu caminho.

MARIA-VAI Quem se meteu foi tu. Ninguém te chamou na conversa.

Entram Bichado e Poquinha, seguidos por Frido, Gá e Nhanha.

BICHADO Ei, pessoal! Olha só o que a gente achou.

POQUINHA Caras novas!

BICHADO Catando papel, sem ordem do Seu Berrão.

POQUINHA Pegaram seis sacos.

Ficam todos amontoados olhando Frido, Nhanha e Gá. A menina agarra-se na saia de Nhanha, que também está meio assustada. Pausa longa.

JILÓ Foi eles que cataram nos pontos da gente.

PELADO Por isso que a gente não catou o de sempre.

NOCA Poxa, bem que a gente desconfiou.

TIÃO Os sacos deles é da gente.

CHICÃO É de quem pegar.

Todos se precipitam sobre os três novos. Frido e Nhanha tentam impedir, são derrubados, Gá grita. Reina grande confusão. Os catadores velhos pegam os sacos e disputam entre si com grande violência. Frido e Nhanha tentam recuperar os sacos, mas são repelidos. Berrão se diverte.

- NOCA Larga essa droga!
- MARIA-VAI Esse saco é meu, sua desgraçada!
- CHICÃO Solta aí, seu trouxa!
- JILÓ Agarra outro, paspalho!
- COCO Esse é meu!
- TIÃO Cai fora, miserável!
- FRIDO Por favor, gente, esses sacos são meus.
- NHANHA Larga daí, moça.
- NOCA Te arranca, pantera!
- MARIA-VAI Cai fora, peste! Não gosto de mulher!
- CHICÃO Já disse que esse saco é meu.
- FRIDO Eu que catei ele.
- CHICÃO E daí? Vai empombar comigo?
- GÁ (*agarrando-se em Nhanha*) Nhanha... Nhanha...
- NHANHA Espera, Gá! Deixa eu solta! Deixa eu! Eles querem roubar o papel da gente!
- GÁ Nhanha... Nhanha...
- NHANHA Me solta, peste! (*Empurra Gá longe.*)
- MARIA-VAI Aqui ninguém rouba nada, não. Entendeu?

NHANHA Então larga os sacos da gente, moça. Deixa a gente em paz.

NOCA Que saco teu? Tu não tem nada aqui.

GÁ (*Chora nervosa.*) Nhanha! Gá quer Nhanha! Nhanha!

MARIA-VAI Vai cuidar da tua cria! Vai à puta que te pariu, mas te larga daqui.

NOCA Ou prefere levar umas porradas?

GÁ Nhanha! Nhanha!

FRIDO Cuida da Gá, Nhanha! Cuida dela!

NHANHA Essa gente tá roubando nós.

FRIDO Deixa comigo. A Gá vai ter um ataque.

Nhanha não sabe o que fazer, Gá começa a ter um ataque histérico.

BERRÃO Eta gente esganada. (*Ri.*)

FRIDO Por favor, me ajuda!

BERRÃO Aqui é cada um pra si.

FRIDO Larga daí, seu peste!

JILÓ Que é? Vai roncar grosso?

FRIDO Larga desse saco!

JILÓ E se não largar?

FRIDO Esse saco é meu!

JILÓ Era. Agora é meu.

CHICÃO Tu aqui não tem vez.

TIÃO Pega a reta, otário. É o único jeito de livrar a tua cara.

Gá está no auge do ataque.

NHANHA (*atendendo Gá*) Por favor, me acuda, gente. Minha Gá vai morrer. Vai morrer!

FRIDO Precisa de água. Ajuda, gente! Ficam com os sacos, mas ajuda!

BERRÃO Só faltava essa.

Todos rodeiam Gá. Coco traz uma vasilha com água.

NHANHA Gá! Gá! Minha Gá! (*berrando*) Ela morreu! Minha filha morreu!

FRIDO Não morreu, não. Ela não morreu, Nhanha. É sempre assim.

NHANHA Dessa vez morreu! Ai, meu Deus! Minha Gá! Minha Gá morreu!

Todos ajoelham-se e começam a rezar. Os únicos que ficam de pé são Berrão e Coco, que segura a vasilha com água. Nhanha chora, debruçada em cima de Gá.

TODOS Ave Maria, cheia de graça etc.

No meio da prece, Berrão avança até Gá.

BERRÃO (*gritando*) Parem com essa droga!

Todos param de estalo. Murmúrio geral.

NHANHA É minha filha. Ela está morta!

BERRÃO Arreda daí, mulher!

FRIDO O que vai fazer?

BERRÃO Olha pra ver. Chega aqui, Coco.

Arranca a vasilha de água das mãos de Coco e joga água no rosto de Gá, que se mexe na hora. Todos murmuram.

NHANHA Está viva! Está viva! Graças a Deus!

Todos vão se levantando, alguns se benzem. Estão contentes.

FRIDO Obrigado. Muito obrigado.

BERRÃO Deixa pra lá.

BICHADO Boa, Seu Berrão!

BERRÃO Eu sei das coisas.

TIÃO Viva o Seu Berrão!

TODOS Viva! Viva!

JILÓ Esse negócio merece uma cachaça.

COCO Boa! Boa!

TIÃO Estamos aí!

JILÓ Quem vai entrar na vaquinha?

- TODOS *(Gritando, vão dando dinheiro ao Jiló.)* Tou aí! Vou nessa! Olha eu! Boa! Boa! Vamos molhar a goela!
- MARIA-VAI E eu que ainda tenho que ir na fábrica!
- TIÃO Vai a lugar nenhum!
- BERRÃO Te levo amanhã. Hoje já estou atrasado.
- NOCA Fica com nós, Seu Berrão. Vai ser farra grossa.
- BERRÃO Outra vez.
- POQUINHA Fica hoje, Seu Berrão. O senhor salvou a menina.
- BERRÃO Coisa à toa.
- TODOS Fica, Seu Berrão! Fica.
- BERRÃO Não dá. Se desse, ficava de gosto. Mas não dá.
- NHANHA Então, obrigada.
- BERRÃO *(Olha Nhanha de cima a baixo.)* Tu fica me devendo favor, mulher.
- NHANHA *(encabulada)* Não sei como pagar.
- BERRÃO Sei eu. Pode deixar que chega a hora.
- FRIDO Que Deus lhe pague, meu senhor.
- BERRÃO Nada de botar na conta de Deus. Se tem que pagar, paga aqui mesmo.
- FRIDO Se a gente puder lhe fazer alguma coisa, a gente faz.

- BERRÃO Vamos ver. Agora, vamos fazer os acertos dos sacos... (*para Bichado*) Quantos tem aí?
- BICHADO Eu mais Poquinha apanhamos três. Essa gente, seis.
- BERRÃO Os deles ficam meus. E os teus, não vou pesar hoje, não. Assim tu aprende a chegar na hora.
- BICHADO Mas a gente está a nenhum vintém.
- POQUINHA O que vamos comer?
- BERRÃO Tem cinco quilos aí nos três sacos. Não vou pesar. Se tiver menos, azar meu; se tiver mais, azar do teu lado. (*Dá dinheiro para Poquinha.*) E estou dando essa colher de chá porque tu e teu homem trouxeram esses caras pra cá.
- BICHADO E o caso deles, Seu Berrão? O homem me viu catando papel e veio a mim, para saber onde eu vendia. Ele chegou hoje e já foi pondo a cara. Fazia isso na terra dele.
- BERRÃO Que tu acha?
- BICHADO Sei lá!
- BERRÃO Ô, tu aí!
- FRIDO Eu, senhor?
- BERRÃO Tu quer ser catador de papel?
- FRIDO É só o que sei fazer.
- BERRÃO Tá danado. Que tu fazia antes?
- FRIDO A gente era de tratar a terra.

BERRÃO Trabalhava na roça?

FRIDO Capinava. Limpava as terras.

BERRÃO Saiu de lá por quê?

FRIDO Ganhava pouco. Não dava pra nada. E a gente queria vir para a cidade grande cuidar de arranjar um doutor pra menina. Nós foi sair no Rio. Lá a gente catou papel.

NHANHA A gente escutou o povo dizer que aqui dá mais. Nós viemos. Chegamos hoje.

BERRÃO (*irônico*) Aqui é só trabalhar que ficam rico.

FRIDO Basta poder juntar algum pra levar a Gá no doutor e a gente volta pra terra da gente.

BERRÃO Tu é de trabalhar?

FRIDO Trabalho não me mete medo, não senhor. Nem em Nhanha. Ela também trabalha como homem. Pode levar fé na gente.

BERRÃO Vamos ver. Coco!

COCO Eu?

BERRÃO Essa gente vai catar no teu ponto. Junto com tu. Vai achar ruim?

COCO Eu, não. Pode catar. Eles precisam.

BERRÃO Tu não gosta de trabalhar mesmo. Bem, o pessoal te põe dentro do macete. Pega esse dinheiro. Depois a gente desconta.

FRIDO Obrigado.

BERRÃO Agora ajuda a botar os sacos no caminhão.

Todos pegam os sacos e saem acompanhados de Berrão, que não leva saco nenhum. Só ficam em cena Gá e Coco. Coco espia pra ver se o pessoal se afastou mesmo, depois aproxima-se de Gá. Coco tira a boneca do bolso e a mostra pra menina.

COCO Olha!

GÁ Dá pra Gá.

COCO Tu quer a bonequinha?

GÁ Quer. Gá quer.

COCO Mas é do Coco. (Ri.)

GÁ Dá pra Gá! Gá quer!

COCO Se tu quer, eu te dou.

GÁ (alegre) Dá! Dá! (Tenta pegar.)

COCO (Tira a boneca.) Não hoje. Outro dia. O Coco te dá, mas tu tem que agradar o Coco.

GÁ Dá!

COCO Vou dar! Vou dar! Mas não vai ser hoje. O povo só foi até o caminhão. (Olha pra ver se não vem ninguém.) Outro dia que tu e Coco ficarem sozinhos, tu ajuda o Coco e ele te dá.

GÁ Dá pra Gá! Gá quer! Dá!

COCO Agora não! Agora não!

GÁ Dá! Dá!

COCO Hoje não! Hoje não dá. Eles vêm aí!

Coco afasta-se rapidamente. Entram todos os que saíram, menos Berrão e Jiló.

CHICÃO Tomara que esse desgraçado encontre um poste no caminho.

MARIA-VAI Vai ser bem feito.

NOCA O diabo que o carregue.

BICHADO Unha de fome!

POQUINHA Morfético! Nojento!

TIÃO Cara ruim de doer. E a bruxa não esbarra nele.

CHICÃO Nasceu de bunda pra lua.

PELADO Onde será que esse desgraçado arranjou esse caminhão?

BICHADO Entre as pernas da mulher dele. Aquela galinha é que arranja as molezas pra ele. Se passa com o dono da fábrica.

TIÃO Tem cara de corno manso.

NOCA Fedorento! (*para Nhanha*) Não te fia na bondade dele, não. Ele é a peste.

NHANHA Ele foi bom pra gente.

MARIA-VAI Não fez mais do que jogar água na cara da menina.

POQUINHA Nossa reza é que valeu pra ela.

- NHANHA Estou agradecida a todos.
- POQUINHA Não foi nada, não.
- MARIA-VAI E a menina está melhor?
- NHANHA Agora está.
- POQUINHA Ela sempre tem isso?
- NHANHA Só quando se assusta.
- NOCA A gente não sabia.
- NHANHA Já passou. Agora temos que juntar dinheiro pra levar ela no doutor.
- POQUINHA Doutor é atraso de vida. Só serve pra comer dinheiro.
- NOCA São todos uns enganadores.
- NHANHA Mas a menina precisa. Que se há de fazer?
- MARIA-VAI Podia levar no hospital do governo. Lá é de graça. É pros pobres.
- NOCA Lá é que matam a menina de vez. Tu não lembra quando o Berrão atirou no Zé Catinga? Levaram ele no hospital do Governo. Demoraram tanto pra tratar do bruto que ele se apagou antes. Só queriam saber quem atirou nele. Botar remédio que é bom, nada.
- MARIA-VAI O melhor é mandar benzer. Tu acredita em reza?
- NHANHA Escutei dizer que é bom.

- NOCA A gente conhece Dona Chica Macumbeira. Ela faz trabalho forte. A gente pode mandar ela vir rezar a menina.
- NHANHA Ela cobra caro?
- MARIA-VAI Coisa pouca. Só as velas, a cachaça e a comida do santo. Mas tira qualquer encosto.
- NHANHA Então deixa a gente poder, a gente manda ela aí.
- NOCA Isso é encosto. Só pode ser.
- CHICÃO E esse Jiló que não vem com a pinga?
- TIÃO Vai ver que se chapou sozinho.
- PELADO Ele não é besta de fazer uma dessa.
- BICHADO A gente foi trouxa em largar a grana na mão dele.
- FRIDO Se o moço falou que vem, é que vem. Às vezes demora.
- CHICÃO Foi bom tu abrir o bico. Vou te dar o serviço certinho desse Berrão.
- FRIDO Parece bom homem.
- CHICÃO Não vale a comida que come. É um filho da puta. Tu vai ver. Agora, abre o olho. Não deixa ele se chegar muito pra junto da tua mulher, senão ele te desgraça.
- FRIDO Nhanha é mulher direita.
- CHICÃO E ele quer saber lá disso?
- FRIDO Ela é mulher de homem.

CHICÃO Quem avisa amigo é. Te cuida.

FRIDO Se alguém faltar com o respeito com Nhanha, eu mato.

CHICÃO Todo mundo diz isso quando chega. Depois, o Berrão caga e pisa em cima.

FRIDO Falei, tá falado, moço.

CHICÃO Só te avisei.

Entra Jiló.

JILÓ Olha a pinga, gente!

CHICÃO Demorou, peste.

JILÓ Fui buscar longe.

TIÃO Abre logo essa malvada.

NOCA Ói nós aqui.

MARIA-VAI Mulher também é filha de Deus.

POQUINHA Vamos encher o caco.

PELADO Eta pinga boa!

BICHADO Faz roda, povo.

Todos se juntam. As garrafas vão passando de mão em mão. Todos bebem em silêncio, menos Nhanha, que fica com Gá. Estão todos tristes e pensativos. Ficam muito tempo em silêncio, bebendo. Coco sai da roda e fica olhando Gá, que dorme. Tira a boneca do bolso e começa a acariciá-la.

SEGUNDO ATO

Ao abrir o pano, todos estão jogados pelos cantos, dormindo. As garrafas vazias estão espalhadas pelo palco. Nhanha acorda, olha o céu, o Sol lhe fere as vistas. Nhanha sacode Frido.

NHANHA Acorda, Frido.

FRIDO Que é?

NHANHA O Sol já está alto. Levanta, homem.

FRIDO Deixa eu dormir.

NHANHA Acorda, Frido. (*Sacode Frido.*) Levanta, homem de Deus! Levanta!

FRIDO (*sentando-se*) Hein?... Que é?

NHANHA Se mexe, homem. O dia já vai longe.

FRIDO Minha cabeça... como dói!

NHANHA Quem mandou beber?

FRIDO Não ia fazer desfeita pro pessoal logo no primeiro dia aqui. Não conheço ninguém. Eles podiam arrearar.

NHANHA Eu não gostei dessa gente. E tu?

FRIDO Sei lá. (*Passa a mão na cabeça.*) Sei que não estou bem.

NHANHA Molha a cara que melhora.

FRIDO É. Mas onde?

- NHANHA Não sei.
- FRIDO Essa cabeça está uma lasqueira. Parece que vai arrebentar. Vou descansar mais um pouco. (*Deita-se.*)
- NHANHA Levanta, Frido. A gente tem que saber da vida. Precisamos arrumar dinheiro. Nós tem que cuidar de Gá. A pobrezinha tem cada vez mais esse negócio ruim. Levanta, homem! Levanta! É preciso sacudir o corpo!
- FRIDO Eu sei! (*Senta-se.*) Eu sei! Oh, vida!
- NHANHA A gente não pode reclamar. Tu bebeu, não tem costume, paciência. Mas tem que dar duro. A Gá precisa de doutor. E com ela sarada, a gente volta pra nossa terra. Isso aqui é muito bom, mas não presta pra nós.
- FRIDO Todo lugar é igual. Ai, minha cabeça, como dói. Me dói tudo. Parece que apanhei de rabo de tatu.
- MARIA-VAI (*que há algum tempo estava acordada assistindo à cena*) Está de ressaca, parceiro? (*Ri.*)
- FRIDO Estou bem ruim.
- MARIA-VAI Com o tempo acostuma.
- NHANHA Deus queira que não. Frido nunca foi de beber. Só bebeu ontem pra não desfeitear ninguém. A gente é nova aqui, alguém podia arrearar.
- MARIA-VAI Um fogo nunca matou ninguém. Nós, todas as noites, enchemos a cara de cachaça. É o jeito. A vida é uma merda mesmo. Só com cachaça a gente escora.

- NHANHA A senhora é só com Seu Tião. Mas nós tem que pensar na Gá. Ela precisa de doutor. Deus me livre que Frido mais eu falte. Que vai ser dela largada nesse mundão?
- MARIA-VAI Se sossega. Quem morre na véspera é peru. Nós dá jeito nela. A gente chama Dona Chica. Ela, com reza, bota essa menina boa.
- NHANHA A gente agradece. Mas também quer saber de doutor.
- FRIDO (*Tenta ficar em pé.*) Ai, está tudo rodando!
- MARIA-VAI (*rindo*) Amarrou um fogo de gente, hein? Tá que não pode com o cadáver!
- FRIDO (*envergonhado*) Falta de costume. (*Senta-se.*)
- NHANHA Tem jeito, Frido. Temos que ir.
- MARIA-VAI Onde quer ir a essa hora?
- NHANHA Catar papel.
- MARIA-VAI (*rindo*) Gente fominha! Isso lá é hora de se virar? Nós aqui só sai à tardinha. Antes é besteira. Não tá vendo o povo dormindo? Só vão acordar na hora de ir.
- FRIDO É assim?
- NHANHA Gente mole.
- MARIA-VAI Ninguém está com a ganância pega. Nós sabe das coisas. Com trabalho ninguém se ajeita nessa merda de vida. Pra que dar duro? Pro Berrão ficar mais rico? Aqui, ó? (*Faz gesto.*)

- NHANHA Mas nós não vai esperar deitado a noite chegar. Não estamos acostumados.
- MARIA-VAI Que mulher mendiguenta. Descansa e deixa o teu homem descansar. Não se aguenta nas pernas. Fica aí.
- FRIDO Acho que a dona tem razão.
- NHANHA Tu quer passar o dia inteiro como um bicho-preguiça?
- FRIDO Só hoje.
- NHANHA Não me dá gosto.
- CHICÃO (*acordando*) Que puta falação é essa aí?
- MARIA-VAI Esse povo queria catar papel desde já.
- CHICÃO Estão loucos, gente?
- NHANHA Nós precisamos.
- CHICÃO Todo mundo precisa.
- FRIDO Nós tem a menina.
- CHICÃO E daí? Vai dar jeito, um quilo a mais, um quilo a menos?
- NHANHA Um quilo hoje, outro amanhã...
- FRIDO De manhã não dá?
- CHICÃO Sempre dá.
- NHANHA Então a gente vai.

CHICÃO Vai, o cacete!

FRIDO O que o senhor quis dizer?

CHICÃO Que de manhã ninguém sai catando porra nenhuma!

FRIDO E por que não?

CHICÃO Porque eu não vou deixar. E pra seu governo, é bom não se escamar comigo. Sei o que faço. Se tu sai cedo, vai pegar uns dez sacos. Aí, o Berrão vai querer que a gente pegue igual a tu.

NHANHA Mas nós precisamos. Nós tem a menina.

CHICÃO Tu cala a boca. A conversa é de homem.

FRIDO Escute aqui, seu moço. Nhanha é minha mulher, tem que ser respeitada.

CHICÃO Vai à merda! Tu e ela. Quem chega por último tem que respeitar o que os outros fizer.

FRIDO Acho que já falou demais.

CHICÃO E daí?

FRIDO Não gostei.

CHICÃO Coma menos.

Frido tenta ficar em pé, sente-se tonto, senta-se outra vez.

FRIDO Ai, minha cabeça!

CHICÃO Tá podre e ainda quer bancar o valente! Logo comigo, raça da peste? É tudo sabujo do mandachuva.

- NHANHA Se o Frido estivesse bom, tu ia ver. Ele não é homem de aturar desaforo.
- CHICÃO Papo furado. Não boto fé em cara que não sabe beber. Por isso é que teve essa filha endoidada da moléstia.
- NHANHA A coitadinha não tem culpa de ser assim.
- CHICÃO Disso sei eu. A culpa é desse frouxo.
- FRIDO Me respeita, homem!
- CHICÃO Vai querer?
- FRIDO Espera eu melhorar.
- CHICÃO Otário! Devia te arrebentar.
- MARIA-VAI Deixa pra lá, Chicão.
- NHANHA O Frido não está bom. Quando ele sarar, o senhor fala com ele. Aí quero ver.
- CHICÃO Vai ver! É só avisar que está no jeito. Boto ele outra vez de molho.
- MARIA-VAI Esquece essa onda, Chicão.
- CHICÃO Tu abre o olho. Se sair catando papel antes de nós, te estrepo.
- MARIA-VAI Vai, vai puxar tua palha.
- CHICÃO Logo agora que a gente está querendo dar um gelo no desgraçado do Berrão, esse aí vai querer furar a chapa catando mais?

MARIA-VAI Que gelo é esse que eu não sei?

CHICÃO A gente está combinando de não catar nada uns dias. Só pra ver a cara do Berrão.

MARIA-VAI Se o Berrão sabe, come a alma de um.

CHICÃO Cagueta pra ele. Foi jogada do Tião.

MARIA-VAI Como ele não me disse nada?

CHICÃO Não se fia em ti.

MARIA-VAI Miserável! Ele me paga.

CHICÃO Não vai dizer que eu te falei.

MARIA-VAI Não sou de entregar ninguém.

CHICÃO Melhor pra ti. Agora, segura esses dois, pra eles não se assanharem. Se o Berrão se engraça com eles, tira o ponto de um de nós e dá pra eles. Nosso trunfo é todos juntos. (*Deita-se.*)

NHANHA Que pouca vergonha! Teve medo do homem?

MARIA-VAI Não liga, não. Um dia é da caça, outro do caçador.

NHANHA Mulher de homem nunca é desfeiteada.

FRIDO Não estou bom, mulher!

NHANHA Quem mandou beber? Tá aí. Vexaram a gente.

FRIDO Vai ter troco.

NHANHA A senhora desculpa a gente. Não estamos acostumados a comer enrolado, não. Nunca ninguém falou grosso assim com nós. Nem o capataz gritava com Frido. Ele sempre foi homem de se respeitar. Só que aqui foi acontecer isso. Porque ele bebeu e não está acostumado.

FRIDO Cala a boca, Nhanha! Cala a boca! Já não chega eu estar no virador? Já não chega esse peste me destratar, tu também vai botar lenha na fogueira? Então tu não sabe o homem que tem?

NHANHA Eu sei...

FRIDO Então fica calada! Tu acha que vou engolir tudo sem tugar nem mugir? Espera eu sarar. Ele engole cada um dos desaforos que me fez.

MARIA-VAI Não fica queimando a mufa à toa. Também não foi o fim do mundo. Pior foi comigo que o cachorro do Tião não me botou dentro da presepada que vão armar pro Berrão. Ele, sim, que vai me pagar. Vem molhar a cara, homem. Só assim tu fica bom. Vem, vou te levar na bica.

Maria pega Frido pela mão e sai com ele. Nhanha fica meio aflita, faz menção de sair. Gá acorda, chorando.

GÁ Nhanha... Nhanha...

NHANHA Estou aqui, Gá.

GÁ Gá tá com fome, Nhanha.

NHANHA Sei. *(Apanha uma trouxa de roupa.)*

GÁ Gá tem fome, Nhanha.

- NHANHA Já vai, Gá! Já vai! (*Tira da trouxa um pedaço de pão velho e dá pra Gá.*)
- GÁ Pão bom, Nhanha! (*Come com gula.*)
- NHANHA Come, Gá! Come! (*Levanta-se e olha apreensiva para o lado em que Frido saiu.*)
- GÁ Nhanha! Nhanha!
- NHANHA Estou aqui, Gá. Não vou longe. (*Tião acorda.*)
- TIÃO (*Olha em volta.*) Poxa, essa Maria já se mandou? (*Grita.*) Maria! Maria! Onde tu se meteu?
- NHANHA Ela saiu, moço.
- TIÃO Onde ela foi? Não disse?
- NHANHA Foi mostrar a bica para o meu Frido, que não está bom.
- TIÃO Galinha desgraçada! Não pode ver macho, que já quer sair pra se roçar com ele. Vadia sem-vergonha! Hoje ela me paga.
- NHANHA Mas ela foi só levar o Frido na bica.
- TIÃO Eu manjo essa história de bica! Mas hoje pego essa puta na porrada. Frito ela.
- NHANHA Frido é um homem direito!
- TIÃO Não duvido. Mas a Maria é uma vaca descarada. Me larga dormindo pra andar com outro homem. Vagabunda! (*Grita.*) Maria! Maria!
- MARIA-VAI (*fora de cena*) Já vou, coisa ruim!

TIÃO Tá pondo as calças? Vem, desgraçada de uma figa!

MARIA-VAI *(fora de cena)* Espera! Não vou fugir!

Tião procura um pedaço de pau. Acha um que lhe serve.

TIÃO Hoje ela vai se rebolar!

NHANHA O que o senhor vai fazer?

TIÃO Vou fazer o cacete cantar.

NHANHA Dona Maria não fez nada demais.

TIÃO Deixa essa cadela pra mim.

Entram Maria-Vai e Frido, que vem com o rosto molhado.

MARIA-VAI Ainda está molhado. *(Levanta a saia e enxuga o rosto de Frido.)*
Pronto, está aí teu homem. Tá novinho outra vez.

TIÃO Se apronta, sua vaca. Vai ganhar o teu!

MARIA-VAI Que é que eu fiz?

TIÃO Muito engraçada! Sai com o cara e ainda pergunta?

MARIA-VAI Só fui mostrar a bica pra ele.

TIÃO Nojenta!

FRIDO É verdade.

TIÃO Tu não se mete. É melhor pra ti. Tu fez teu trabalho de homem. Mulher deu sopa, pegou e pronto. Tá certo assim.

Agora, não põe o teu nariz em briga de casal, se não engrossa pro teu lado.

FRIDO Mas não aconteceu nada.

TIÃO Vai acontecer agora. Há muito que estou pra dar uma entortada nessa galinha. (*Tião agarra Maria-Vai pelo braço e bate nela com o pau.*) Toma, cadela! Toma!

MARIA-VAI Porco! Nojento! Só faz valentia com mulher! Ai, ai, corno manso! Ai, ai!

Todos acordam e ficam assistindo à briga.

TIÃO Vagabunda! (*Bate mais. Derruba Maria no chão.*)

MARIA-VAI Socorro! Socorro! Ai, ai, ele me mata! Socorro, gente! Ele me mata!

FRIDO Isso não está direito! (*Faz menção de entrar na briga.*)

BICHADO Não se mete! Isso é coisa deles. Vivem juntos porque querem.

POQUINHA São brancos, que se entendam!

MARIA-VAI Ai, ai! (*Levanta-se e sai correndo para o lado em que está Gá.*) Socorro! Socorro!

Gá, que já está assustada, começa a chorar e a gritar por Nhanha. Tenta levantar-se, mas Maria-Vai tropeça nela e as duas caem.

NHANHA Olha a menina aí!

GÁ Nhanha! Nhanha!

MARIA-VAI Me larga! Me larga!

Tião continua a bater em Maria-Vai. Nhanha tenta tirar Gá da confusão. Consegue. Gá tenta se afastar e cai em cima de Chicão.

CHICÃO Poxa, que zorra! (*Levanta-se e empurra Gá com brutalidade.*)

GÁ Não, não! Nhanha!

Antes que Nhanha e Frido possam fazer alguma coisa, Coco agarra Chicão e o atira longe.

COCO Não toca na menina! Não toca!

Gá corre para junto de Nhanha e se abraça com ela. Todos estão olhando Coco, surpresos. Até Tião para de bater em Maria e espia.

CHICÃO Que é, Coco? Tu acha que eu ia fazer maldade com a menina?

COCO Se tu tocar nela, eu te mato!

CHICÃO Sou teu chapa. Não faço mal pra menina, não. Logo eu?

Coco afasta-se. Chicão fica em pé. Frido olha tudo pateticamente. Maria-Vai está jogada no chão gemendo.

(*para Frido*) Abre o olho com esse cara. Cuida da tua menina. Ele não é certo da cachola.

COCO (*aproximando-se de Gá, que está chorando*) Não chora, menina. Coco não deixa ninguém te bater. Coco não deixa. Quem quiser te maltratar, Coco mata!

NHANHA Viu, Gá? O homem não quer que tu chore.

COCO Quer a bonequinha? (*Ri.*) Coco te dá. Depois tu dá de novo pro Coco. (*Tira a boneca do bolso e dá pra Gá.*)

GÁ Gá quer. Gá quer.

COCO É do Coco.

FRIDO Devolve essa droga pra ele, Nhanha.

NHANHA Deixa ela brincar.

FRIDO Mandei devolver.

COCO Deixa com ela.

FRIDO Entrega essa merda pra ele, anda!

NHANHA Cuida daquela boneca ali. Está machucada por tua culpa.

FRIDO Tu quem sabe. (*Afasta-se, irritado.*)

GÁ (*ninando a boneca*) Nana! Nana! Nana!

Coco ri, feliz, mas vidrado na menina.

MARIA-VAI Ai, ai, meu Deus! Ai!

Poquinha e Noca aproximam-se dela.

POQUINHA Levanta, Maria!

NOCA Vai ficar aí jogada fora?

MARIA-VAI Ai... ai...

Poquinha e Noca ajudam Maria-Vai a ficar em pé.

Ele me quebrou toda.

NOCA Isso passa.

POQUINHA Não é nada.

MARIA-VAI Não foi no teu lombo as pauladas.

NOCA Deixa de onda, Maria. Logo tu tá inteira.

MARIA-VAI Onda? Tu vai ver o que é que é onda quando eu entregar esse porco nojento pro Berrão.

TIÃO Vai querer dizer que eu te bati? Ele vai cagar de rir. Vai achar que foi bem feito.

MARIA-VAI Vou caguetar pro Berrão que tu anda enchendo a cabeça do pessoal contra ele.

TIÃO Eu? Tu ficou louca? Acho que te deixei de moleira mole!

MARIA-VAI Pensa que eu não sei?

TIÃO Tu sabe o quê?

MARIA-VAI Que tu arrumou pra ninguém catar papel só pra encher a bucha do Berrão?

TIÃO Eu? Eu, não!

Todos murmuram.

MARIA-VAI Tu mesmo. E tá todo mundo nessa jogada. E tu é o cabeça.

BICHADO Não mete eu nisso.

POQUINHA Nem eu.

- PELADO Livra a minha cara.
- JILÓ Vai botar a gente no fogo?
- NOCA Vê lá.
- TIÃO Essa cadela está matusquela.
- MARIA-VAI O Chicão me pôs por dentro. Tu tinha medo que eu dedasse? Agora é que dedo mesmo.
- TIÃO Que palhaçada é essa, Chicão? Tu que apareceu aqui com esse papo. Eu cáí fora.
- CHICÃO Escuta, gente. Ninguém está por dentro. Só que joguei verde. Agora o jogo está aberto. Que tu diz, Pelado?
- PELADO Sei, não.
- CHICÃO O Tião acha que a gente tem que dar um arrocho no Berrão.
- TIÃO Eu, não! Tu que acha.
- CHICÃO O filho da puta anda metendo a mão na gente, sem dó. Rouba pra valer.
- Pausa.*
- BICHADO Continua.
- CHICÃO O Tião acha que, se a gente não catar nada por uns dias, ele sente o aroma da perpétua e daí maneira.
- TIÃO Eu não acho porra nenhuma. Isso é ideia tua!
- JILÓ Se todos toparem, eu pago pra ver.

- CHICÃO Só dá certo se ninguém mijar fora do penico.
- POQUINHA Quem furar a chapa ganha divisa.
- CHICÃO Mas aí a gente apaga o miserável.
- BICHADO Sei, não.
- CHICÃO Tem que saber.
- JILÓ Eu já disse. Se todos toparem, estou aí.
- PELADO Então também eu.
- NOCA Vamos lá.
- BICHADO Há muito que esse Berrão precisava de uma entortada.
- TIÃO Por isso que eu boleei o azar.
- CHICÃO Com o Coco não tem mosquito. Nunca cata nada mesmo.
- POQUINHA Eu vou firme.
- MARIA-VAI Tu me fez de palhaça, mas eu vou firme.
- TODOS Viva a Maria! Viva a Maria!
- TIÃO *(abraçando a Maria-Vai)* Mulher legal!
- Todos empurram o casal e dão vivas.*
- POQUINHA O Berrão vai se estrepar.
- NOCA Vai entrar bem!

BICHADO Vai gastar gasolina à toa!

PELADO Não leva um saco daqui hoje.

JILÓ E a pinga?

Todos murmuram.

NOCA Tenho algum. Dá pra cachaça.

TODOS Boa! Boa!

CHICÃO O Berrão caiu do burro!

Todos os catadores cantam e dançam.

TODOS O Berrão não é mais aquele? Pau na bunda dele...

CHICÃO Espera, gente!

Todos murmuram.

JILÓ Que foi?

CHICÃO (*Aponta Frido.*) E esse aí?

TIÃO Como é? Tá com a gente?

Pausa. Frido olha Nhanha e abaixa a cabeça.

MARIA-VAI Como é que é? Tá com a gente?

FRIDO Estou.

TODOS Boa! Legal! Viva nós! Cacete no Berrão.

CHICÃO E tua mulher?

FRIDO Tá comigo.

TODOS Legal! Berrão se danou! Boa!

NHANHA Espera! (*pausa*) Eu estou com a minha filha. Com ela que estou. Vim aqui pra ganhar dinheiro pra levar ela no doutor. E vou ganhar. Quer queiram, quer não. Foi só pra isso que vim aqui pra essa lasqueira dessa terra. Não tenho nada com a vida dos outros. Quero que cada um amargue seu jiló. Mas, de mim e da Gá, sei eu. Se todos aqui são uns vagabundos, eu não sou. Já perdi o dia, não vou perder a noite. Vou catar papel. Pela minha menina. Ela precisa.

Pausa.

NOCA Fominha.

POQUINHA Morta de fome.

MARIA-VAI Unha de miséria.

JILÓ Mulher machuda.

PELADO O homem dela não manda?

CHICÃO É. Não é tu o galo dessa galinha?

TIÃO Se ela engrossar, faz que nem eu fiz com a Maria. (*Mostra o cacete pro Frido.*)

FRIDO Eu cuido dela.

CHICÃO A gente quer ver.

- FRIDO Nhanha, eu sei que a Gá precisa do doutor. Mas, se tá todo mundo querendo se juntar contra um cara que é ruim, nós está com essa gente.
- NHANHA Essa gente não presta.
- Todos vão.*
- FRIDO Tu faz o que eu mandar.
- NHANHA Eu vou catar papel. A Gá precisa de doutor.
- MARIA-VAI A gente traz a Dona Chica Macumbeira.
- FRIDO Tá aí, pronto.
- NHANHA Tu tá afrouxando, Frido. Homem à toa! Nós veio aqui pra ganhar dinheiro. Só pra isso. Tu se meteu com essa mulher e com a bebida, já é igual à peste. Te desconheço. Mas ainda sou mais eu. Pari essa criança e sei que não vou soltar ela no mundo. Precisa de doutor. Vou dar! E tu mais essa gente pode ir à merda!
- Pausa.*
- JILÓ Até de noite ela se enrolhe.
- NOCA Deixa ela esfriar a cuca.
- MARIA-VAI A gente traz a Dona Chica rezadeira. Ela se sossega, então.
- FRIDO Faz o que tu quiser. (*Sai.*)
- PELADO Vamos procurar comida.
- POQUINHA A hora é essa.

Saem Pelado, Poquinha, Noca, Bichado e Jiló.

CHICÃO Vê lá, mulher. É melhor não se botar contra a gente. (*Chicão e Nhanha encaram-se. Depois, Chicão sai.*) Vamos nós.

MARIA-VAI Vamos.

Saem Chicão, Maria-Vai e Tião. Nhanha está triste. Coco olha a menina brincar. Depois de algum tempo, Nhanha repara em Coco.

NHANHA Tu não vai comer?

COCO Não estou com fome. (*pausa*) A menina não tem fome?

NHANHA Ela já comeu pão. Dá pra se aguentar. Já passou pior, tá acostumada.

COCO Tu não tem fome?

NHANHA Não. (*pausa*) Frido deve trazer comida pra gente. Ele nunca esquece de nós. Ele é um bom homem. Hoje ele está ruim. Foi beber ontem à noite, não tem costume, deu o que deu. (*pausa*) Mas o Frido é um homem de trabalho. Sempre deu duro. É que a sorte não caiu pra gente. Tivemos a menina assim. Não tem culpa, coitadinha. Mas atrapalha. A gente já podia ter se ajustado na vida.

GÁ Nana, nana, nana...

Coco ri.

NHANHA Pobre Gá. Nós tem que juntar dinheiro logo pra te levar no doutor. Assim que tu sarar, nós volta pra nossa terra. Lá é que é nosso lugar. Bem que o povo fala: cada macaco no seu galho. Lá que a gente estava bem. Mas lá não tem doutor. A gente teve que vir.

Coco, sem ligar para o que Nhanha fala, contempla, com desejo estampado no rosto, a menina ninar a boneca.

Eu só tenho medo que o Frido fique igual aos homens daqui. Que ele fique homem à toa. A gente tem que cuidar da Gá. Se a gente faltar, que há de ser dela? Nem é bom pensar em desgraça. Valha-me Deus, nosso Senhor! (*Benze-se.*)

Nhanha para de falar, cai em si. Olha pra Coco, que está fixo em Gá. Nhanha fica apreensiva.

NHANHA Agora chega, Gá. Já brincou. Dá a boneca pro homem.

GÁ Não! É da Gá!

NHANHA Dá a boneca!

COCO (*rindo*) É do Coco.

Nhanha tira a boneca de Gá e dá para Coco, que se afasta.

GÁ Quer! Gá quer!

COCO Depois tem mais. (*Afasta-se.*)

GÁ Quer! Gá quer! (*Chora.*) Gá quer!

NHANHA Para de chorar, Gá! Não adianta abrir o berreiro. Não é da gente. Tem que se aguentar.

GÁ Gá quer!

NHANHA Não resmungue!

Gá fica emburrada, e Nhanha, pensativa. Entram Chicão, Noca, Poquinho, Jiló e Bichado.

CHICÃO Já se decidiu a topar a parada com a gente?

NHANHA Sei de mim. Alguém viu o Frido por aí?

JILÓ Tá num pau só, lá no botequim. Ele mais o Tião e a Maria. Estão enchendo o caco.

NHANHA O Frido também?

JILÓ Todos os três.

NHANHA Valha-me Deus! O que será que deu no meu Frido pra ele se desgarrar a beber?

NOCA Nada. Só que hoje não vai sair ninguém catando papel, então bota pra beber.

NHANHA Nós vamos. O Frido sabe que nós temos precisão de dinheiro.

PELADO Mas sabe também que com a gente não vale a pena bancar o marrudo.

BICHADO Com a gente é nessa toada. Quem quiser sair catando papel, sai. Ninguém vai atrapalhar. Só que tem um porém... quando voltar, a gente toca fogo nos sacos.

Todos riem.

POQUINHA E se duvidar, a gente toca fogo na roupa da trouxa também. É só ela bancar a boca dura.

PELADO Quando a gente cisma, é dureza. Nós derruba qualquer um. Tu vai ver o Berrão. Vive aprontando as dele. Todo mundo deixou andar. Um dia a gente se invocou. Esse dia foi hoje. Armamos a cama pra ele se deitar. Depois de hoje, ele se manca e fica manso como um bugio velho. Aquele canhão que ele

traz na barrigueira não vai lhe valer, não. Ninguém vai brigar, nem nada. Só que não se cata papel. Manda o palhaço dar tiro, gritar, espernear. Vai se estrear. Vai dar tiro na vaca que o pariu! Que aqui a gente se lasca, mas não cata papel pra ele.

JILÓ Só quando ele falar direito com a gente.

CHICÃO E arrumar uma balança sem truques pra pesar os sacos.

BICHADO Os dias de machão daquele desgraçado acabaram. E não vai ser ninguém a dar colher de chá pro miserável. Entendeu? Ninguém!

POQUINHA Muito menos essa vadia aí.

JILÓ Muito tempo a gente deu o lombo pras porradas dele. Agora é a hora da virada.

CHICÃO O que ele fez não se faz nem com um cachorro cheio de sarna.

JILÓ Roubava a gente de dar gosto.

CHICÃO E não era nada, perto do que ele aprontava com o Bichado, o Tião e o Pelado. Cada dia arrastava a mulher de um.

NOCA Eu, não.

POQUINHA Eu, não.

CHICÃO Todas. E daí? O Berrão era a lei. A gente se afinando, ele se servia.

PELADO E em tu, então! O sarro dele era bater na tua cara. Qualquer coisinha te descia o braço.

BICHADO E tu não encarava.

JILÓ E alguém podia com a peste?

CHICÃO Era um salve-se-quem-puder de dar nojo. Um com olho mais comprido que os outros nos pontos bons. Um fazendo xavecada pro outro a toda hora.

JILÓ Isso quebrava a força.

NOCA Mas agora estamos aí!

POQUINHA Todos contra o fedorento do Berrão.

NOCA E quem não estiver com a gente entra bem.

CHICÃO Vai ser aquela parada.

JILÓ De dar gosto.

PELADO Assim que tem que ser.

BICHADO Com cara homem, não se folga. Vamos mostrar.

NOCA Se essa aí quiser catar papel, se dana toda.

POQUINHA Como é, vai querer sair catando?

Pausa.

NHANHA Já disse que a gente precisa. Eu e o Frido vamos sair. Nós não é contra ninguém. Só que tem que olhar pela menina.

NOCA O Frido não vai.

NHANHA Vai, moça. Ele sabe que deve ir.

NOCA Ele falou que não ia.

- NHANHA Conheço bem meu Frido. Ele não vai esquecer a filha.
- NOCA Só sei que ele disse que tá com a gente.
- NHANHA Tá com a gente dele, que sou eu mais a menina.
- NOCA Mulher marruda, essa! Se o Frido disse que não vai, pronto. Tu fica com ele, que dá certo pra tu também.
- NHANHA Frido nunca ia dizer isso.
- NOCA Quer me chamar de mentirosa?
- NHANHA Não quero nada, só quero cuidar da minha vida.
- NOCA Então retira o que disse.
- NHANHA Mas o que que eu disse?
- NOCA Me chamou de mentirosa.
- NHANHA Só falei que eu e o Frido vamos sair pra catar papel.
- NOCA Vão a parte nenhuma. E tu dobra a língua quando falar comigo.
- NHANHA Me deixa em paz, gente.
- NOCA Quem mandou se meter?
- CHICÃO Agora aguenta.
- POQUINHA A Noca é dureza.
- BICHADO Briga de mulher é um sarro.

JILÓ Vai engolir desaforo, Noca?

NOCA (*Empurra Nhanha.*) Como é? Vai retirar o que disse ou não?

Todos murmuram.

NHANHA Por favor, moça. Não falei nada demais. Se falei, foi sem querer ofender. Me desculpe, pronto. Agora deixa eu.

NOCA Deixa, uma porra! Tá com medo, por isso quer afinar. Mas não vou deixar barato, não! Vou te ensinar a me dar respeito. (*Empurra Nhanha com mais força.*)

NHANHA É pela menina que estou pedindo. Deixa eu em paz.

NOCA Cadela afinada! Vou te comer de tapa. (*Dá um tapa na cara de Nhanha.*)

NHANHA Peste! Peste da moléstia!

Todos murmuram.

NOCA Quer mais?

Nhanha atira-se sobre Noca, e as duas rolam pelo chão em luta desesperada. Gá começa a gritar e tem o ataque outra vez. Ninguém liga. Todos incentivam a briga feroz de Nhanha e Noca.

TODOS Dá nela, Noca! Agarra o cabelo da otária! Aperta as tetas dela, Noca!

Todos riem muito. Gá debate-se e geme. Coco tenta socorrer Gá. Entram Frido, Tião e Maria-Vai. Estão meio bêbados.

TIÃO Que zoeira é essa?

- CHICÃO Tá legal!
- JILÓ A mulher do Frido com a Noca.
- BICHADO Tua mulher briga direito.
- PELADO Tá enfrentando a Noca de verdade!
- FRIDO Olha a menina, gente! Olha a menina!
- Todos olham Gá.*
- FRIDO Acode a Gá, Nhanha! Tá ruim!
- NHANHA Me larga! Me larga, cadela! (*Nhanha, tomada de fúria, atira Noca longe com grande violência.*) Deixa eu cuidar da menina. (*Empurra todos.*) É minha filha, eu cuido dela. (*Todos afastam-se um pouco, menos Frido.*) Sai tu também, bêbado nojento!
- FRIDO Ela é minha filha também.
- NHANHA Devia ter vergonha nessa cara. Nós largada aqui sem comer, e tu bebendo com esses vagabundos. Arreda daqui, anda! Tu, Coco, me traz água. (*Nhanha faz massagens no rosto de Gá.*) Filha! Gá! É a Nhanha, Gá!
- COCO Olha a água.
- Nhanha esfrega a mão molhada no rosto da menina.*
- NHANHA Gá! Gá! Sou eu. Nhanha.
- Gá vai se recuperando.*
- GÁ (*gemendo*) Ai, ai... Nhanha...

NHANHA Estou aqui.

COCO (*rindo*) Ela não morreu.

NHANHA Graças a Deus!

GÁ Ai, ai... Nhanha...

NHANHA Encosta ela aqui, Coco. Aqui.

Coco ajuda a encostar Gá em um caixote.

NHANHA Ela já está bem.

COCO Quer a bonequinha?

NHANHA Dá pra ela, Coco.

COCO Só por um pouco. Depois ela devolve.

NHANHA Por favor, depois ela devolve.

Coco dá a boneca pra Gá.

GÁ (*rindo, feliz*) É da Gá.

FRIDO Ela está boa de novo.

NHANHA Graças a Deus! (*Vira-se para todos. Está furiosa.*) Escutem bem, seus filhos da puta!

CHICÃO Está falando comigo também?

NHANHA (*Agarra um pau.*) Estou falando com todos! Entendeu? Com todos. Cada um cuida da sua vida e deixa eu mais minha filha em paz. Não quero saber de ninguém. Se todos aqui são uns

vagabundos, uns frouxos, uns miseráveis sem porquê, quero que se danem. Eu sei de mim e da minha menina. Se não querem trabalhar, é coisa de cada um. Eu preciso de dinheiro. Eu vou trabalhar! Quer queiram, quer não. Entenderam?

Pausa.

JILÓ (para Frido) Tua mulher é paraíba?

MARIA-VAI Ela que manda na tua vontade?

CHICÃO A greluda te dobra fácil.

POQUINHA Ela calou o bico de todo mundo.

PELADO Como é, Frido? Fica assim mesmo?

TIÃO Tu falou que fazia ela ficar com a gente.

Pausa.

FRIDO Escuta, Nhanha...

NHANHA Me deixa, tu também!

Pausa.

FRIDO Eles me falaram do tal Berrão. Ele roubava e desfeiteava todo mundo. O homem está mesmo precisando aprender. Não custa nada a gente perder um dia mais uma noite pra mostrar pra ele que aqui todo mundo é gente. Nós fica com todos! (*pausa*) Então, Nhanha?

NHANHA Tu virou molenga! Fica, se quer. Eu fico com a minha filha. Foi pra isso que vim.

MARIA-VAI Mas a gente sabe. É só por hoje. Pra gente pegar esse merda do Berrão pelo pé. Ele vive tirando o ranço no lombo da gente. Precisa aprender.

CHICÃO Todo mundo tem bronca dele. É sinal que não presta.

POQUINHA Ele sempre rouba a gente. Se tu não fica com nós, ele te rouba também. E não vai te valer esperar.

MARIA-VAI E, se tu pensa que na cama tu ajeita a diferença, está engrupida. O sujeito é um cão. Com ele não tem arreglo.

JILÓ Se ele te rouba, rouba tua filha.

CHICÃO Isso! Ele vai roubar a tua filha.

BICHADO E agora, que tu diz?

Pausa.

MARIA-VAI Perdeu a língua?

TIÃO Aí é que tá o nó! Se ele mete a mão na tua grana, tua filha se estrepa. E tu vai reclamar sozinha? (*pausa*) Quero ver tu sair dessa. Vai ficar calada? É, tu sabe o que a gente queria dizer.

NHANHA Se alguém me roubar e roubar a Gá, eu juro por essa luz que me alumia, eu mato o desgraçado filho da puta. E quando digo que mato, é que mato mesmo. (*pausa*) Assim é que tem que ser. Se um cabra sem jeito aporrinha a vida da gente, não adianta ficar cozinhando o galo, não. Porque ele vai ser sempre sacana. O negócio é aqui, no pau. Acabar com o cara pra sempre. Conversa de parar pra ver a vida passar é pra cara de vida à toa. Cara de cabeça fresca. Os que têm a peste para atormentar sabem que papo não serve pra nada. Diferença se

tira é de pau. *(pausa)* Se alguém entrava a vida da Gá, eu mato. Tá jurado pra todos. *(pausa)* Mas eu não paro de trabalhar.

Nhanha olha bem de frente para todos. O pessoal abaixa a cabeça, para não encarar Nhanha. Depois de algum tempo, Nhanha vai até Gá, que dorme abraçada à boneca. Examina a menina, depois, com cuidado, retira a boneca e dá para Coco.

Pega a tua boneca. Obrigada. Não vou esquecer. Agora, deixa ela sossegada. Está dormindo. Ela tem sono de pedra. Só vai acordar com dia alto. Vamos catar papel.

COCO Ela fica sozinha?

NHANHA Fica. Não tem perigo, ela não acorda. Vamos, Frido! A gente tem precisão.

Frido olha para todos como quem se justifica. Como ninguém diz nada, dá de ombros, apanha o saco vazio e sai junto com Nhanha. Passam na frente de todos, sem ninguém fazer um gesto para detê-los. Coco os segue mais devagar, sempre olhando para a menina, como se tivesse pena de deixá-la ali sozinha. Depois que os três saem, reina grande silêncio. Um não tem coragem de olhar para o outro.

CHICÃO Eles foram catar.

JILÓ Pois é.

Pausa.

NOCA Ninguém diz nada?

POQUINHA Dizer o quê?

TIÃO Deixa ir.

Pausa.

CHICÃO Mas não estava acertado de não ir ninguém?

PELADO Pra tu ver.

Pausa.

MARIA-VAI (*suspirando*) Quer saber? Aqui ninguém é de nada.

BICHADO Agora tu disse tudo.

PELADO A gente é frouxo mesmo. Sempre fomos. Sorte do Berrão.

Pausa.

BICHADO Eu acho que a gente devia ir também.

CHICÃO É melhor a gente deixar pra outra vez a xavecada.

PELADO Se os três foram, a jogada está furada.

JILÓ Azar.

Pausa.

BICHADO Então, vamos.

Todos saem. Apenas Gá fica em cena. Dorme tranquilamente. Coco entra furtivamente. Olha para todos os lados, para ver se ninguém o segue e, com todo cuidado, aproxima-se de Gá.

COCO (*baixinho*) Gá! Gá! Ei, menina!

Coco sacode a menina várias vezes.

GÁ (*acordando*) Hum... Nhanha... Nhanha...

COCO Nhanha não está. Saiu.

GÁ (*Senta-se assustada.*) Nhanha!

COCO Foi catar papel.

GÁ (*chorando*) Gá quer Nhanha. Nhanha!

COCO Eu estou aqui. Olha eu aqui.

GÁ (*gritando*) Gá quer Nhanha. Nhanha!

COCO Psiu! Não grita! Não grita!

GÁ (*com medo*) Gá quer Nhanha!

COCO Não adianta gritar que ela não vem.

Gá começa a chorar.

COCO (*Tapa a boca da menina.*) Para esse berreiro! Menina bonita não chora. (*Pausa. Coco presta atenção pra ver se alguém se aproxima, logo se tranquiliza.*) Tu não precisa ter medo do Coco. Tu quer brincar com a bonequinha? Então para de chorar. Se tu parar, Coco te dá a boneca. Quer? (*Coco solta Gá, que soluça.*) Quer a bonequinha?

GÁ Gá quer Nhanha.

COCO Ela não vem mais. Nhanha deu Gá pro Coco. (*Ri.*) Agora a Gá é do Coco.

GÁ Nhanha? A Nhanha?

COCO Foi embora.

GÁ *(Chora.)* Nhanha! Nhanha!

COCO *(Outra vez tapa a boca de Gá.)* Quieta! Coco só estava fazendo onda. Nhanha volta logo. Ela foi catar papel. *(Tira a boneca do bolso.)* Tu quer? *(Solta Gá.)*

GÁ Gá quer Nhanha.

COCO Já falei que ela vem logo. Não precisa ficar aporrinhada. Ela já vem. O Coco toma conta da Gá até Nhanha voltar. Quer a bonequinha?

GÁ Quer! Gá quer! *(Vai pegar.)*

COCO *(Retira a boneca e ri.)* Ainda não. Tu tem que agradar o Coco primeiro. *(Ri.)* Agrada o Coco. Anda, agrada.

A menina está meio emburrada. Coco segura a mão dela e passa no próprio rosto.

COCO Assim. Faz sozinha. Faz, que o Coco te dá a bonequinha.

Gá agrada Coco, que ri nervoso.

GÁ Agora dá pra Gá.

COCO Quero mais.

Gá agrada mais Coco, que ri.

COCO Agora aqui. *(Desabotoa a camisa, pega a mão de Gá e a esfrega no peito.)* Assim. Assim. Faz sozinha. Faz, Gá. Coco faz também na Gá. Coco faz.

Coco bolina Gá, que ri, com cócegas. Coco está bem excitado. Levanta-se, pega Gá pelo braço. Ouve-se um barulho qualquer. Coco fica apreensivo. Olha para todos os lados. Certifica-se de que não há ninguém por perto. Volta até Gá, abraça a menina, que grita.

GÁ Nhanha! Nhanha!

COCO Não grita, Gá. Fica quieta.

Coco afasta-se da menina e aproxima-se de uma pilha de caixotes. Está bem nervoso, e a menina, meio indiferente ao que está se passando.

COCO Vem buscar a boneca. Vem, Gá. Coco te dá a bonequinha pra sempre. Vem, Gá. Vem aqui atrás.

Coco entra atrás dos caixotes.

GÁ Tem bicho aí.

COCO Vem, não tem, não. Vem buscar a bonequinha. Vem! Coco te dá.

GÁ Gá tem medo de bicho.

COCO Coco mata o bicho. Pode vir. Coco não deixa o bicho pegar Gá.

GÁ Gá não gosta do bicho.

COCO Vou matar o bicho. Olha! Vem ver! (*Coco sai de trás dos caixotes com um pau e dá pauladas no ar, como se matasse o bicho.*) Morre, bicho! Morre! Morre! Gá tem medo do bicho. Morre! Morre!

Gá ri, com muita inocência, dos gestos de Coco.

Pronto, matei o bicho. Agora, vem.

GÁ (rindo, ainda) Tem outro bicho lá.

COCO Não tem mais. Vem! Olha a bonequinha! Vem pegar!

GÁ Tem bicho.

Coco agarra a menina pelo braço e a leva até os caixotes. Gá vai com medo.

GÁ Tem bicho. Gá tem medo.

COCO Coco não deixa vir bicho.

Os dois somem atrás dos caixotes.

Olha a bonequinha.

GÁ Dá pra Gá.

COCO Gá agrada o Coco. Assim. Assim. Agora aqui. Aqui. Assim. Assim. Coco agrada a Gá. Assim.

Gá ri, com cócegas.

COCO Agora aqui! Aqui!

GÁ (Grita, desesperada.) Não! Não!

Gá sai correndo de trás dos caixotes. Logo surge Coco atrás dela.

COCO Vem cá, menina! Vem cá!

GÁ (apavorada) Não! Não!

Coco agarra a menina pelo braço e tenta levá-la novamente para trás dos caixotes.

COCO Caco não vai te fazer maldade. Caco não vai.

GÁ Nhanha! Nhanha!

Gá debate-se e começa a ter um ataque. Cai no chão em convulsões.

COCO *(Desespera-se.)* Merda! Filha da puta! *(Dá tapas em Gá, que se debate.)* Para com isso, Gá! Para com isso! Fica quieta! *(Coco, agoniado, começa a arrastar a menina pra trás dos caixotes. Gá debate-se, cada vez mais. Caco não consegue controlar-se.)* Para! Para! Para! Para, filha da puta! Fica quieta! *(Coco começa a estrangular Gá.)* Quieta! Quieta! Quieta! *(Gá morre. Caco, transtornado, dá-se conta do que fez. Entra Jiló.)*

JILÓ Porra, que é isso?

Coco volta-se rápido para Jiló.

JILÓ Tu pegou a menina?

COCO Filho da puta!

JILÓ Nojento! Porco nojento!

Coco com fúria atira-se contra Jiló, que se livra dele.

COCO *(Puxa uma faca do bolso.)* Caco vai te acabar! Caco vai te acabar, seu merda!

JILÓ Tu vai se danar de verde e amarelo. Deixa o pessoal saber.

Jiló sai correndo. Caco, transtornado, vai até junto da menina e a fica olhando. Depois, deita-se a seu lado e tem uma crise de choro. Entram Jiló, Chicão, Tião, Maria-Vai, Pelado e Poquinha.

JILÓ Olha lá o tarado!

MARIA-VAI A menina está morta!

JILÓ O filho da puta é que matou.

CHICÃO Cachorro da peste.

TIÃO Puta merda, que coisa da moléstia.

POQUINHA A mãe vai se azucrinar toda.

PELADO Vamos agarrar esse puto.

Coco, sem expressão, olha a menina. Está com a faca mão.

MARIA-VAI Está de faca!

TIÃO É fogo!

POQUINHA Vamos esperar os outros.

PELADO A mãe é que diz o que fazer.

TODOS É isso. Melhor esperar. A gente fica nas encolhas. O cara tá matusquela. É perigoso.

Todos ficam espiando Coco ao lado da menina. Entram Noca, Bichado, Frido e Nhanha.

NHANHA Que foi? Que foi, gente? Ai, meu Deus, que foi? Gá! Minha Gá! (*Nhanha atira-se sobre Gá e chora convulsivamente.*) Gá! Está morta! Está morta! Minha criança! Minha filhinha!

FRIDO Pobre menina.

- JILÓ Aquele ali que matou. Queria se tratar com ela.
- FRIDO Ele? Filho da puta! (*Avança sobre Coco.*) Tu matou ela, desgraçado? Tu matou ela?
- COCO (*Levanta-se com a faca na mão. Está histérico.*) Eu não matei. (*Avança para Frido, com a faca. Frido vai se afastando.*) Eu não matei. Eu queria ela pra mim. Eu queria ela pra mim.
- NHANHA (*Que chorava sobre o corpo de Gá, para de chorar e olha fixo para Coco.*) Tu é o cão!
- COCO (*para Nhanha*) Eu não matei. Eu queria ela pra mim. Eu não matei.
- NHANHA (*em pé*) Tu vai se acabar, maldito! (*Anda lentamente pra Coco.*)
- COCO Não chega perto que eu te fuero! Eu te fuero!
- NHANHA (*Vira-se de costas para Coco e grita histérica para todos.*) Ele é coisa da peste! Tem que morrer! Tem que morrer! Ele é coisa ruim! Tem que se acabar, gente! Tem que se acabar! Pega ele, gente! Mata! Mata! Mata!

Todos atiram-se sobre Coco e o derrubam no chão, massacrando-o, enquanto Nhanha grita: "Mata! Mata!". Nhanha está de costas para eles. Aos poucos, as pessoas, sempre em silêncio, afastam-se de Coco. Frido vem até Nhanha, que chora baixinho.

FRIDO Ele está acabado!

NHANHA Que Deus tenha dó da sua alma. (*Ajoelha-se perto de Gá e fica chorando.*)

Todos espiam de longe, com respeito. Entra Berrão.

- BERRÃO Que houve aqui?
- CHICÃO Tem dois que se acabaram.
- BERRÃO Puta merda! Agora vai dar buchicho! Quem se acabou?
- TIÃO Coco matou a menina.
- MARIA-VAI Nós matou Coco.
- PELADO Foi bem feito o que a gente fez. Foi todo mundo junto pra cima dele. Demos de verdade. Acabou rápido e rasteiro como o filho de uma vaca que era.
- POQUINHA Fizemos bem.
- BERRÃO Fizeram bem, o cacete! Isso vai dar truta. Vai baixar cana. Vai dar um rolo danado.
- CHICÃO Deixa dar.
- BERRÃO Deixa dar o quê?
- CHICÃO Deixa a cana baixar.
- BERRÃO Pra vagabundo, tanto faz estar preso ou solto, né?
- CHICÃO É, e daí?
- BERRÃO E daí que não quero nem saber. Não tenho nada com isso.
- CHICÃO Todo mundo tem que estar nessa jogada. Todo mundo, manjou? Até tu!
- BERRÃO O que tu tá querendo dizer?

CHICÃO Estou querendo dizer que ninguém, nem tu, vai cair fora dessa.

PELADO Isso que é. O Coco quis se servir da menina. Isso deu nojo na gente. Nós fizemos ele. Agora a gente tem que livrar a cara.

POQUINHA A justa ainda não foi chamada.

NOCA Só a gente é que sabe.

TIÃO A gente, mais tu.

Pausa.

BERRÃO Porra! Ninguém aqui tem cabeça fria? Podiam deixar o Coco pra lá. Não precisavam ter matado ele. Da menina a gente se livrava fácil. Era só dizer que ela teve um ataque e pronto. Agora, esse merda é espeto. Filho da puta de quem teve a ideia de apagar o miserável.

CHICÃO Tu não se mancou que a gente sentiu nojo do que ele fez? Não se mancou? Foi todo mundo junto que quis pegar o tarado. Ele estava ali parado, de ferro na mão. Se não tivesse todo mundo picado de raiva, ninguém ia ter peito de entrar nele. Não precisou falar duas vezes. Ninguém deu pra trás. Foi mole jogar o canalha no chão com faca e tudo. Pena que se apagou depressa. Nós devíamos era ir matando ele devagar. Pegar um pau e espetar no rabo dele até ele cagar sangue. Ou capar o porco com a própria faca e deixar ele aí pra te contar como foi. Ele não prestava. Tinha que se estrepar. Só que devagar. Bem devagar. Pra sentir o aroma de perpétua.

Pausa.

BERRÃO Bem, o que está feito, está feito. Não adianta chorar. Agora, é tratar de se mandar daqui. Quanto antes, melhor. Vamos

fazer o ponto lá embaixo da ponte. Não se vem mais aqui. A gente esconde o resto do Coco aí atrás dos caixotes, e a menina a gente leva. Amanhã eu chamo a polícia, digo que ela teve um ataque e morreu. O Coco, só quando começar a feder e os urubus começarem a baixar aqui é que o pessoal vai se tocar que tem gente morta. Aí, é tarde. Fica assim mesmo. Ele não tem importância nenhuma. Morreu, morreu. Um a menos pra encher os bagulhos da gente. Botem os sacos no caminhão. Temos que cair fora. (*Ninguém se mexe.*) Estão surdos?

CHICÃO Não vai pesar?

BERRÃO Acha que eu vou ficar aqui a vida inteira? Quero me arrancar o mais depressa possível.

TIÃO Mas a gente precisa da grana.

BERRÃO Estou estranhando o papo aqui hoje. Que é que há? Tá todo mundo roncando grosso.

CHICÃO É assim que é! A gente hoje aprendeu um troço pra toda a vida. Que coisa ruim acaba se a gente quiser. E se a gente quer, não tem por onde. O Coco está aí pra não me deixar mentir. Se tu não quer pesar os sacos, não pesa. Tua cabeça é teu guia. Mas tem um porém. Não leva porra nenhuma daqui.

BERRÃO Quero dar uma colher de chá, e todos ficam assanhados. Tá combinado. Não levo os sacos. E daí? Que tu faz com eles?

CHICÃO Toco fogo neles.

BERRÃO E ganha muito com isso?

CHICÃO Mas tu te estrepa.

BERRÃO Só porque tu quer. Olha pra isso, otário! (*Pega o dinheiro do bolso.*) Tá vendo? Isso me escora. E tu vai passar fome.

CHICÃO Pode ser. Mas ninguém vai me levar no bico.

BERRÃO Não vão botar os sacos no caminhão? (*Ninguém se mexe.*) Como é?

FRIDO Seu Berrão, eu preciso de dinheiro pra enterrar minha criança. Por favor, pese os meus.

BERRÃO Que enterrar, que nada! Amanhã se dá jeito nela. Para isso tem governo. Pra enterrar de graça os que estão na lona.

Nhanha, que reza ao lado da filha, volta-se para Berrão.

NHANHA Seu Berrão, essa menina teve uma vida de cão, mas vai ter morte de gente. Estou lhe falando. O papel está aí. Foi catado por seu mando.

BERRÃO E vai ficar aí. E o dinheiro aqui. (*Mostra os bolsos.*)

NHANHA Nós precisa de dinheiro, Seu Berrão. Não é por nós, é pela menina!

BERRÃO Já se danou mesmo. Pra que gastar dinheiro à toa com ela?

NHANHA Isso é coisa nossa. O senhor mandou nós catar papel. Nós catou. Agora tem que comprar.

BERRÃO Eu compro o que eu quero. E tem mais uma coisa. O que eu ia pagar não dava pra enterrar ninguém.

JILÓ Juntando a grana de todos, dava.

BERRÃO Tu cala a boca. Ninguém te chamou na conversa.

JILÓ Eu falo quando quero.

BERRÃO Então fala. Bota a boca no trombone que eu também boto. Já estou dando uma colher de chá de me fechar em copas. Se começarem a se assanhar, chamo a cana e dedo todos vocês. Eles apanham um por um, e eu apanho os sacos de graça.

POQUINHA Isso é sacanagem.

BERRÃO Mas é uma boa pedida. (*Vai sair.*) Vou mostrar como se lida com vagabundos.

Nhanha entra na frente de Berrão.

NHANHA É melhor o senhor dar o dinheiro do enterro. Esse gosto o senhor não tira da Gá.

BERRÃO (*Puxa o revólver.*) Sabe o que é isso?

NHANHA Bela merda!

Todos rodeiam o Berrão.

BERRÃO Que é que há? Eu mando um pra glória.

NHANHA A gente sabe que, se tu tiver coragem, tu desgraça um. Mas a gente é uma porrada. Quem ficar te pega.

BERRÃO Não está vendo o revólver na minha mão? Então, que papo é esse? Eu estouro um. Estouro o primeiro que vier, estou avisando. Quem avisa amigo é. Eu queimo um. Eu queimo. Mas não dou um puto de um tostão pra sacana nenhum.

NHANHA (*Mostra o peito.*) Então queima! Atira aqui! Atira! Falta peito? Tu não tem coragem? Atira! Atira, seu porco!

BERRÃO Tu tá louca, mulher!

NHANHA Tu é que estás louco de medo. Atira! Tem medo, seu puto? Então dá o dinheiro! (*pausa*) Anda, dá a grana, ou atira! Atira! Tu me mata. E daí? Estou cagando um monte desse tamanho pra morrer. Já morri um cacetão de vezes, tá bom? Morri de fome, morri de frio, morri de medo, morri de ver minha cria morrer. E agora chegou a tua vez. Atira! Atira! Anda, atira! Mas tu não escapa. Gasta a tua verdade aqui no meu peito. Anda! Daí eles te pegam e te azaram. Esta é a hora de acertar as contas. Quem tiver se danado mais está com a razão. E não vai ter canhão pra mudar o resultado. Anda, atira! Atira!

Nhanha anda lentamente, avançando sobre Berrão, que está apavorado.

MARIA-VAI (*aconselhando*) É melhor tu dar a grana pra ela.

BERRÃO É... É... vou te ajudar enterrar a criança. Vou ajudar. Afinal, é só isso que tu quer, não é?

NHANHA É.

Berrão pega todo o dinheiro e dá pra Nhanha.

BERRÃO Pronto. Tá o que tu queria.

Nhanha fica parada na frente de Berrão. Olha com desconfiança para o dinheiro. Berrão, percebendo que já domina a situação novamente, fala agora com autoridade para Nhanha, comprando-a definitivamente.

Então, mulher? Não tá contente? Não tem tua grana? Então? Vai cuidar da tua cria morta, antes que os urubus deem conta dela. (*Nhanha continua parada.*) Vai, mulher, vai! Vai! Toda essa gente tá chateada com essa coisa toda. Eu também, claro. Pombas! Quem não se queima com um troço escabroso desses? (*Passa a mão no ombro de Nhanha.*) Todo mundo ficou

perturbado. Tu gritou. Todo mundo gritou. Eu também gritei. Essa onda me deixou zoeira. Mas, pombas! A vida continua. Um morre, mas a gente tá aí mesmo. Quem fica tem que tocar o barco pra frente. Não foi o fim do mundo, não é? Vai lá, mulher! Vai cuidar da tua cria. Ela merece.

NHANHA *(bem triste)* É. É.

BERRÃO Então vai logo, mulher!

Nhanha olha para todos, como se pedisse desculpas.

NHANHA Gá vai ter enterro de gente.

Nhanha, sempre triste, abatida, afasta-se de Berrão e se ajoelha ao lado de Gá, começando a rezar. Frido a acompanha. Os catadores, meio embaraçados, entreolham-se e vão lentamente se colocando entre Berrão e Nhanha. Estão juntos, formando um bloco. Chicão, que está na frente, volta-se para os outros.

CHICÃO E nós? Como é que fica?

Todos os catadores começam a falar ao mesmo tempo, incitando-se uns aos outros para tomar a iniciativa e agarrar o Berrão. No auge do vozerio, Tião dá um empurrão em Chicão, que cai na frente de Berrão. Berrão dá-lhe um pontapé e o atira longe. Os outros tentam avançar, mas Berrão dá um tiro pro ar. Todos param de falar e, apavorados, recuam.

BERRÃO Peguem os sacos e botem no caminhão!

Um a um, lentamente, os catadores vão pegando os sacos e saindo. Reza de Nhanha cresce, misturando-se com ruídos de grande cidade que vão entrando, enquanto o pano fecha lentamente.

fim

CRONOLOGIA



Cronologia

- 1935 Plínio Marcos de Barros nasce em Santos, em 29 de setembro de 1935. Era o segundo filho do bancário Armando Barros e da dona de casa Hermínia Cunha Barros. Armando e Hermínia, ao todo, tiveram seis filhos: cinco homens e uma mulher.
- 1951 Começa a trabalhar como palhaço, com o apelido de Frajola, passando por vários circos de Santos, com destaque para o Pavilhão-Teatro Liberdade.
- 1953 Presta serviço militar obrigatório na Aeronáutica; ao sair, percorre o interior paulista com a Companhia Santista de Teatro de Variedades, atuando como palhaço e humorista; faz trabalhos esparsos em rádio e televisão como palhaço.

- 1958 A convite do círculo teatral em torno de Patrícia Galvão, a Pagu, participa da peça infantil *Pluft, o fantasminha*; em seguida, passa a frequentar as reuniões do grupo, onde o marido de Pagu, Geraldo Galvão Ferraz, aos domingos, fazia leitura de peças.

Passa a trabalhar no teatro amador santista, como ator ou diretor de várias peças, entre elas: *Verinha e o lobo*, *Menina sem nome*, *A longa viagem de volta*, *Escurial*, *O rapto das cebolinhas*, *Jenny no pomar*, *Triângulo escaleno*, *Fando e Lis*.

Escreve sua primeira peça, *Barrela*, baseada num caso real acontecido em Santos.

- 1959 Começa a ensaiar *Barrela*, mas a peça é proibida pela Censura Federal, sendo liberada apenas para uma única apresentação em 1º de novembro de 1959, no palco do Centro Português de Santos, dirigida e interpretada por Plínio, além de estudantes ligados ao Festival Nacional de Teatro, que era organizado por Paschoal Carlos Magno. Depois dessa apresentação única, a peça ficaria proibida durante 21 anos.

Escreve a peça *Os fantoches*, que foi a primeira versão daquela posteriormente intitulada *Jornada de um imbecil até o entendimento*.

- 1960 Mudança para São Paulo, onde começa trabalhando como camelô e vendedor de álbum de figurinhas.

Consegue o seu primeiro trabalho em teatro profissional como ator e diretor da peça *O fim da humanidade*, levado a cena pela Companhia de Jane Hegenberg.

- 1961 Em Campinas, durante o 2º Festival Paulista de Teatro de Estudantes, conhece a futura esposa Walderez de Mathias Martins, aluna de Filosofia da USP e atriz do Centro Popular de Cultura (CPC) daquela faculdade.

- 1963 Trabalha como técnico na Televisão Tupi, de São Paulo, além de prestar serviços variados na administração do Teatro de Arena.

É aprovado em teste para a Companhia Cacilda Becker e faz pontas na peça *César e Cleópatra*, dirigida por Zbigniew Ziembinski. Também atua em *O noviço*, no Teatro de Arena.

Escreve *Enquanto os navios atracam*, primeira versão de *Quando as máquinas param*.

Em 16 de dezembro, casa-se com Walderez de Barros.

- 1964 Redige texto para o espetáculo de música popular brasileira *Nossa gente, nossa música*, realizado pelo Grupo Quilombo e dirigido por Dalmo Ferreira, no Teatro de Arena. Também proibido pela Censura.

Em 21 de setembro, nascimento do primogênito, Leonardo Martins de Barros, que também se tornaria dramaturgo com o pseudônimo de Leo Lama.

- 1965 Compõe *Reportagem de um tempo mau*, uma compilação de trechos de diferentes autores entremeados de diálogos e cenas próprias, para o Teatro de Arena; o espetáculo, entretanto, é proibido pela Censura.

Plínio escreve a peça infantil *As aventuras do coelho Gabriel*.

Escreve *Chapéu sobre paralelepípedo para alguém chutar*, segunda versão de *Os Fantoches*, que na versão final terá o título de *Jornada de um imbecil até o entendimento*, e que será proibida no ano seguinte.

Trabalha como ajudante na parte administrativa da Companhia Nydia Licia.

- 1966 Escreve *Dois perdidos numa noite suja*, com base em argumento do conto *Il terrore di Roma*, de Alberto Moravia; estreia em novembro, no bar Ponto de Encontro, na Galeria Metrópole, de São Paulo, com ele próprio e Ademir Rocha como atores e Benjamin Cattán na direção.

Em 20 de novembro, nasce Ricardo Martins de Barros, seu segundo filho.

- 1967 Escreve *Navalha na carne*, logo proibida. Tendo como atores Ruthinéa de Moraes, Paulo Villaça e Edgar Gurgel Aranha, sob a direção de Jairo Arco e Flexa, é apresentada clandestinamente no apartamento de Cacilda Becker e Walmor Chagas, na Avenida Paulista, em São Paulo, e também na casa de Tônia Carrero, no bairro de Santa Teresa, no Rio de Janeiro.

Graças a influências familiares, Tônia consegue liberar a peça para maiores de 21 anos e o espetáculo estreia, em São Paulo, com o elenco original, e, no Rio, logo depois, com ela mesma como protagonista, sob a direção de Fauzi Arap.

Escreve a versão final de *Quando as máquinas param*, que estreia dirigida pelo próprio Plínio e interpretada por Miriam Mehler e Luís Gustavo.

No mesmo período, escreve *Homens de papel*, que estreia nesse mesmo ano com Maria Della Costa como protagonista, sob direção de Jairo Arco e Flexa.

Escreve a primeira versão de *Jesus-Homem*, então intitulada *Dia virá*, interpretada por alunos do Colégio Des Oiseaux, das Cônegas de Santo Agostinho, sob direção de Odavlas Petti.

- 1968 Escreve a versão final de *Jornada de um imbecil até o entendimento*, que estreia com direção de João das Neves, e tendo como atores Alberico Bruno, Henrique Amoedo, Denoy de Oliveira, Jorge Cândido e José Fernandes, entre outros.

Contribui com a peça *Verde que te quero verde* para o espetáculo Feira Paulista de Opinião, que reunia textos de dramaturgos censurados.

Assume coluna diária no jornal *Última Hora*, com o qual colabora com interrupções variadas até 1978.

Colabora com diversos gêneros de texto nos jornais *Diário da Noite*, *Folha de S. Paulo*, *Movimento*, *Diário Popular*, *Jornal da Orla* e revista *Realidade*.

Em novembro, estreia na TV Tupi a novela *Beto Rockfeller*, de Bráulio Pedroso, na qual faz o papel do mecânico Vitório, melhor amigo da personagem-título.

Preso pelo 2º Exército, foi solto dias depois por interferência de Cassiano Gabus Mendes, então diretor da TV Tupi.

- 1969 Preso em Santos, no Teatro Coliseu, por se recusar a acatar a interdição de *Dois perdidos numa noite suja*, em que trabalhava como ator; transferido para o Dops, em São Paulo, foi liberado por interferência de Maria Della Costa.

Escreve *O abajur lilás*, que deveria ser dirigido e produzido por Paulo Goulart, tendo no elenco Nicete Bruno e Walderez de Barros, mas o texto é proibido pela Censura Federal.

Escreve *Oração para um pé de chinelo*, logo proibida para encenação.

Começa a escrever *A noite das diabas*, primeira versão de *A mancha roxa*.

- 1970 Trabalha como ator, no mesmo papel de Vitório, na adaptação para o cinema *Beto Rockfeller, o filme*. Além de Plínio, estão no elenco principal Luís Gustavo, Lélia Abramo, Cleyde Yáconis, Walmor Chagas, Otello Zelsoni, entre outros.

Adaptação para cinema de *Navalha na carne*, sob direção de Braz Chediak; atuam Glauce Rocha, Jece Valadão, Emiliano Queiroz.

O abajur lilás é proibida por cinco anos para todo o território nacional.

Escreve e dirige o musical *Balbina de Iansã*, com Wanda Kosmo, Walderez de Barros, Roberto Rocco, entre os atores, e Geraldo Filme, Toniquinho e Talismã entre os músicos.

- 1971 Produção em LP das músicas de *Balbina de Iansã*, criadas por compositores importantes do samba paulista, como Talismã, Silvio Modesto, Jangada, Geraldo Filme, entre outros.

Adaptação para cinema de *Dois Perdidos numa noite suja*, com direção de Braz Chediak e interpretação de Emiliano Queiroz e Nelson Xavier.

Emílio Fontana dirige para o cinema da Boca do Lixo paulistano o filme *Nenê Bandalho*, com argumento original de Plínio; o filme, entretanto, foi apreendido pela Censura quando de sua apresentação no Festival de Brasília.

Participação como ator na novela *Bandeira 2*, de Dias Gomes, apresentada na TV Globo.

- 1972 Funda a primeira banda carnavalesca de São Paulo, a Banda Bandalha, que saía na quinta-feira da semana anterior ao carnaval e, também, no sábado de Aleluia, tendo como ponto de partida o Teatro de Arena; Ety Fraser era a rainha da Banda Bandalha e Walderez de Barros era a porta-estandarte da banda. Dois anos depois, após desentendimentos com a prefeitura, foi assumida e rebatizada pelo ator Carlos Costa, companheiro de Plínio no Teatro de Arena, como Banda Redonda, em homenagem ao bar Redondo, que ficava em frente ao teatro.

- 1973 Lançamento da reunião de contos e crônicas publicadas em jornal, intitulada *História das quebradas do mundaréu*, pela editora Nórdica, do Rio de Janeiro.

Monta o espetáculo *Humor grosso e maldito das quebradas do mundaréu*, no TBC.

Adaptação de conto de Plínio para o filme *Rainha Diaba*, lançado no ano seguinte e dirigido por Antonio Carlos Fontoura; no elenco, Milton Gonçalves, Odete Lara, Nelson Xavier e Stepan Nercessian, entre outros.

Em 12 de maio, nasce a filha caçula Ana Carmelita Martins de Barros.

1974 Lança o LP intitulado *Plínio Marcos em prosa e samba*, com os sambistas Geraldo Filme, Zeca da Casa Verde e Toniquinho Batuqueiro, resultado de diversos shows que vinha fazendo pelo estado de São Paulo, ao lado de músicos da cena paulista, e que, segundo a ocasião, recebeu nomes diferentes: *Plínio Marcos e os pagodeiros*; *Humor grosso e maldito das quebradas do mundaréu*; *Deixa pra mim que eu engrosso*.

1975 Passa a escrever crônicas sobre futebol na revista *Veja*, o que faz até o ano seguinte.

Nova proibição de *O abajur lilás*, que acarretou várias manifestações de protesto em todo o país.

O advogado Iberê Bandeira de Mello entra com recurso contra a Censura, mas o ministro da Justiça, Armando Falcão, reitera a proibição da peça, sob a alegação de atentado contra a moral e os bons costumes.

Novos recursos de Iberê e Plínio em todas as instâncias, até chegar ao Supremo Tribunal Federal, onde o recurso perde com apenas um voto favorável, de Jarbas Nobre.

Ademar Guerra dirige e adapta para um espetáculo de dança do Ballet Stagium a peça *Navalha na carne*, com coreografia de Décio Otero, intitulando-o *Quebradas do mundaréu*.

1976 Publica pela editora Símbolo, de São Paulo, *Uma reportagem maldita (Querô)*, com o qual ganhou o prêmio APCA de melhor

romance do ano, e também *Barrela*; escreve a opereta *Feira livre*, com música de Cátia de França e direção de Emiliano Queiroz.

1977 Escreve o musical *O poeta da vila e seus amores*, que inaugura o Teatro Popular do Sesi, na av. Paulista, em São Paulo, com Ewerton de Castro e Walderez de Barros, e direção de Osmar Rodrigues Cruz.

Publica pela editora paulista Lampião a reunião de três contos intitulada *Inútil canto e inútil pranto pelos anjos caídos*.

1978 Publica a novela *Na barra do Catimbó*, pela editora Global.

Finaliza a peça *Jesus-Homem*, última versão de *Dia virá*.

Escreve *Ai, que saudade da saúva* para o jornal *Movimento*, na edição de número 180, saída em 11 de dezembro.

1979 Reestrea clandestina de *Barrela*, em dezembro, no porão do Teatro Brasileiro de Comédia, em São Paulo, cedido pelo seu diretor na época, Antônio Abujamra, com sessões à meia-noite das sextas-feiras. O grupo de atores envolvidos na montagem forma O Bando, funcionando em regime de cooperativa. Faziam parte dele Beth Rocco, Benê Silva, Marco Antonio Rodrigues, Carol Freitas, Tanah Corrêa, entre vários outros.

Escreve *Signo da discoteque*, que estreia no mesmo ano, com direção de Mario Masetti, e no elenco Malu Rocha, Herson Capri, Walter Breda.

Adapta *Querô* para o teatro. A primeira montagem, entretanto, só vai acontecer em 1992, sob a direção de Eduardo Tolentino de Araújo, e elenco com Aiman Hammoud, Walderez de Barros, Gustavo Engrácia, Brian Penido, Daniel Reus, Ernani Moraes, Guilherme Sant'anna, entre outros.

Plínio percorre o interior do estado de São Paulo e várias cidades do Brasil fazendo palestras-show e espetáculos com monólogos teatrais e música.

- 1980 Liberação pela Censura Federal das peças *Barrela* e *O abajur lilás*.

O Bando transfere-se para o Teatro de Arte Israelita Brasileiro (Taib), de São Paulo, e monta, em seguida, *Dois perdidos numa noite suja*, *Oração para um pé de chinelo* e *Jesus-Homem*, versão definitiva da peça anteriormente intitulada *Dia virá*.

Plínio recebe o Prêmio Mambembe de melhor produtor.

- 1982 Lança o livro de memórias *Prisioneiro de uma canção*, em edição do autor.

Dissolução de O Bando.

- 1984 Estreia em espetáculo solo no Teatro de Arena Eugênio Kusnet intitulado *O palhaço repete seu discurso*, com o qual rodaria o interior do estado.

Separação de Walderez de Barros.

- 1985 Escreve *Madame Blavatsky*, que estreará com Walderez no papel-título e direção de Jorge Takla.

Plínio sofre o primeiro enfarte.

- 1986 Escreve a peça *Balada de um palhaço*, que estreia no mesmo ano, dirigida por Odavlas Petti e estrelada por Walderez de Barros e Antonio Petrin, com canções de Leo Lama; lança, em edição do autor, a plaquete *Histórias populares I: A figurinha e Soldados da minha rua*.

- 1987 Lança o segundo volume de *Histórias populares: canções e reflexões de um palhaço*.

- 1988 Escreve a versão definitiva de *A mancha roxa*.

Escreve e interpreta *Ei, amizade*, texto de uma campanha de prevenção da aids nos presídios de São Paulo.

Escreve *História dos bichos brasileiros: O coelho e a onça ou Onça que espirra não come carne*, para teatro infantil.

1989 Escreve a peça infantil *Assembleia dos ratos*.

Entrevista ao programa *Roda Viva* da TV Cultura.

1990 Lê profissionalmente tarô, para o qual teria um método próprio de interpretação, e cria um curso intitulado “O uso mágico da palavra”, no qual explora usos persuasivos e terapêuticos da linguagem.

1991 O conto *Inútil canto e inútil pranto para os anjos caídos em Osasco* é adaptado para teatro pelo ator Cacá Carvalho, com dramaturgia e direção de François Kahn, do Centro per la Sperimentazione e la Ricerca Teatrale, de Pontedera, na Itália.

1992 Escreve e publica a novela *Na trilha dos saltimbancos*, cujo primeiro volume é *O assassinato do anão do caralho grande*.

Em dezembro, estreia o espetáculo *40 anos de luta*, com o filho Leo Lama, que já o acompanhava em vários espetáculos anteriores.

1993 Escreve *A dança final*, cuja primeira montagem, entretanto, dá-se apenas em 2002, com direção de Kiko Jaess, tendo como atores Aldine Müller e Nuno Leal Maia.

Passa a viver com a jornalista Vera Artaxo e o filho desta, Tiago.

1994 Estreia de uma adaptação de *Barrela* para cinema, com o título *Barrela, escola de crimes*, dirigida por Marco Antonio Cury, com elenco que inclui os nomes de Paulo César Pereio, Marcos Palmeira, Cláudio Mamberti, Chico Diaz, entre outros.

Em setembro, publica na *Folha de S. Paulo* o texto teatral *No que vai dar isso*.

1995 Adapta para teatro a novela *O assassinato do anão do caralho grande*.

Publica em 11 de junho de 1995, no caderno mais!, da *Folha de S. Paulo*, o texto teatral *Nhe-nhe-nhem ou Índio não quer apito*.

Escreve o texto teatral *Leitura capilar*.

- 1996 Adapta para monólogo teatral o conto “Sempre em frente”, incluído no volume *Canções e reflexões de um palhaço*, com o título *O homem do caminho*, dirigido por Sérgio Mamberti e interpretado por Cláudio Mamberti.

Lança, pela editora do Senac, o livro de contos e memórias *Figurinha difícil, pornografando e subvertendo*.

Relança, pela Geração Editorial, o texto original de *O assassinato do anão do caralho grande*, desta vez em conjunto com a sua adaptação teatral.

- 1997 Publica o texto teatral *Leitura capilar* na edição de maio da revista *Caros Amigos*.

Escreve *O bote da loba*, cuja primeira montagem foi feita em Campo Grande.

Retoma a peça *Chico Viola*, com várias versões anteriores, e que permanece inacabada.

- 1998 Participa da Feira do Livro em Paris, onde é lançada uma tradução francesa de *Dois perdidos numa noite suja*.

Escreve a versão definitiva de *A dança final*.

- 1999 Lança a novela *O truque dos espelhos*, por Una Editoria, de Belo Horizonte.

Em agosto, sofre um AVC; em outubro, ainda no processo de recuperação, tem um segundo AVC e é internado no Incor, de São Paulo.

Falece em São Paulo no dia 19 de novembro de 1999.



BIBLIOGRAFIA SOBRE O TEATRO DE PLÍNIO MARCOS

Dicionários

GUINSBURG, Jacó; FARIA, João Roberto; LIMA, Mariangela Alves de (Coords.). *Dicionário do teatro brasileiro: temas, formas e conceitos*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva; Sesc, 2009.

Geral / História

AGUIAR, Teresa. *O teatro no interior paulista, do TEC ao Rotunda: um ato de amor*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1992.

ASSOCIAÇÃO CARIOCA DE CRÍTICOS TEATRAIS. *Teatro 75: anuário da Associação Carioca de Críticos Teatrais*. Rio de Janeiro: Gráfica Editora do Livro, 1976.

BORBA FILHO, Hermilo. *História do espetáculo*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1968.

CRUCIANI, Fabrizio; FALLETTI, Clelia. *Teatro de rua*. São Paulo: Hucitec, 1999.

DEL RIOS, Jefferson. *Bananas ao vento: meia década de cultura e política em São Paulo*. São Paulo: Senac, 2006.

DORIA, Gustavo A. *Moderno teatro brasileiro*. Rio de Janeiro: Serviço Nacional do Teatro, 1975.

FARIA, João Roberto (Org.). *História do teatro brasileiro, volume II: do modernismo às tendências contemporâneas*. São Paulo: Perspectiva; Sesc, 2013.

FIGARO, Roseli (Org.). *Na cena paulista, o teatro amador*. Circuito alternativo e popular de cultura (1927-1945). São Paulo: Ícone, 2008.

GARCIA, Clóvis. *Os caminhos do teatro paulista: um panorama registrado em críticas – O Cruzeiro (1951-1958), A Nação (1963-1964)*. São Paulo: Prêmio, 2006.

GASPARI, Elio; VENTURA, Zuenir; HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Cultura em trânsito: da repressão à abertura – 70/80*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

GUIMARÃES, Carmelinda. *Memórias do teatro de Santos*. Santos: Prefeitura de Santos, 1996.

ITAÚ CULTURAL. *Anos 70: trajetórias*. São Paulo: Iluminuras; Itaú Cultural, 2005.

JACOBBI, Ruggero. *A expressão dramática*. São Paulo: Instituto Nacional do Livro, 1956.

_____. *Teatro no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

LEVI, Clovis. *Teatro brasileiro: um panorama do século XX*. Rio de Janeiro: Funarte; São Paulo: Atração Produções Ilimitadas, 1997.

MACHADO, Álvaro. *Teatro popular do Sesi: 40 anos*. São Paulo: Sesi, 2004.

MAGALDI, Sábato. *Moderna dramaturgia brasileira*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

_____. *Panorama do teatro brasileiro*. 3. ed. revista e ampliada. São Paulo: Global, 1997.

_____. (Org.). *Introdução e história*. São Paulo: Abril, 1976. (Coleção Teatro Vivo).

NOVAES, Adauto. *Anos 70: ainda sob a tempestade*. Rio de Janeiro: Aeroplano; Senac, 2005.

PORTO E SILVA, Flávio Luiz. (Org.). *O teleteatro paulista nas décadas de 50 e 60*. In: Cadernos 4. São Paulo: Idart, 1981.

PRADO, Décio de Almeida. *Apresentação do teatro brasileiro moderno: crítica teatral de 1947-1955*. São Paulo: Martins, 1956.

_____. _____. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

_____. *Exercício findo: crítica teatral (1964-1968)*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

_____. *O teatro brasileiro moderno*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

_____. *Peças, pessoas, personagens: o teatro brasileiro de Procópio Ferreira a Cacilda Becker*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

RAMOS, Alcides Freire; PEIXOTO, Fernando; PATRIOTA, Rosângela (Org.). *A história invade a cena*. São Paulo: Hucitec, 2008.

ROSENFELD, Anatol. *Teatro moderno*. São Paulo: Perspectiva, 1977.

SILVEIRA, Miroel. *A contribuição italiana ao teatro brasileiro: (1895-1964)*. São Paulo: Quirón; Brasília, DF: Instituto Nacional do Livro, 1976.

TAVARES, Renan. *Teatro, educação e cultura marginal dos anos 1970 no Brasil: Tropicalismo/Pós-Tropicalismo*. São Caetano do Sul: Yendis, 2009.

VARGAS, Maria Thereza (Coord.). *Teatro operário na cidade de São Paulo*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura; Centro de Pesquisa de Arte Brasileira, 1980.

VENEZIANO, Neyde. *O teatro de revista no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp; Pontes, 1991.

Teoria / Crítica / Questões gerais e de militância

ARRABAL, José; LIMA, Mariângela Alves de. *Teatro, o seu demônio é beato*. São Paulo: Brasiliense, 1983. (Coleção O Nacional e o Popular na Cultura Brasileira).

BENTO FILHO, Egídio. *O riso e suas técnicas no teatro*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2013.

BOAL, A. *Teatro do oprimido e outras poéticas políticas*. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

BRECHT, Bertold. *Teatro dialético: ensaios*. Seleção e introdução de Luiz Carlos Maciel. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

COSTA, Iná Camargo. *A hora do teatro épico no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1996.

D'AVERSA, Alberto. *Teatro com rito profano e conseqüências*. *Anhemi*, São Paulo, v. XII, n. 126, maio 1961.

FAURY, Mára Lúcia. *Uma flor para os malditos: a homossexualidade na literatura*. Campinas: Papyrus, 1983.

GARCIA, Silvana. *O teatro da militância: a intenção do popular no engajamento político*. São Paulo: Perspectiva; Edusp, 1990.

GUIDARINI, Mário. *A desova da serpente: teatro contemporâneo brasileiro*. Florianópolis: Ufsc, 1996.

GUIMARÃES, Carmelinda (Org.). *Clóvis Garcia: a crítica como ofício*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Cultura – Fundação Padre Anchieta, 2006.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de; GONÇALVES, Marcos Augusto. *Cultura e participação nos anos 60*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

JEHA, Julio; JUÁREZ, Laura; NASCIMENTO, Lyslei (Orgs.). *Crime e transgressão na literatura e nas artes*. Belo Horizonte: UFMG, 2015.

LINS, Ronaldo Lima. *Violência e literatura*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.

MACHADO JR., Rubens; SOARES, Rosana de Lima; ARAÚJO, Luciana Corrêa de. (Orgs.). *Estudos de Cinema Socine VII*. São Paulo: Annablume, 2006.

MACIEL, Luiz Carlos. *Anos 60*. Porto Alegre: L&PM, 1987.

_____. *Geração em transe: memórias do tempo do Tropicalismo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

_____. *Negócio seguinte*. Rio de Janeiro: Codecri, 1981.

MARTINS, Luciano. *A “geração AI-5” e maio de 68: duas manifestações intransitivas*. Rio de Janeiro: Argumento, 2004.

MICHALSKI, Yan. *Reflexões sobre o teatro brasileiro no século XX*. Rio de Janeiro: Funarte, 2004.

MOTTA, Gilson. *O espaço da tragédia na cenografia brasileira contemporânea*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

PALLOTTINI, Renata. *Introdução à dramaturgia*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

PEREIRA, Belmiro Fenandes; VÁRZEAS, Marta. (Orgs.). *Retórica e teatro: a palavra a em acção*. Porto: U. Porto editorial, 2010.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder; HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Patrulhas ideológicas, marca reg.: arte e engajamento em debate*. São Paulo: Brasiliense, 1980.

PRADO, Décio de Almeida. *Teatro em progresso: crítica teatral (1955-1964)*. São Paulo: Martins, 1964.

REBOUÇAS, Evill. *A dramaturgia e a encenação no espaço não convencional*. São Paulo: Unesp, 2009.

RIDENTI, Marcelo. *Em busca do povo brasileiro: artistas da revolução, do CPC à era da TV*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

ROSENFELD, Anatol. *A arte do teatro*. São Paulo: Publifolha, 2009.

_____. *Brecht e o teatro épico*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

_____. *O mito e o herói no moderno teatro brasileiro*. São Paulo: Perspectiva, 1982.

_____. *O teatro épico*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

_____. *Prismas do teatro*. Campinas: Unicamp; São Paulo: Edusp; Perspectiva, 1993.

_____. *Teatro em crise*. São Paulo: Perspectiva, 2014.

VASCONCELOS, Maria Luiza Teixeira (Org.). *A crítica de João Apolinário: memória do teatro paulista de 1964 a 1971*. São Paulo: Imagens Conteúdo & Forma, 2013. (Volumes 1 e 2).

VENTURA, Zuenir. *1968: o ano que não terminou*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

VINCENZO, Elza Cunha de. *Um teatro da mulher: dramaturgia feminina no palco brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Perspectiva; Edusp, 1992.

Grupos teatrais

ALMADA, Izaías. *Teatro de Arena: uma estética da resistência*. São Paulo: Boitempo, 2004.

BRANDÃO, Carlos Antônio Leite. *Grupo Galpão: 15 anos de risco e rito*. Belo Horizonte: Grupo Galpão, 1999.

ESCOBAR, Ruth. *Dossiê de uma rebelião*. São Paulo: Global, 1982.

FERNANDES, Rofran. *Teatro Ruth Escobar: 20 anos de resistência*. São Paulo: Global, 1985.

GARCIA, Miliandre. *Do teatro militante à música engajada: a experiência do CPC da UNE (1958-1964)*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2007.

GUZIK, Alberto. *TBC, crônica de um sonho: o Teatro Brasileiro de Comédia, 1948-1964*. São Paulo: Perspectiva, 1986.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Impressões de viagem: CPC, vanguarda e desbunde, 1960-70*. Rio de Janeiro: Rocco, 1980.

LOBERT, Rosemary. *A palavra mágica: a vida cotidiana do Dzi Croquettes*. Campinas: Unicamp, 2010.

MACHADO, Álvaro. *Teatro popular do Sesi: 40 anos*. São Paulo: Sesi, 2004.

MAGALDI, Sábato. *Um palco brasileiro: o Arena de São Paulo*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MOSTAÇO, Edélcio. *Teatro e política: Arena, Oficina e Opinião – uma interpretação da cultura de esquerda*. São Paulo: Proposta, 1982.

PARANHOS, Kátia Rodrigues (Org.). *Grupos de teatro, dramaturgos e espaço cênico: cenas fora de ordem*. Campinas: Mercado de Letras, 2012.

PEIXOTO, Fernando. *Teatro Oficina (1958-1982): trajetória de uma rebeldia cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

SESC SÃO PAULO. *Arena, Oficina, Anchieta e outros palcos*. São Paulo: Lazuli; Sesc, 2005.

TEATRO DE ARENA. *1ª Feira Paulista de Opinião*. São Paulo: Expressão Popular, 2016.

Memórias/depoimentos

ARAP, Fauzi. *Mare nostrum: sonhos, viagens e outros caminhos*. São Paulo: Senac, 1998.

BIVAR, Antonio. *Mundo adentro vida afora: autobiografia do berço aos trinta*. Porto Alegre: L&PM, 2014.

_____. *Verdes vales do fim do mundo*. Porto Alegre: L&PM, 1984.

GARCÍA-GUILLÉN, Mario. *Falando de teatro*. São Paulo: Loyola, 1978.

GERTEL, Vera. *Um gosto amargo de bala*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

LICIA, Nydia. *Eu vivi o TBC*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2007. (Coleção Aplauso).

NANDI, Ítala. *Teatro Oficina: onde a arte não dormia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

NANDI, Ittala. *Teatro: começo até...* São Paulo: Hucitec, 2004.

RATTO, Gianni. *A mochila do mascate: fragmentos do diário de bordo de um anônimo do século XX*. São Paulo: Hucitec, 1996.

TEATRO CASA GRANDE. *Ciclo de debates do Teatro Casa Grande*. Rio de Janeiro: Inúbia, 1976.

VIANNA, Deocélia. *Companheiros de viagem*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

VIANNA FILHO, Oduvaldo; PEIXOTO, Fernando (Org.). *Vianinha: teatro, televisão, política: artigos, entrevistas e textos inéditos*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

VICENTE, José. *Os reis da terra*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

Censura/repressão

ARAÚJO, Arturo Gouveia de. *Os homens cordiais: a representação da violência oficial na literatura dramática brasileira pós-64*. João Pessoa: UFPB, 1996.

COSTA, Cristina. *Censura em cena: teatro e censura no Brasil*. São Paulo: Edusp; Fapesp; Imprensa Oficial, 2006.

_____. (Org.). *Censura, repressão e resistência no teatro brasileiro*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2008.

_____. (Org.). *Comunicação e censura: o circo-teatro na produção cultural paulista de 1930 a 1970*. São Paulo: Terceira Margem, 2006.

GOMES, Mayra Rodrigues. *Palavras proibidas: pressupostos e subentendidos da censura teatral*. São José do Rio Preto: Bluecom, 2008.

LAET, Maria Aparecida. *A censura prévia ao teatro paulista: um enfoque informacional*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2013.

MICHALSKI, Yan. *O palco amordaçado: 15 anos de censura teatral no Brasil*. Rio de Janeiro: Avenir, 1979.

_____. *O teatro sob pressão. Uma frente de resistência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

Plínio Marcos

ANDRADE, Ana Lúcia Vieira de. A inspiração em Plínio Marcos. In: _____. *Nova dramaturgia: anos 60, anos 2000*. Rio de Janeiro: Unirio; Quartet; Brasília, DF: Capes, 2005.

APOLINÁRIO, João. A noite das três igualdades. In: VASCONCELOS, Maria Luiza Teixeira (Org.). *A crítica de João Apolinário: memória do teatro paulista de 1964 a 1971*. São Paulo: Imagens Conteúdo & Forma, 2013. (Volume 1).

_____. Balbina de Iansã, de Plínio Marcos, no Teatro São Pedro. In: VASCONCELOS, Maria Luiza Teixeira. (Org.). *A crítica de João Apolinário: memória do teatro paulista de 1964 a 1971*. São Paulo: Imagens Conteúdo & Forma, 2013. (Volume 2).

_____. De Cristo a Plínio Marcos. In: VASCONCELOS, Maria Luiza Teixeira. (Org.). *A crítica de João Apolinário: memória do teatro paulista de 1964 a 1971*. São Paulo: Imagens Conteúdo & Forma, 2013. (Volume 1).

_____. Essa “Jornada de um imbecil” é espetáculo certo no teatro errado. In: VASCONCELOS, Maria Luiza Teixeira. (Org.). *A crítica de João Apolinário: memória do teatro paulista de 1964 a 1971*. São Paulo: Imagens Conteúdo & Forma, 2013. (Volume 2).

_____. Homens de papel, sucesso. In: VASCONCELOS, Maria Luiza Teixeira. (Org.). *A crítica de João Apolinário: memória do teatro paulista de 1964 a 1971*. São Paulo: Imagens Conteúdo & Forma, 2013. (Volume 1).

_____. Plínio, a navalha na carne dos burgueses. In: VASCONCELOS, Maria Luiza Teixeira. (Org.). *A crítica de João Apolinário: memória do teatro paulista de 1964 a 1971*. São Paulo: Imagens Conteúdo & Forma, 2013. (Volume 1).

_____. Plínio Marcos faz campanha de teatro popular nos sindicatos. In: VASCONCELOS, Maria Luiza Teixeira. (Org.). *A crítica de João Apolinário: memória do teatro paulista de 1964 a 1971*. São Paulo: Imagens Conteúdo & Forma, 2013. (Volume 2).

_____. Prefácio à obra de Plínio Marcos. In: VASCONCELOS, Maria Luiza Teixeira. (Org.). *A crítica de João Apolinário: memória do teatro paulista de 1964 a 1971*. São Paulo: Imagens Conteúdo & Forma, 2013. (Volume 1).

CONTRERAS, Javier Arancibia; MAIA, Fred; PINHEIRO, Vinícius. *Plínio Marcos: a crônica dos que não têm voz*. São Paulo: Boitempo, 2002.

ENEDINO, Wagner Corsino; SILVA, Agnaldo Rodrigues; BULHÕES, Ricardo Magalhães. *Plínio Marcos: o signo de um tempo mau*. Campinas: Pontes, 2016.

FIORILLO, Marília Pacheco. Nas quebradas da sociologia, *Revista Veja*, São Paulo, n. 618, 9 jul. 1980.

FLEXA, Jairo Arco e. Em liberdade: não é mais a Censura que julga Plínio Marcos, *Revista Veja*, São Paulo, n. 618, 9 jul. 1980.

FREIRE, Rafael de Luna. *Navalha na tela: Plínio Marcos e o cinema brasileiro*. Rio de Janeiro: Tela Brasilis, 2008.

_____. *Plínio Marcos e Ozualdo Candeias: marginal e maldito*. In: MACHADO Jr., Rubens; SOARES, Rosana de Lima; ARAÚJO, Luciana Corrêa (Orgs.). *Estudos de Cinema Socine*, VIII. São Paulo: Annablume, 2007.

GARCIA, Clóvis. Barrela: após 21 anos, a mesma força dramática. In: GUIMARÃES, Carmelinda (Org.). *Clóvis Garcia: a crítica como ofício*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Cultura – Fundação Padre Anchieta, 2006.

_____. Linguagem livre, em Abajur Lilás. In: GUIMARÃES, Carmelinda (Org.). *Clóvis Garcia: a crítica como ofício*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Cultura – Fundação Padre Anchieta, 2006.

GUIDARINI, Mário. Plínio Marcos: a banalidade do mal e do bem. In: _____. *A desova da serpente: teatro contemporâneo brasileiro*. Florianópolis: UFSC, 1996.

GUIMARÃES, Carmelinda. Plínio Marcos. In: _____. *Memórias do teatro de Santos*. Santos: Prefeitura de Santos, 1996.

MAGALDI, Sábato. A mancha roxa. In: _____. *Moderna dramaturgia brasileira*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

_____. Abajur lilás: pela libertação. In: _____. *Moderna dramaturgia brasileira*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

_____. Dois perdidos numa noite suja. In: _____. *Moderna dramaturgia brasileira*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

_____. Navalha na carne: documento dramático. In: _____. *Moderna dramaturgia brasileira*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

MARCOS, Plínio. *A dança final*. São Paulo: Maltese, 1994.

_____. *A navalha na carne*. Rio de Janeiro: Azougue, 2005.

_____. Afinal, gênio ou analfabeto? Entrevista a Léo Borges Ramos, *Revista Ele Ela*, Rio de Janeiro, n. 134, ano XII, jun. 1980.

_____. *Barrela*. São Paulo: Global, 1980.

_____. Crônicas coligidas. In: CONTRERAS, Javier Arancibia; MAIA, Fred; PINHEIRO, Vinícius. *Plínio Marcos: a crônica dos que não têm voz*. São Paulo: Boitempo, 2002.

_____. Depoimento. In: VAN STEEN, Edla (Org.). *Viver e escrever, volume II*. Porto Alegre: LP&M, 2008.

_____. *Dois perdidos numa noite suja; Madame Blavatsky*. São Paulo: Círculo do Livro, s/d.

- _____. *Figurinha difícil: pornografando e subvertendo*. São Paulo: Senac, 1996.
- _____. *História das quebradas do mundaréu*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1973; São Paulo: Mirian Paglia Editora de Cultura, 2004.
- _____. *Homens de papel*. São Paulo: Global, 1978.
- _____. *Inútil canto e inútil pranto pelos anjos caídos*. São Paulo: Lampião, 1977.
- _____. *Jesus homem: peça e debate*. São Paulo: Grêmio Politécnico da USP, 1981.
- _____. *Na barra do Catimbó*. São Paulo: Global, 1978.
- _____. Na barra do catimbó: II – Nascimento de Jorginho Catimbó. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 17 jul. 1977. Folhetim, p. 12-13.
- _____. *Na trilha dos saltimbancos*. Guarulhos: Marba, [s.d.].
- _____. Na verdade eu sou repórter de um tempo mau. In: *Falando de Teatro*. São Paulo: Loyola, 1978.
- _____. Nas paqueras da vida, *Revista Realidade*, São Paulo, n. 34, jan. 1969.
- _____. *Navalha na carne; Quando as máquinas param*. São Paulo: Círculo do Livro, 1978.
- _____. *O abajur lilás*. São Paulo: Brasiliense, 1975.
- _____. *O assassinato anão do caralho grande: noveleta policial e peça teatral*. São Paulo: Geração Editorial, 1996.
- _____. O maldito divino. *Caros Amigos*, São Paulo, n. 6, ano 1, set. 1997.
- _____. *O truque dos espelhos: e outras histórias de pequenos artistas*. Belo Horizonte: Una Editora, 1999.

_____. Plínio sem cortes. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 17 jul. 1977. Folhetim, p. 2-6.

_____. Obra literária/roteiro/filme. Escritores em depoimento. *Filme Cultura*, Rio de Janeiro, n. 20, 1972.

_____. *Oração para um pé de chinelo*. São Paulo: Global, 1979.

_____. *Prisioneiro de uma canção*. Guarulhos: Parma, 1984.

_____. *Querô: uma reportagem maldita*. São Paulo: Publisher Brasil, 1999.

_____. *Religiosidade subversiva*. Guarulhos: Parma, 1992.

_____. *Teatro maldito*. São Paulo: Maltese, 1992.

_____. Verde que te quero verde. In: TEATRO DE ARENA. *1ª Feira Paulista de Opinião*. São Paulo: Expressão Popular, 2016.

MENDES, Oswaldo. *Bendito maldito: uma biografia de Plínio Marcos*. São Paulo: Leya, 2009.

MENEZES, Rogério. *Walderez de Barros: voz e silêncios*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.

MICHALSKI, Yan. Uma “navalha” que brilha. In: _____. *Reflexões sobre o teatro brasileiro no século XX*. Rio de Janeiro: Funarte, 2004.

_____. Uma “navalha” rasgou o obscurantismo. In: _____. *Reflexões sobre o teatro brasileiro no século XX*. Rio de Janeiro: Funarte, 2004.

PRADO, Décio de Almeida. As razões da Censura. In: *Exercício findo: crítica teatral (1964-1968)*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

_____. Dois perdidos numa noite suja. In: *Exercício findo: crítica teatral (1964-1968)*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

_____. Duas peças de Plínio Marcos. In: *Exercício findo: crítica teatral (1964-1968)*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

_____. Navalha na carne. In: *Exercício findo: crítica teatral (1964-1968)*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

ROSENFELD, Anatol. Jornada de um imbecil até o entendimento. In: *Teatro em crise*. São Paulo: Perspectiva, 2014.

_____. Navalha na nossa carne. In: *Prismas do teatro*. Campinas: Unicamp; São Paulo: Edusp; Perspectiva, 1993.

_____. O teatro brasileiro atual. In: *Prismas do teatro*. Campinas: Unicamp; São Paulo: Edusp; Perspectiva, 1993.

_____. O teatro brasileiro atual – Plínio Marcos (1935-1999). In: *A arte do teatro*. São Paulo: Publifolha, 2009.

SCHOENBACH, Peter J. Plinio Marcos: Reporter of Bad Times. In: LYDAY, Leon F.; WOODYARD, George W. (Eds.). *Dramatists in Revolt: The New Latin American Theater*. Austin: University of Texas Press, 1976.

TEATRO CASA GRANDE. *Ciclo de debates do Teatro Casa Grande*. Rio de Janeiro: Inúbia, 1976.

VIEIRA, Paulo. *Plínio Marcos: a flor e o mal*. Petrópolis: Firmo, 1994.

ZANOTTO, Ilka Marinho. *Plínio Marcos*. São Paulo: Global, 2003. (Coleção Melhor Teatro).

Nova Dramaturgia/Teatro brasileiro anos 1960 e 1970

AMARAL, Maria Adelaide. Cemitério sem cruzeiros. In: ESCOBAR, Carlos Henrique de et al. *Feira brasileira de opinião*. São Paulo: Global, 1978.

ANDRADE, Ana Lúcia Vieira de. *Nova dramaturgia: anos 60, anos 2000*. Rio de Janeiro: Unirio; Quartet; Brasília, DF: Capes, 2005.

ANDRADE, Jorge. A zebra. In: ESCOBAR, Carlos Henrique de et al. *Feira brasileira de opinião*. São Paulo: Global, 1978.

_____. *Milagre na cela*. São Paulo: Paz e Terra, 1977.

ARRABAL, José; LIMA, Mariângela Alves de. *O nacional e o popular na cultura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

ASSOCIAÇÃO CARIOCA DE CRÍTICOS TEATRAIS. *Teatro 75: anuário*. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Teatro, 1976.

ASSUMPÇÃO, Leilah. *Da fala ao grito*. São Paulo: Símbolo, 1977.

_____. *Onze peças de Leilah Assumpção*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2010.

_____. Sobrevividos. In: ESCOBAR, Carlos Henrique de et al. *Feira brasileira de opinião*. São Paulo: Global, 1978.

BIVAR, Antonio. *O teatro de Antonio Bivar*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2010.

BOAL, Augusto; GUARNIERI, Gianfrancesco. *Arena conta Tiradentes*. São Paulo: Sagarana, 1967.

CAMARGO, Joracy. *Teatro de Joracy Camargo*. São Paulo: Livraria Martins, 1961.

CASTRO, Consuelo de. À Flor da pele [1969]. In: _____. *Urgência e ruptura*. São Paulo: Perspectiva; Secretaria de Estado da Cultura, 1989.

_____. *À prova de fogo [1968]*. São Paulo: Hucitec, 1977.

CHAVES NETTO, João Ribeiro. *Patética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

DANIEL, Herbert. *As três moças do sabonete, um apólogo sobre os anos Médici: peça em dois atos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

ESCOBAR, Carlos Henrique de. *A caixa de cimento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

_____. *Matei minha mulher, a paixão do marxismo: Louis Althusser*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

_____. O engano. In: ESCOBAR, Carlos Henrique de et al. *Feira brasileira de opinião*. São Paulo: Global, 1978.

_____. *Teatro – quatro peças*. Rio de Janeiro: Devir, 1989.

ESCOBAR, Carlos Henrique de et al. *Feira brasileira de opinião*. São Paulo: Global, 1978.

FERNANDES, Millôr; RANGEL, Flávio. *Liberdade, liberdade*. Porto Alegre: L&PM, 1987.

FERNANDES, Sílvia. *Grupos teatrais, anos 70*. Campinas: Unicamp, 2000.

GOMES, Dias. *O santo inquérito*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

_____. O túnel. In: ESCOBAR, Carlos Henrique de et al. *Feira brasileira de opinião*. São Paulo: Global, 1978.

GUARNIERI, Gianfrancesco. Janelas abertas. In: ESCOBAR, Carlos Henrique de et al. *Feira brasileira de opinião*. São Paulo: Global, 1978.

MENDES, Oswaldo. *Teatro e circunstância: três peças de Oswaldo Mendes*. São Paulo: Núcleo, 2005.

MORAIS, Cida (Org.). *O teatro de José Vicente, 2 volumes*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2010.

MUNIZ, Lauro César. O mito. In: ESCOBAR, Carlos Henrique de et al. *Feira brasileira de opinião*. São Paulo: Global, 1978.

_____. *Sinal de vida*. São Paulo: Global, 1979.

NEVES, João das. O quintal. In: ESCOBAR, Carlos Henrique de et al. *Feira brasileira de opinião*. São Paulo: Global, 1978.

PALLOTTINI, Renata. *Pequeno teatro*. São Paulo: Palma, 1970.

PEDROSO, Bráulio. *Teatro de Bráulio Pedroso, volumes I e II*. Rio de Janeiro: Pallas, 1975.

PONTES, Paulo. *Teatro de Paulo Pontes, volume 1*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

_____. *Teatro de Paulo Pontes, volume 2*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

PRADO, Décio de Almeida. *Gianfrancesco Guarnieri*. São Paulo: Global, 1986. (Coleção Melhor Teatro).

SOUZA, Márcio. Contatos amazônicos do terceiro grau. In: ESCOBAR, Carlos Henrique de et al. *Feira brasileira de opinião*. São Paulo: Global, 1978.

TELLES, Carlos Queiroz. Última instância. In: ESCOBAR, Carlos Henrique de et al. *Feira brasileira de opinião*. São Paulo: Global, 1978.

WEHBI, Timochenco. *O teatro de Timochenco Wehbi*. São Paulo: Polis, 1980.

Biografias

GUERRA, Marco Antonio. *Carlos Queiroz Telles, história e dramaturgia em cena: década de 70*. São Paulo: Annablume, 1993.

PACE, Eliana. *Leilah Assumpção: a consciência da mulher*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2007.

PAULINO, Berenice. *Ruggero Jacobbi: presença italiana no teatro brasileiro*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

PRADO, Luiz André do. *Cacilda Becker: fúria santa*. São Paulo: Geração Editorial, 2002.

Internacional

ABEL, Lionel. *Metateatro: uma visão nova da arte dramática*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

ALFONZETTI, Beatrice. *I Finali "drammatici" da Tasso a Pasolini*. Roma: Riuniti, 2007.

ALI, Tariq. *O poder das barricadas: uma autobiografia dos anos 60*. São Paulo: Boitempo, 2008.

ANTLIFF, Allan. *Anarquia e arte: da comuna de Paris à queda do muro de Berlim*. São Paulo: Madras, 2009.

BALESTRINI, Nanni; MORONI, Primo. *L'orda d'oro 1968-1977*. Milano: SugarCo, 1988.

BECKER, Howard S. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BERTELLI, Pino. *Dell'utopia situazionista: Elogio della ribellione*. Bolsena: Massari, 2007.

BERTOLI, Antonio. *Il Tarocco: storia, mito, significati e interpretazioni*. Forlì: Il Vicolo, 2009.

BRECHT, Bertold. Caracter popular del arte y arte realista. In: BRECHT, Bertolt; GROSZ, George; PISCATOR, Erwin. *Arte y sociedad*. Buenos Aires: Caldén, 1979. p. 52-73.

_____. Charla durante el ensayo. In: BRECHT, Bertolt; GROSZ, George; PISCATOR, Erwin. *Arte y sociedad*. Buenos Aires: Caldén, 1979.

_____. La dialéctica proletaria. In: BRECHT, Bertolt; GROSZ, George; PISCATOR, Erwin. *Arte y sociedad*. Buenos Aires: Caldén, 1979.

BORIE, Monique; ROUGEMONT, Martine de; SCHERER, Jacques (Ed.). *Estética teatral: textos de Platão a Brecht*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.

BROMBERT, Victor. *Em louvor de anti-heróis*. São Paulo: Ateliê, 2002.

BRUSTEIN, Robert. *O teatro de protesto*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967

_____. *Revolution as Theatre. Notes on the New Radical Style*. New York: Liveright, 1971.

CACCIAGLIA, Mario. *Quattro secoli di teatro in Brasile*. Roma: Bulzoni, 1980.

CÂMARA, Mario. *Corpos pagãos: usos e figuras na cultura brasileira 1960-1980*. São Paulo: UFMG, 2014.

CARLSON, Marvin. *Teorias do teatro: estudo histórico-crítico, dos gregos à atualidade*. São Paulo: Unesp, 1997.

CASHMAN, John. *LSD*. São Paulo: Perspectiva, 1970.

CLASTRES, Pierre. *A sociedade contra o Estado: pesquisas de antropologia política*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

DARNTON, Robert. *Censores em ação: como os Estados influenciaram a literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

DE LUNA, Giovanni. *Le ragioni di un decennio: 1969-1979, militanza, violenza, sconfitta, memoria*. Milano: Feltrinelli, 2009.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELEUZE, Gilles. *Sobre o teatro: um manifesto de menos*. O esgotado. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

ESSLIN, Martin. *O teatro do absurdo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

GOFFMAN, Ken; JOY, Dan. *Contracultura através dos tempos: do mito de Prometeu à cultura digital*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

GROSZ, George. El arte y la sociedade burguesa. In: BRECHT, Bertolt; GROSZ, George; PISCATOR, Erwin. *Arte y sociedad*. Buenos Aires: Caldén, 1979.

GROTOWSKI, Jerzy. *Per un teatro povero*. Roma: Bulzoni, 1970.

HUBERT, Marie-Claude. *As grandes teorias do teatro*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

LASCH, Christopher. *O mínimo eu: sobrevivência psíquica em tempos difíceis*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

LYDAY, Leon F.; WOODYARD, George W. (Ed.). *Dramatists in Revolt: The New Latin American Theater*. Austin: University of Texas Press, 1976.

MAFFI, Mario. *La cultura underground*. Bari: Laterza, 1972.

MARCUSE, Herbert. *Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. Rio de Janeiro: LTC, 2010

_____. *Razão e revolução: Hegel e o advento da teoria social*. Rio de Janeiro: Saga, 1969.

MAYER, Hans. *Os marginalizados*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

PASOLINI, Pier Paolo. *Os jovens infelizes: antologia de ensaios corsários*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

PISCATOR, Erwin. El teatro como profesión de fe. In: In: BRECHT, Bertolt; GROSZ, George; PISCATOR, Erwin. *Arte y sociedad*. Buenos Aires: Caldén, 1979.

_____. *Teatro Político*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

REDONDO JÚNIOR, José Rodrigues. *A juventude pode salvar o teatro*. Lisboa: Arcádia, 1978.

ROSSET, Clément. *O princípio da crueldade*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

ROSZAK, Theodore. *A contracultura*. Petrópolis: Vozes, 1972.

ROUBINE, Jean-Jacques. *Introdução às grandes teorias do teatro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

ROUDINESCO, Elisabeth. *A parte obscura de nós mesmos: uma história dos perversos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

STOLLER, Robert. *Perversão: a forma erótica do ódio*. São Paulo: Hedra, 2015.

STRINATI, Dominic. *Cultura popular: uma introdução*. São Paulo: Hedra, 1999.

SZONDI, Peter. *Teoria del dramma moderno, 1880 - 1950*. Torino: Einaudi, 1962.

WATTS, Alan. *Cultura da contracultura*. Rio de Janeiro: Fissus, 2002.

WILSON, Colin. *O outsider: o drama moderno da alienação e da criação [1956]*. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

A Funarte empreendeu todos os esforços para identificar pessoas fotografadas e os autores das imagens publicadas nesta obra e está à disposição dos interessados para corrigir falhas ou omissões que possam ter decorrido e proceder aos ajustes necessários.

Este livro foi produzido na cidade do Rio de Janeiro pela Fundação Nacional de Artes – Funarte e impresso na Edigráfica no segundo semestre de 2016.



Uma clareira à beira de um riacho. Ao abrir-se o pano, vê-se um mundo de fogueiras. Entram dois forquinhos. Alguns pedras e forquinhos.

Com a primeira fogueira, o mundo muda. O fogo aquece, ilumina, dá vida. É o começo de uma nova vida. O fogo é o primeiro passo para a civilização. É o primeiro passo para a cultura. É o primeiro passo para a arte.

Giló, Mão, Maria-Vai, —
no certo ditado do Borrão, que
no certo é uma balança de ganho
e entretidos de papel arrastado
qual?

Interess.
1. 1. 1.
Qual outro, deve dar com 1914
primeiro sacco) três quilos.



FUNARTE

funarte

MINISTÉRIO DA CULTURA

BRASIL

até aqui.
Para o Sachê sustenta ?
1988.